

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**CRENÇAS INFANTIS SOBRE A CONSULTA MÉDICA E A INTERVENÇÃO  
DA CRIANÇA NA CONSULTA**

**Consulta de pediatria – perspectiva da criança**

**Ana Cristina Macedo Correia de Sousa**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde**

**Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença**

**2013**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**CRENÇAS INFANTIS SOBRE A CONSULTA MÉDICA E A INTERVENÇÃO  
DA CRIANÇA NA CONSULTA**

**Consulta de pediatria – perspectiva da criança**

**Ana Cristina Macedo Correia de Sousa**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Margarida Custódio dos Santos**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde**

**Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença**

**2013**

## ÍNDICES

ÍNDICE GERAL .....	II
ÍNDICE DE QUADROS .....	IV
ÍNDICE DE ANEXOS.....	VI
AGRADECIMENTOS.....	VII
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	3
1.1. A Consulta de Pediatria.....	3
1.2. Determinantes da Participação da Criança na Consulta de Pediatria.....	4
1.2.1. Determinantes relacionados com os Adultos.....	4
1.2.2. Determinantes relacionados com a Criança.....	7
1.2.3. Determinantes relacionados com o Motivo da Consulta.....	9
1.2.4. Participação em Fases Diferentes da Consulta.....	9
1.3. Envolvimento da Criança na Consulta: Crenças Infantis sobre Doenças, Médicos, Medicamentos e Consultas .....	10
1.3.1. Crenças Infantis sobre Doença.....	11
1.3.2. Crenças Infantis: Consultas, Médicos e Medicamentos.....	15
1.4. Importância de envolver a Criança na Consulta.....	16
<b>2. OBJETIVOS E METODOLOGIA</b> .....	21
2.1. Objetivos Gerais e Específicos .....	21
2.2. Metodologia.....	21
2.3. Amostra.....	22
2.3.1. Critérios, Seleção e Recolha da Amostra.....	22
2.4. Instrumentos de Recolha de Dados.....	23
2.4.1. Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta.....	23

2.4.2. Entrevista Semi-Estruturada.....	23
2.4.3. Observação através de Gravação Áudio e Vídeo.....	24
2.5. Procedimentos de Recolha de Dados.....	24
2.6. Procedimentos Éticos e de Proteção de Dados.....	25
2.7. Procedimentos de Análise de Dados.....	26
2.7.1. Análise do Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta .....	26
2.7.2. Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas .....	26
2.7.3. Análise das Consultas de Pediatria.....	27
<b>3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS .....</b>	<b>28</b>
3.1. Resultados do Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta .....	28
3.2. Resultados relativos ao Objetivo Específico 1: Crenças da Criança em relação à Consulta Médica .....	31
3.3. Resultados relativos ao Objetivo Específico 2: Intervenção da Criança no decorrer da Consulta.....	40
3.4. Resultados relativos ao Objetivo Específico 3: O que a Criança lembra em relação à Consulta.....	55
<b>4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>61</b>
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>67</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>7. LIMITAÇÕES .....</b>	<b>68</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Características das crianças (idade e sexo).....	29
Quadro 2 – Média de idades das crianças.....	29
Quadro 3 – Informações relativas a questões médicas e da consulta.....	30
Quadro 4 – Compreensão do motivo da consulta – “ <i>Sabes porque é que vens cá hoje?</i> ” .....	32
Quadro 5 - Compreensão do motivo da consulta – “ <i>Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?</i> ” .....	33
Quadro 6 - Compreensão do motivo da consulta – “ <i>O que falaste sobre a razão de vires cá?</i> ” .....	33
Quadro 7 – Utilidade da consulta médica – “ <i>Para que é que achas que serve ir ao médico?</i> ” .....	34
Quadro 8 – Utilidade da consulta médica – “ <i>Quando é que as pessoas devem ir ao médico?</i> ” .....	35
Quadro 9 – Caracterização da consulta – “ <i>O que se faz no médico?</i> ” .....	36
Quadro 10 – Caracterização da consulta – “ <i>Quem fala com o médico?</i> ” .....	37
Quadro 11 – Caracterização da consulta – “ <i>Como é a consulta?</i> ” .....	38
Quadro 12 – Tempo de intervenção das crianças nas diferentes fases da consulta.....	41
Quadro 13 – Frequência da participação da criança nas diferentes fases da consulta....	41
Quadro 14 – Intervenção sob a forma: dar informação/explicação.....	43
Quadro 15 – Intervenção sob a forma: pedir informação/explicação.....	47
Quadro 16 – Intervenção sob a forma: fazer comentário/verbalização.....	48
Quadro 17 – Intervenção sob a forma: dar feedback.....	50
Quadro 18 – Relato da consulta – “ <i>Já acabaste a consulta? Como é que foi?</i> ” .....	56

Quadro 19 – Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta – “ <i>O que é que o médico disse?</i> ” .....	58
Quadro 20 - Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta – “ <i>Há alguma coisa que vais ter que fazer?</i> ” .....	59

## **ÍNDICE DE ANEXOS – *suporte informático***

Anexo I - Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta

Anexo II - Entrevista Semi-Estruturada

Anexo III - Autorização da Comissão de Ética para a Saúde

Anexo IV - Autorização da Unidade de Investigação do Centro de Formação Investigação e Conhecimento

Anexo V - Aceitação de Colaboração a ser assinada pelo Médico Pediatra ou Médico de Família

Anexo VI - Consentimento Informado – Pais

Anexo VII - Transcrição das Entrevista Semi-Estruturadas

Anexo VIII – Análise da Entrevista Semi-Estruturada Global

Anexo IX – Transcrições das Intervenções nas Consultas de Pediatria

Anexo X - Identificação de Temas para cada uma das Dimensões

Anexo XI - Grelhas de Observação

Anexo XII - Análise das grelhas de observação caso a caso

Anexo XIII – Análise das entrevistas semi-estruturadas caso a caso

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Professora Doutora Margarida Custódio dos Santos pela sua orientação profissional, pelos conhecimentos transmitidos, pela sua constante disponibilidade e pelo apoio demonstrado ao longo da realização deste trabalho.

Agradeço aos professores do Seminário de Dissertação por partilharem os conhecimentos necessários para a realização desta investigação.

Agradeço às crianças que participaram neste estudo e aos pais/acompanhantes das crianças pela sua disponibilidade, e aos médicos pediatras do Hospital de Faro pela sua disponibilidade e colaboração neste estudo. Agradeço também aos profissionais da consulta geral de pediatria do Hospital de Faro pela sua amabilidade e apoio na realização deste estudo.

Agradeço a toda a minha família pelo apoio incondicional, em particular nos momentos mais difíceis. A todas as palavras de confiança transmitidas, obrigada pela força e incentivo.

Agradeço ao meu namorado, aos meus amigos e colegas pelo incentivo, apoio, amizade e compreensão partilhados durante este ano.

## **RESUMO**

Esta dissertação apresenta um estudo qualitativo e observacional que tem como objetivo principal explorar as crenças infantis em relação à consulta de pediatria e estudar a intervenção da criança durante a consulta.

A amostra é constituída por 21 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos, que frequentam a consulta de pediatria.

Para obter-se dados sobre as crianças da amostra e a consulta da criança, usou-se o questionário demográfico e de informações relativa a questões médicas e da consulta. Como metodologia de exploração das crenças da criança em relação à consulta utilizou-se uma entrevista semi-estruturada, cujas questões de orientação foram definidas de acordo com as dimensões em estudo e com a revisão de literatura. Para analisar a intervenção da criança no decorrer da consulta usou-se a gravação em vídeo e áudio. Os dados obtidos foram analisados e interpretados segundo uma análise de conteúdo.

Os resultados demonstram que poucas crianças sabem o motivo da consulta e que a consulta, para elas, tem como finalidade o cuidado em caso de doença. A criança caracteriza a consulta segundo a sua finalidade e com a descrição da observação clínica.

A intervenção da criança na consulta é muito limitada e ocorre principalmente sob a forma de fornecimento de informação, na fase de história. A criança intervém especialmente quando solicitada. Os conteúdos da sua intervenção são diversificados mas os mais frequentes relacionam-se com temas de natureza social (e.g., escola) e com a consulta (e.g., sintomas).

A criança recorda principalmente a fase de observação clínica e os conteúdos da consulta memorizados/compreendidos relatados pela criança são confusos e pouco estruturados. Ainda, a criança não sabe explicar os procedimentos recomendados nem a sua finalidade.

Os dados obtidos revelam a importância da realização de investigações futuras e da promoção do envolvimento da criança na consulta de pediatria.

**Palavras-chave:** crenças infantis, intervenção da criança, consulta de pediatria.

## **ABSTRACT**

This dissertation presents a qualitative and observational study that aims to explore children's beliefs regarding pediatric appointment and study and the child's intervention during the medical appointment.

The sample consisted of 21 children aged between 5 and 10 years, attending pediatric appointments.

A questionnaire was used to obtain demographic data about the children, and information on medical issues and the medical appointment. A semi-structured interview was used as exploratory methodology of child's beliefs. The main questions were defined according to the study's dimensions and literature review. A record video and audio was used to collect the involvement of child in the course of medical appointment. All data were analyzed and interpreted according to a content analysis.

The results show that few children know the reason for medical appointment and they perceive medical appointment as related to illness and the cure of diseases.

The intervention of the child in medical appointment is very limited and occurs primarily in form of providing information, at clinical history stage and upon request. Their interventions relates to social issues (e.g., school) and medical related (e.g., symptoms).

The child remembers mainly the clinical observation moment and the memorized/understood medical appointment contents, reported by child, are confusing and poorly structured. The child does not know how to explain medical procedures or treatment recommended, nor their function.

The results reveal the importance of conducting future research in this area and the promotion of child's involvement in pediatric appointment.

**Palavras-chave:** child's beliefs, child's intervention, pediatric appointment.

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi realizada no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, secção de Psicologia Clínica e da Saúde, no núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença, apresentado à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Trata-se de um exploratório sobre a consulta de pediatria, na perspectiva da criança. Foram consideradas como foco de análise: (1) as crenças da criança em relação à consulta e aos médicos; (2) a intervenção da criança durante a consulta; (3) as significações da criança sobre o que aconteceu durante a consulta e o que ela lembra das recomendações.

A revisão de literatura no âmbito desta temática, e especialmente o progressivo número de artigos publicados nesta área, aponta para a pertinência de investigação acerca da participação infantil na consulta de pediatria. No entanto, em relação à forma como a criança entende a sua vinda à consulta, e o que ela percebe e retém da consulta uma vez terminada, a literatura é escassa, para não dizer inexistente. Este trabalho tem como finalidade contribuir para o aprofundamento do conhecimento, não só acerca da consulta de pediatria e do papel da criança nessa consulta, mas também das significações da criança sobre a consulta e do que dela percebe e retém da consulta uma vez terminada.

Este trabalho encontra-se estruturado em 5 capítulos. No primeiro apresenta-se um enquadramento teórico que inclui uma revisão bibliográfica sobre a temática, que fundamenta esta investigação. Assim, começa por ser feita uma referência às características peculiares da consulta de pediatria. Posteriormente, são expostos vários determinantes da participação da criança na consulta médica, relacionados com os adultos, a criança, o motivo da consulta e a sua participação em fases diferentes da consulta. Em seguida, aborda-se o envolvimento da criança na consulta tendo em conta as suas crenças em relação à doença, às consultas, aos médicos e aos medicamentos. Por fim, aborda-se a importância de envolver a criança na consulta de pediatria.

O segundo capítulo refere-se aos objetivos e metodologias, focando os objetivos gerais e específicos, a metodologia utilizada, a amostra, a apresentação dos instrumentos de recolha de dados, os procedimentos de recolha de dados, os procedimentos éticos e de proteção de dados e os procedimentos de análise de dados.

No terceiro capítulo são apresentados os resultados do questionário demográfico e de informações relativas a questões médicas e da consulta, e os resultados referentes aos objetivos deste trabalho e sua análise.

No quarto capítulo são discutidos os resultados tendo como referência a revisão de literatura.

No quinto capítulo são expostas as conclusões principais deste estudo.

No sexto capítulo apresentam-se as considerações finais que pretende realçar os resultados mais importantes deste estudo.

Por último, o sétimo capítulo integra as limitações encontradas ao longo da realização deste estudo.

## **1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1.1.A Consulta de Pediatria**

A consulta de pediatria tem características que a diferenciam da consulta do adulto. Na consulta de pediatria, geralmente, estão presentes mais do que duas pessoas: o médico, a criança e o (s) cuidador (es) (geralmente a mãe ou ambos os pais). Na maioria dos casos, não é o próprio doente quem relata os sintomas mas sim os adultos que o acompanham, ainda que obviamente envolvidos e conhecedores da criança. A discussão e decisão do tratamento realizam-se entre os adultos, ou seja, entre o médico e o cuidador da criança (Alderson & Montgomery, 1996; Cahill & Papageorgiou, 2007a, b; Coyne, 2008; Freemon, Negrete, Davis & Korsch, 1971; Gabarra & Crepaldi, 2011; Inman, 1991; Mendonça, 2007; Nova, Vegni & Moja, 2005; Pantell, Stewart, Dias, Wells & Ross, 1982; Savage & Callery, 2007; Tates, Elbers, Meeuwesen & Bensing, 2002; Tates & Meeuwesen, 2000, 2001; Tates, Meeuwesen, Bensing & Elbers, 2002; Tates, Meeuwesen, Elbers & Bensing, 2002; Van Dulmen, 1998; Wassmer et al., 2004).

Ainda que presente na consulta, resultados de estudos anteriores verificaram que a participação da criança é limitada. Crianças entre os 2 e os 16 anos participam apenas entre 2 e 14% do total da interação, significando que a consulta é dominada pelo médico e cuidador (Cahill & Papageorgiou, 2007ab; Nova et al., 2005; Savage & Callery, 2007; Tates & Meeuwesen, 2000; Van Dulmen, 1998; Wassmer et al., 2004). Quanto ao tipo de interação médico-criança, estudos iniciais concluíram que ela é, maioritariamente, de natureza social, emocional ou lúdica, sendo pouco o conteúdo relacionado com aspetos de informação ou recomendações do tratamento (Freemon et al., 1971; Pantell et al., 1982; Tates & Meeuwesen, 2001; Van Dulmen, 1998). Estudos mais recentes têm no entanto verificado que a interação médico-criança não se limita ao domínio afetivo e pode mesmo ser maioritariamente do tipo instrumental (e.g., centrada na troca de informação clínica ou nas recomendações) (Tates, Meeuwesen, Bensing et al., 2002).

Quanto ao papel da criança, estudos concluíram que a sua contribuição é maioritariamente ao nível de fornecimento de informação e apenas uma percentagem muito reduzida está relacionada com a conversa social ou a procura de informação. Esta contribuição ocorre principalmente no início da consulta, ou seja, na fase de recolha de história médica e exame físico (Cahill & Papageorgiou, 2007a; Pantell et al., 1982;

Tates & Meeuwesen, 2000; Tates, Meeuwesen, Bensing et al., 2002; Wassmer et al., 2004).

A criança é então chamada a contribuir no fornecimento de informação mas é excluída da fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, fase em que o médico fornece instruções sobre o tratamento. Isto parece indicar que a criança é considerada como capaz de fornecer informação mas não suficientemente capaz de receber informação (Pantell et al., 1982; Van Dulmen, 1998).

Assim, apesar de estar consagrado na Convenção dos Direitos da Criança que a criança deverá adequadamente, tendo em consideração a sua idade e a situação em que se encontra, ser envolvida nas decisões em assuntos que lhe digam respeito (United Nations Convention on the Rights of the Child, 1989), crianças e adolescentes são continuamente excluídos de informações e/ou decisões acerca do seu diagnóstico e plano de tratamento (Van Dulmen, 1998; Worthington, 2006).

## **1.2. Determinantes da Participação da Criança na Consulta de Pediatria**

Ao longo de toda a revisão de literatura vários determinantes surgiram associados à participação da criança na consulta de pediatria.

### **1.2.1. Determinantes relacionados com os Adultos**

Tates, Elbers e colaboradores (2002) realizaram um estudo onde analisaram a interação entre o médico, o cuidador e a criança e verificaram que **o comportamento apoiante dos adultos** tem influência na participação da criança na consulta. A este respeito, os autores concluíram que apesar de o médico e o pai frequentemente assumirem um papel não-apoiante na interação com a criança, os médicos exibem mais frequentemente comportamento apoiante, especialmente no segmento de recolha de história médica.

O comportamento apoiante do médico parece ser um determinante da participação ou envolvimento da criança na consulta levando-a a ter um envolvimento mais ativo nas consultas. Contudo, o comportamento parental vai qualificar o

comportamento apoiante dos médicos no decorrer da consulta. Ao fazerem muitas perguntas ou expressarem empaticamente a sua preocupação sobre o bem-estar do seu filho, os pais frequentemente forçam o médico a focar a atenção neles, o que resulta na incapacidade de voltar a dar atenção à criança (*idem*). Isto parece acontecer com maior frequência se os pais não expressam as suas preocupações no início da consulta (Cahill & Papageorgiou, 2007b). Deste modo parece ser mais provável que uma criança se envolva numa consulta se o médico apoia o seu envolvimento e, ainda mais provável, se ambos os adultos apoiam o seu envolvimento (Tates, Elbers et al., 2002).

Apesar de a literatura apontar maioritariamente para o papel passivo da criança nas consultas médicas, existem determinantes associadas à qualidade de interação. As crianças parecem ter algum protagonismo na interação com o médico quando o **cuidador nota que o médico se dirige à criança com o olhar**, sendo menos provável que responda por ela (Cahill & Papageorgiou, 2007b). Também as crianças respondem às questões do médico, utilizando comportamentos verbais e não-verbais, se a pergunta for direcionada para elas utilizando o seu nome e com o médico a olhar para elas (Cahill & Papageorgiou, 2007b; Stivers, 2012). Ainda quando o **médico se senta ao lado da criança** sem um adulto no meio, a criança participa mais provavelmente na consulta do que se a criança e o médico estiverem separados por um adulto (Cahill & Papageorgiou, 2007b). Igualmente, o convite pelo médico à criança para esta dizer o motivo da consulta integra as oportunidades para a participação da criança no decorrer da consulta (Tates, Meeuwesen, Elbers et al., 2002).

Coyne (2008), numa revisão de literatura, afirma que as razões pelas quais os médicos parecem não apoiar a participação da criança na consulta passam pela falta de tempo, ambiente caótico, ameaça de perda do seu poder ou controlo, terem as suas visões e abordagens questionadas, não concordarem com os desejos das crianças, incerteza em relação à competência das crianças, falta de convicção, falta de atitudes protetoras e falta de habilidades de comunicação com as crianças. Hart e Chesson (1998), num artigo onde discutem a importância de consultar as crianças diretamente, colocaram como hipótese que a exclusão da participação da criança pode dever-se ao facto de alguns profissionais de saúde não saberem como comunicar verbalmente com a criança ou por quererem protegê-la de informações que poderão perturbá-las.

A **participação ativa dos adultos** na consulta médica é outro fator que influencia a intervenção das crianças. Wassmer e colaboradores (2004), num estudo onde avaliaram as componentes da comunicação entre médico-cuidador-criança, verificaram que quanto mais o médico fala, menos o cuidador fala; e quanto mais o pai fala, menos a criança fala.

Estudos recentes concluíram que, muito frequentemente, os pais tendem a interromper a conversa entre o médico e a criança ou a responder pela criança. Quando isto acontece, frequentemente a consulta converte-se numa díade médico-cuidador e o cuidador acaba por representar e substituir a criança (Armelin, Wallau, Sarti & Pereira, 2005; Cahill & Papageorgiou, 2007ab; Coyne, Hayes, Gallagher & Regan, 2006; Mendonça, 2007; Tates & Meeuwesen, 2000; Van Dulmen, 1998).

O comportamento parental afeta assim a comunicação da criança, ou seja, quanto mais o pai contribui para a consulta, menos a criança contribui. Wassmer e colaboradores (2004) colocam como hipótese que o cuidador que encoraja a criança a ter um papel ativo na interação médica, permanecendo na retaguarda, permite à criança responder às perguntas feitas pelo médico. A este respeito verifica-se no entanto a existência de uma associação positiva entre o grau de procura de informação dos pais e a procura de informação da criança, sugerindo que o questionamento de procura de informação do cuidador aliado ao comportamento parental de níveis de participação que não impeçam a criança de participar podem encorajar e apoiar a criança a envolver-se mais na consulta (Wassmer et al., 2004).

A **presença do cuidador** foi relatada por Pyorala (2000, cit. por Tates, Meeuwesen, Elbers et al., 2002) como fator que determina a participação da criança na consulta. Utilizando consultas de nutricionismo, este autor verificou que nos encontros diádicos (nutricionista-criança) as crianças assumem-se como pacientes ativamente responsivos, contudo, nas triádicas (nutricionista-cuidador-criança) as crianças transformam-se em espectadores retraídos.

Os pais também parecem ter a intenção de proteger a criança/adolescente da situação vivida como um fator que influencia a participação da criança (Armelin et al., 2005). Isto foi verificado num estudo de Clarke, Davies, Jenney, Glaser e Eiser (2005), onde descrevem os relatos das mães sobre as respostas comportamentais e emocionais das crianças após o diagnóstico, que as perceções dos pais sobre o modo como os seus

filhos vão reagir às más notícias, em caso de cancro, podem ser fatores determinantes na partilha de informação com as crianças. Os pais e os profissionais de saúde parecem tomar decisões consoante o que acham que é melhor para o interesse da criança, e por vezes pouco centrados nas preferências da criança/adolescente o que pode suplantar os direitos das crianças devido às suposições do dia-a-dia da prática médica (Bricher, 2000).

Assim, os adultos parecem ter um papel crucial na promoção ou restrição da participação da criança na consulta médica (Tates, Meeuwesen, Elbers et al., 2002) e têm o poder de facilitar, ou não, a participação da criança (Coyne, 2008). Os adultos, principalmente o cuidador, são os principais responsáveis pela exclusão da criança na consulta médica (Tates & Meeuwesen, 2000).

### **1.2.2. Determinantes relacionados com a Criança**

A **idade da criança** aparece como o principal determinante da participação da criança na consulta médica (Pantell et al., 1982). Os profissionais de saúde reconhecem que a possibilidade de comunicação entre o profissional e a criança é influenciada pela linguagem oral, limitando a disposição do profissional quando se depara com crianças menores (Armelin et al., 2005). Os médicos parecem ter em conta a idade da criança, interagindo mais com uma criança mais velha e recorrendo menos ao cuidador à medida que a idade da criança aumenta (Gabarra & Crepaldi, 2011; Tates & Meeuwesen, 2000; Tates, Meeuwesen, Bensing et al., 2002; Tates, Meeuwesen, Elbers et al., 2002; Wassmer et al., 2004). Do mesmo modo, a frequência da comunicação com o pediatra aumenta com o aumento da idade da criança (Pantell et al., 1982; Tates & Meeuwesen, 2000; Van Dulmen, 1998; Wassmer et al., 2004). Considera-se então a idade avançada como um fator positivo facilitador da relação entre o médico e a criança, pois uma criança mais nova depende mais da mãe para dar informação (Armelin et al., 2005). Este fator foi também identificado pelos pais e pelas crianças, tal como a maturidade e as habilidades de comunicação das crianças, como influenciador do envolvimento das crianças na consulta de pediatria (Taylor, Haase-Casanovas, Weaver, Kidd & Garralda, 2010). A idade também foi considerada como influenciadora da fase da consulta em que a criança pode estar envolvida, sendo a idade mais avançada favorável ao envolvimento em estádios mais tardios da consulta, isto é, diagnóstico e tratamento (Taylor et al.,

2010). À medida que a idade da criança aumenta também existe um aumento na formulação da definição do problema pela criança (Tates, Meeuwesen, Elbers et al., 2002). Ou seja, parece que à medida que a criança cresce torna-se mais afirmativa na sua “tentativa” de participação (Tates & Meeuwesen, 2000). Assim, parece que o médico considera o desenvolvimento cognitivo da criança pois à medida que a criança cresce este direciona-se mais a ela do que aos seus cuidadores, havendo um esforço no sentido de potenciar a participação da criança. Já o cuidador não parece ter em conta este desenvolvimento, pois, independentemente da idade, o controlo parental parece ser constante ao longo dos anos (Tates & Meeuwesen, 2000; Tates, Meeuwesen, Bensing et al., 2002).

Em relação ao **género**, o reduzido número de estudos apresenta resultados inconsistentes. Assim, no estudo de Pantell e colaboradores (1982) verificou-se que existe mais conversa entre médicos e rapazes do que entre médicos e raparigas; e no de Van Dulmen (1998), que os rapazes realizam mais paráfrases, pedem mais compreensão e fornecem mais informação psicossocial do que as raparigas. No entanto, Tates e Meeuwesen (2000) e Tates, Meeuwesen, Bensing e colaboradores (2002) não encontraram relação entre o número de iniciativas da criança para participar e o sexo; outro também não encontrou relação entre a natureza da comunicação médica e o sexo da criança

Quanto ao **estatuto socioeconómico** este parece não influenciar o nível de interação entre o médico e a criança (Pantell et al., 1982).

Como já referido, a idade da criança tem um efeito determinante na sua participação na consulta, no entanto, estes resultados relacionados com a idade também apontam para a importância de ter em consideração o **desenvolvimento cognitivo da criança** (Tates, Meeuwesen, Bensing et al., 2002). Vários são os autores que afirmam que a forma como a criança consegue compreender assuntos médicos, como por exemplo, conceitos de causa, prevenção e tratamento de doenças, está relacionada com o desenvolvimento cognitivo da criança (Barros, 2003; Bibace & Walsh, 1980; Brewster, 1982; Perrin & Guerrity, 1981). Sendo este um tema pertinente para este estudo, será apresentado de forma mais aprofundada posteriormente.

### 1.2.3. Determinantes relacionados com o Motivo da Consulta

O **motivo da consulta** não é um fator que esteja concretamente definido como tendo ou não influência sobre a contribuição da criança na consulta. No entanto, Van Dulmen (1998), num estudo onde examinou a contribuição das crianças para a comunicação durante consultas pediátricas e procurou fatores associados às contribuições das crianças, verificou que crianças com diagnóstico relacionado com perturbações do sistema nervoso, sobretudo dores de cabeça e epilepsias, recebem mais perguntas dos médicos, mais reflexões, mais garantias e mais aconselhamento médico, quando comparadas com crianças com outros diagnósticos (e.g., infeções, endócrino/metabólico, psicológico/comportamental, respiratório, gastrointestinal, urogenital, esquelético, congénito, entre outros). Ao mesmo tempo, crianças com este diagnóstico expressam mais preocupações, colocam mais perguntas médicas e dão mais informação médica e psicossocial. Contudo, outros estudos (Pantell et al., 1982; Tates, Meeuwesen, Bensing et al., 2002) não encontraram relação entre a interação da criança com o médico e o motivo da consulta.

### 1.2.4. Participação em Fases Diferentes da Consulta

As consultas de pediatria geralmente têm uma sequência estandardizada que está dividida em três partes: recolha da história clínica; exame físico; e conclusão, onde se encontra a fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento (Tates, Meeuwesen, Elbers et al., 2002).

A investigação aponta para que a participação da criança varie nas diferentes fases da consulta. A criança tem alguma participação nas fases de recolha de história médica e de exame físico, mas pouco, ou nenhum, envolvimento na fase de explicação e planeamento do tratamento (Cahill & Papageorgiou, 2007a; Freemon et al, 1971; Tates & Meeuwesen, 2000; Tates, Meeuwesen, Bensing et al., 2002).

Apesar da quase exclusão da participação ativa da criança na consulta médica, o envolvimento da criança e a **duração da consulta** não têm qualquer relação, ou seja, quando a criança fala mais, as consultas não são mais longas, mas sim a criança tira espaço ao discurso do adulto (Van Dulmen, 1998). Também não foi encontrada relação entre o **contacto prévio com o médico e o número de visitas** nos últimos anos com a

extensão da interação entre o médico e a criança (Pantell et al., 1982). No entanto, as crianças com doenças crônicas parecem estar mais envolvidas no processo de consulta ao longo do tempo (Coyne et al., 2006).

Nova e colaboradores (2005), num estudo em que examinaram as consultas pediátricas de uma perspectiva que analisa a qualidade da interação na consulta pediátrica, identificaram três micro-categorias que explicam as intervenções das crianças na consulta. Verificaram, assim, que as intervenções da criança estão relacionadas com a sua experiência subjetiva em relação à doença, o seu processo de aprendizagem e o seu conhecimento médico. A **experiência subjetiva em relação à doença** diz respeito às vivências da criança, e inclui não só as experiências relacionadas com sintomas ou procedimentos a que foi sujeita mas também as suas preocupações em relação à sua saúde. O **processo de aprendizagem** refere-se à forma autónoma como as crianças adquirem conhecimento relevante para o contexto médico, e observa-se na consulta através das questões colocadas pela criança ou pela repetição, para si, da informação ouvida, acabando esta última por tornar-se conhecimento permanente. Para além de procurar informação, a criança também parece ser capaz de fornecer informação relevante ao médico, relacionada sobretudo com o seu estilo de vida ou com o seu estado de saúde, ou da sua família. Este fornecimento de informação revela que a criança tem o seu próprio conhecimento em relação à visita ou aos medicamentos, revelando o seu **conhecimento médico**.

### **1.3. Envolvimento da Criança na Consulta: Crenças Infantis sobre Doenças, Médicos, Medicamentos e Consultas**

Os pacientes possuem uma “agenda” que é definida como a experiência subjetiva da doença levada para a consulta (Levenstein et al., 1986, cit. por Nova et al., 2005). Esta agenda inclui sentimentos, entre eles especialmente o medo de estar doente, a interpretação da doença ou dos sintomas e as expectativas e desejos em relação à consulta. Esta agenda parece corresponder à expressão da experiência subjetiva da criança em relação à doença, onde a criança expressa sentimentos, tenta explicar as possíveis causas da doença e tenta antecipar o processo da visita (Nova et al., 2005). As crenças infantis, especificamente o desenvolvimento das conceções das crianças, em relação a temas como doença, médicos, medicamentos e consultas são importantes pois

permitem compreender o envolvimento da criança e adequar as ações que promovam esse desenvolvimento.

### 1.3.1. Crenças Infantis sobre Doença

As crianças são muito diferentes dos adultos na sua **compreensão** sobre a **causa** da doença e o seu **tratamento e prevenção** (Hart & Chesson, 1998). Para adaptar-se a situações e acontecimentos que vive, a criança constrói significações e reage de modos diferentes (Barros, 2003). Estas significações são determinadas segundo o desenvolvimento cognitivo da criança que vai determinar a sua compreensão de fenómenos como a consulta, a doença e o tratamento, e a construção destas significações segue os mesmos princípios de desenvolvimento da compreensão dos fenómenos do mundo físico e social definidos por Piaget (Barros, 2003).

Esta compreensão da doença e das causas, prevenção e tratamento, difere em vários **estádios de desenvolvimento**, desde a primeira infância até à maioridade (Brewster, 1982), e a consciência deste nível de compreensão pode desempenhar um papel importante, embora subtil, no processo e eficácia do cuidado pediátrico (Perrin & Gerrity, 1981).

Vários autores têm explicado as diferentes conceções de doença ao longo da infância seguindo a orientação do modelo desenvolvimentista Piagetiano (Bibace & Walsh, 1980; Brewster, 1982; Perrin & Gerrity, 1981).

A este respeito, Bibace e Walsh (1980) apresentaram um modelo desenvolvimentista da compreensão infantil da doença, com três tipos de explicações (cada um dos quais com dois subtipos): pré-lógica (fenomenismo e contágio), lógico-concreta (contaminação e internalização) e lógico-formal (fisiológica e psicofisiológica). Nas **explicações pré-lógicas** a criança é orientada pelas suas experiências preceptivas. Nas explicações por **fenomenismo**, a criança explica a doença como um fenómeno externo e concreto que pode ocorrer juntamente com a doença mas separado espacial e temporalmente, sendo incapaz de explicar como esse fenómeno causa a doença. Nas explicações por **contágio**, a criança localiza a causa da doença nos objetos ou pessoas mais próximas a si, mas não em contacto com ela. Nas **explicações lógico-concretas**, a criança é capaz de diferir entre o interno e o externo a si mesma.

Nas explicações por **contaminação**, a criança atribui a causa a uma pessoa, objeto ou ação externa à criança que entra em contacto com ela e que parece prejudicial ao seu corpo. Nas explicações por **internalização**, a criança é capaz de localizar a doença no interior do corpo embora a sua causa, externa, provoque a doença por um processo de internalização. Nas explicações **lógico-formais**, a criança localiza a causa da doença dentro do corpo mesmo quando a causa última tida em conta seja um agente externo. Nas explicações **fisiológicas**, a criança refere-se ao não funcionamento ou mau funcionamento de um órgão ou processo interno, explicado por uma sequência que culmina na doença. Nas explicações **fisiológicas**, aspetos psicológicos das doenças são tidos em conta e as doenças mentais também são referenciadas. Neste estudo, as explicações mais utilizadas pelas crianças de 4 anos foram explicações por contágio e por contaminação; as explicações mais utilizadas pelas crianças de 7 anos foram explicações por contaminação e por internalização; e as explicações mais utilizadas pelas crianças de 11 anos foram explicações por internalização e do tipo fisiológico.

Perrin e Gerrity (1981) também estabeleceram um modelo desenvolvimentista da compreensão infantil da doença, com crianças entre os 5 e os 13 anos. Estes autores verificaram que as crianças do jardim-de-infância caracterizam a doença segundo (1) respostas circulares, mágicas ou globais e/ou (2) respostas concretas e estereotipadas referidas a regras e proibições associadas à doença, com referência a um ou mais agentes causais externos sem internalização ou noção da doença como um processo, onde o sujeito é visto como vítima sem controlo sobre a doença. As crianças a partir do 6º ano de escolaridade caracterizam a doença (1) relativizando a causa da doença e a interação entre o agente causal e a resposta corporal e/ou (2) em termos de órgãos e sistemas corporais internos, como processo de disfunção fisiológica, independentemente da causa, que se manifesta em sintomas visíveis externamente, sendo a causa e a recuperação relacionados com mecanismos subjacentes. Estes autores concluem que o desenvolvimento da compreensão da doença segue o desenvolvimento geral.

Brewster (1982), num estudo com o objetivo de fornecer uma fundação mais precisa para a educação do paciente pediátrico, examinou as conceções de crianças hospitalizadas, com doença crónica, com idades entre os 5 e os 12 anos, em relação à doença e a relação destas ideias com o desenvolvimento cognitivo. Identificou **3 estádios** cuja base de ideias era relacionada com a **intenção de procedimentos médicos e o papel do pessoal médico**. As crianças entre os 5 e os 6 anos afirmaram

que os procedimentos médicos foram feitos para castigá-las por serem más. Ou seja, a compreensão das crianças desta idade em relação a este assunto é determinada pelas consequências para ela, o que caracteriza o estágio 1. As crianças entre os 7 e os 10 anos sabiam que o tratamento destina-se a ajudá-las a ficarem melhor, mas foram limitadas na sua habilidade de inferir empaticamente, acabando por dizer que os médicos e as enfermeiras apenas sabiam se uma criança estava com dor se a criança gritava ou chorava. Assim, o que caracteriza as crianças no estágio 2 é o facto de a criança poder inferir precisamente a intenção dos procedimentos médicos. O estágio 3 foi observado em crianças com 10 anos que disseram que os seus médicos e enfermeiros sabiam como elas se sentiam por causa da experiência humana partilhada e porque eles podiam colocar-se no lugar da criança. Ou seja, neste estágio as crianças conseguem inferir sobre intenção e empatia.

A diferenciação desenvolvimentista das concepções infantis foi igualmente encontrada no que diz respeito à causa da doença (Brewster, 1982). No primeiro estágio de padrão de respostas das crianças sobre a sua perceção em relação à causa da doença parece existir uma conceptualização da doença como resultado único da ação humana. Isto é um exemplo de raciocínio finalístico onde a criança concebe a doença como sendo resultado de uma transgressão (Brewster, 1982; Perrin & Gerriaty, 1981). Estas crianças, geralmente no estágio pré-operatório, com menos de 7 anos, definem doença apenas quando lhe dizem ou lhe são dados sinais externos da sua doença (e.g., “Tens de ficar na cama”) (Perrin & Gerriaty, 1981). A criança acredita que fica doente porque fez ou falhou em fazer uma ação concreta, acreditando que pode não ficar doente se obedecer a uma série de regras rígidas associadas à doença e espera recuperar da doença automaticamente ou por aderir rigidamente a outro conjunto de regras, tais como ficar na cama e comer canja de galinha (Perrin & Gerriaty, 1981). O segundo estágio de padrão de respostas das crianças é caracterizado pela crença na causalidade física univariada (Brewster, 1982), definindo a doença através de um conjunto de sintomas múltiplos concretos (Perrin & Gerriaty, 1981). As crianças dão uma causa física para toda a doença, geralmente sustentando que a doença é causada por germes (Brewster, 1982; Perrin & Gerriaty, 1981). Os germes, aqui, têm um efeito pré-determinado, poderoso e quase mágico nos seus corpos e a doença, para estas crianças, pode ser simplesmente prevenida evitando estes germes (e.g., “Não vás para perto de pessoas doentes.”) (Perrin & Gerriaty, 1981). Uma criança típica deste estágio de padrão de

resposta espera recuperar da doença como resultado de “tomar conta dela” e permitir medicamentos e “tudo o que o médico diz” para agir na sua doença (Perrin & Gerriaty, 1981). Este tipo de resposta, no estudo de Brewster (1982), foi vista em crianças que tinham doenças ou condições variadas e não foi observada expressão de auto-culpabilização por parte destas crianças talvez porque a sua crença numa única causa impediu a possibilidade de responsabilidade pessoal pela doença. Estas respostas foram observadas em crianças entre os 7 e os 10 anos (Brewster, 1982; Perrin & Gerriaty, 1981). A diferença deste estágio em relação ao anterior passa pelo avanço cognitivo na medida em que as crianças são agora capazes de separar a causa da doença da ação direta humana (Brewster, 1982). No terceiro estágio as crianças têm o conhecimento de que a doença pode ter múltiplas causas (Brewster, 1982; Perrin & Gerriaty, 1981). As crianças definem doença em termos abstratos com uma ênfase num sentimento interno de mal-estar, independente de queixas específicas ou sinais externos (Perrin & Gerriaty, 1981). As crianças fizeram distinções entre as várias causas das diferentes doenças e notaram que o processo de doença pode ser iniciado por uma interação de eventos (e.g., infecção e falta de imunidade do corpo) (Brewster, 1982), sendo causada e curada como resultado de uma interação complexa entre fatores hospedeiros e agentes (Perrin & Gerriaty, 1981). O corpo pode responder variavelmente a qualquer ou a uma combinação de agentes (Perrin & Gerriaty, 1981). Estas crianças compreendiam que algumas das suas condições foram causadas por parte dos seus corpos não funcionarem corretamente. Elas também expressaram a preocupação de que elas pudessem ter causado as suas doenças. As crianças também ofereceram múltiplas explicações para a causa da doença, incluindo as suas próprias ações. Nas suas explicações de como os medicamentos funcionam estão conscientes de que o agente é necessário mas não suficiente, que a resposta do corpo é um ingrediente crítico à eficácia da medicação, e que o próprio corpo finalmente que deve “derrotar os germes” (Perrin & Gerriaty, 1981). Este nível de resposta representa um avanço em relação ao estágio anterior pois, no anterior, as crianças dizem tipicamente que não fizeram nada que pudesse ter causado as suas doenças. Estas respostas do terceiro estágio geralmente são observadas em crianças com mais de 9 anos (Brewster, 1982), mas nem todas atingem este nível de resposta (operatório formal) (Perrin & Gerriaty, 1981).

Estes estudos chamam assim a atenção para a importância da perspectiva desenvolvimentista na compreensão e na adequação do papel da criança na consulta de

pediatria. É assim consensualmente aceite que o envolvimento da criança deve ter em consideração a sua idade e estágio de desenvolvimento; as suas competências cognitivas e sociais; os seus recursos e redes de apoio; e a sua vontade.

### 1.3.2. Crenças Infantis: Consultas, Médicos e Medicamentos

Não foram encontrados na literatura muitos estudos sobre as crenças infantis em relação à **consulta**. No entanto, dois estudos procuraram saber mais sobre o papel das crianças no contexto médico (Inman, 1991; Prazeres, Pinho & Silva, 2009). Estes verificaram que algumas crianças (20%) não sabiam o motivo da consulta (Prazeres et al., 2009) e que as crianças revelavam alguma relutância em considerar a consulta médica como importante ou agradável, acabando por reter mais o período de espera e o ambiente mais amplo ao seu redor (e.g., elevadores, ambulâncias, sala de espera) (Inman, 1991).

Na tentativa de avaliar a perceção da criança em relação ao **pediatra**, assim como as suas expectativas e críticas, além da satisfação com o atendimento, Prazeres e colaboradores (2009) verificaram que algumas crianças não gostam de ir ao médico, apontando como justificação o tempo de espera para o atendimento e a ausência de atividades nesse. Muitas das crianças deste mesmo estudo relataram que gostavam do pediatra quando este lhes dava atenção, tinha paciência e propunha brincadeiras. Verificou-se assim a necessidade das crianças por uma relação harmoniosa com o seu pediatra. Ao mesmo tempo verificaram-se críticas ao pediatra quando este infantilizava o diálogo, tratando a criança como se ela não fosse capaz de entender o que lhe estava a ser explicado (Prazeres et al., 2009). Wassmer et al. (2004) verificaram que a maioria das crianças no seu estudo estava satisfeita com o seu médico e que as crianças pensavam no seu médico como sendo informativo e compreensivo.

Em relação às crenças infantis sobre os **médicos** também são poucas as referências existentes. Gabarra e Crepaldi (2011) no seu estudo onde pretendiam descrever a comunicação entre médico-criança-família na perspectiva da criança com doença crónica, com crianças entre os 5 e os 13 anos, verificaram que algumas crianças são capazes de identificar diferenças entre as pessoas da equipa médica. Estas consideram que existem **médicos que conversam** com as crianças e outros que não.

Outras crianças têm um profundo desconhecimento sobre o ato médico, onde para elas este surge como algo repentino, fragmentado em intervenções invasivas, não associado à cura da doença mas sim a intenções punitivas e a castigos (Oliveira, 1993).

Relativamente aos **medicamentos**, Hämeen-Anttila, Juvonen, Ahonen, Bush e Airaksinen (2006) estudaram a compreensão das crianças sobre medicamentos, com crianças entre os 7 e os 14 anos. Estes autores concluíram que crianças a partir dos 7 anos já têm atitudes em relação aos medicamentos. As crianças afirmam que os medicamentos servem para curar doenças ou ajudar quando as pessoas estão doentes e podem ser tomados para sintomas diferentes. O uso de medicamentos como prevenção não foi referido espontaneamente por estas crianças. Algumas crianças, das várias idades, disseram não saber como funcionam alguns medicamentos e que estes devem ser utilizados apenas em caso de necessidade real. A compreensão relacionada com medicamentos aumenta com o avançar da idade da criança. Estes conhecimentos advêm da vida quotidiana que resulta num conhecimento superficial e numa atitude negativa em relação aos medicamentos. Esta atitude negativa pode ser benéfica na medida em que as crianças têm um certo respeito pelos medicamentos, no entanto pode ser prejudicial em situações onde os medicamentos são realmente necessários. Ou seja, a criança deve respeitar a utilização dos medicamentos sabendo que não pode ser feita de modo abusivo e apenas em caso de necessidade, mas também deve existir uma compreensão da sua importância em situações em que são imprescindíveis.

#### **1.4. Importância de envolver a Criança na Consulta**

Apesar de a maioria da literatura focar-se mais no médico e nos pais nas consultas de pediatria, existem alguns dados sobre a forma como a criança avalia o seu papel na consulta.

Algumas crianças, principalmente em idade escolar, sentem-se **incomodadas** pelo facto de, sendo elas o motivo da consulta, **o médico dirigir-se mais aos seus pais** do que a elas (Prazeres et al., 2009) e relatam decepção pela **falta de atenção** dos profissionais ao que elas dizem (Gabarra & Crepaldi, 2011). A maioria das **crianças** gostaria de ser **consultada e envolvida nas decisões** gerais sobre os seus cuidados e respeitada como tendo **opinião sobre os seus cuidados e tratamento** (Coyne, 2006;

Coyne et al., 2006). As crianças interessam-se por uma **comunicação mais próxima** com os profissionais de saúde, desejam **saber mais** sobre a sua doença e gostariam que os médicos conversassem com elas, o que aumentaria a sua participação na interação médica (Gabarra & Crepaldi, 2011). Algumas crianças, no estudo de Gabarra e Crepaldi (2011) com o objetivo de relatar a comunicação médico-paciente-família na percepção da criança, afirmaram que gostariam que os profissionais de saúde **falasses com elas** sobre a **etiologia da doença e aspetos da medicação**. Ainda neste estudo, algumas crianças afirmaram que se os médicos conversassem com elas, elas se sentiriam mais à vontade para lhes **colocar questões**. O “**medo do desconhecido**” foi um termo muito utilizado por crianças doentes para descreverem os seus receios em relação à hospitalização, o que indica a importância da informação e preparação destas crianças (Coyne et al., 2006).

Existe uma necessidade das crianças em obter informação para poderem compreender a sua doença, estarem envolvidas no seu cuidado, prepararem-se para os procedimentos e direcionarem as suas ações para melhorarem o seu estado de saúde (Coyne, 2006). O **fornecimento de informação é assim importante na medida** em que as crianças sabem o que esperar (Coyne et al., 2006). Quando as crianças recebem informação e são consultadas em relação aos seus cuidados, sentem-se felizes, tranquilizadas, tratadas como uma pessoa com direitos e, conseqüentemente, sentem-se preparadas e menos ansiosas quando necessitam de ser submetidas a operações e tratamentos (Coyne, 2006; Coyne, et al., 2006). A atenção apropriada pelos profissionais de saúde reduz a apreensão das crianças das consultas (Inman, 1991).

Apesar da pouca participação da criança na interação médica, estas demonstram ser ativas (Gabarra & Crepaldi, 2011) e tentam comunicar com os adultos (pais e médicos) sobre a sua experiência subjetiva em relação à visita e à doença (Nova et al., 2005). Ainda, a criança gere autonomamente o seu processo de aprendizagem e internaliza conhecimento médico, sendo capaz de fornecer informação apropriada, de modo espontâneo e após solicitação (Nova et al., 2005). Tem sido cada vez mais reconhecido que as crianças podem e devem ser envolvidas nas decisões sobre a sua saúde e que a comunicação com elas é importante (Hart & Chesson, 1998; Prazeres et al., 2009).

Embora as crianças relatem que se sentem excluídas da comunicação na consulta, consideram **imprescindível o papel de mediador do cuidador**, na medida em que estes servem de tradutores de alguns aspetos que as crianças acham que não são capazes de entender e informar (Coyne et al., 2006; Gabarra & Crepaldi, 2011; Prazeres et al., 2009) e muitas vezes preferem que seja o cuidador a comunicar a informação da consulta, mas de forma gradativa (Gabarra & Crepaldi, 2011). A mãe é considerada pelas crianças como a principal fonte de informação relacionada com a doença, tratamento e hospitalização (Gabarra & Crepaldi, 2011). Num estudo, Coyne (2006) verificou que as **crianças hospitalizadas** utilizavam **estratégias para obterem informação**, tais como fazer perguntas aos pais, enfermeiros e médicos; observar e falar com outras crianças na enfermaria com a mesma condição ou doença; buscar livros à biblioteca local; comparar experiências com programas médicos de televisão e com experiências passadas das vidas dos parentes. Esta busca de informação, como estratégia de *coping*, pode ser devida ao facto de as crianças neste estudo já estarem em idade escolar, sendo facilitada pelas suas capacidades verbais e maturidade cognitiva (Coyne, 2006).

A consulta de pediatria constitui um espaço privilegiado de aprendizagem e de desenvolvimento de competências cognitivas e relacionais que serão necessárias para a aquisição da perspectiva do papel de doente. Em contacto com os profissionais de saúde a criança pode, de forma apoiada e gradual, aprender sobre a sua saúde ao mesmo tempo que desenvolve competências relacionais com adultos que representam, em particular para a criança com doença crónica, um papel importante na sua vida e na sua adaptação à doença (Nova et al., 2009). A não atribuição de um papel ativo da criança na consulta parece debilitar o desenvolvimento potencial de aprendizagem através da participação. A exclusão das crianças em partes importantes da consulta faz com que percam a oportunidade de progressivamente desenvolverem um sentido de responsabilidade pelo seu cuidado de saúde e tornarem-se um membro competente nas interações médicas (Winter, Baerveldt & Kooistra, 1999).

Prazeres e colaboradores (2009), num estudo cujo objetivo foi avaliar a perceção que a criança tem do seu pediatra, bem como as suas expectativas e críticas, além da satisfação com o atendimento, concluíram que, apesar de existir uma postura protecionista e paternalista por parte das famílias e dos pediatras, as crianças em idade escolar e, sobretudo os adolescentes, devem interagir mais com os profissionais de

saúde, tendo-se verificado que, se estimuladas, podem colaborar mais com as investigações diagnósticas e ter participação ativa no tratamento das doenças.

Holzheimer, Mohay e Basters (1998) num estudo, relacionado com a educação para a prevenção e manutenção de episódios agudos de asma em crianças, concluíram que os profissionais de saúde, ao fornecerem explicações das causas, sintomas e tratamento da doença, tendo em conta a idade da criança, ajudam as crianças a desenvolverem uma compreensão precisa em relação à sua condição e, ao mesmo tempo, aumentam o nível de cumprimento e controlo sobre o tratamento médico apropriado. Também, segundo Arora (2003), crianças que recebem informação direta, considerando-se a idade e grau de desenvolvimento cognitivo, têm maior probabilidade de adotar estratégias de confronto mais eficientes (focalizadas no problema) quando expostas a procedimentos invasivos.

Vários estudos, não apenas com pacientes infantis, demonstram o processo de comunicação entre o médico e o paciente como um dos principais elementos para a promoção de comportamentos de saúde, tais como a promoção de adesão ao tratamento, o que leva a um aumento da possibilidade de sucesso nos tratamentos médicos (Arksey & Sloper, 1999; Briery, 2005; Colland, 1990; DiMatteo, 2004; Holzheimer et al., 1998; Pantell et al., 1982; Patenaude & Kupst, 2005; Phipps, 2005; Prazeres et al., 2009; Tates & Meeuwesen, 2001).

Neste sentido, a United Nations Convention on the Rights of the Child (UNCRC) (1989) estabeleceu como um dos princípios gerais que “a opinião da criança deve ser considerada e tida em consideração em todos os aspetos que a afetam” (Artigo 12). Ou seja, a UNCRC afirma que a criança deve expressar-se livremente e ser ouvida em todos os assuntos que afetam a sua vida, embora reconheça que a idade e a maturidade da criança devem ser tidos em consideração. O artigo 12 da UNCRC (1989) serve para encorajar os adultos a ouvirem os pontos de vista das crianças e para aqueles envolverem-nas na tomada de decisão, novamente, sempre tendo em conta a idade e a maturidade das crianças e o seu melhor interesse (Children’s Rights Alliance Information Sheet, 2008).

O National Service Framework for Children, Young People and Maternity Services (Department of Health, 2004) faz ênfase crescente aos direitos das crianças, como a importância de fornecer informação e possibilidade de escolha em relação aos

seus serviços de saúde. O National Service Framework for Children, Young People and Maternity Services afirma que as opiniões das crianças, jovens e famílias devem ser avaliadas no planeamento, prestação e avaliação de serviços. Também declara que os profissionais de saúde devem envolver as crianças nas tomadas de decisão de saúde. Assim, apresenta a necessidade de encorajar e apoiar a participação das crianças e ter em consideração as suas opiniões nos assuntos que lhes dizem respeito. Ou seja, pretende-se incluir a participação ativa das crianças nos seus cuidados de saúde, em todas as suas fases (e.g., partilha de informação e tomada de decisão), relevando também a atenção para a sua idade de desenvolvimento (Department of Health, 2004).

O Departamento de Saúde (DH/Children, Families and Maternity, 2010) pretende assegurar que as crianças e as famílias são o centro dos serviços que recebem, onde a tomada de decisão deve ser partilhada entre o profissional de saúde, a família e a criança (ou jovem), encorajando a participação ativa das crianças no seu cuidado, tomada de decisão e tratamento.

Assim, o papel da criança na consulta médica deveria ser tão relevante quanto o do seu cuidador, tornando-se essencial o envolvimento das crianças nas tomadas de decisão junto à própria saúde (Mendonça, 2007; Patenaude & Kupst, 2005).

É importante salientar que, apesar se procurar admitir a criança como pessoa competente para intervir na sua saúde e doença, não é por nenhum autor defendido que todas as crianças, independentemente das circunstâncias, devam ser pressionadas a envolverem-se nas decisões sobre o seu cuidado (Coyne, 2006). Reconhecer o direito da criança de ser ouvida e informada também não significa que se esteja a entregar a responsabilidade total à criança sobre o seu cuidado de saúde e tomadas de decisão. O que se pretende é consciencializar os profissionais de saúde para a importância do envolvimento da criança, como um processo que evolui ao longo do tempo de acordo com as suas circunstâncias e as suas necessidades. Este envolvimento relaciona-se com o direito da criança de ser ouvida, informada, respeitada e envolvida nas decisões sobre o seu cuidado pois, como referido anteriormente, promover a autonomia da criança resulta em melhorias na sua saúde e resiliência, e torna-a mais capaz de, no futuro, se responsabilizar pela manutenção do seu bem-estar (Coyne, 2006).

## **2. OBJETIVOS E METODOLOGIA**

### **2.1. Objetivos Gerais e Específicos**

Esta investigação tem como objetivo geral explorar as crenças infantis em relação à consulta de pediatria e estudar a sua intervenção durante a consulta. Assim, pretende-se estudar a forma como a criança entende a sua vinda à consulta, como ela participa na consulta e o que ela percebe e retém da consulta uma vez terminada. Tendo em consideração estes objetivos, e a revisão de literatura que antecedeu este estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- (1) Exploração das crenças da criança em relação à consulta, nas dimensões: compreensão do motivo da consulta, utilidade da consulta médica e caracterização da consulta;
- (2) Análise da intervenção da criança no decorrer da consulta, nas dimensões:
  - Tempo e frequência de intervenção;
  - Forma de intervenção;
  - Tipo de intervenção;
  - Fase da consulta onde a intervenção acontece.
  - Orientação da intervenção;
  - Conteúdo de intervenção;
- (3) Exploração do que a criança lembra em relação à consulta, nas dimensões: relato da consulta e memorização/compreensão dos conteúdos da consulta.

### **2.2. Metodologia**

Esta investigação define-se como um estudo qualitativo, exploratório/descritivo e observacional.

O estudo é qualitativo pois envolve organizar, representar e explicar os dados, observando padrões, temas e categorias (Cohen, Manion & Morrison, 2007).

A investigação é caracterizada como exploratória/descritiva porque os seus objetivos passam por explorar as experiências e significações das crianças e analisar e descrever essas significações.

A definição observacional advém do modo de recolha de dados, através da observação em ambiente natural e de forma indireta, que permite reunir dados de situações sociais que ocorrem naturalmente, neste caso a consulta de pediatria. Este tipo de metodologia permite produzir dados mais válidos ou autênticos do que em relação a outros métodos, sendo esta uma das maiores vantagens da observação (Cohen, Manion e Morrison, 2007). O apoio visual e áudio permite melhorar o consenso entre os observadores, aumentando a concordância e fidedignidade durante a codificação de categorias (Dessen, 1995).

## **2.3. Amostra**

### **2.3.1. Critérios, Seleção e Recolha da Amostra**

O estudo decorreu na consulta externa de pediatria no Hospital de Faro tendo como população crianças entre os 5 e os 10 anos de idade a frequentar a consulta de pediatria ou de especialidades pediátricas, em consultas de vigilância.

Para a constituição da amostra foram seguidos os seguintes critérios: a criança tem de ter entre os 5 e os 10 anos de idade e frequentar a consulta de pediatria ou de especialidades pediátricas; não ser seguida concomitantemente na consulta de pedopsiquiatria; capacidade de expressão verbal; e consentimento dado pelos pais.

Respondiam a estes critérios 53 crianças. Destas 53 crianças, 32 crianças não participaram por razões como falta na consulta, recusa por parte dos pais ou da criança, pertencerem a uma instituição ou falta de tempo. Assim, participaram no estudo 21 crianças. A amostra final é constituída por 21 crianças cujas idades estavam compreendidas entre os 5 e os 10 anos, das quais 11 eram do sexo masculino e 10 raparigas. Trata-se de uma amostra não probabilística e de conveniência formada por crianças que foram à consulta entre 2 e 28 de Maio de 2013 que foram consultadas pelos pediatras que se encontravam a trabalhar na consulta externa de pediatria geral e que aceitaram participar no estudo.

## **2.4. Instrumentos de Recolha de Dados**

### **2.4.1. Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta**

O questionário demográfico foi construído para obter-se dados sobre as crianças da amostra e a consulta da criança. O questionário é constituído por duas partes, a primeira relativa a dados sobre a criança e a segunda sobre questões médicas e da consulta (Anexo I). A primeira parte pode ser respondida pela criança, sendo a última para os pais (ou acompanhantes) da criança.

Os dados demográficos da criança compreendem questões relativas à idade e sexo.

Os dados das informações relativas a questões médicas e da consulta abrangem questões relativas ao motivo da consulta, a quem acompanha as crianças nas idas ao médico, à possibilidade de existência de doença crónica, à possibilidade de ter passado por hospitalização e à possibilidade de toma de medicação frequente.

### **2.4.2. Entrevista Semi-Estruturada**

A entrevista semi-estruturada foi utilizada como instrumento de recolha de informação com o objetivo de explorar, no momento 1, as crenças da criança em relação à consulta médica e, no momento 2, o que a criança lembra em relação à consulta.

A elaboração desta entrevista semi-estruturada teve em consideração os objetivos da investigação e a revisão de literatura. Esta entrevista está dividida em dois momentos, sendo o primeiro correspondente à fase anterior da consulta pediátrica e a segunda à fase posterior a esta (Anexo II).

No momento 1 a entrevista semi-estruturada incluiu as dimensões: (1) compreensão do motivo da consulta; (2) utilidade da consulta médica e (3) caracterização da consulta. Na primeira dimensão, existem questões sobre qual o motivo da consulta (anterior e/ou atual) e se existiu conversa com os pais ou com outra pessoa sobre o motivo da consulta. Na segunda dimensão, existem questões sobre a finalidade das idas ao médico e quando é que as pessoas devem ir ao médico. Na terceira

dimensão, existem questões sobre o que se faz no médico, quem fala com ele e como é a consulta.

No momento 2 a entrevista inclui as dimensões (1) relato da consulta e (2) memorização/compreensão dos conteúdos da consulta. Aqui existem questões relacionadas com a caracterização da consulta, o que foi dito pelo médico e quais as recomendações de tratamento.

A entrevista foi gravada em áudio para posterior análise do *verbatim* da criança.

### **2.4.3. Observação através de Gravação Áudio e Vídeo**

Para a recolha de dados para analisar a intervenção da criança no decorrer da consulta foi utilizada a gravação em vídeo e áudio. A utilização do vídeo como recurso para recolha de dados é cada vez mais empregue em estudos com base na metodologia observacional (Dessen, 1995). A gravação permite que a visualização das consultas seja realizada mais do que uma vez, garantindo a fiabilidade dos dados, e a sua análise seja feita por mais do que um investigador, aumentando assim a fiabilidade e validade dos resultados (Cahill e Papageorgiou, 2007b).

### **2.5. Procedimentos de Recolha de Dados**

Numa primeira fase realizou-se o contacto com o Serviço de Pediatria do Hospital de Faro, nomeadamente o Diretor do Serviço de Pediatria, para a apresentação do estudo e solicitação de autorização para a sua realização. Após autorização deste, obteve-se também a autorização da Direção do Hospital, da Comissão de Ética para a Saúde (Anexo III) e da Unidade de Investigação do Centro de Formação Investigação e Conhecimento (Anexo IV). Posteriormente realizou-se contacto com a Médica Coordenadora da Consulta Externa de Pediatria para apresentação do estudo e solicitação de colaboração.

A Médica Coordenadora da Consulta Externa de Pediatria sugeriu médicos que, da consulta de pediatria geral, poderiam aceitar colaborar neste estudo e estariam

disponíveis para tal. Depois deu-se o contacto direto com os médicos pediatras para apresentação do estudo e solicitação de colaboração (Anexo V).

Em seguida, os médicos que aceitaram colaborar no estudo sinalizaram crianças que verificavam os critérios de inclusão e o primeiro contacto com os participantes deu-se na sala de espera da consulta externa de pediatria geral.

Seguidamente apresentou-se, no dia da consulta, o estudo a pais de crianças, ou acompanhantes, que reuniam critérios de inclusão na amostra, solicitou-se a colaboração e assinou-se o consentimento informado (Anexo VI). No final, apresentou-se o estudo às crianças e pediu-se o seu assentimento para a participação. Todos os pais a quem foi apresentado o estudo deram o seu consentimento. De todas as crianças que foram convidadas a participar apenas uma recusou convite.

Após o consentimento de ambas as partes, a criança, juntamente com o seu acompanhante, dirigiu-se a uma sala, designada pela médica coordenadora da consulta externa de pediatria ou pelas enfermeiras do mesmo local, para a recolha de dados demográficos e informação relativa a questões médicas e da consulta e para a realização da entrevista semi-estruturada. Esta entrevista foi registada através de um gravador áudio. Após a entrevista, a criança dirigiu-se à sua consulta, onde já se encontrava a câmara para registo. No fim da consulta, a criança dirigiu-se novamente à sala anterior para concluir a entrevista semi-estruturada.

## **2.6. Procedimentos Éticos e de Proteção de Dados**

Tratando-se de uma investigação com a participação de crianças e com a utilização de metodologias de gravação de imagem foram seguidos alguns procedimentos especiais. Em relação à participação, a amostra foi constituída exclusivamente por crianças que cumulativamente estavam presentes em consultas que os médicos aceitaram ser gravadas, os seus pais ou tutores legais autorizaram a participação assinando o consentimento esclarecido e crianças que aceitaram expressamente participar. Relativamente à confidencialidade, foi assegurado que todos os dados são confidenciais, utilizados exclusivamente pelos investigadores para fins científicos no âmbito desta investigação. Nas gravações em vídeo, apenas foi filmada a zona onde os pacientes se sentam, ou seja, as cadeiras em frente ao médico, fazendo

com que as situações onde as crianças estavam fisicamente mais expostas não fossem gravadas.

## **2.7. Procedimentos de Análise de Dados**

### **2.7.1. Análise do Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta**

Para os dados recolhidos através do questionário demográfico e de informações relativas a questões médicas e da consulta, procedeu-se à estatística descritiva, através da avaliação de frequências, absoluta e relativa.

### **2.7.2. Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas**

A análise das entrevistas semi-estruturadas foi realizada utilizando a análise de conteúdo e a estatística descritiva, através da avaliação de frequências relativa e absoluta. A análise de conteúdo permite a examinação e interpretação sistemáticas, detalhadas e cuidadosas de um corpo particular de material com o intuito de identificar padrões, temas, viés e significados (Neuendorf, 2002).

A análise da gravação da entrevista foi realizada com base nas verbalizações das crianças, após a transcrição da entrevista. As respostas não-verbais (e.g., de aceno de cabeça) foram registadas numa folha à parte. A análise de conteúdo realizou-se em 2 fases:

1. Transcrição da entrevista: Procedeu-se à transcrição na íntegra de toda a entrevista, incluindo o discurso do entrevistador e do participante (Anexo VII);
2. Identificação de Temas para cada uma das Dimensões: Considerando os objetivos específicos definidos, todo o *verbatim* das crianças foi considerado para análise tendo-se procedido à identificação de unidades de informação relevantes e, posteriormente à identificação de temas (Anexo VIII).

### 2.7.3. Análise das Consultas de Pediatria

A análise das consultas de pediatria foi realizada utilizando a observação dos vídeos e a análise de conteúdo.

A análise da gravação da consulta foi realizada com base nas transcrições extensivas da consulta. A comunicação não-verbal foi considerada de acordo com a sua relevância para a codificação. A análise dos dados recolhidos em vídeo realizou-se em 6 fases:

1. Visualização inicial dos vídeos – Nesta fase os vídeos relativos a cada uma das consultas foram visualizadas na íntegra com o intuito de certificar que as consultas estavam em condições de serem analisadas;
2. Visualização acompanhada de transcrição – Aqui procedeu-se a uma nova visualização dos vídeos juntamente com a transcrição dos momentos de interação da criança (as verbalizações) consideradas nos objetivos do trabalho (Anexo IX). Nesta fase foi ainda contabilizado o tempo de intervenção dos vários intervenientes;
3. Identificação de Temas para cada uma das Dimensões – Considerando as dimensões definidas nos objetivos específicos, todas as verbalizações ou expressões não-verbais da criança foram registadas e analisadas para a definição inicial de temas (Anexo X).
4. Análise dos Temas e identificação de Subtemas – Nesta fase fez-se a comparação sucessiva dos temas que iam sendo identificados. Todos os vídeos foram de novo visualizados para certificar a fiabilidade da identificação dos temas. Esta análise permitiu a constituição de uma grelha inicial em que se agrupou a identificação dos vários temas e subtemas encontrados caso a caso (Anexo XI).
5. Grelhas de Análise – Construiu-se grelhas finais de análise, já com a definição dos temas e subtemas, e procedeu-se à nova verificação e harmonização da análise, caso a caso.
6. Conclusões finais – Foram analisadas as grelhas caso a caso para se obter um resumo da intervenção da criança, para responder aos objetivos propostos (Anexo XII).

Todas as fases da análise foram cumpridas por dois investigadores (a autora deste trabalho e a sua supervisora) e em caso de discrepância na análise as diferenças foram discutidas até ser encontrado consenso.

### **3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS**

Neste capítulo vão ser apresentados os resultados do estudo. Devido à complexidade desses resultados optou-se por fazer a sua análise imediatamente após a sua apresentação.

A apresentação de resultados é orientada pelos objetivos específicos do estudo. Assim, após caracterização da amostra, serão apresentados os resultados da amostra em relação:

- Objetivo Específico 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta médica nas dimensões: compreensão do motivo da consulta, utilidade da consulta médica e caracterização da consulta (análise do momento 1 da entrevista semi-estruturada);
- Objetivo Específico 2 – Análise da intervenção da criança no decorrer da consulta nas dimensões: tempo e frequência de intervenção, forma de intervenção, tipo de intervenção, fase da consulta em que acontece a intervenção, orientação da intervenção e conteúdo da intervenção (análise dos vídeos da consulta médica);
- Objetivo Específico 3 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta nas dimensões nas dimensões: relato da consulta e memorização/compreensão dos conteúdos da consulta (análise do momento 2 da entrevista semi-estruturada).

#### **3.1. Resultados do Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta**

Em seguida são apresentadas 2 quadros que representam as características demográficas das crianças e informações relativas à história clínica das crianças.

No Quadro 1 estão presentes os dados demográficos das crianças (idade e sexo). No Quadro 2 está representada a média de idades das crianças da amostra.

Quadro 1 – Características das crianças (idade e sexo)

<b>Idade</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>
5	2	9.5
6	5	23.8
7	7	33.3
8	2	9.5
9	3	14.3
10	2	9.5
<i>Total</i>	21	100
<b>Sexo</b>		
Masculino	11	52.4
Feminino	10	47.6
<i>Total</i>	21	100

Quadro 2 – Média de idade das crianças

	N	Média
Idade	21	7.24

Em relação aos dados demográficos das crianças existe uma prevalência de crianças com 7 anos de idade, e do sexo masculino. A média de idade das crianças é de 7.24.

No Quadro 3 são apresentadas informações relativas a questões médicas e da consulta, relativamente ao motivo da consulta, quem acompanha a criança nas idas ao médico, existência de doença crónica, existência de história de hospitalização e possibilidade de toma de medicação regular.

Quadro 3 - Informações relativas a questões médicas e da consulta.

<b>Motivo da Consulta</b>	<b>Freq. A.*</b>	<b>Freq. R.**</b>	<b>Quem acompanha a criança nas idas ao médico</b>	<b>Freq. A.*</b>	<b>Freq. R.**</b>
Rotina	1	4.8	Mãe	18	85.7
Observação (exames, quistos)	2	9.5	Pai	1	4.8
Despiste/suspeita de doença (OI***, epilepsia)	2	9.5	Pais	1	4.8
Fimose	1	4.8	Outros (avó)	1	4.8
Asma/Alergias	2	9.5	<i>Total</i>	21	100
Sopro cardíaco	1	4.8			
Dores intestinais	3	14.3	<b>Doença crónica</b>		
Enurese/encoprese	6	28.6	Sim	4	19
Problemas urinários (e.g., infeção)	2	9.5	Não	17	81
Obesidade	1	4.8	<i>Total</i>	21	100
<i>Total</i>	21	100			
<b>Hospitalização</b>			<b>Toma medicação regular</b>		
Sim	8	38.1	Sim	4	19
Não	13	61.9	Não	17	81
<i>Total</i>	21	100	<i>Total</i>	21	100

\*Osteogénese Imperfeita

\*\*Frequência Absoluta

\*\*\*Frequência Relativa

De acordo com os resultados observados no Quadro 3, a maioria das razões que levaram as crianças à consulta, referidas pelos acompanhantes das crianças, está relacionada com incontinência de esfíncteres (enurese/encoprese) e dores intestinais. A maioria das crianças vem à consulta para uma avaliação médica de rotina. Cerca de 85.7% das crianças são geralmente acompanhadas pela mãe nas idas ao médico, enquanto as restantes vão com o pai, a avó ou ambos os pais. Apenas 4 das crianças têm diagnóstico de doença crónica, 8 já foram submetidas a hospitalização e 4 tomam medicação regularmente.

Trata-se assim de uma amostra constituída por 21 crianças, com idades entre os 5 e os 10 anos, com média de idade de 7.24. Destas crianças, 11 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino. O motivo das consultas é caracterizado pelos acompanhantes das crianças, maioritariamente, por incontinência de esfíncteres e dores intestinais. A maioria das crianças é acompanhada pela mãe quando vai ao médico, não tem diagnóstico de doença crónica, não foi submetida a hospitalização e não toma medicação regularmente.

### **3.2. Resultados relativos ao Objetivo Específico 1: Crenças da Criança em relação à Consulta Médica**

Em seguida, apresentam-se os resultados, e análise dos resultados, do momento 1 da entrevista semi-estruturada utilizada para a exploração das crenças da criança em relação à consulta médica. Para este objetivo utiliza-se a análise de conteúdo do *verbatim* das crianças. Para a melhor compreensão dos resultados obtidos, encontra-se em anexo (Anexo XIII) os resultados e a análise das entrevistas semi-estruturadas, caso a caso.

No objetivo específico 1 foram consideradas as dimensões:

- (1) Compreensão do motivo da consulta;
- (2) Utilidade da consulta médica;
- (3) Caracterização da consulta.

**Dimensão (1) – Compreensão do motivo da consulta.**

Questões: “Sabes porque é que vens cá hoje”; “Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”; “O que falaste sobre a razão de vires cá?”

Quadro 4 – Compreensão do motivo da consulta – “Sabes porque é que vens cá hoje?”

<b>DIMENSÃO – COMPREENSÃO DO MOTIVO DA CONSULTA</b>				
<i>“Sabes porque é que vens cá hoje?”</i>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Temas</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Diz saber motivo da consulta	11	52.4	Sintomas - Dor de barriga - Dor de garganta - Incontinência de esfíncteres (enurese) - Tensão alta - Quistos no pescoço - Desmaios	8
			Exames complementares de diagnóstico	2
			Despiste de diagnóstico	1
Não se lembra	10	47.6		
<i>Total</i>	21	100		<i>Total</i> 11

Quadro 5 – Compreensão do motivo da consulta – “Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”

<b>DIMENSÃO – COMPREENSÃO DO MOTIVO DA CONSULTA</b>				
<i>“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”</i>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Temas</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Falou	16	76.2	Pais (mãe e/ou pai) ou outro parente (e.g., avó)	14
			Médico de família	1
			Médico de família e pais	1
Não falou	5	23.8		
<i>Total</i>	21	100		<i>Total</i> 16

Quadro 6 – Compreensão do motivo da consulta – “O que falaste sobre a razão de vires cá?”

<b>DIMENSÃO – COMPREENSÃO DO MOTIVO DA CONSULTA</b>				
<i>“O que falaste sobre a razão de vires cá?”</i>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Temas</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Sabe responder	9	56.3	Motivo da consulta	7
			Ida ao hospital/consulta	2
Não sabe	2	12.5		
Não se lembra	5	31.3		
<i>Total</i>	16*	100		<i>Total</i> 9

\*Total de crianças que afirmou ter falado com os pais ou com outra pessoa sobre a vinda à consulta.

Como se observa nos Quadros 4, apenas 52.4% das crianças sabem qual o motivo da consulta, sendo este explicado por 8 crianças pela existência de sintomas (e.g., “Porque faço xixi na cama.”, C21), 2 relacionam com exames e 1 com despiste de

diagnóstico (e.g., “ (...) *dois especialistas dos olhos dizem que eu tenho uma doença e que é globenstien.*”, C17). Das 21 crianças, 76.2% afirmam ter falado com alguém sobre a vinda à consulta, essencialmente com os pais (Quadro 5). Entre as crianças que falaram com alguém sobre a vinda à consulta (Quadro 6), apenas 56.3% recordam-se dessa conversa, indicando que lhes disseram o motivo da consulta ou apenas que iam ao hospital/consulta. Sete não sabem ou não se lembram da conversa.

### **Dimensão (2) – Utilidade da consulta médica**

Questões: “*Para que é que achas que serve ir ao médico?*”; “*Quando é que as pessoas devem ir ao médico?*”

Quadro 7 – Utilidade da consulta médica - “*Para que é que achas que serve ir ao médico?*”

<b>DIMENSÃO – UTILIDADE DA CONSULTA</b>				
<i>“Para que é que achas que serve ir ao médico?”</i>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Temas</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Sabe responder	19	90.5	Tratar/curar as pessoas quando estão doentes	14
			Ver se está tudo bem	5
Não se lembra	2	9.5		
<i>Total</i>	21	100		<i>Total</i> 19

Quadro 8 – Utilidade da consulta médica - “Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

DIMENSÃO – UTILIDADE DA CONSULTA				
“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”				
Resposta	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Conteúdo/Temas	Frequência Absoluta
Sabe responder	17	81	Quando têm uma doença	14
			Quando têm sintomas (e.g., má disposição/dores/quando se magoam)	8
			Ver se está tudo bem	3
			Fazer exames	1
			Quando precisam ficar internadas	1
Não se lembra	4	19.1		
<i>Total</i>	21	100	<i>Total</i>	27

Como se pode observar nos Quadros 7 e 8, a grande maioria das crianças tem significações sobre a utilidade do médico. Algumas destas crianças utilizam mais do que um tema na sua resposta. Entre as crianças que respondem saber para que serve ir ao médico (Quadro 7), a maioria diz que o médico serve para tratar/curar as pessoas quando estão doentes e as restantes afirmam que serve para ver se está tudo bem. Aqui, ainda duas crianças referem-se à saúde para responder a esta questão (e.g., “Para ter a saúde boa.”; C10“ (...) para a nossa saúde.”, C15).

Em relação ao momento em que as pessoas devem ir ao médico, apenas 4 crianças não sabem responder (Quadro 8). Das restantes 17, algumas destas crianças utilizam mais do que um tema de resposta, obtendo-se um total de 27 conteúdos presentes nas suas respostas. Entre estes conteúdos como motivo para ir ao médico, a maioria menciona a doença, 8 crianças referem os sintomas (e.g., “Sempre que necessitam de alguma coisa, por exemplo, quando têm dores, quando estão muito

*constipadas (...)*”) e as restantes falam em ver se está tudo bem e quando precisam de fazer exames ou de ficar internadas.

### **Dimensão (3) – Caracterização da consulta**

Questões: “*O que se faz no médico?*”; “*Quem fala com o médico?*”; “*Como é a consulta?*”

Quadro 9 – Caracterização da consulta - “*O que se faz no médico?*”

<b>DIMENSÃO – CARACTERIZAÇÃO DA CONSULTA</b>				
<b>“O que se faz no médico?”</b>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Temas</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Sabe responder	15	71.4	Observação clínica (e.g., vê-se a garganta)	7
			Inoculações (e.g., dão vacinas)	2
			Tratar/curar as pessoas quando estão doentes (e.g., trata das pessoas; dão medicamentos; evitam a hospitalização)	8
			“Ajuda as crianças (sem explicação)”	1
			Faz perguntas à mãe e ao pai (sem explicação)	1
			Manda esperar para ir a outra consulta	1
Não sabe responder	6	28.4		
<i>Total</i>	21	100	<i>Total</i>	21

Quadro 10 – Caracterização da consulta - “*Quem fala com o médico?*”

<b>DIMENSÃO – CARACTERIZAÇÃO DA CONSULTA</b>				
<i>“Quem fala com o médico?”</i>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Temas</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Sabe responder	19	90.5	Acompanhante (pai, mãe e/ou avó)	5
			Acompanhante e criança	13
			Criança	1
Não sabe responder	2	9.5		
<i>Total</i>	21	100		<i>Total</i> 19

Quadro 11 – Caracterização da consulta - “*Como é a consulta?*”

DIMENSÃO – CARACTERIZAÇÃO DA CONSULTA				
“ <i>Como é a consulta?</i> ”				
Resposta	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Conteúdo/Temas	Frequência Absoluta
Sabe responder	13	61.9	Descreve a observação clínica (e.g. o médico vê a barriga)	6
			Descreve de forma particularizada as fases consulta (informação sobre queixa, diagnóstico e aconselhamento de tratamento)	1
			Descreve o espaço físico (e.g., tem médicos, enfermeiras, balanças)	2
			O médico faz perguntas sobre a saúde	4
			O médico fala com a mãe	3
			Os médicos tratam de nós	2
Não sabe responder	4	19.1		
<i>Total</i>	17*	81	<i>Total</i>	19

\*Quando o total não é 21 deve-se a dados omissos.

No Quadro 9, relativamente ao que se faz no médico, verifica-se que apenas 15 crianças sabem responder a esta questão. Algumas destas crianças utilizaram mais do que uma categoria de resposta. Nas respostas obtidas, verifica-se que a maioria das crianças associa a ida ao médico com a fase de observação (e.g., “*Vê o nosso corpo (...) Os ouvidos (...) A boca.*”, C4) e com o papel de tratar/curar as pessoas quando estão doentes (e.g., “*No médico ajuda-se as pessoas que estão doentes.*”, C7). As restantes mencionam inoculações (e.g., “*Às vezes podemos fazer picas.*”, C6), ajudar as crianças

(sem explicação), fazer perguntas à mãe e ao pai (sem explicação) e mandar esperar para ir a outra consulta.

Em relação a quem fala com o médico, o Quadro 10 evidencia que apenas 2 crianças respondem que não sabem. Dentro das que responderam, a maioria das crianças refere o acompanhante (pai, mãe e/ou avó) como principal comunicador com o médico, no entanto, uma maioria destes participantes refere que as crianças também falam com os médicos. Aqui, apenas uma criança responde que as crianças são quem fala com os médicos.

Ao observar o Quadro 11 referente à caracterização da consulta, 4 crianças não sabem explicar como é a consulta. Das restantes 17 crianças, verifica-se que as suas respostas contêm vários temas. Entre estes, a maioria das crianças caracteriza a consulta segundo a observação clínica (e.g., *“Acho que vão-me ver a barriga. Vão ver o coração.”*, C12). Outras descrevem o espaço físico (e.g., *“Tem médicos. Tem enfermeiras. (...) Tem balanças.”*, C21) e outras dizem que o médico faz perguntas sobre saúde (e.g., *“Os médicos perguntam o que é que eu tenho (...)”*, C19). As restantes mencionam tratar das pessoas (e.g., *“Tratam de nós.”*, C6), que o médico fala com a mãe (e.g., *“Vão falar com a mãe.”*, C12) e que o médico manda esperar para ir a outra consulta. Ainda uma criança descreve de forma particularizada as fases da consulta (e.g., *“Os médicos perguntam o que é que eu tenho, eu digo, depois ele dizem o que é que eu preciso de fazer, o que é que tenho de tomar, depois dão a receita e eu vou embora.”*, C19).

## RESUMO:

Após a análise dos Quadros 4, sobre a compreensão da criança do motivo da consulta, verifica-se que apenas pouco mais de metade das crianças sabe o motivo da vinda à consulta. Os motivos referidos prendem-se sobretudo com sintomas físicos. A maioria das crianças relata ter falado com alguém (essencialmente com os pais) acerca da vinda ao hospital mas desta maioria apenas metade lembra-se do que lhe foi dito (Quadro 5). As razões que levam as pessoas ao médico são sobretudo relacionadas com a existência de doença ou de sintomas (Quadro 8).

Relativamente ao que se faz no médico (Quadro 9), vários conteúdos surgiram nas respostas das crianças, sendo a maioria destes relacionados com ações realizadas nas consultas, nas fases de observação clínica, e com o papel médico de tratar/curar as pessoas quando estão doentes. Os restantes relacionam-se com inoculações, fazer perguntas aos pais e encaminhar para outra consulta. Nas consultas, a maioria das crianças refere o seu acompanhante como figura principal na intervenção (Quadro 10). Quanto à questão em que era pedido à criança para explicar como é a consulta (Quadro 11), a maioria das crianças centra-se em aspetos instrumentais ou muito objetivos referindo desde o espaço físico a procedimentos de observação clínica.

### **3.3. Resultados relativos ao Objetivo Específico 2: Intervenção da Criança no decorrer da Consulta**

Seguidamente apresentam-se os resultados, e análise dos resultados, da análise da intervenção da criança no decorrer da consulta. Para este objetivo utiliza-se a análise de conteúdo do *verbatim* das crianças. Para a melhor compreensão dos resultados obtidos, encontra-se em anexo (Anexo XII) os resultados e a análise da intervenção da criança no decorrer da consulta, caso a caso.

No objetivo específico 2 foram consideradas as dimensões:

- (1) Tempo de intervenção – refere-se à contabilização em unidade temporal da intervenção da criança, do médico e dos pais;
- (2) Forma de intervenção – refere-se ao modo como a criança intervém (e.g., dar informação ou pedir informação);
- (3) Tipo de intervenção – refere-se ao modo como acontece a intervenção da criança, ou seja, se esta participa de forma espontânea ou após solicitação;
- (4) Fase da consulta em que acontece a intervenção – refere-se aos diferentes momentos da consulta, tal como referido na literatura (Tates, Meeuwesen, Elbers et al., 2002): história clínica/recolha de informação, observação, diagnóstico e aconselhamento de tratamento;
- (5) Orientação da intervenção – refere-se a quem se dirige a criança nas suas intervenções;
- (6) Conteúdo da intervenção – refere-se ao teor das verbalizações das crianças.

### Dimensão (1) - Tempo e frequência de intervenção

Para a análise do tempo de intervenção da criança na consulta foi considerado o tempo total e o tempo de inversão em cada uma das fases da consulta: Abertura/acolhimento; História clínica/recolha de informação; Observação clínica; Diagnóstico e aconselhamento de tratamento; e Fecho/despida.

Quadro 12 – Tempo de intervenção das crianças nas diferentes fases da consulta

	Abertura	História clínica/recolha de informação	Observação clínica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Fecho	Total
Médico	0.9%	17.3%	11.3%	22.8%	2.2%	54.5%
Cuidador	0.5%	17.5%	9%	12.9%	1.6%	41.5%
Criança	0.1%	1.9%	1.6%	2.5%	0.2%	6.3%

Como se observa no Quadro 12, o tempo de intervenção das crianças corresponde a 6.3% da intervenção verbal existente. O tempo de intervenção é maior na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento e muito menor nas fases de acolhimento e de fecho.

No Quadro 13 apresenta-se a frequência das intervenções da criança em cada uma das fases da consulta. Para esta análise foram contabilizadas as fases da consulta em que cada criança tinha maior número de participações.

Quadro 13 – Frequência da participação da criança nas diferentes fases da consulta

Fases da Consulta	Frequência Absoluta
História clínica/recolha de informação	12
Observação	5
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	8
<i>Total</i>	25*

\*O total acima de 21 deve-se à intervenção, na mesma criança, em mais do que uma das fases da consulta

O Quadro 13 demonstra que as intervenções das crianças nas consultas, incluindo intervenções não-verbais (e.g., de aceno de cabeça), verificam-se sobretudo na fase de história clínica/recolha de informação, seguida da fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento e da fase de observação.

**Dimensões (2) Forma de intervenção; (3) Tipo de intervenção; (4) Fase da consulta em que acontece a intervenção; (5) Orientação da intervenção; (6) Conteúdo da intervenção**

Para facilitar a leitura dos resultados a apresentação destas dimensões (Quadros 14, 15, 16 e 17) é feita considerando os resultados da análise relativa à dimensão Forma de intervenção. As fases da consulta encontram-se numeradas, sendo (2) fase de história clínica/recolha de informação, (3) fase de observação clínica e (4) fase de diagnóstico e de aconselhamento de tratamento.

A análise dessa dimensão verificou que a intervenção da criança se faz em 4 Formas: (1) Dá informação/explicação;

(2) Pede informação/explicação;

(3) Faz comentário/verbalização;

(4) Dá feedback.

Os quadros que se seguem (Quadros 14, 15, 16 e 17) sumarizam o que consta no Anexo XII, referente à análise de conteúdo das intervenções das crianças nas consultas de pediatria caso a caso.

Quadro 14 – Intervenção sob a forma: dar informação/explicação

DÁ INFORMAÇÃO/EXPLICAÇÃO									
		FASE DA CONSULTA					FASE DA CONSULTA		
TIPO	CONTEÚDO	2	3	4	TIPO	CONTEÚDO	2	3	4
Espontâneo	Queixa/história clínica				Solicitação	Queixa/história clínica			
	- Sintomas: Tipo	5	1	2		- Sintomas: Tipo	6	3	3
	Localização		1			Localização	3	1	
	Contexto	1		1		Frequência	4	1	1
	Estado	3				Contexto	3		
							Estado	4	
					Causa		1	1	
					- Comparação com situação clínica anterior	1			

Quadro 14 (continuação) – Intervenção sob a forma: dar informação/explicação

DÁ INFORMAÇÃO/EXPLICAÇÃO									
TIPO	CONTEÚDO	FASE DA CONSULTA			TIPO	CONTEÚDO	FASE DA CONSULTA		
		2	3	4			2	3	4
Espontâneo	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas - Procedimentos de higiene/saúde oral - Hábitos/rotinas de micção ou evacuação - Alimentação - Vacinação	2	2	2	Solicitado	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas - Procedimentos de higiene/saúde: Genital Oral Ouvido - Alimentação - Conhecimento sobre saúde e doença	3	4	2
	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico	1		1		Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico	1		
	Conversa social/diversos	1				Conversa social/diversos	3	4	2
						Evolução do tratamento	1		
						Sem conteúdo relevante			2

Quadro 14 (continuação) – Intervenção sob a forma: dar informação/explicação

DÁ INFORMAÇÃO/EXPLICAÇÃO									
TIPO	CONTEÚDO/TEMAS	FASE DA CONSULTA			TIPO	CONTEÚDO/TEMAS	FASE DA CONSULTA		
		2	3	4			2	3	4
Espontâneo	Procedimentos de tratamento				Solicitado	Procedimentos de tratamento			
	- Recomendações de tratamento			1		- Recomendações de tratamento	1	1	1
	- Procedimentos/condições de tratamento	2		1		- Procedimentos/condições de tratamento	2		2
	- Exemplificação de recomendação			1		- Monitorização e registo	1		
	- Monitorização e registo	1		1					
	- Experiência relativa a tratamento		1						
	Informações sobre si e/ou a família					Informação sobre si e/ou a família			
	- Dados demográficos	2				- Dados demográficos	3	1	
	- História da família	2				- Funcionamento familiar	1	1	1
						- História da família	1		
Temas de interesse e do dia-a-dia da criança				Temas de interesse e do dia-a-dia da criança					
- Escola	2		1	- Interesses	3	1			
- Atividades	1	1		- Escola	11	2	2		
				- Atividades	1	3			

O Quadro 14, referente à intervenção das crianças na Forma de intervenção:

Fornecimento de informação, mostra que:

- As crianças dão informação ou explicação tanto de modo solicitado como espontâneo, essencialmente na fase de história clínica/recolha de informação;

- As crianças dão informação essencialmente sobre a queixa/história clínica, em especial sobre o tipo de sintomas. Este fornecimento de informação acontece quer de forma espontânea quer solicitada na fase de história clínica/recolha de informação. Principalmente quando é solicitada a criança ainda informa sobre a frequência, o estado e a localização dos sintomas (e.g., “*De vez em quando.*”, C4; “*Está-me a doer as pernas.*”, C2; “*Dói aqui e aqui.*”, C2);

- Ainda sobre sintomas, as crianças intervêm para dar informação sobre outros sintomas que não se relacionam com as queixas (e.g., “*Saía mais.*”, C10). Isto acontece sobretudo enquanto está a ser observada (fase 3);

- As crianças intervêm ainda, depois de solicitadas e na fase de história clínica/recolha de informação, sobre assuntos relacionados com temas do seu interesse como a escola (e.g., “*Estudo do meio.*”, C17), sobre os dados demográficos (e.g., “*Dez.*”, C18) e sobre temas de saúde, em especial o seu regime alimentar (e.g., “*Não como muita fruta. Como é mais maçã.*”, C19);

- Considerando as várias fases da consulta verifica-se que na fase de observação as crianças dão informação essencialmente se solicitadas e que na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento o fornecimento de informação é diminuto.

Quadro 15 – Intervenção sob a forma: pedir informação/explicação

PEDIR INFORMAÇÃO/EXPLICAÇÃO				
TIPO	CONTEÚDO/TEMAS	FASE DA CONSULTA		
		2	3	4
Espontâneo	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas - Vacinação - Estado geral de saúde	1		1  1
	Orientação para a observação clínica		6	
	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico	1		3
	Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento - Monitorização e registo			2 2
	Material para a próxima consulta			1
	Sem conteúdo relevante	1	1	2

Como se observa no Quadro 15, os pedidos de informação ou explicação:

- Acontecem essencialmente na fase de diagnóstico e recomendação de tratamento;
- São feitos em relação a procedimentos de tratamento, incluindo pedidos de informação quanto a formas de monitorização do tratamento (e.g. como preencher folhas de registo) e pedidos de informação sobre os procedimentos do tratamento (e.g. a quantidade de água que deve beber);
- Acontecem na fase de observação clínica, relacionados com o procedimento de observação (e.g. “*O que é que tu vais fazer?*”, C9).

Quadro 16 – Intervenção sob a forma: fazer comentário/verbalização

FAZ COMENTÁRIO/VERBALIZAÇÃO									
TIPO	CONTEÚDO/TEMAS	FASE DA CONSULTA			TIPO	CONTEÚDO/TEMAS	FASE DA CONSULTA		
		2	3	4			2	3	4
Espontâneo	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde oral - Alimentação - Conhecimento sobre saúde e doença		1		Solicitado	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas		1	
	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico			1		Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico			1
	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo	1				Procedimentos de tratamento - Experiência relativa a tratamento			1
	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola	2				Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola	1		
	Conversa social/diversos	1	1			Informação sobre si e/ou a família - Dados demográficos	1		
	Sem conteúdo relevante	2	1	5		Sem conteúdo relevante	1		1

Como se observa no Quadro 16, os Comentários ou verbalizações:

- Acontecem de forma espontânea e solicitada;
- Os comentários são, maioritariamente, em temas muito diversos e sem conteúdo relevante que permita definir temas (e.g., “*Quero ir pintar.*”, C13);
- As crianças utilizam este tipo de comentários espontaneamente, ao longo da consulta, mas sobretudo na fase de diagnóstico e aconselhamento.

Como se observa no Quadro 17, relativamente aos Feedback:

- Acontecem, na sua grande maioria, solicitados e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento;
- O feedback é utilizado quando as crianças são solicitadas em relação a procedimentos de tratamento, essencialmente no que diz respeito às recomendações de tratamento;
- Ainda sobre os procedimentos de tratamento, as crianças empregam o feedback quando abordadas sobre a monitorização e registo e expectativas de resultado.

Quadro 17 – Intervenção sob a forma: dar feedback

DÁ FEEDBACK									
TIPO	CONTEÚDO	FASE DA CONSULTA			TIPO	CONTEÚDO	FASE DA CONSULTA		
		2	3	4			2	3	4
Espontâneo	Queixa/história clínica - Sintomas: Tipo	1			Solicitação	Queixa/história clínica - Sintomas: Tipo Frequência Estado	1 1 1		
	Procedimentos de tratamento - Recomendações			1		Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde oral	1		1
	Material para a próxima consulta			1		Orientação para a observação clínica	1		
						Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico			1
						Procedimentos de tratamento - Recomendações - Procedimentos/condições de tratamento - Monitorização e registo - Expectativas de resultado	2 1 1 1		9 1 3 2

Quadro 17 (continuação) – Intervenção sob a forma: dar feedback

DÁ FEEDBACK				
TIPO	CONTEÚDO	FASE DA CONSULTA		
		2	3	4
Solicitado	Evolução do tratamento	1		2
	Expectativas em relação à evolução da situação clínica	1		
	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola	1		
	Sem conteúdo relevante			2

### RESULTADOS GLOBAIS

É apresentada em seguida a análise dos resultados globais, considerando cada um dos casos (Anexo XII).

Quanto à forma de intervenção, a maioria das crianças intervém, maioritariamente, com fornecimento de informação, seguido do feedback e do comentário.

#### Relativamente ao tipo de intervenção

A maioria das crianças participa após solicitação. A solicitação acontece principalmente na fase de história clínica/recolha de informação, seguida da fase de observação clínica e da fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento. Estas solicitações são realizadas maioritariamente pelo médico. As crianças respondem a estas solicitações sobretudo na forma de fornecimento de informação, seguido do feedback e do comentário ou verbalização.

A intervenção espontânea acontece particularmente na fase de diagnóstico e de aconselhamento de tratamento, seguida da fase de história clínica/recolha de informação e da fase de observação clínica. Este tipo de intervenção acontece sobretudo na forma

de comentário ou verbalização, seguida do fornecimento de informação e do pedido de informação ou explicação.

#### Quanto à intervenção em cada uma das fases da consulta

Como já referido, a maioria das crianças participa maioritariamente na fase de história clínica/recolha de informação.

- Na fase inicial, de abertura/acolhimento, as crianças, solicitadas ou de modo espontâneo, cumprimentam o médico e conversam sobre assuntos sociais.

- Na fase de história clínica/recolha de informação, as crianças utilizam sobretudo a forma de fornecimento de informação ou explicação, seguida do comentário e feedback.

- Na fase de observação clínica, as crianças fazem uso principalmente da forma de fornecimento de informação clínica, seguida do comentário, pedido de informação ou explicação e feedback.

- Na fase de diagnóstico e de aconselhamento de tratamento, as crianças usam sobretudo o comentário, seguido do fornecimento de informação e do feedback. É de notar que na maioria das intervenções em que as crianças respondem aos pedidos de feedback utilizam monossílabos (sim/não) ou apenas a expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

- Na fase final, de fecho/despida, as crianças intervêm sobretudo após solicitação ao despedirem-se do médico e ao responderem aos pedidos de feedback sobre as recomendações de tratamento. Nesta fase as crianças intervêm principalmente com o uso de monossílabos ou apenas expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

#### Quanto à orientação da intervenção

As intervenções das crianças são orientadas principalmente para o médico, existindo apenas duas que o fazem, maioritariamente, em relação ao cuidador.

#### Quanto aos conteúdos

As intervenções das crianças nas consultas são relacionadas com vários temas, como queixa/história clínica, temas de saúde, orientação para a observação,

procedimentos de diagnóstico, procedimentos de tratamento, expectativas em relação à evolução da situação clínica, evolução do tratamento, material para a próxima consulta, temas de interesse e do dia-a-dia da criança, informações sobre si e/ou a família, conversa social/diversos, cumprimento ou despedida.

Estes temas encontram-se espalhados por todas as fases da consulta.

Os principais temas abordados ao longo da consulta são a queixa/história clínica, os temas de saúde, os procedimentos de tratamento e os temas de interesse e do dia-a-dia da criança. Os assuntos sem conteúdo relevante também integram os temas mais abordados ao longo da consulta pelas crianças.

Em relação aos subtemas mais utilizados nas intervenções das crianças, estes estão relacionados com a escola, o tipo de sintomas, as recomendações de tratamento, a conversa social, a frequência dos sintomas, o estado dos sintomas, a alimentação, os procedimentos/condições de tratamento, as atividades e assuntos sem relevância. Os menos utilizados, aparecendo apenas numa consulta, são a causa dos sintomas, a comparação com queixa/história de outra pessoa, o estado geral de saúde, a vacinação, a exemplificação de recomendações, as expectativas em relação à evolução da situação clínica e a comparação com queixa/história de outra pessoa.

Os principais subtemas das intervenções das crianças após solicitação são a escola, as recomendações de tratamento, o tipo de sintomas, a conversa social, os sintomas que não se relacionam com as queixas, a frequência dos sintomas, os procedimentos/condições de tratamento e os procedimentos de higiene/saúde. Em relação às intervenções espontâneas, os subtemas mais utilizados nas consultas são sem conteúdo relevante e, também, sobre os sintomas que não se relacionam com as queixas e o tipo de sintomas.

As crianças dão mais informações ou explicações sobre a escola (e.g., “*Já sabia ler o alfabeto.*” C17), o tipo de sintomas (e.g., “*Tenho, tenho tido cólicas porque quando era mais novo tinha dois anos e fui operado à barriga.*” C19), a conversa social, o estado dos sintomas (e.g., “*Está-me a doer as pernas.*” C2), a alimentação (e.g., “*Todos os dias como dois pratos.*” C19), a frequência dos sintomas (e.g., “*De vez em quando.*” C4), os sintomas que não se relacionam com as queixas (e.g., “*Foi aqui*

*mais ou menos até aqui.*” C10) e as atividades de interesse e do dia-a-dia da criança (e.g., *“Eu faço ginástica.* C15).

Os comentários ou verbalizações mais feitos pelas crianças estão principalmente relacionados com assuntos sem conteúdo relevante (e.g., *“Aquele é diferente pai.*”, C11) e a conversa social (e.g., *“Não. Eu quero ficar em casa.*”, C13).

As crianças, apesar de raramente pedirem informações, pedem mais informações ou explicações relacionadas com a orientação para a observação clínica (e.g., *“Pra quê sentar?”*, C2), com os exames complementares de diagnóstico (e.g., *“E é no hospital ou é em casa?”*, C7.), com as recomendações de tratamento (e.g., *“Toda?”*, C3) e com assuntos sem conteúdo relevante (e.g., *“Assim posso brincar sozinho?”*, C11).

As crianças respondem principalmente aos pedidos de feedback relacionados com as recomendações de tratamento, a monitorização e registo, as expectativas de resultado e a evolução do tratamento. É de notar que na maioria das intervenções em que as crianças respondem aos pedidos de feedback utilizam monossílabos (sim/não) ou apenas expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

## RESUMO:

Posto isto, a intervenção das crianças na consulta é limitada (6.3%) e a sua participação ocorre principalmente na fase de história clínica/recolha de informação.

Esta intervenção acontece sobretudo após solicitação e na fase de história clínica/recolha de informação, sendo esta maioritariamente sob a forma de fornecimento de informação ou explicação. As intervenções espontâneas acontecem sobretudo na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, através do comentário sem conteúdo relevante.

O papel das crianças na consulta prevalece sob a forma de fornecimento de informação. As crianças intervêm mais em temas relacionados com a queixa/história clínica, temas de saúde, procedimentos de tratamento, temas de interesse e do dia-a-dia da criança e assuntos sem relevância.

Em relação aos subtemas em que as crianças são mais propícias a intervir após solicitação, estes são variados mas destacam-se a escola, as recomendações de tratamento, o tipo de sintomas, a conversa social, a frequência dos sintomas, os procedimentos/condições de tratamento e os procedimentos de higiene/saúde.

As intervenções espontâneas das crianças estão relacionadas com assuntos sem relevância, os sintomas que não se relacionam com as queixas e o tipo de sintomas.

O facto de as crianças intervirem mais na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, mas participarem mais após solicitação e na fase de história clínica/recolha de informação, parece indicar que as intervenções são especialmente de resposta a pedidos de feedback que se realizam maioritariamente utilizando expressão não-verbal (e.g., aceno de cabeça). Isto parece indicar que as crianças participam na consulta especialmente numa forma pouco elaborada, utilizando monossílabos e expressão não-verbal.

#### **3.4. Resultados relativos ao Objetivo Específico 3: O que a Criança lembra em relação à Consulta**

Seguidamente apresentam-se os resultados e análise de conteúdo do momento 2 da entrevista semi-estruturada utilizada para a exploração do que a criança lembra em relação à consulta. Para este objetivo utiliza-se a análise de conteúdo do *verbatim* das crianças. Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos, encontra-se em anexo (Anexo XIII) os resultados e a análise das entrevistas semi-estruturadas, caso a caso.

No objetivo específico 3 foram consideradas as dimensões:

- (1) Relato da consulta;
- (2) Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta.

### Dimensão (1) – Relato da consulta

Questões: “*Já acabaste a consulta? Como é que foi?*”

Quadro 18 – Relato da consulta - “*Já acabaste a consulta? Como é que foi?*”

DIMENSÃO – RELATO DA CONSULTA				
“ <i>Já acabaste a consulta? Como é que foi?</i> ”				
Resposta	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Conteúdo/Tema	Frequência Absoluta
Sabe responder	18	85.7	Observação clínica	13
			Perguntas do médico sobre	
			- Sintomas	2
			- Queixa	1
			- Higiene	1
			- Interesses	1
			- Sem explicação	2
			Recomendações médicas	5
Mãe mostrou exame	1			
Médico conversou com a mãe	1			
Feedback do estado geral de saúde	1			
Médico falou sobre a queixa	1			
Não se lembra	3	14.3		
<i>Total</i>	21	100	<i>Total</i>	30

Através da análise das entrevistas efetuadas e, como indicado no Quadro 18, verifica-se que 85.7% das crianças falaram sobre a consulta. No entanto, nenhuma das crianças descreve a consulta na sua totalidade, recordando-se apenas de algumas partes.

Considerando o Quadro 18 verifica-se que:

- 13 Crianças referem aspetos relacionados com a observação descrevendo as ações do médico. A maioria destas crianças aponta apenas uma ação sem seguimento ou explicação relativa ao procedimento clínico (e.g., *“Eu tive que me despir todo. Deite-me numa cama e elas analisaram-me.”* C1; *“E elas olharam-me o ouvido, a boca e a barriga.”*C2);

- 7 Crianças afirmam que os médicos fazem perguntas. A maioria das crianças relacionam as questões colocadas pelos médicos com os sintomas (e.g., *“Perguntaram muitas coisas sobre os desmaios.”*, C18), queixa (e.g., *“A senhora perguntou o que é que eu tinha, eu respondi (...)”*, C19), higiene (e.g. *“Lavar os dentes todos, todos, todos (...) os dias.”*, C10), e interesses (e.g., *boneco preferido*);

- 5 Crianças mencionam as recomendações do médico (e.g., *“Eu não posso beber bebidas e tenho de tomar uma, e tenho de beber a água toda de manhã. E tenho de ir de manhã fazer xixi à casa de banho.”*, C3; *“Disse que quando for fazer uma coisa ali atrás do edifício novo, vou lá pra ver, pra fazer uma rádio aos ossos.”*, C17);

- 1 Criança diz que a mãe mostrou um exame (e.g., *“A mãe mostrou uma (...), um exame.”*, C4);

- 1 Criança afirma que o médico conversou com a mãe (e.g., *“(…) disse muitas coisas à minha mãe, eu não ouvi.”*, C12);

- 1 Criança relata que o médico forneceu um feedback do seu estado geral de saúde (e.g., *“A consulta foi, disseram-me que tava tudo bem.”*, C15);

- 1 Criança refere que o médico falou sobre a queixa (e.g., *“Tive a falar sobre o xixi.”*, C21).

## Dimensão (2) – Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questões: “O que é que o médico disse?”; “Há alguma coisa que vais ter que fazer?”

Quadro 19 – Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta - “O que é que o médico disse?”

<b>DIMENSÃO – MEMORIZAÇÃO/COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS DA CONSULTA</b>				
<i>“O que é que o médico disse?”</i>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Tema</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Sabe responder	19	90.5	Recomendações médicas	13
			Perguntas do médico sobre:	
			- Sintomas	2
			- Queixa	1
			- Higiene	2
			- Interesses	1
			- Sem explicação	2
			Feedback do estado geral de saúde	4
Diagnóstico	1			
Médico falou sobre a escola	1			
Falou com o adulto	3			
Não se lembra	2	9.5		
<i>Total</i>	21	100	<i>Total</i>	30

Quadro 20 – Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta - “*Há alguma coisa que vais ter que fazer?*”

<b>DIMENSÃO – MEMORIZAÇÃO/COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS DA CONSULTA</b>				
<i>“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”</i>				
<b>Resposta</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>	<b>Conteúdo/Tema</b>	<b>Frequência Absoluta</b>
Sabe responder	15	71.4	Lembra-se	14
			Não precisa	1
Não se lembra	6	28.6	Disse ao Pai	2
<i>Total</i>	21	100		<i>Total</i> 17

Em relação ao que o médico disse e às suas recomendações, verifica-se que 90.5% das crianças recorda-se de algo que o médico disse durante a consulta (Quadro 19).

Entre estas crianças:

- 13 Crianças respondem com as recomendações feitas pelo médico (e.g., “*Disse que eu tenho de fazer se faço xixi ou se não faço, ver se está seco ou se está molhado. (...) O sol é porque está seco.*”, C3);

- 7 Crianças dizem que o médico fez perguntas relacionadas com a queixa. A maioria destas crianças relaciona as questões com os sintomas, a higiene e os interesses (e.g., “*Lavaste os dentes?*”; C20);

- 4 Crianças afirmam que o médico deu-lhes feedback do seu estado geral de saúde (e.g., “*Disse que eu estava boa.*”, C5);

- 1 Criança menciona que o médico falou sobre o diagnóstico (e.g., “*Disse que não era a bactéria.*”, C7);

- 1 Criança refere que falou com o médico sobre a escola (e.g., “*Disse porque eu não gosto da escola porque tenho saudades da mãe e do pai.*”, C13);

- 3 Crianças disseram que o médico falou com o acompanhante (e.g., “*Fez perguntas à mãe.*”, C16; “*Não disse a mim. Só disse ao meu pai e à minha mamã.*”, C11”).

Das duas crianças que disseram que não se lembravam do que o médico disse, uma refere que deve-se ao facto de o médico ter falado com o pai e a avó e a outra apenas recorda-se da despedida do médico. Relativamente às recomendações do médico, apenas 71.4% das crianças recorda alguma recomendação, onde 14 lembram-se das recomendações do médico (e.g., “*Pôr um pó no iogurte ou no sumo para eu beber.*”, C7; “*Uma folhinha para apontar se eu faço xixi na cama ou não.*”, C21) e 1 diz que não precisa fazer nada (e.g., “*Disse que estava tudo bem. Que não é preciso fazer nada.*”, C15. Das 6 crianças que não recordam as recomendações do médico, 2 dizem que deve-se ao médico ter falado com o pai e a avó.

#### RESUMO:

A maioria das crianças é capaz de falar sobre a consulta e lembra alguma informação no entanto, quer em relação ao que aconteceu na consulta quer em relação ao que o médico disse ou recomendou, a criança tem resposta muito pouco estruturadas, centrada em aspetos muito concretos, e pouco relacionados com as queixas. Algumas das crianças que não retêm informações das consultas referem como justificação o facto de os médicos falarem com os pais

Quando perguntados sobre o que se passou na consulta, os temas mais recordados por estas crianças estão relacionados com a fase de observação clínica, com perguntas feitas pelo médico. Relativamente ao que o médico disse durante a consulta, o que foi mais recordado por estas crianças está relacionado com recomendações médicas, perguntas feitas pelo médico e feedback dado pelo médico do seu estado geral de saúde.

Apesar de muitas crianças mostram reter informação após a consulta, na maioria o que é relatado pelas crianças é esparso, sem explicação ou integração no tratamento e muito relacionado com restrição de comportamentos ou regras muito gerais de higiene.

#### 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo teve como objetivos explorar as crenças infantis em relação à consulta de pediatria e estudar a sua intervenção durante a consulta. Neste estudo participaram 21 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos de idade.

Em relação ao objetivo específico 1, em que pretendeu-se **explorar as crenças das crianças em relação à consulta médica**, verifica-se que aproximadamente metade das crianças refere saber o motivo da consulta enquanto a outra metade diz não saber ou não se lembrar. Estes resultados refutam os apresentados por Prazeres e colaboradores (2009), que verificaram que a maioria das crianças sabia o motivo da consulta. Quando fala sobre os motivos da consulta a criança refere aspetos muito gerais como “ver se está tudo bem” ou aponta sintomas físicos concretos como “dor de barriga.”

Em relação às crianças que referem o motivo da consulta, a maioria diz ter falado com os pais sobre esse assunto e quase metade recorda-se do que lhe foi dito. Considerando que esta grande maioria das consultas, incluídas neste estudo, foi de acompanhamento, os resultados parecem indicar que a compreensão sobre a ida à consulta está relacionada não tanto com sintomas agudos mas com a informação fornecida pelos pais.

Quanto à utilidade da consulta médica, as significações das crianças estão principalmente relacionadas com o papel médico de tratar/curar as pessoas quando estão doentes. A maioria das crianças também responde às razões pela qual as pessoas devem ir ao médico, sendo esta sobretudo associada à existência de doença e de sintomas.

Na caracterização da consulta (i.e., quando fala sobre o que se faz na consulta), a maioria centra-se na fase de observação clínica (i.e., centra-se em procedimentos clínicos de observação) e, de novo, no papel médico de tratar/curar as pessoas quando estão doentes (verbalizando por exemplo que o que o médico faz é “curar as pessoas”). Em relação à comunicação durante a consulta, a maioria das crianças refere o seu acompanhante como o principal agente na conversação com o médico. No entanto, aqui algumas crianças reconhecem que elas também participam no diálogo durante a consulta.

Relativamente a como é a consulta, a maioria das crianças descreve a fase de observação clínica e refere que o médico fala, ou sobre a saúde ou com a mãe. Na

mesma linha de Gabarra e Crepaldi (2011) que verificam no seu estudo que as crianças, entre os 5 e os 13 anos, consideram que existem médicos que conversam com as crianças e outros que não, as crianças desta investigação também evidenciaram esta crença de que os médicos nem sempre falam com elas.

Em relação às crenças infantis sobre os médicos também são poucas as referências existentes. Gabarra e Crepaldi (2011) no seu estudo onde pretendiam descrever a comunicação entre médico-criança-família na perspectiva da criança com doença crónica, com crianças entre os 5 e os 13 anos, verificaram que algumas crianças são capazes de identificar diferenças entre as pessoas da equipa médica. Estas consideram que existem médicos que conversam com as crianças e outros que não. Outras crianças têm um profundo desconhecimento sobre o ato médico, onde para elas este surge como algo repentino, fragmentado em intervenções invasivas, não associado à cura da doença mas sim a intenções punitivas e a castigos (Oliveira, 1993).

Em relação ao objetivo específico 2 em que pretendeu-se analisar a **intervenção da criança no decorrer da consulta**, verifica-se que a maioria das crianças participa na consulta no entanto esta participação é muito limitada.

Ao analisar o tempo e frequência de intervenção da criança no decorrer da consulta, observa-se que o tempo médio de intervenção corresponde a 6.3% das verbalizações existentes. Isto indica que a consulta rege-se sobretudo sob a forma de uma díade médico-cuidador e que a criança intervém pouco. Este resultado reforça os resultados de estudos anteriores que afirmam que a participação da criança na consulta é muito limitada e que a consulta é dominada pelo médico e o cuidador (Cahill & Papageorgiou, 2007a; Cahill & Papageorgiou, 2007b; Nova et al., 2005; Savage & Callery, 2007; Tates & Meeuwesen, 2000; Van Dulmen, 1998; Wassmer et al., 2004).

Ainda dentro do tempo de intervenção, verifica-se que a criança intervém, verbalmente, maioritariamente na fase de diagnóstico e de aconselhamento de tratamento. No entanto, ao examinar-se a frequência da sua participação na consulta, constata-se que a sua participação ocorre principalmente na fase de história clínica/recolha de informação. Estes resultados podem gerar alguma confusão, no entanto, quando se analisa a intervenção das crianças verifica-se que esta divergência resulta da avaliação do tempo e frequência da intervenção.

Assim, o tempo de intervenção refere-se à contagem do tempo associado às verbalizações realizadas pela criança no decorrer da consulta e a frequência da intervenção diz respeito à contagem das intervenções da criança durante toda a intervenção da criança (incluindo, deste modo também a intervenção não-verbal). Quando se analisam as consultas na sua generalidade verifica-se que muitas crianças utilizam a expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça) para comunicar durante a consulta. E este tipo de resposta relaciona-se mais com conteúdos relevantes para a consulta. Assim, conclui-se que realmente as crianças participam e contribuem mais na fase de história clínica/recolha de informação.

Dada a sua participação tão limitada nas consultas, verifica-se, tal como indicam outros estudos, que os acompanhantes das crianças são quem principalmente relatam as queixas e, ainda, que a discussão e decisão do tratamento realiza-se sobretudo entre os adultos, ou seja, entre o médico e o cuidador da criança (Alderson & Montgomery, 1996; Cahill & Papageorgiou, 2007a, b; Coyne, 2008; Freemon, Negrete, Davis & Korsch, 1971; Gabarra & Crepaldi, 2011; Inman, 1991; Mendonça, 2007; Nova, Vegni & Moja, 2005; Pantell, Stewart, Dias, Wells & Ross, 1982; Savage & Callery, 2007; Tates, Elbers, Meeuwesen & Bensing, 2002; Tates & Meeuwesen, 2000, 2001; Tates, Meeuwesen, Bensing & Elbers, 2002; Tates, Meeuwesen, Elbers & Bensing, 2002; Van Dulmen, 1998; Wassmer et al., 2004).

Os resultados deste estudo apontam para a utilização do fornecimento de informação como a forma de intervenção mais utilizada pelas crianças. Esta forma de intervenção acontece particularmente nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação clínica. Estes resultados são concordantes com vários autores que afirmam que a contribuição da criança é maioritariamente ao nível do fornecimento de informação que ocorre principalmente no início da consulta, ou seja, nas fases de história clínica e de exame físico (Cahill & Papageorgiou, 2007a; Pantell et al., 1982; Tates & Meeuwesen, 2000; Tates, Meeuwesen, Bensing & Elbers, 2002; Wassmer et al., 2004).

Seguidamente, as crianças utilizam sobretudo o feedback e o comentário para intervir na consulta. O feedback é utilizado sobretudo para responder a explicações do médico, por exemplo em relação às recomendações de tratamento. Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, a forma de intervenção mais utilizada é o

comentário ou verbalização principalmente, espontaneamente e, sem conteúdo relevante.

Ao longo da consulta, verifica-se que as crianças participam quer após solicitação quer de modo espontâneo. No entanto, o tipo de intervenção das crianças na consulta está associado principalmente à intervenção após solicitação. As crianças são solicitadas sobretudo pelo médico e na fase de história clínica/recolha de informação, seguida da fase de observação e de diagnóstico e aconselhamento de tratamento. Este resultado é concordante com Tates, Elbers e colaboradores (2002) quando referem que o comportamento apoiante do médico em relação à participação da criança influencia positivamente o envolvimento da criança na consulta. A criança participa mais na fase de história clínica/recolha de informação que coincide com a fase em que esta é mais solicitada e pelo médico.

Em relação à orientação da intervenção, verifica-se que as crianças orientam a sua intervenção principalmente para o médico. A orientação para os pais acontece sobretudo em assunto de âmbito mais emocional.

Quando se analisa o conteúdo da intervenção das crianças verifica-se que este é vasto e variado. Contudo existem temas e subtemas mais abordados nas consultas de pediatria. Os temas mais utilizados pelas crianças estão relacionados com a queixa/história clínica, a saúde, os procedimentos de tratamento e os interesses e o dia-a-dia da criança.

Incluído nas queixas, as crianças falam maioritariamente sobre os sintomas referindo o tipo, a frequência e o estado destes. Nos temas de saúde, as crianças falam especialmente no seu regime alimentar (e.g., “Todos os dias como dois pratos.”, C19). Nos procedimentos de tratamento, algumas crianças procuram informação sobre as recomendações de tratamento (e.g., “Que não podemos porquê?”, C9), falam sobre estas (e.g., “(não pode beber) Chá”, C9) e respondem aos pedidos de feedback, acenando com a cabeça, quando a médica faz a recomendação do tratamento. Ainda em relação ao tratamento, as crianças informam sobre os procedimentos /condições de tratamento (e.g., vão à casa de banho quando se levantam ou que nem sempre levam água para a escola).

Nos temas de interesse e do dia-a-dia da criança, as crianças falam maioritariamente sobre a escola, dizendo qual o ano escolar que frequentam ou qual a disciplina de que gostam mais, e as atividades das crianças, (e.g., “Eu faço ginástica.”, C15). Para além destes temas, verifica-se também que as crianças falam sobretudo sobre temas relacionados com a conversa social e realizam verbalizações sem conteúdo relevante.

Após solicitação, as crianças intervêm sobretudo em subtemas relacionados com a escola, as recomendações de tratamento, o tipo de sintomas, a conversa social, os sintomas que não se relacionam com as queixas, a frequência dos sintomas, os procedimentos/condições de tratamento e os procedimentos de higiene/saúde. Estes resultados seguem a orientação de Tates, Meeuwesen e colaboradores (2002) pois a interação médico-criança não é restrita ao domínio afetivo (e.g., escola, conversa social, atividades) mas parece ser dominada pelo domínio instrumental (e.g., recomendações de tratamento, tipo de sintomas, procedimentos/condições de tratamento, procedimentos de higiene/saúde).

Em relação à forma de intervenção, as crianças dão informação ou explicação especialmente sobre o tipo, o estado e a frequência dos sintomas e ainda sobre outros sintomas que não se relacionam com as queixas. Também informam sobre a situação na escola, as atividades preferenciais, o regime alimentar e a conversa social (e.g., o boneco preferido chama-se “Faísca Macween.”, C20).

Os comentários ou verbalizações das crianças são sobretudo sem conteúdo relevante e relacionados com a conversa social.

As crianças pedem informação ou explicação maioritariamente sobre a orientação para a observação clínica, procurando saber como se comportar durante esta fase (e.g., “Também tiro as calças?”, C17) e o que o médico vai fazer (e.g., “O que é que tu vais fazer?”, C9). As crianças também procuram informar-se sobre o procedimento de exames complementares de diagnóstico (e.g., “Eu vou fazer num frasquinho?”, C7) e tentam clarificar a recomendação médica (e.g., “Toda?”, C3). As crianças também pedem informações sem conteúdo relevante.

Os pedidos de feedback a que as crianças respondem estão essencialmente relacionados com as recomendações de tratamento. No entanto, verificasse que estas também respondem quando em assuntos relacionados com a monitorização e registo, as

expectativas de resultado e a evolução do tratamento. Estas respostas na forma de feedback são maioritariamente de domínio monossilábico (sim/não) ou de expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

Neste estudo foram incluídas 5 fases da consulta (abertura/acolhimento, história clínica/recolha de informação, observação clínica, diagnóstico e aconselhamento de tratamento e fecho/despedida). Os resultados apontam para alguma intervenção da criança na primeira fase, sobretudo através de cumprimento e conversa social. Quanto à última fase, “fecho”, é notória a diminuição da participação. Nesta fase a criança participa apenas quando solicitada e na maioria das situações com acenos de cabeça ou monossílabos.

Em relação ao objetivo específico 3 em que pretendeu-se **explorar o que a criança lembra em relação à consulta**, verifica-se que a maioria das crianças recorda algo após a ida à consulta.

No relato da consulta, a maioria das crianças fala sobre como foi a consulta. A maioria das crianças fala da consulta descrevendo a fase de observação clínica, relata algumas questões colocadas pelo médico (e.g., relacionadas com os sintomas, queixa) e algumas das recomendações feitas pelo médico.

Relativamente à memorização/compreensão dos conteúdos da consulta, a informação relatada pelas crianças, na sua maioria, é no entanto confusa, destruturada e não corresponde à totalidade da consulta e sim apenas a uma parte desta. A maioria das crianças apenas descreve uma parte das consultas e o mesmo acontece para o que foi dito pelo médico. As recomendações recordadas pelas crianças são confusas, pouco estruturadas, e a maioria das crianças não sabe explicar o seu procedimento nem a sua finalidade. Também, estas recomendações recordadas estão relacionadas com indicações mínimas básicas, como por exemplo ir à casa de banho e beber muita água.

## 5. CONCLUSÕES

Tendo em conta o principal objetivo deste estudo, conclui-se que, de forma geral as crianças têm crenças formadas em relação à consulta de pediatria e que intervêm pouco durante a consulta.

A exploração das crenças da criança em relação à consulta médica demonstra que grande parte das crianças não sabe o motivo da sua ida à consulta. A utilidade da consulta é relacionada pela criança com a existência de doença ou de sintomas. A consulta é caracterizada pela descrição da observação clínica e pela sua utilidade (e.g., tratar/cuidar as pessoas quando estão doentes). Ainda, para a criança, o seu acompanhante é o principal interveniente nas consultas com o médico.

A análise da intervenção da criança no decorrer da consulta demonstra que a intervenção da criança é muito limitada. A intervenção da criança tem lugar principalmente na fase de história clínica/recolha de informação e ocorre sobretudo sob a forma de fornecimento de informação. A intervenção da criança é ainda menor na fase de fecho em que com frequência falam apenas médico e pais.

A criança intervém maioritariamente após solicitação, e, considerando as fases da consulta, na fase de história clínica/recolha de informação. A orientação da intervenção da criança na consulta é dirigida principalmente para o médico. A intervenção da criança na consulta está relacionada essencialmente com queixas levadas à consulta (tipo de sintomas, recomendações de tratamento, frequência dos sintomas, estado dos sintomas, alimentação, procedimentos/condições de tratamento) ou com temas sociais (e.g., escola, conversa social, atividades).

A exploração do que a criança lembra em relação à consulta revela que a criança consegue relatar a consulta e memorizar alguns conteúdos da consulta. No entanto, o seu relato é bastante limitado e orientado para a descrição da observação clínica realizada na consulta. A criança também relata questões colocadas pelo médico e recomendações médicas mas, novamente, de forma demarcada. A criança memoriza alguns conteúdos relacionados com as recomendações médicas e as questões colocadas pelo médico. Contudo os poucos conteúdos que são memorizados não são compreendidos. Os conteúdos são relatados de forma confusa e pouco estruturada e demonstram que a criança não consegue explicar o procedimento de tratamento recomendado nem a sua finalidade.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando os resultados desta investigação, e a pouca literatura existente que permita confrontar os resultados obtidos, verifica-se a urgência de realizar mais estudos neste campo, em relação a todos os objetivos propostos.

Os seus resultados apontam para a necessidade de um estudo futuro com o objetivo de analisar as relações entre crenças infantis, participação da criança e o que ela recorda da consulta.

Estes resultados revelam ainda a necessidade de alterar a intervenção da criança na consulta de pediatria, tornando-a num agente mais ativo e participativo na consulta. A adoção de uma perspectiva centrada no paciente, já utilizada nas consultas dos adultos, é importante para otimizar a intervenção e o papel da criança na consulta. Como evidenciado na revisão de literatura, a integração do paciente na consulta médica é um dos principais elementos para a promoção de comportamentos de saúde, nomeadamente a promoção da adesão ao tratamento, o que leva a um aumento da possibilidade de sucesso nos tratamentos médicos.

Considerando o supracitado, parece importante realizar um estudo que integre os objetivos específicos desta investigação e a alteração da participação da criança na consulta de pediatria. Este novo estudo poderia ter como objetivo verificar se, quando ativamente integradas na consulta, as crianças lembram mais e de forma estruturada o que aconteceu na consulta e as recomendações médicas de tratamento.

## **7. LIMITAÇÕES**

Existem algumas limitações encontradas ao longo da realização deste estudo que devem ser mencionadas. Realça-se a reduzida dimensão da amostra e o facto de ser constituída por indivíduos da mesma região (Algarve), limitando desta forma a possibilidade de generalizar os resultados a toda a população.

Considerando o supracitado, toda a análise dos resultados deste estudo deve ser interpretada de modo prudente, apenas como referência para futuras explorações e investigações.

A pouca literatura existente impossibilita a comparação de resultados e a realização de uma melhor fundamentação dos resultados obtidos.

A complexidade da análise dos resultados e o curto período de tempo para a realização deste estudo impossibilitaram a realização de uma análise relacional dos objetivos específicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alderson, P. & Montgomery, J. (1996). *Health care choices: making decisions with children*. London: Institute for Public Policy Research.
- Arksey, H. & Sloper, P. (1999). Disputed diagnoses: The cases of RSI and childhood cancer. *Social Science & Medicine*, 49, 483-497.
- Armelin, C.B., Wallau, R.A., Sarti, C.A. & Pereira, S.R. (2005). A comunicação entre os profissionais de pediatria e a criança hospitalizada. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15 (2), 45-54.
- Arora, N.K. (2003). Interacting with cancer patients: The significance of physicians' communication behavior. *Social Science & Medicine*, 57, 791-806.
- Barros, L. (2003). *Psicologia pediátrica: perspectiva desenvolvimentista* (2ª Ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bibace, R. & Walsh, M.E. (1980). Development of children's concepts of illness. *Pediatrics*, 66 (6), 912-917.
- Brewster, A.B. (1982). Chronically ill hospitalized children's concepts of their illness. *Pediatrics*, 69 (3), 355-362.
- Bricher, G. (2000). Children in the hospital: Issues of power and vulnerability. *Pediatric Nursing*, 26, 277-283.
- Briery, B.G. (2005). Commentary: Traversing Hurdles: The future of collaborative pediatric oncology research. *Journal of Pediatric Psychology*, 30 (1), 119-121.
- Cahill, P. & Papageorgiou, A. (2007a). Triadic communication in the primary care paediatric consultation: A review of the literature. *British Journal of General Practice*, 57 (544), 904-911.
- Cahill, P. & Papageorgiou, A. (2007b). Video analysis of communication in paediatric consultations in primary care. *British Journal of General Practice*, 57 (544), 866-871.
- Children's Rights Alliance Information Sheet (2008). Questions and Answers on the UN Convention on the Rights of the Child (UNCRC).
- Clarke, S., Davies, H., Jenney, M., Glaser, A. & Eiser, C. (2005). Parental communication and children's behaviour following diagnosis of childhood leukaemia. *Psycho-Oncology*, 14, 274-281.

- Cohen L., Manion, L. & Morrison K. (2007). *Research methods in education* (6<sup>th</sup> Ed.). London: Routledge.
- Coyne, I. (2006). Consultation with children in hospital: Children, parents' and nurses' perspectives. *Journal of Clinical Nursing*, 15, 61-71.
- Coyne, I. (2008). Children's participation in consultations and decision-making at health service level: A review of the literature. *International Journal of Nursing Studies*, 45 (11), 1682–1689.
- Coyne, I., Hayes, E., Gallagher, P., & Regan, G. (2006). Giving children a voice: Investigation of children's experiences of participation in consultation and decision-making in Irish hospitals. Office of the Minister for Children, Dublin.
- Dessen, M.A. (1995). Tecnologia de vídeo: Registro de Interações sociais e cálculos de fidedignidade em estudos observacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11 (3), 223-227.
- Department of Health (2004). Core Standards – National Service Framework for Children, Young People and Maternity Service. DH Publication, London.
- DH/Children, Families and Maternity (2010). Achieving equity and excellence for children.
- DiMatteo, M.R. (2004). The role of effective communication with children and their families in fostering adherence to pediatric regimens. *Patient Education and Counseling*, 55, 339-344.
- Freemon, B., Negrete, V.F., Davis M. & Korsch, B.M. (1971). Gaps in doctor-patient communication: Doctor-patient interaction analysis. *Pediatric Research*, 5, 298-311.
- Gabarra, L.M. & Crepaldi, M.A. (2011). A comunicação médico-paciente pediátrico-família na perspectiva da criança. *Psicologia Argumento*, 29 (65), 209-218.
- Hämeen-Anttila, K., Juvonen, M., Ahonen, R., Bush, P.J. & Airaksinen, M. (2006). How well can children understand medicine related topics? *Patient Education and Counseling*, 60, 171-178.
- Hart, C. & Chesson, R. (1998). Children as consumers. *British Medical Journal*, 316, 1600-1603.

- Holzheimer, L., Mohay, H. & Basters, I.B. (1998). Educating young children about asthma: Comparing the effectiveness of a developmentally appropriate asthma education video tape and picture book. *Child: Care, Health and Development*, 24 (1), 85-99.
- Inman, C.E. (1991). Analysed interaction in a children's oncology clinic: The child's view and parent's opinion of the effect of medical encounters. *Journal of Advanced Nursing*, 16, 782-793.
- Mendonça, (2007). *Análise do Processo de Comunicação entre Médico, Paciente e Acompanhante em Onco-hematologia Pediátrica*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília, Brasil.
- Neuendorf, K.A. (2002). *The content analysis guidebook*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Nova, C., Vegni, E. & Moja, E.A. (2005). The physician-patient-parent communication: A qualitative perspective on the child's contribution. *Patient Education and Counseling*, 58, 327-333.
- Oliveira, H. (1993). A enfermidade sob o olhar da criança hospitalizada. *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3), 326-332.
- Pantell, R.H., Stewart, T.J., Dias, J.K., Wells, P. & Ross, A.W. (1982). Physician communication with children and parents. *Pediatrics*, 70 (3), 396-402.
- Patenaude, A.F. & Kupst, M.J. (2005). Psychosocial functioning in pediatric cancer. *Journal of Pediatric Psychology*, 30 (1), 9-27.
- Perrin, E.C. & Guerrity, P.S. (1981). There's a demon in your belly: Children's understanding of illness. *Pediatrics*, 67 (6), 841-849.
- Phipps, S. (2005). Commentary: Contexts and challenges in pediatric psychosocial oncology research: Chasing moving targets and embracing "good news" outcomes. *Journal of Pediatric Psychology*, 30 (1), 41-45.
- Prazeres, J.M.B., Pinho, S.T.R. & Silva, L.R. (2009). A interação da criança com o pediatra: Um estudo qualitativo. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, 8 (1), 60-66.
- Savage, E. & Callery, P. (2007). Clinic consultations with children and parents on the dietary management of cystic fibrosis. *Social Science & Medicine*, 64, 363-374.
- Stivers, T. (2012). Physician-child interaction: When children answer physicians' questions in routine medical encounters. *Patient Education and Counseling*, 87, 3-9.

- Tates, K., Elbers, E., Meeuwesen, L. & Bensing, J. (2002). Doctor-parent-child relationships: A 'pas de trois'. *Patient Education and Counseling*, 48, 5-14.
- Tates, K. & Meeuwesen, L. (2000). 'Let mum have her say': Turntaking in doctor-parent-child communication. *Patient Education and Counseling*, 40, 151-162.
- Tates, K. & Meeuwesen, L. (2001). Doctor-parent-child communication: A (re)view of the literature. *Social Science and Medicine*, 52, 839-851.
- Tates, K., Meeuwesen, L., Bensing, J., & Elbers, E. (2002). Joking or decision-making? Affective and instrumental behavior in doctor-parent-child communication. *Psychology and Health*, 17 (3), 281-295.
- Tates, K., Meeuwesen, L., Elbers, E. & Bensing, J. (2002). 'I've come for his throat': Roles and identities in doctor-parent-child communication. *Child: Care, Health & Development*, 28 (1), 109-116.
- Taylor, S., Haase-Casanovas, S., Weaver, T., Kidd, J., & Garralda, E.M. (2010). Child involvement in the paediatric consultation: A qualitative study of children and carers' views. *Child: Care, Health and Development*, 36 (5), 678-685.
- United Nations Convention on the Rights of the Child (1989). Convention on the Rights of the Child. United Nations, Geneva.
- Van Dulmen, A.M. (1998). Children's contributions to pediatric outpatient encounters. *Pediatrics*, 102 (3), 563-568.
- Wassmer et al. (2004). How do paediatricians communicate with children and parents? *Acta Paediatrica*, 93, 1501-1506.
- Winter, M., Baerveldt, C. & Kooistra, J. (1999). Enabling children: Participation as a new perspective on child-health promotion. *Child: Care, Health and Development*, 25 (1), 15-25.
- Worthington, R. (2006). Standards of health care and respecting children's rights. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 99, 208-210.

**ANEXO I – Questionário Demográfico e de Informações relativas a Questões Médicas e da Consulta**

**QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO E DE INFORMAÇÕES RELATIVAS A QUESTÕES MÉDICAS E DA CONSULTA**

**Criança**

Data de Nascimento:

Sexo:

**Consulta**

Motivo da Consulta:

Frequência da consulta:

Quem acompanha a criança nas idas ao médico:

Tem doença crónica?

Se sim, qual?

Já foi hospitalizada?

Se sim, qual o motivo?

Toma medicação?

## ANEXO II – Entrevista Semi-Estruturada

### ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

#### MOMENTO 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

##### (1) Compreensão do motivo da consulta

Questões:

- Sabes porque é que vens cá hoje?
- Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?
- O que falaste sobre a razão de vires cá?

##### (2) Utilidade da consulta

Questões:

- Para que achas que serve ir ao médico?
- Quando é que as pessoas devem ir ao médico?

##### (3) Caracterização da consulta

Questões:

- O que se faz no médico?
- Quem fala com o médico?
- Como é a consulta?

## **MOMENTO 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta**

(1) Relato da consulta

Questões:

- Já acabaste a consulta? Como é que foi?

(2) Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questões:

- O que é que o médico disse?

- Há alguma coisa que vais ter que fazer?

### ANEXO III – Autorização da Comissão de Ética para a Saúde



#### Comissão de Ética para a Saúde

*Autorizado*  
23.04.2013

Exmo Senhor  
Director Clínico  
do Hospital de Faro

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO  
Presidente  
(Pedro M. H. Nunes)  
Vogal Executivo  
(Gracia Pereira)  
Vogal Executivo  
(Luís Miguel Martins)  
Entº Director  
(José Vieira Santos)

**PARECER**

*13/04/13*  
*Pedro M. H. Nunes*  
Presidente do C. A.

**Assunto: Estudo de Investigação “A Criança na Consulta de Pediatria”**

**Investigadora:** Ana Cristina Correia Sousa

Em relação ao estudo referido em epígrafe, somos de parecer favorável à realização do mesmo, uma vez que não se verificam quaisquer questões do foro ético.

Sem outro assunto, enviamos os nossos cumprimentos.

Faro, 18 de Abril de 2013

**A Comissão de Ética para a Saúde do Hospital de Faro, EPE**

*1- db - uy*  
*13/04/13*  
**HOSPITAL DE FARO E.P.E.**  
**COMISSÃO DE ÉTICA**  
*Guilherme Beça Nunes*  
*Ulrich de Jesus*

Direção Clínica  
Entrada n.º 907/2013

ANEXO IV – Autorização da Unidade de Investigação do Centro de Formação  
Investigação e Conhecimento

HOSPITAL  
DE FARO, E.P.E.

CFIC  
Unidade de Investigação

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO  
CENTRO DE FORMAÇÃO INVESTIGAÇÃO E  
CONHECIMENTO

INFORMAÇÃO

**De:** Miriam Vieira – Unidade de Investigação

**PARA:** Ex.mo Sr. Diretor do Serviço de Pediatria  
Dr. José Maio

**ASSUNTO:** Pedido de Autorização para Projecto de Investigação

Vimos por este meio solicitar parecer de V/Exa, referente ao pedido que se encontra em anexo.

Mais se informa, que este estudo de investigação decorre no âmbito do mestrado integrado em psicologia clinica e da saúde, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. A recolha de dados será realizada no serviço de Pediatria a crianças entre os 5 e os 10 anos que frequentem consultas de pediatria ou de especialidades pediátricas.

Com os melhores cumprimentos,

A Unidade de Investigação do CFIC

*Miriam Vieira*  
Miriam Vieira

**Anexos:**

- Estudo: "A Criança na Consulta de Pediatria".

**Data:** 22/01/2013

*Nada a opôr.*

O Director do Serviço  
de Pediatria  
*2013/01/25*  
Dr. José Maio

*JM's*

HOSPITAL DE FARO, E.P.E.  
Centro de Formação  
Investigação e Conhecimento  
Data: 25.1.13

## **ANEXO V – Aceitação de Colaboração a ser assinada pelo Médico Pediatra ou Médico de Família**



### **ACEITAÇÃO DE COLABORAÇÃO A SER ASSNADA PELO MÉDICO PEDIATRA OU MÉDICO DE FAMÍLIA**

O meu nome é Ana Cristina Macedo Correia de Sousa, e no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Secção Psicologia Clínica e da Saúde, estou a realizar um estudo integrado na linha de investigação em Psicologia Pediátrica com o título “A Criança na consulta de Pediatria”. Este estudo é orientado pela Doutora Margarida Custódio dos Santos, Professora convidada da Faculdade de Psicologia e responsável pela investigação.

Como enunciado no documento “Projeto – Contributos da criança para a consulta de pediatria”, que se anexa a este pedido de consentimento, pretende-se que os resultados ajudem a perceber de que forma a criança participa na consulta e entende o que é falado e recomendado no que diz respeito à sua saúde. Este conhecimento poderá trazer linhas de orientação para atuação dos profissionais de saúde na adequação do envolvimento da criança na consulta e na progressiva responsabilização pela sua saúde. Neste envolvimento incluir-se: o que esperar da criança em consulta e como entender as suas contribuições; como comunicar sobre assuntos médicos, tratamentos e recomendações; como ajudá-la a entender comportamento de promoção da sua saúde.

O estudo está dirigido, nesta fase, a crianças entre os 5 e os 12 anos e integra três momentos:

- (1) Com o conhecimento e aprovação prévios do médico pediatra ou médico de família, num primeiro momento a criança e os pais serão abordados na sala de espera. Nessa altura ser-lhes-á explicado o estudo e entregue o documento do consentimento informado. Nos casos de aceitação convidaremos a criança a fazer um desenho livre e a conversar sobre o pensa em relação à consulta que ele vai ter.
- (2) Num segundo momento proceder-se à gravação com imagem e som a consulta da criança. As imagens que serão captadas irão excluir todos os procedimentos de

observação do médico. Na realidade a camara estará fixa e apontada para a cadeira onde está criança se irá sentar. Esta filmagem estará disponível para os pais visualizarem e poderá ser anulada se após a solicitação dessa visualização os pais decidirem que não querem que o filho participe. Da mesma forma a filmagem está disponível para a visualização do médico que a permitiu e poderá ser destruída (mesmo antes da sua análise) se o médico o solicitar

(3) No terceiro momento, já após a consulta voltaremos a falar com a criança sobre a consulta e o que foi recomendado.

Como deixamos explícito a abordagem a qualquer criança ou pais passará sempre pela aprovação prévia do médico. Em todos os momentos também o médico poderá considerar que a gravação deverá ser parada ou imediatamente destruída.

Para qualquer informação adicional por favor contacte: [mmsantos@fp.ul.pt](mailto:mmsantos@fp.ul.pt)

Considero-me esclarecido e aceito colaborar no estudo. Esta aceitação na exclui a necessidade de aprovação de cada uma das situações de consulta.

Assinatura

---

## ANEXO VI – Consentimento Informado – Pais



### CONSENTIMENTO INFORMADO - Pais

O meu nome é Ana Cristina Macedo Correia de Sousa, e no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia, Secção Psicologia Clínica e da Saúde, estou a realizar um estudo integrado na linha de investigação em Psicologia Pediátrica com o título “A Criança na consulta de Pediatria”. Este estudo é orientado pela Doutora Margarida Custódio dos Santos, Professora convidada da Faculdade de Psicologia e responsável pela investigação.

O estudo tem como finalidade contribuir para a compreensão da experiência infantil da consulta médica e para a adequação do envolvimento de crianças e adolescentes na consulta de pediatria. Para isso pretendemos perceber de que forma as crianças compreendem a consulta médica e como interagem com os adultos durante essa consulta. Gostaríamos de convidar o seu filho(a) para participar e, nesse sentido, queremos esclarece-lo sobre os procedimentos do estudo

Assim, se aceitar que o seu filho participe:

- O estudo irá decorrer na consulta de Pediatria ou de Medicina Familiar e integrar três momentos
- Num primeiro momento iremos abordar o seu filho na sala de espera da consulta. Nesse momento vamos explicar-lhe o que pretendemos fazer e perguntar-lhe se ele(a) quer participar. Se a resposta for positiva vamos convidá-lo a fazer um desenho livre e vamos conversar com ele sobre o que ele pensa em relação à consulta de pediatria que ele vai ter. (esta conversa demorará mais ou menos 10m)
- Num segundo momento iremos gravar com imagem e som a consulta do seu filho(a). As imagens que serão captadas irão excluir todos os procedimentos de observação do médico. Na realidade a câmara estará fixa e apontada para a cadeira onde o seu filho se irá sentar enfrente ao médico. Esta filmagem estará disponível para os pais visualizarem e poderá ser anulada se após a solicitação dessa visualização os pais decidirem que não querem que o filho participe.
- No terceiro momento, já após a consulta voltaremos a falar com o seu filho para lhe perguntar como é que correu. (esta conversa não demorará mais do que 10m).

Queremos ainda certificá-lo que os dados serão confidenciais e apenas analisados pelos elementos da equipa de investigação. Os pais têm direito sobre as imagens podendo a qualquer altura solicitar a sua posse, ou a sua destruição. Garantimos ainda que a recusa da participação não trará qualquer consequência negativa para o seu filho e que essa recusa pode acontecer em qualquer momento da investigação.

Para qualquer informação adicional por favor contacte: [mmsantos@fp.ul.pt](mailto:mmsantos@fp.ul.pt)

Declaro que me foi explicado o estudo e que aceito que o meu filho participe:

Assinatura

---

## ANEXO VII – Transcrição das Entrevista Semi-Estruturadas

### **PARTICIPANTE 1**

#### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “Vai começar. É a primeira vez que vens aqui à consulta de psic...psicologia. Peço desculpa, à consulta de pediatria?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “É, pronto. E o que é que vieste cá fazer nesta consulta, sabes? Porque é que vens cá?”

Participante: “Não”

Entrevistador: “Não sabes porque é que vens cá? O pai e a mãe não explicaram que vinhas cá, não?”

Participante: “Não me lembro.”

Entrevistador: “Não te lembras?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Está bem, não faz mal. E hummm não falaste então com os pais sobre vires cá?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Ninguém te contou nada? Vieste ao hospital, a uma consulta e ninguém te contou nada?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Foi surpresa?”

(Pai tenta intervir e eu digo “deixe estar que é para eu perceber...”)

Participante: “Eu não me lembro que tu me contaste alguma coisa.” (a falar para o pai).

Entrevistador: “Não faz mal, não faz mal. Se não te lembras não faz mal. P’ra que é que achas que serve ir ao médico? Tens uma ideia para que é que serve?”

Participante: “Para tratarem das pessoas.”

Entrevistador: “Tratarem das pessoas? Quando?”

Participante: “Quando estão doentes.”

Entrevistador: Quando estão doentes, só quando estão doentes?

Participante: “Não me lembro.”

Entrevistador: “Então pronto, para tratar das pessoas quando estão doentes. E o que é que se faz no médico? Vais a uma consulta no médico o que é que se faz? Sabes?”

Participante: “Os médicos analisam.”

Entrevistador: “Analisam e? Analisam o quê?”

Participante: “As pessoas.”

Entrevistador: “As pessoas. E mais alguma coisa?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Quem é que fala com o médico? Durante a consulta, sabes?”

Participante: “O pai ou a mãe”.

Entrevistador: “O pai ou a mãe? Ok. E quando é que as pessoas devem ir ao médico, sabes?”

Participante: “Quando estão doentes.”

Entrevistador: “Quando estão doentes, sim?”

Participante: (Acena com a cabeça que sim)

Entrevistador: “Ok.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Então vieste da consulta não foi?”

Participante: (Acena com a cabeça que sim)

Entrevistador: “E como é que foi a consulta?”

Participante: (Encolheu os braços)

Entrevistador: “O que é que o médico te disse? Era um médico ou uma médica?”

Participante: “Médica.”

Entrevistador: “Era uma médica e o que é que ela te disse?”

Participante: “Disse que eu tenho de ir à casa de banho. Não posso beber leite e água antes de ir dormir.”

Entrevistador: “Humm humm. Então disse-te muitas coisas.”

Participante: “Sim. Mas já não me lembro dessa quantidade de coisas.”

Entrevistador: “Foi só isso que ela te disse?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “O que é que, como é que correu a consulta? O que é que fizeram lá dentro?”

Participante: “Eu tive que me despir todo. Deitei-me numa cama e elas analisaram-me. E depois perguntaram-me uma série de coisas.”

Entrevistador: “Fizeram muitas perguntas?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Lembraste de alguma delas? Ou do que é que tu respondeste a alguma delas?”

Participante: “Sim. Elas me perguntaram que... que... que o cocó sai... que eu não consigo aguentar o cocó até chegar à casa de banho. Eu disse que não.”

Entrevistador: “Humm Humm. Ok. E mais alguma coisa que te lembrás da consulta?”

Participante: “Não.”

## **PARTICIPANTE 2**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “Então pronto, é a primeira vez que vens aqui ao hospital?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? Ok. E porque é que vens cá hoje?”

Participante: “Por causa que...”

Entrevistador: “Sabes porquê? A mãe disse-te? Falaste com a mãe sobre vires cá? Ela disse-te alguma coisa, porque é que tu vinhas ao hospital hoje?”

Participante: “Ver a barriga.”

Entrevistador: “Ver a barriga? Ok. Ah... E o que é que... a mãe disse-te mais alguma coisa sobre vires cá?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Não? P’ra que é que achas que serve ir ao médico, sabes?”

Participante: “Por causa das doenças para melhorar.”

Entrevistador: “Por causa das doenças para melhorar, é? E o que é que se faz no médico? Vais para o gabinete do médico e o que é que se faz lá dentro?”

Participante: “Ele faz ver as letras.”

Entrevistador: “Faz ver as letras?”

Participante: “Ver o ouvido.”

Entrevistador: “Ver o ouvido.”

Participante: “E ver os dentes.”

Entrevistador: “E ver os dentes? Boa. E quem é que fala com o médico?”

Participante: “Ah... ah...”

Entrevistador: “És tu ou é a mãe? Quem é que responde?”

Participante: “A mãe.”

Entrevistador: “Humm... Muito bem. E quando achas que as pessoas deviam ir ao médico? Quando é que achas? Quando é que se deve ir ao médico?”

Participante: “Não sei...”

Entrevistador: “Não sabes? Achas que podes vir quando estás doentes? Quando não estás doente? Quando quiseres?”

Participante: “Quando eu estou doente.”

Entrevistador: “Quando estás doente? Então vais ao médico quando estás doente? É? ‘Tá bem.’”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Então, como é que foi a consulta? Como é que foi a consulta, conta-me? (Olha para a mãe e eu digo) A mãe não sabe. Como é que, conta lá a mim.”

Participante: “Também não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Então mas não vieste agora da consulta?”

Participante: “Vim.”

Entrevistador: “E o que é que aconteceu? Lá dentro? O que é que tu fizeste?”

Participante: “Ah...”

Entrevistador: “Estás com vergonha? Não me queres contar?”

Participante: “Eu não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Então entraste? Sentaste-te na cadeira? Foi?”

Participante: “E elas olharam-me o ouvido, a boca e a barriga.”

Entrevistador: “A barriga? Elas quem?”

Participante: “A...”

Entrevistador: “Quem é que estava lá dentro? Estavas tu, estava a mãe e mais quem? Não sabes?”

Participante: “As médicas.”

Entrevistador: “As médicas? Então vieste ao hospital para ver as médicas não foi? Então não sabias? Não sabias? Então e depois? Elas viram-te o ouvido, a boca, a barriga e o que é que aconteceu mais? Não aconteceu mais nada?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Não? E o que é que a médica disse? Ou as médicas, o que é que elas disseram? Lembraste? Não te lembras? Não te disseram nada?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Não te disseram nada? Chegaste lá e elas só tiveram a ver a boca e mais nada. Não disseram “Olá Guilherme”? Não?”

Participante P: “Disseram.”

Entrevistador: “Disseram? E que mais é que elas te disseram, lembraste?”

Participante: “Disseram adeus.”

Entrevistador: “Disseram olá e adeus. Foi só isso que elas disseram? Durante a consulta inteira, foi só isso? Só disseram olá e adeus?”

Participante: (Acena com a cabeça que sim)

Entrevistador: “E elas não te disseram alguma coisa que tinhas de fazer? No final da consulta? Não te mandaram fazer nada?”

Participante: “Não sei.”

(Mãe tenta interferir a dizer que ele não ouviu o que a médica ouviu)

Entrevistador: “Não ouviste o que a médica disse? Porque é que não ouviste o que a médica disse? O que é que tu estavas a fazer?”

Participante: “Estava... estava a ver o meu carro” (Mostra o desenho de papel de um carro).

Entrevistador: “Estavas a ver o carro? Foi por isso que não ouviste o que a médica disse? Achas que não precisavas de ouvir o que a médica estava a dizer? Quem é que ouviu o que a médica disse, foi a mãe?”

Participante: (Acena com a cabeça que sim)

Entrevistador: “É? Ok. Então não te lembras de nada nada nada nada do que a médica disse?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Não? De certeza?”

Participante: (Acena com a cabeça que não)

Entrevistador: “Não tens a certeza?”

Participante: “Tenho.”

Entrevistador: Ah! Estavas a fazer que não.

### **PARTICIPANTE 3**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá, ao hospital?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? Porque é que vens cá hoje? Sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não sabes?”

Participante: (criança acena que não com a cabeça)

Entrevistador: “De certeza? Não? Não falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires aqui? Ninguém te disse nada? A mãe disse-te assim: “Olha hoje vamos ao hospital” e tu disseste “Está bem.” Foi assim?”

Participante: (criança faz sinal de que não se lembra)

Entrevistador: “Não te lembras? Então quando é que soubeste que vinhas aqui ao hospital?”

Participante: “A mãe disse.”

Entrevistador: “A mãe disse, foi? Quando? Lembraste quando é que a mãe disse?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Não te lembras? Mas foi há pouco tempo? Foi ontem se calhar.”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: Não te lembras? Lembraste do que é que ela te disse? Disse “Oh Diogo tens de ir ao hospital com a mãe?””

Participante: “Eu não sei.”

Entrevistador: “Não te lembras?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Pronto. Então e diz-me outra coisa. Para que é que achas que serve vir ao médico? Porque é que achas que as pessoas vão ao médico?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Porque é que tu vais ao médico? Sabes porque é que tu vais?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Também não sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “E sabes o que é que se faz no médico?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Imagina agora vais para uma sala ter com a doutora não é? A doutora Patrícia. E sabes o que é que vais fazer lá dentro? Vais te sentar, na cadeira? Ou vais ficar em pé?”

Participante: “Ah... sentado.”

Entrevistador: “Sentado, e depois? Acontece alguma coisa?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O quê?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Sabes que acontece alguma coisa mas não sabes o que é.”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Então e quem é que fala com o médico?”

Participante: “A mãe.”

Entrevistador: “A mãe? Tu não falas com ela? Não falas com a mãe?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Com a médica? Agora estava distraída. Não falas com a médica?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Falas? E diz-me outra coisa, quando é que as pessoas devem ir ao médico? Sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Quando é que tu deves ir ao médico, por exemplo? Ou a mãe, quando é que a mãe deve ir ao médico?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Não? Não fazes a mínima ideia? Não? Está bem.

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Já viste da consulta não foi?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E como é que correu a consulta?”

Participante: “Boa.”

Entrevistador: “Foi boa? O que é que aconteceu na consulta?”

Participante: “Eu não posso beber bebidas e tenho de tomar uma, e tenho de beber a água toda de manhã. E tenho de ir de manhã fazer xixi à casa de banho.”

Entrevistador: “Foi isso tudo que a médica te disse?”

Participante: “E tenho de tomar um...”

Entrevistador: “E tens de tomar um medicamento? É?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Pronto.”

Participante: “E não é preciso pôr água.”

Entrevistador: “É? Não é preciso pôr água no medicamento? Não?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Boa. Foi só isso? O que é que aconteceu mais? A médica disse-te isso e antes, de ela te dizer o que é que tinhas de fazer?”

Participante: “Disse que eu tenho de fazer se faço xixi ou se não faço, ver se está seco ou se está molhado.”

Entrevistador: “Tens de fazer o quê? Desculpa, não percebi. Tens de fazer xixi, tens de ver se estás seco ou molhado?”

Participante: “Sim, porque eu depois tenho de fazer se eu faço xixi na cama ou se não faço.”

Entrevistador: “Ah! Para veres...”

Participante: “Isto” (mostra a folha da monitorização da enurese)

Entrevistador: “Ah, a médica deu-te um calendário.”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Parece um calendário e tu tens que apontar se está molhada a cama ou se não. não é?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O sol é o quê?”

Participante: “O sol é porque está seco.”

Entrevistador: “Está seco? E as nuvens é porque está molhado. É?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Muito bem. E mais, e lembraste de mais alguma coisa da consulta?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Está muito bem.”

## **PARTICIPANTE 4**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá, ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? O que é que vieste cá fazer nessa altura lembraste?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Não te lembras porque é que vieste cá nessa altura? Antes quando vieste?”

Participante: “Não me lembro.”

Entrevistador: “Não? E agora, o que é que vens cá fazer? Sabes o que é que vens cá fazer?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Então, vieste só passear com a mãe ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Então o que é que vens aqui fazer? Vens ver alguém? Vens mostrar alguma coisa a alguém?”

Participante: “Venho fazer um exame.”

Entrevistador: “Fazer um exame? É?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E falaste com os pais sobre vires cá? Ou com alguém? Ou sobre esse exame que vais fazer?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Ninguém te contou nada como é que era?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Como é que funcionava?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? E o nome do exame sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Também não sabes? Então e de outras coisas, os pais não falaram contigo porque é que vinhas ao hospital hoje, porque é que vinhas à consulta? Sem ser o exame?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não te contaram nada? Não? Então e pra que é que achas que serve ir ao médico?”

Participante: “Não sei bem.”

Entrevistador: “Não sabes? Então diz-me lá o que é que tu achas?”

Participante: “Eu não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Então e será que serve para quando estamos doentes, para quando precisamos de ajuda, não?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não, então? Para que é que serve ir ao médico? Sabes?”

Participante: “Para curar as pessoas.”

Entrevistador: “Para curar as pessoas?”

Participante: “Tratar delas.”

Entrevistador: “Tratar delas.”

Participante: “E...”

Entrevistador: “Afinal sabes muitas coisas.”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “E mais? Serve para mais alguma coisa?”

Participante: “Para quando as pessoas estão doentes, ou com febre.”

Entrevistador: “Ou com febre, muito importante. E mais alguma coisa?”

Participante: “Não me lembro de mais nada.”

Entrevistador: “Não? Mas disseste muitas coisas. E o que é que se faz no médico? Sabes?””

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Por exemplo, agora daqui a bocado a médica vai-te chamar e tu vais entrar no gabinete e sabes o que é que vais fazer lá dentro?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não? Vais entrar (mãe intervém e pergunta à criança o que é que a médica faz quando vão lá), sentas-te na cadeira, o que é que ela faz?”

Participante: “Vê o nosso corpo.”

Entrevistador: “Vê o corpo.”

Participante: “Os ouvidos.”

Entrevistador: “Os ouvidos.”

Participante: “A boca.”

Entrevistador: “A boca.”

Participante: “E não me lembro de mais nada.”

Entrevistador: “E não te lembras de mais nada? Mas já vê muita coisa. E quem é que fala com o médico na consulta?”

Participante: “A mãe.”

Entrevistador: “É a mãe? E tu não falas com a médica?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Nem fazes perguntas?”

Participante: “Às vezes.”

Entrevistador: “Às vezes? E que perguntas é que fazes, sabes? Tens alguma que lhe queiras fazer hoje, por exemplo?”

Participante: “O que é que vamos fazer..”

Entrevistador: “O que é que vão fazer, queres que ela te conte? Boa. E como é que achas que vai ser a consulta?”

Participante: “Boa.”

Entrevistador: “Vai ser boa. Muito bem. E diz-me só mais uma coisa. Quando é que achas que as pessoas devem vir ao médico?”

Participante: “Quando é alguma coisa grave, ou partem uma perna.”

Entrevistador: “Eh possas. Isso é grave, quando partem uma perna. E mais alguma coisa?”

Participante: “Não me lembro mais.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Já vieste da consulta, foi? Como é que correu a consulta?”

Participante: “Correu bem.”

Entrevistador: “Correu bem? O que é que aconteceu dentro da consulta?”

Participante: “A mãe mostrou uma (mãe completa dizendo exame), um exame e depois fui ver a barriga, os dentes e um osso que dói-me.”

Entrevistador: “E um osso que te dói?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Tu viste a barriga, os dentes, viste muita coisa então. Foi?”

Participante: “Foi.”

Entrevistador: “E o que é que a médica te disse?”

Participante: “Disse para fazer todos os dias cocó, não aguentar o xixi.”

Entrevistador: “Fazer todos os dias cocó, não aguentar o xixi.”

Participante: “Lavar os dentes.”

Entrevistador: “Lavar os dentes, que é muito importante também.”

Participante: “E depois quando for à dentista arrancar o dente.”

Entrevistador: “Arrancar o dente. E disse mais alguma coisa?”

Participante: (mãe intervém e diz “E que agora já não precisamos de vir cá, só se tiver doente) “Não precisamos de vir cá, só se tiver doente.”

Entrevistador: “Muito bem. E há alguma coisa que vais ter de fazer? Que a médica disse?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Para além de dizer isso que tu já me contaste.”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não há mais nada?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Muito bem.”

## **PARTICIPANTE 5**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá, ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? O que é que vieste cá fazer da outra vez lembras-te? Quando vieste cá.”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não, não te lembras? Então e porque é que vens cá hoje, sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não sabes porque é que vens cá?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não sabes porque é que vens ao hospital? Não? (pai intervém e diz “Vens ver o resultado dos exames.”) Não sabes porque é que vens? Não? (criança acena que não com a cabeça) Está bem. E não falaste com os pais ou com alguém sobre vires aqui ao hospital hoje?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Ninguém te disse nada? Ninguém falou contigo?”

Participante: “A mãe sim.”

Entrevistador: “A mãe? O que é que a mãe disse, lembras-te?”

Participante: “A mãe disse que eu vinha com o pai ao hospital e com a mana.”

Entrevistador: “E com a mana? E depois, não disse o que é que vocês vinham cá fazer? Não? (criança acena que não com a cabeça) Não te lembras?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Está bem. Então e para que é que achas que serve vir ao médico?”

Participante: “Para ver se está tudo bem connosco.”

Entrevistador: “Para ver se está tudo bem convosco e mais? Mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Está bem. E o que é que se faz no médico? Sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Tu agora vais ali pra consulta, não é? Entras no gabinete, sentas-te e depois? Sabes o que é que acontece?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não sabes? Então e quem é que fala com o médico?”

Participante: “O pai.”

Entrevistador: “O pai? E tu não costumavas falar com o médico?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Nem lhe fazes perguntas? Não? (criança acena que não com a cabeça) Está bem. Então e na consulta, já vimos, tu sentas-te depois o médico se calhar fala, não é? Com o pai. Disseste que o pai é que falava com o médico, e mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Nada nada? Está bem. Então e quando é que as pessoas devem ir ao médico, sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não sabes? Então e tu, vens ao médico hoje porquê?”

Participante: “Também não estou doente.”

Entrevistador: “Não estás doente? Pois, não estás doente. Mas vens fazer o quê, sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não?”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Como é que foi a consulta?”

Participante: “Foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa? O que é que aconteceu lá dentro? O que é que fizeste?”

Participante: “Eu deitei na cama.”

Entrevistador: “Deitaste-te na cama.”

Participante: “E o doutor viu-me a barriga.”

Entrevistador: “Viu-te a barriga o doutor? E mais, fez mais alguma coisa?”

Participante: (Criança acena que não)

Entrevistador: “E o que é que ele disse? Lembras-te do que é que ele disse?”

Participante: “Disse que estava boa.”

Entrevistador: “Estava boa.”

Participante: “Sim, que não podia aguentar o xixi.”

Entrevistador: “Não podias aguentar o xixi? Foi só isso que ele disse?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Não disse mais?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não aconteceu mais nada na consulta só te viu a barriga?”

Participante: “Sim e também fez-me algumas perguntas.”

Entrevistador: “Foi? E lembras-te que perguntas é que foram?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Não te lembras? Está bem!”

## **PARTICIPANTE 6**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá, ao hospital?”

Participante: “É.”

Entrevistador: “É? (Avó intervém e diz “Não. Não é filha já é a segunda”) Não faz mal, já não te lembravas que já tinhas vindo cá? (Avó continua “É a segunda vez filha.”)

Participante: “É a segunda vez.”

Entrevistador: “É a segunda vez? E lembraste porque é que vieste cá antes?”

Participante: “Porque vim fazer uma consulta e depois vim fazer um raio-x.”

Entrevistador: “Ah, uma consulta e um raio-x. Muita coisa. E porque é que vens cá hoje, sabes?”

Participante: “Para fazer consulta.”

Entrevistador: “Para fazer a consulta? Muito bem. E falaste com os pais ou com a avó ou com o tio ou com alguém sobre tu vires cá? Alguém te contou alguma coisa, o que é que tu vinhas cá fazer?”

Participante: “Sim a avó disse que vinha.”

Entrevistador: “E o que é que a avó, a avó disse mais alguma coisa? Disse-te o que é que tu vinhas fazer?”

Participante: “Eu disse à avó “Avó o que é que vamos fazer ao hospital?” e ela disse que vinha... (avó completa “Mostrar o exame que fizeste.”) mostrar o exame que fiz.”

Entrevistador: “Já não te lembravas? Já não te lembravas porque é que tinhas ido? Já não? (criança acena que não com a cabeça) Não faz mal. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve ir ao médico? Quando tu vais ao médico pra que é que serve? Para que é que serve o médico, sabes?”

Participante: “Para tratar de nós.”

Entrevistador: “Para tratar de nós. Boa. E para mais alguma coisa? Para quê? Achas que serve para mais alguma coisa? Para tratar de nós, nós quem? As pessoas todas, não é? E o pediatra é para todas as pessoas?”

Participante: “Hum” (acena que não com a cabeça)

Entrevistador: “É para quem? Para as crianças, não é? (criança acena que sim com a cabeça) Boa. E sabes o que é que se faz no médico? O que é que se faz no médico?”

Participante: “Às vezes podemos fazer picas.”

Entrevistador: “Picas, mais? Quando vais a uma consulta por exemplo? Agora vais ali para o gabinete, vais-te sentar, não é? E depois, o que é que vai acontecer? O que é que acontece?”

Participante: “Tratam de nós.”

Entrevistador: “Tratam de ti. Mas o que é que acontece lá dentro, sabes? Tu já foste a uma, pelo menos. Lembras-te do que é que acontece lá dentro. Tu entras, sentas-te na cadeira, não é? Ou ficas em pé?”

Participante: “Na cadeira.”

Entrevistador: “Na cadeira. E depois?”

Participante: “E depois faço algumas perguntas.”

Entrevistador: “Tu fazes algumas perguntas?”

Participante: “E depois, ah...”

Entrevistador: “E que perguntas é que fazes?”

Participante: “Às vezes a médica diz para eu dizer o que é faço por causa da bexiga e depois eu pergunto.”

Entrevistador: “O médico faz-te perguntas e depois tu perguntas a ele também?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E lembras-te de alguma coisa que tenhas perguntado?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Que te tenha preocupado? Que tu quisesses saber?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Não faz mal. E quem é que fala com o médico nas consultas?”

Participante: “Às vezes sou eu, a minha avó e a minha mãe.”

Entrevistador: “Às vezes és tu, a avó e a mãe. E quando é que as pessoas devem ir ao médico, sabes?”

Participante: “Vezes e vezes.”

Entrevistador: “Quando quiserem, é isso que queres dizer?”

Participante: “Quando tiverem consulta.”

Entrevistador: “Quando tiverem consulta, pois. Isso é muito importante ter consulta para vir ao médico. Mas porque é que vêm ao médico?”

Participante: (avó intervém e diz “Porque estão...”) “Doentes.”

Entrevistador: “Doentes? E é só vêm ao médico quando estão doentes? Só mesmo quando estão doentes? O que é que tu achas? Sim ou não? Ou não sabes? Achas que só vêm ao médico quando estão doentes? Tu só vens ao médico quando estás doente?”

Participante: “Às vezes não.”

Entrevistador: “Às vezes não, não é? Às vezes também quando não estás doente, quando tens uma consulta como disseste à bocado também vens ao médico.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Então já vieste da consulta, não foi?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E como é que correu a consulta?”

Participante: “Bem.”

Entrevistador: “Bem? Como é que foi?”

Participante: “Foi gira.”

Entrevistador: “Gira? O que é que aconteceu na consulta?”

Participante: “O doutor disse como é que eu limpava o cocó e disse que passava de trás e depois como é que eu limpava o xixi e limpava de frente para trás. E depois, deitei-

me na cama e depois fui deitei na cama e depois eu abri as pernas para ver o que é que eu tinha. Depois ele disse disse que levantava que depois quando eu ser grande isto ia começar mais vermelho.”

Entrevistador: “É? Pois. E ele disse alguma coisa que tu tinhas de fazer?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Não disse nada para tu fazeres em casa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Ou ires comprar algum medicamento?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não disse nada? Não? Então o que é eu ele disse depois no final?”

Participante: “No final ele disse que, a minha avó disse daquilo que nós tínhamos de fazer assim um copinho e depois fazer xixi mas o doutor disse que não era em casa que tínhamos feito, devia ter feito do hospital, acho que era.”

Entrevistador: “No hospital. Ok. Então ele não te mandou fazer nada?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Foi só a consulta e tava tudo bem então contigo.”

Participante: “Sim.”

## **PARTICIPANTE 7**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “É?”

Participante: “Ai não, não!”

Entrevistador: “Não?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Então? Já vieste cá outras vezes?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? E o que é que vieste cá fazer nessa altura, lembras-te? Porque é que vieste cá dessas vezes?”

Participante: “Porque me doía a barriga.”

Entrevistador: “Porque te doía a barriga? Muito bem. Estavas doentinho então? Era?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Pronto. E porque é que vens cá hoje?”

Participante: “Porque me dói a barriga.”

Entrevistador: “Dói-te a barriga outra vez? ‘Tá bem. E falaste com os pais ou com alguém sobre vires cá?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? E o que é que eles te disseram?”

Participante: “Disseram que iam... iam marcar uma consulta.”

Entrevistador: “E disseram-te porquê?”

Participante: “Porque me doía a barriga.”

Entrevistador: “Porque te doía a barriga? Muito bem. E diz-me outra coisa, porque é que achas que se deve vir ao médico?”

Participante: “Para curar... para as pessoas ficarem curadas.”

Entrevistador: “Para as pessoas ficarem curadas? Muito bem. E achas que serve para mais alguma coisa?”

Participante: “Para ficarem boas.”

Entrevistador: “Para ficarem boas. Muito bem. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “No médico ajuda-se as pessoas que estão doentes.”

Entrevistador: “Ajuda-se as pessoas que estão doentes. E quem é que fala com o médico nas consultas, sabes?”

Participante: “Os adultos.”

Entrevistador: “Os adultos? Tu não costumavas falar com o médico nas consultas?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? Dizes alguma coisa, ou fazes perguntas?”

Participante: “Perguntas não, mas digo alguma coisa.”

Entrevistador: “Dizes alguma coisa? Mas achas que é mais os adultos que falam com os médicos? É? A mãe, por exemplo. Hoje vem a mãe achas que é a mãe que fala mais com o médico?”

Participante: “Vem sempre a mãe.”

Entrevistador: “É sempre? Então achas que é a mãe que fala mais com o médico? Muito bem. E como é que é a consulta, sabes-me dizer? Entras na sala, sentas-te na cadeira ou ficas em pé?”

Participante: “Sento-me na cadeira.”

Entrevistador: “Sentas-te na cadeira e depois? O que é que acontece?”

Participante: “E depois o médico pergunta o que é que temos.”

Entrevistador: “E mais?”

Participante: “E depois trata.”

Entrevistador: “E depois trata? E mais alguma coisa? Não? Muito bem. E a última pergunta, quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando estão doentes.”

Entrevistador: “Quando estão doentes? Só quando estão doentes?”

Participante: “E quando se magoam.”

Entrevistador: “E quando se magoam. Só nessas situações?”

Participante: “Sim.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Como é que correu a consulta?”

Participante: “Bem.”

Entrevistador: “Correu bem? E como é que foi? O que é que aconteceu?”

Participante: “Sentiam-me a barriga.”

Entrevistador: “Sentiam-te a barriga? Mexeram-te na barriga foi? E mais alguma coisa?”

Participante: “E sentiram cocó.”

Entrevistador: “E sentiram cocó. Apertaram-te a barriga assim muito foi?”

Participante: “Fizeram assim (aperta a barriga com as mãos)”

Entrevistador: “Foi? E fizeram mais alguma coisa ou foi só a barriga?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Foi? Ok. E o que é que a médica, neste caso é a médica, o que é que a médica disse?”

Participante: “Disse que não era a bactéria.”

Entrevistador: “Que não era a bactéria? Foi só isso que ela disse, não disse mais nada? E ela mandou-te fazer alguma coisa, há alguma coisa que tens de fazer?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O quê?”

Participante: “Pôr um pó no iogurte ou no sumo para eu beber.”

Entrevistador: “Pôr um quê? Desculpa, não percebi.”

Participante: “Um pó.”

Entrevistador: “Ah um pó no iogurte ou no sumo para tu beberes, foi? Todos os dias? Lembras-te?”

Participante: “Não disse. Eu acho que não disse todos os dias.”

Entrevistador: “Não, era só de vez em quando. Ela disse à mãe foi?”

Participante: (Criança acena que sim com a cabeça)

Entrevistador: “Foi? ‘Tá bem. E a médica disse mais alguma coisa que tinhas de fazer? Não disse mais alguma coisa durante a consulta?”

Participante: “Disse que tinha de fazer cocó para um frasquinho.”

Entrevistador: “Para quê, sabes para quê?”

Participante: “É para analisarem o cocó.”

Entrevistador: “Muito bem. Para fazerem análises ao cocó. E mais alguma coisa? Lembras-te de mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

## **PARTICIPANTE 8**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? E porque é que vens cá hoje? Sabes? Não sabes? Não sabes o que é que vens fazer ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Quem é que vens ver no hospital, sabes?”

Participante: “Sei.”

Entrevistador: “Quem? Quem é que vens ver? Não sabes? Não? Está bem. Não falaste com os pais ou com alguém sobre vires aqui ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Ninguém te contou nada? Disseram só “Olha hoje vamos ao hospital.” Não te disseram porquê? Não? Ninguém te disse? Ninguém, ninguém? Está bem. E porque é que achas que serve ir ao médico?”

Participante: “Para quando se está doente.”

Entrevistador: “Quando se está doente? Só? É? Está bem. E o que é que se faz no médico, sabes? Não? E quem é que fala com o médico sabes quem é? Também não sabes quem fala com o médico? Sabes como é uma consulta no médico? Como é que é? Entras na sala e depois? Ficas em pé?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Nunca foste a uma consulta no médico?”

Participante: “Já.”

Entrevistador: “Já? E como é que foi essa consulta? Lembras-te? Não te lembras? Não? Então e quando é que as pessoas devem ir ao médico, sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Também não? Também não sabes?”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Já acabaste a consulta?”

Participante: “Já.”

Entrevistador: “Vieste agora de lá? Como é que foi? Como é que foi a consulta? Correu bem?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? E o que é que aconteceu lá?”

Participante: “Tive a ouvir o coração.”

Entrevistador: “Tiveste a ouvir o coração? Boa e mais?”

Participante: “Sim. E...”

Entrevistador: “E que mais? O que é que fizeram mais lá dentro? Não te lembras? E mais? Foi só isso?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Então que mais?”

Participante: “Tive a ver o cabelo.”

Entrevistador: “A ver o cabelo. Mais?”

Participante: “E mais nada.”

Experimentador: “E mais nada? Está bem. E o que é que o médico disse, a médica? O que é que a médica disse?”

Participante: “Disse que eu estava boa.”

Experimentador: “Disse que tu estavas boa? E mais? Disse mais alguma coisa? O quê? Não te lembras?”

Participante: “Que eu saiba ele não disse mais nada.”

Experimentador: “Não disse mais nada, só disse isso?”

Participante: “Sim.”

Experimentador: “Está bem. E há alguma coisa que vais ter que fazer?”

Participante: “Não.”

Experimentador: “Não? A médica não disse nada para tu fazeres? Em casa? Não? E não disse mais nada? Não? Está bem.”

## **PARTICIPANTE 9**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá?”

Participante: “Por acaso até sim.”

Entrevistador: “É?”

Participante: “Aqui nesta sala sim.”

Entrevistador: “Não, e aqui no hospital é a primeira vez que vens cá?”

Participante: “Ah! Não.”

Entrevistador: “Não? E lembras-te o que vieste fazer da última vez que vieste cá?”

Participante: “Como é que ele se chamava? (dirige-se ao pai) O doutor?”

Entrevistador: “Vieste ver um doutor, foi?”

Participante: “Não, antes! O dantes. Eu tinha um doutor antes.”

Entrevistador: “Tinhas um doutor antes aqui no hospital? Sim? E costumavas ser atendido por ele, era ele que te via?”

Participante: “Era por causa que uma vez fui tão tortos.”

Entrevistador: “Porque uma vez o quê? Não percebi.”

Participante: “Os dedos estão tortos.”

Entrevistador: “Ah! Os dedos estavam tortos. Os dedos das mãos?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Dos pés?”

Participante: “E ainda estão.”

Entrevistador: “E hoje, sabes porque é que vens cá hoje? Não? Não sabes porque é que vens cá hoje?”

Participante: “Ah! Para parar de fazer xixi.”

Entrevistador: “Para parares de fazer xixi? É? Mas para parares assim sempre de fazer xixi ou alguma situação?”

Participante: “Para sempre.”

Entrevistador: “Costumas fazer xixi há noite é? Ou a brincares esqueces-te que fazes xixi, é? É isso? Está bem. E falaste com os pais ou com alguém sobre vires aqui? Ao hospital? Alguém te disse alguma coisa?”

Participante: “O quê?”

Entrevistador: “Se falaste com a mãe ou com o pai sobre vires aqui ao hospital?”

Participante: “Com a mãe falei.”

Entrevistador: “Falou? Foi a mãe que contou que vinhas? E o que é que ela disse, lembras-te?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não?”

Participante: “Estamos em que fase?”

Entrevistador: “Estamos aqui.”

Participante: “Ainda?”

Entrevistador: “Ainda. E o que é que...lembras-te de a mãe te ter dito alguma coisa sobre vires cá, sobre porque é que vinhas cá? Não te lembras de nada que a mãe tenha contado?”

Participante: “O quê?”

Entrevistador: “Se te lembras de alguma coisa que a mãe contou, sobre vires cá.”

Participante: “Sei lá eu.”

Entrevistador: “Não te lembras? Não? Está bem. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve vir ao médico?”

Participante: “Para ajudar a curar os doentes.”

Entrevistador: “Para ajudar a curar os doentes? E para mais alguma coisa? Não sabes? Não? É só para isso?”

Participante: “Não me lembro.”

Entrevistador: “Não te lembras? Está bem. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “Estamos a onde?”

Entrevistador: “Estamos aqui agora, estamos quase a acabar. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “Cura-se os doentes.”

Entrevistador: “Cura-se os doentes? Mas e na consulta, como é que é a consulta?”

Participante: “Consulta.”

Entrevistador: “Vais agora, por exemplo, agora vais ali pro gabinete da Dra. Patrícia, sabias que ela se chamava Patrícia? Sabias?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? E agora vais lá para dentro, vais entrar, sentas-te na cadeira e depois? O que é que acontece? Não sabes? Conversam. Ela examina-te. Não sabes? Rodrigo? Rafael, peço desculpa. Rafael. Olha, olha para mim. Sabes o que é que acontece na consulta? Tens de responder primeiro a esta pergunta depois dou-te a folha para veres a próxima. O que é que acontece lá dentro? O que é que acontece na consulta?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? E quem é que fala com o médico na consulta?”

Participante: “Os pais.”

Entrevistador: “Os pais? E tu, às vezes falas? É? E o que é que dizes aos médicos?”

Participante: “Que às vezes tenho uma dor.”

Entrevistador: “Dizes o que é que tu sentes é? Muito bem. E diz-me outra coisa, quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando estão doentes.”

Entrevistador: “Quando estão doentes? Só quando estão doentes?”

Participante: “O quê?”

Entrevistador: “Só quando estão doentes?”

Participante: “Sim.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Conta-me lá como é que foi a consulta.”

Participante: “Bem.”

Entrevistador: “Foi bem? O que é que aconteceu na consulta?”

Participante: “Viram-me a barriga e disseram-me para eu fazer sempre xixi.”

Entrevistador: “Viram-te a barriga e disseram-te...”

Participante: “E beber água.”

Entrevistador: “E beber água, muito importante. Ok. (mãe interfere e diz: “De dia.”) De dia, e à noite?”

Participante: “À noite não.”

Entrevistador: “Há noite não. Ok. E o médico disse mais alguma coisa?”

Participante: “O médico ou a médica?”

Entrevistador: “A médica, era a médica. Mas estavam lá três não era?”

Participante: “Sim. Havia duas raparigas e um...”

Entrevistador: “Duas raparigas e um rapaz.”

Participante: “Rapaz”.

Entrevistador: “Pois é. E elas disseram mais alguma coisa?”

Participante: “Sei lá eu.”

Entrevistador: “Não? Sabes lá tu? Tu é que estavas lá dentro, eu não sei.”

Participante: “A mãe também sabe.”

Entrevistador: “Mas eu não estou a perguntar à mãe, estou a perguntar a ti. Já não te lembras?”

Participante: “Sim, já não me lembro.”

Entrevistador: “Pronto, está bem. E há alguma coisa que vais ter de fazer? A médica disse-te para fazeres alguma coisa em casa? Disse-te para fazeres alguma coisa?”

Participante: “Ah... beber água.”

Entrevistador: “Beber água. Só? Não te lembras de mais? Não? Está bem, não faz mal.”

## **PARTICIPANTE 10**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital? (criança acena que não com a cabeça) Não? O que é que vieste fazer na última vez que vieste cá, lembras-te? (criança acena que não com a cabeça) Não. Já foi há muito tempo? (criança acena que sim) E hoje porque é que vens cá?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Não falaste com a mãe sobre vires cá? A mãe não te disse porque é que vinhas cá? Não? Disse-te só que vinhas ao hospital e pronto? Está bem. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve vir ao médico?”

Participante: “Para ter a saúde boa.”

Entrevistador: “Para ter a saúde boa? Muito bem. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “Trata-se das pessoas.”

Entrevistador: “Hum... Ok. E quem é que fala com o médico?”

Participante: “Os clientes.”

Entrevistador: “Por exemplo na tua consulta quem é que fala com o médico? És tu ou é a mãe? Ou são os dois?”

Participante: “Os dois.”

Entrevistador: “Os dois? Ok. Muito bem. E achas que fala mais a mãe ou falas mais tu na consulta?”

Participante: “A mãe.”

Entrevistador: “A mãe? E como é que é a consulta? Tu entras, ficas de pé...?”

Participante: “Entro e sento-me.”

Entrevistador: “Entras e sentas-te e depois? O que é que acontece?”

Participante: “Levanto-me.”

Entrevistador: “Levantas-te para quê?”

Participante: “Para fazer aquele coiso assim (imita auscultação).”

Entrevistador: “Para fazer um exame, auscultar. E o que é que acontece mais na consulta?”

Participante: “Acho que é para fazer aquele coiso assim (aponta para os ouvidos).”

Entrevistador: “Vêem os ouvidos.”

Participante: “E a ver a garganta.”

Entrevistador: “Ver a garganta. Muito bem. Muitas coisas. E mais alguma coisa que se faz?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não? está bem. E quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando estão doentes.”

Entrevistador: “Quando estão doentes. Só quando estão doentes?”

Participante: “Não, quando precisam de uma consulta ou de uns exames.”

Entrevistador: “Quando precisam de uma consulta ou de uns exames. Muito bem.”

Participante: “Ou quando precisam de ficar internados.”

Entrevistador: “Quando precisam de ficar internados. Está bem.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Vieste agora da consulta não foi? E como é que correu?”

Participante: “Bem.”

Entrevistador: “Correu bem. O que é que acontece lá na consulta?”

Participante: “Tive a ver os ouvidos, a garganta.”

Entrevistador: “Foste ver os ouvidos, a garganta. E mais?”

Participante: “Ver este coisinho que tenho aqui. Os bicos.”

Entrevistador: “OS bicos. Está bem. E o que é que a médica disse?”

Participante: “Isso já não sei. Isso já não me lembro.”

Entrevistador: “Não te lembras do que é que ela disse?”

Participante: “Para beber muita água e lavar os dentes todos, todos, todos, todos, todos os dias.”

Entrevistador: “Todos os dias. É muito importante. E há alguma coisa que vais ter que fazer? A médica mandou-te fazer alguma coisa? Não?”

Participante: “Ah sim.”

Entrevistador: “O quê?”

Participante: “Beber água e lavar os dentes, outra vez.”

## **PARTICIPANTE 11**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital? (acena com a cabeça que sim) É?”

Participante: “É.”

Entrevistador: “E porque é que vens cá hoje, sabes?”

Participante: “Sei.”

Entrevistador: “Sabes? Então o que é que vens cá fazer? Vens fazer o quê? (criança brinca) Vens brincar? (acena que sim com a cabeça) Ai vens para o hospital para brincar?”

Participante: “Não, dói-me a garganta.”

Entrevistador: “Ai dói-te a garganta? Oh possas. E falaste com o pai ou com alguém sobre vires aqui ao hospital? Alguém te contou alguma coisa?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O que é que te disseram, lembras-te?”

Participante: “A minha mamã velhota disse que eu só ia ao hospital, o meu pai disse que era só hoje que eu ia ao hospital.”

Entrevistador: “A mãe e o pai disseram que era hoje que vinhas ao hospital? Foi? E disseram-te o que é que tu vinhas cá fazer?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E não te disseram mais nada? Só foi isso?”

Participante: “Não!”

Entrevistador: “Não? Pronto. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve vir ao médico?”

Participante: “Humm?”

Entrevistador: “Para que é que achas que serve vir ao médico? Para que é que serve? Vamos ao médico para quê?”

Participante: “Para tratar das pessoas.”

Entrevistador: “Para tratar das pessoas. Muito bem. E o que é que se faz no médico, sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? E nas consultas no médico sabes?”

Participante: “Também não.”

Entrevistador: “Também não? E sabes quem é que fala com o médico?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Quem?”

Participante: “Os papás ou as avós.”

Entrevistador: “Os papás ou as avós? E tu, não falas com o médico? “

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Falas? Quando?”

Participante: “Quando lá vou.”

Entrevistador: “Quando vais lá? Pois. Isso é verdade. E dizes alguma coisa, lembras-te o que é que costumavas dizer?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O quê?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não te lembras?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Está bem. E como é que é a consulta sabes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Também não? E a última pergunta, sabes quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Não.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

E – “Como é que correu a consulta?”

P – “Bem.”

E – “Correu bem? O que é que o médico disse na consulta? Não disse nada? Ficou calado a consulta inteira? Não acredito. Não te lembras? Está bem. E ele disse-te alguma coisa que tu tinhas de fazer? Em casa. Se tinhas de tomar alguma coisa? Nada nada nada? Não te lembras de nada nada nada do que ele disse?”

P – “Não disse a mim. Só disse ao meu pai e à minha mamã.”

E – “Só disse ao pai e à mamã? Então e tu não ouviste? Ouviste mas não te lembras é?”

## **PARTICIPANTE 12**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “Aqui não. É a segunda.”

Entrevistador: “Não, é a segunda? Então e o que é que vieste fazer da ultima vez que vieste cá lembras-te?”

Participante: “Vim tirar sangue.”

Entrevistador: “Vieste tirar sangue? E porque é que vens cá hoje?”

Participante: “Acho que é para ver as análises da asma.”

Entrevistador: “Para ver as análises da asma. Muito bem. E falaste com os pais sobre vires cá ou com outra pessoa?”

Participante: “Ah... não.”

Entrevistador: “Falaste com alguém? Não. A mãe ou o pai não te explicaram que vinhas cá?”

Participante: “Explicaram de manhã.”

Entrevistador: “E o que é que eles te disseram, lembras-te?”

Participante: “Disseram que, a minha mãe disse que eu vinha ver as análises.”

Entrevistador: “Vinhas ver as análises da asma. Está bem. E para que é que achas que serve vir ao médico?”

Participante: “Para ver o que as pessoas têm.”

Entrevistador: “Para ver o que é que as pessoas têm. E para mais alguma coisa?”

Participante: “Para quando dói alguma coisa às pessoas.”

Entrevistador: “Que coisa?”

Participante: “Por exemplo, se a pessoa tiver a vomitar ou sentir-se mal.”

Entrevistador: “Se vomitar ou se sentir mal? Boa. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “Eles tratem as pessoas.”

Entrevistador: “Tratam as pessoas.”

Participante: “Fazem coisas para as pessoas irem para casa e não ficarem aqui no hospital a dormir.”

Entrevistador: “Pois é. E mais?”

Participante: “Dão vacinas.”

Entrevistador: “Dão vacinas. E mais?”

Participante: “Vêem o coração, para ver se está a bater ou não.”

Entrevistador: “Mas é muitas coisas então. E quem é que fala com o médico?”

Participante: “É os pais.”

Entrevistador: “Os pais. E tu nunca falaste com o médico?”

Participante: “Eu não me lembro.”

Entrevistador: “Já não te lembras, está bem. E como é que é a consulta? Sabes? Tu agora vais para o gabinete do doutor, não é? Como é que é a consulta? Como é que vai ser a consulta, sabes?”

Participante: “Não. Acho que vão-me ver a barriga. Vão ver o coração. Vão falar com a mãe.”

Entrevistador: “E vão falar com a mãe. E mais alguma coisa? Não? Muito bem. E a última pergunta, quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando estão-se a sentir mal ou quando dói alguma coisa, ou quando não estão a respirar muito bem.”

Entrevistador: “Muito bem.”

Participante: “No caso de eu, quando estou a correr.”

Entrevistador: “Quando estás a correr ficas com dificuldade em respirar é? Depois costumavas vir ao médico?”

Participante: “Sim, muitas. Houve uma vez que eu fui a uma festa, não conseguia respirar, a minha mãe levou-me logo aqui ao hospital. Ali à urgência.”

Entrevistador: “Depois foi à urgência. Quando é assim muito rápido tem de se ir à urgência.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Como é que foi a consulta?”

Participante: “Foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa? O que é que aconteceu?”

Participante: “A consulta de agora?”

Entrevistador: “Sim a tua de agora.”

Participante: “Sim, foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa? E o que é que aconteceu na consulta?”

Participante: “O médico teve a dizer as coisas que eu não posso estar ao pé porque se não depois coiso no nariz.”

Entrevistador: “O que é que ele disse melhor, para não estares ao pé do quê?”

Participante: “Das árvores.”

Entrevistador: “Das árvores.”

Participante: “Das árvores. Não sei, porque eu não ouvi. Só sei é que é das árvores e de qualquer coisa dos cães e dos gatos.”

Entrevistador: “Ele disse-te coisas que tu devias evitar, era isso? Por causa da tua respiração? Foi? E disse-te alguma coisa que tu tinhas de fazer?”

Participante: “Não. Disse que eu tinha de ir ver da pele por causa do cão e da pele.”

Entrevistador: “É para tu fazeres uns testes para veres as alergias, se calhar deve ser isso.”

(...)

Entrevistador: “Não te lembras do que é que fizeram lá dentro?”

Participante: “Lembro.”

Entrevistador: “Então diz-me lá.”

Participante: “Eles estiveram, o médico”

Entrevistador: “Eles quem?”

Participante: “O médico.”

Entrevistador: “O médico e mais quem? Disseste eles.”

Participante: “O médico disse que eu tinha de fazer essa consulta que...disse muitas coisas à minha mãe, eu não ouvi.”

Entrevistador: “Não ouviste? Porque é que não ouviste?”

Participante: “Porque estava com a minha mana e tava”

Entrevistador: “Tavas a brincar com a mana?”

Participante: “Tava a brincar com as pulseiras.”

Entrevistador: “Ah. Estavas distraída então?”

Participante: “Tava.”

Entrevistador: “Deixaste ser a mãe que falasse com o médico foi?”

Participante: “Sim para não interromper.”

Entrevistador: “E porque é que não querias, não querias interromper era?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Porque é que não querias interromper?”

Participante: “Porque é muito feio interromper as pessoas.”

Entrevistador: “É? Então deixavas a mãe e o médico falar era? E nunca falaste com o médico durante a consulta? Se ele te fez perguntas?”

Participante: “Sim. Só disse quando está assim muito calor e eu não consigo respirar. Como agora.”

Entrevistador: “Foste tu que disseste isso? Quando está muito calor tens dificuldade em respirar? Boa. E o que é que ele te respondeu?”

Participante: “Ele não disse nada, continuou a falar.”

Entrevistador: “Continuou a falar. Está bem.”

## **PARTICIPANTE 13**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital? Não? (A criança pergunta à mãe se é a primeira vez que vai ao hospital e a mãe responde que não) Lembras-te do que é que vieste cá fazer da última vez que vieste?”

Participante: “Doía-me os ouvidos e a barriga.”

Entrevistador: “Doía-te os ouvidos e a barriga? Oh possas.”

Participante: (mãe intervém e diz: “Não foi por isso filho. Porque é que tu vieste cá às consultas aqui? Porque fazias xixi na cama, não é?”)

Entrevistador: “E porque é que vens cá hoje?”

Participante: (mãe intervém e diz “Hoje vem, diz lá porque é que vens?”)

Entrevistador: “Sabes porque é que vens cá hoje? Não sabes? Não faz mal.”

Participante: “Queria vir aqui mais vezes.”

Entrevistador: “Gostas de vir ao hospital? Porquê? Para fazer desenhos? Boa. E diz-me uma coisa, não falaste com os pais sobre virem cá ou com outra pessoa sobre vires ao hospital?”

Participante: “Acho que se calhar levo desenhos para casa.”

Entrevistador: “O quê? Podes levar os desenhos para casa.”

Participante: “Amanhã tenho escola.”

Entrevistador: “Tens? Então mas fazes depois da escola. Mas diz-me lá uma coisa, não falaste com os pais sobre virem cá?”

Participante: “O quê?”

Entrevistador: “Se falaste com os pais sobre virem cá? Não te lembras? Se eles te disseram alguma coisa de vires ao hospital hoje?”

Participante: “A mãe é que tinha dito.”

Entrevistador: “A mãe é que disse? E não te explicou porquê? Não te lembras? E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve ir ao médico? Não sabes para que é que serve ir ao médico? Não? Porque é que tu vais ao médico?”

Participante: “Para curar.”

Entrevistador: “Para curar. Boa. E o que é que se faz no médico, sabes? Também não? E quem é que fala com o médico? És tu que falas com o médico?”

Participante: “A mãe e o pai.”

Entrevistador: “A mãe e o pai. E tu costumavas falar com o médico?”

Participante: (Mãe diz “Então agora já sabes dizer onde é que dói, onde é que não dói.”)

Entrevistador: “Costumas, Vicentes, olha, costumavas falar com o médico? Costumas? E o que é que tu lhe dizes?”

Participante: “Digo o que é que dói.”

Entrevistador: “Dizes o que dói? E como é que é a consulta? Sabes como é que é a consulta? Não te lembras como é que foi a tua última consulta? Não te lembras? Não? E quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando dói isso.”

Entrevistador: “Quando dói isso? Isso o quê? Quando lhes dói alguma coisa? É? Está bem.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Então e conta-me lá, já vieste da consulta não foi? De onde é que tu vieste agora? Foi da consulta.”

Participante: “Sim, da consulta.”

Entrevistador: “E como é que foi? Como é que foi a consulta?”

Participante: “Ah...foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa? O que é que o médico disse, a médica? Lembras-te do que é que ela disse? Não? E lembras-te se ela disse alguma coisa que tu tinhas de fazer? Em casa...”

Participante: “Disse alguma coisa?” (pergunta à mãe)

Entrevistador: “Estou a perguntar a ti. Não te lembras? Eu quero saber se tu te lembras. Não? Não? Não te lembras de nada nada nada do que ela, ela disse olá. Olá Vicente. Disse, não disse? E mais alguma coisa?”

Participante: “Disse porque eu não gosto da escola porque tenho saudades da mãe e do pai.”

Entrevistador: “E que mais? Isso foi ela que disse ou foste tu que disseste?”

Participante: “Não fui...ela é que...eu é que disse.”

Entrevistador: “Ela perguntou se tu gostavas da escola e tu respondeste isso foi?”

Participante: “Só gosto mais ou menos.”

Entrevistador: “E mais alguma coisa que ela te tenha dito lembras-te?”

Participante: “Onde é que você mora?”

Entrevistador: “Eu? Em Loulé.”

Participante: “Sim. Mas podes... Eu moro em Boliqueime.”

Entrevistador: “Sim.”

Participante: “E se eu quiser visitar posso ir?”

Entrevistador: “Olha eu pra semana estou cá outra vez no hospital se quiseres vir aqui ver-me. Vens fazer uns desenhos.”

Participante: “Não. É para eu jogar jogos.”

Entrevistador: “Está bem, pode ser que nós nos encontremos. E se nos encontrarmos...”

Participante: “Já está tudo?”

Entrevistador: “Pois eu queria que tu me disseses mais alguma coisa que a médica disse. Mais alguma coisa, se te lembravas.”

Participante: (mãe interfere e diz “Viu a barriga. Viu mais? Os ouvidos. Viu o quê mais?”) “O coração. A boca.” (Mãe intervém outra vez “E disse o quê? Disse que tu tavas...?”) “Bem.”

Entrevistador: “Vês é preciso a mãe lembrar”

Participante: “Mas já me podes mostrar jogos?”

Entrevistador: “Então pronto, não me queres contar mais nada? Não?”

## **PARTICIPANTE 14**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital? Sim? E o que é que vens cá fazer hoje, sabes? Porque é que vens cá? Vens a uma consulta, não é? E o que é que vens fazer à consulta, sabes?”

Participante: “Venho ver a tensão alta.”

Entrevistador: “Vieste medir a tensão? E falaste com os pais ou com alguém sobre vires cá? Alguém que te falou sobre isso?”

Participante: “Com a minha mãe.”

Entrevistador: “Com a mãe? E o que é que a mãe disse, lembras-te? Qual é que era a razão de vires cá?”

Participante: “Para vir ver a tensão.”

Entrevistador: “Foi? Muito bem. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve vir ao médico? Para que é que serve vir ao médico?”

Participante: “Pra gente melhorar.”

Entrevistador: “Melhorar do quê?”

Participante: “Das doenças.”

Entrevistador: “Das doenças. Mais alguma coisa? Serve para mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Está bem. E o que é que se faz no médico? Sabes o que é que se faz?”

Participante: “Ajuda as crianças.”

Entrevistador: “Ajuda as crianças e mais alguma coisa? Não? Está bem. E quem é que fala com o médico?”

Participante: “As crianças e as mães.”

Entrevistador: “As crianças e as mães. Tu costumavas falar com o médico? É? E o que é que lhe dizes? Lembras-te? Que tipo de coisas é que lhe dizes? Sobre o quê? Dizes-lhe olá quando tu entras. É? E depois? O que é que lhe costumavas dizer?”

Participante: “Digo que durmo mal.”

Entrevistador: “Mais alguma coisa? Não? E como é que é a consulta?”

Participante: “Um bocado boa.”

Entrevistador: “Um bocado boa? Mas como é que é? Assim, tu entras e depois?”

Participante: “Digo bom dia ou olá.”

Entrevistador: “E mais?”

Participante: “Depois falamos com elas. Depois acabamos a consulta, vamos embora.”

Entrevistador: “Ok. E uma última pergunta. Quando é que as pessoas devem ir ao médico, sabes?”

Participante: “Quando estão doentes.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Então já acabaste a consulta foi? E como é que foi a consulta?”

Participante: “Foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa? O que é que aconteceu?”

Participante: “Perguntaram-me...”

Entrevistador: “Perguntaram-te coisas foi?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O quê? Lembras-te de alguma coisa?”

Participante: “Mais ou menos.”

Entrevistador: “O quê? Tenta lá explicar. O que é que tu te lembras? O que é que a médica disse?”

Participante: “Disse que eu tinha que emagrecer um bocadinho.”

Entrevistador: “Tens que emagrecer.”

Participante: “E que tinha de dar caminhadas, só que eu dava sempre todos os dias.”

Entrevistador: “Dás caminhadas todos os dias?”

Participante: “Mas eu dou quase todos os dias.”

Entrevistador: “Mas tinhas que dar mais era? E que mais é que ela disse, lembras-te?”

Participante: “Já não me lembro do resto.”

Entrevistador: “Não? Não te lembras de perguntas que ela fez?”

Participante: “Perguntas já não.”

Entrevistador: “Coisas que ela disse. Que tu lhe disseste.”

Participante: “Não me lembro.”

Entrevistador: “Não te lembras? E o que ela te disse para fazer era só que tinhas de emagrecer e fazer umas caminhadas foi? Só isso que tu te lembras?”

Participante: “Só isso que eu me lembro.”

## **PARTICIPANTE 15**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital? É? E porque é que vieste cá hoje? Porque é que vens cá hoje, sabes?”

Participante: “Por causa disto do pescoço.”

Entrevistador: “Tens umas coisinhas no pescoço? É? Ok. E falaste com a mãe ou com o pai sobre vires cá?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O que é que a mãe disse lembras-te?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não te lembras de nada do que ela disse? Só que vinhas cá ao hospital, e não te lembras de mais nada que ela disse?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Tá bem. E para que é que achas que serve vir ao médico?”

Participante: “Serve para cuidar das crianças, para ver os adultos, para a nossa saúde.”

Entrevistador: “E para mais alguma coisa? Que te lembres?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Tá bem. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “No médico faz-se...”

Entrevistador: “O que é que achas que se faz no médico?”

Participante: “Ajudamos as pessoas a fazer as coisas que as pessoas têm.”

Entrevistador: “Os médicos ajudam as pessoas a verem as coisas que elas têm. E mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “E quem é que fala com o médico?”

Participante: “É as pessoas.”

Entrevistador: “Sim, mas por exemplo, na tua consulta, quem é que fala com o médico?”

Participante: “A minha mãe.”

Entrevistador: “É a mãe. Tu não costumavas falar com ele?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? Muitas vezes? E fazes o quê? Fazes-lhe perguntas? Respondeste às perguntas dele?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Então, como é que falas?”

Participante: “Eu faz-me perguntas e eu digo.”

Entrevistador: “E respondeste às perguntas dele, está bem. E como é que é a consulta? Como é que são as tuas consultas? Ou uma consulta no médico como é que é? O que é que acontece lá?”

Participante: “Dizem para eu me pôr em cima da balança, para me medirem o comprimento e mais nada.”

Entrevistador: “Não fazem mais nada? Tá bem. E outra coisa, quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando tão muito doentes.”

Entrevistador: “Quando estão muito doentes? Só quando estão muito doentes?”

Participante: “Sim. E quando têm doenças.”

Entrevistador: “E quando têm doenças, só?”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Tu agora vieste da consulta não foi?”

Participante: “Humm humm” (afirmação)

Entrevistador: “E como é que foi a consulta?”

Participante: “A consulta foi, disseram-me que tava tudo bem. E que tinha nada. E mais nada.”

Entrevistador: “E o que é que fizeste lá dentro? Sabes me contar?”

Participante: “Puseram aquela coisa dos ouvidos e depois outra senhora também fez. Tirou-me o ??? nos dois ouvidos primeiro com aquilo assim. E ver os dentes.”

Entrevistador: “E ver os dentes. Muito bem. E o que é que o médico disse? Lembras-te? Para além de dizer que estava tudo bem contigo ele disse mais alguma coisa?”

Participante: “Sim, falou com a mãe.”

Entrevistador: “Falou com a mãe? E o que é que ele disse à mãe, lembras-te?”

Participante: “Disse que estava tudo bem. Que não é preciso fazer nada. Mais nada.”

Entrevistador: “Então não mandou-te fazer nada em casa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Estava tudo bem?”

Participante: “Sim.”

## **PARTICIPANTE 16**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? O que é que vieste fazer na última vez que vieste, lembras-te?”

Participante: “Vim... já não me lembro.”

Entrevistador: “Lembras-te do que é que vieste cá fazer?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Não faz mal. E porque é que vens cá hoje?”

Participante: “Também já não sei.”

Entrevistador: “Também já não sabes? Então vens ao hospital e não sabes porquê? Vieste porque te apetecia?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Então? O que é que vieste cá fazer hoje? O que é que vens cá fazer?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? Está bem. Não faz mal. Não falaste com os pais ou com alguém sobre vires cá? Não? Ninguém te disse nada? Não? Está bem. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve vir ao médico? Para que é que serve ir ao médico? Vamos ao médico para quê?”

Participante: “Para ir às consultas.”

Entrevistador: “Para ir às consultas? Boa. E mais alguma coisa? Não? Não faz mal, se não te lembrares não faz mal. Não? Tá bem. E o que é que se faz no médico? Sabes o que é que se faz no médico? Não? E quem é que fala com o médico?”

Participante: “Também não sei.”

Entrevistador: “Também não sabes? E como é que são as consultas com o médico, sabes? Agora vais para uma consulta não vais? Já foste a algumas. Já foste a alguma consulta? Disseste que não era a primeira vez que vinahs cá. Como é que é as consultas? Sabes como é que são? O que é que acontece lá dentro? No gabinete? Sabes? Sabes me explicar? Não sabes também? Então eu vou-te ajudar. Tu vais para o gabinete, não é? Entras. Sentas-te ou ficas em pé?”

Participante: “Sento-me.”

Entrevistador: “Sentas-te. E depois? O que é que acontece? Sentas-te na cadeira. Ficas a olhar para a parede. Olhas para a mãe, pra médica. O que é que tu fazes?”

Participante: “Sei. Olho para a médica.”

Entrevistador: “É? E não dizes nada? Durante a consulta?”

Participante: “Digo.”

Entrevistador: “O quê? Que tipo de coisas é que tu dizes?”

Participante: “Respondo às perguntas que fazem.”

Entrevistador: “Que a médica faz é isso? Muito bem. Então ainda te lembras de alguma coisa do que é que se faz. E mais alguma coisa? Que se faz lá dentro. Não te lembras? Então e quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando se sentem mal.”

Entrevistador: “Quando se sentem mal? Boa. E mais alguma coisa?”

Participante: “E quando estão doentes.”

Entrevistador: “E quando estão doentes, também é muito importante. E lembras-te de mais alguma coisa? Não? Está bem.

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Conta-me lá como é que foi a consulta? Tiveste lá agora. Não foi? Eu vi-te a sair da sala. Como é que foi?”

Participante: “Foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa? E o que é que aconteceu na consulta? Não te lembras? Não te lembras? Mas tiveste lá agora e já não te lembras o que é que tiveste a fazer lá dentro? O que é que tiveste a fazer? Nada? Tá bem. E o que é que a médica disse? Lembras-te? Lembras-te do nome da médica? Olha eu digo-te: Doutora Marta. Os outros é que não sei. Estavam lá mais dois não era? Não te lembras do que é que ela te disse ou à mãe? O

que é que ela disse na consulta? Não te lembras? Disse olá, perguntou se estavas boa, foi? E mais?”

Participante: “E também disse boas férias, boa praia e já não me lembro.”

Entrevistador: “Ah! Lembras-te do que ela disse no início e no fim e no meio não te lembras? Se te fez perguntas? A ti ou á mãe.”

Participante: “Fez perguntas à mãe.”

Entrevistador: “Lembras-te de alguma que ela tenha feito à mãe?”

Participante: “Perguntou o meu nome.”

Entrevistador: “Perguntou o teu nome. E o que é que tu respondeste?”

Participante: “A mãe é que respondeu.”

Entrevistador: “A mãe é que respondeu? Então tu não sabes o teu nome? Não sabes o teu nome?”

Participante: “Eu sei mas a minha mãe respondeu.”

Entrevistador: “E mais alguma coisa que te lembras que ela tenha perguntado? Não? E ela mandou-te fazer alguma coisa? Em casa?”

Participante: “Disse para eu pôr umas gotinhas nos ouvidos.”

Entrevistador: “Umas gotinhas nos ouvidos? E mais alguma coisa? Não? Não te lembras de mais nada nada nada do que a médica disse? Nada nada nada. Não prestaste atenção, foi? Ou não me queres contar?”

Participante: “Já não me lembro.”

Entrevistador: “Já não te lembras? Está bem.”

## **PARTICIPANTE 17**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? E lembras-te o que é que vieste fazer na última vez que cá estiveste?”

Participante: “Acho que foi das alergias.”

Entrevistador: “Vieste foi por causa das alergias? Ok. E hoje porque é que vens cá?”

Participante: “Hoje é por causa que a minha mãe vem saber... dois especialistas dos olhos dizem que eu tenho uma doença e que é globstein.”

Entrevistador: “Que é globstein? Até sabes o nome da doença e tudo. E isso faz o quê? Faz com que tu vejas um bocadinho mal, é isso?”

Participante: “Sim. E tenho perda de audição.”

Entrevistador: “Ah muito bem. E diz-me uma coisa falaste com os pais sobre vires cá? Ou com alguém? Com a mãe sobre vires hoje ao hospital? À consulta? Falaste com eles?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E o que é que eles te disseram? A mãe ou o pai não sei com quem é que... com quem é que falaste sobre vir cá ao hospital hoje?”

Participante: “A minha mãe é que disse, na terça disse que eu ia na sexta ao hospital.”

Entrevistador: “Fazer o quê? O que é que ela te disse?”

Participante: “Ver os olhos.”

Entrevistador: “Ver os olhos? Está bem. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve vir ao médico?”

Participante: “Para ver se está tudo bem.”

Entrevistador: “Para ver se está tudo bem? E o que é que se faz no médico? Sabes? Vais ter com o médico e o que é que se faz? O que é que se faz no médico?”

Participante: “O médico vê se tá tudo bem.”

Entrevistador: “E mais alguma coisa? Se tá tudo bem no quê? “

Participante: “Se tá tudo bem de alguma doença que temos. Faz-nos algumas perguntas à mãe e ao pai e depois manda esperar.”

Entrevistador: “Manda esperar porquê?”

Participante: “Para ir a outra consulta.”

Entrevistador: “Muito bem. E quem é que fala com o médico?”

Participante: “A mãe.”

Entrevistador: “A mãe? E tu já falaste alguma vez com o médico?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Costumas falar? E o que é que dizes? Que tipo de coisas é que tu lhes dizes?”

Participante: “O médico pergunta quando é que doeu alguma coisa e eu respondo.”

Entrevistador: “E tu respondes. Muito bem. E como é que é a consulta? A consulta com o médico, como é que é?”

Participante: “É boa.”

Entrevistador: “É boa? Sim. Mas e o que é que se passa lá dentro? O que é que acontece? Tu entras. E depois?”

Participante: “E depois sentamo-nos nas cadeiras. O médico pergunta o nome para apontar no computador e depois ausculta, vê os ouvidos e manda esperar.”

Entrevistador: “Ah” Muito bem. E uma última perguntinha, quando é que as pessoas devem ir ao médico? Quando é que achas que é preciso ir ao médico?”

Participante: “De vez em quando.”

Entrevistador: “De vez em quando? Mas quê? Só quando estão doentes ou podem ir assim para ver se está tudo bem?”

Participante: “Podem ir assim para ver se está tudo bem.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Já acabaste a consulta, foi?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Como é que foi a consulta?”

Participante: “Aquela foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa.”

Participante: “Disse que quando for fazer uma coisa ali atrás do edifício novo, vou lá pra ver, pra fazer uma rádio aos ossos.”

Entrevistador: “Ah! A doutora disse que ias a um sítio fazer uma radiografia aos ossos?”

Participante: Sim.”

Entrevistador: “Ah muito bem. E disse mais alguma coisa a médica? Lembras-te de mais alguma coisa?”

Participante: “Depois...”

Entrevistador: “Não? Não te lembras de mais nada que ela disse na consulta? Então pronto, e ela disse alguma coisa que tinhas de fazer? Sem ser essa radiografia?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Então a consulta correu bem, foi isso? Não te lembras de mais nada nada nada que ela tenha dito.”

## **PARTICIPANTE 18**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Sim? E porque é que vens cá hoje?”

Participante: “Por causa que desmaio muitas vezes.”

Entrevistador: “É porque desmaias muitas vezes? E falaste com os pais sobre vires cá?”

Participante: “Sim, com o médico.”

Entrevistador: “Com o médico? Sim? E o que é que falaste com o médico?”

Participante: “Que era para ver se eu tinha, não sei como é que se diz. Acho que é...”

Entrevistador: “Se tinhas o quê? Uma doença? Se não te lembrares do nome não faz mal, mas era se tinhas o quê? Não te lembras? Com que médico é que falaste?”

Participante: “Doutor Ian.”

Entrevistador: “E é o teu médico de família? No centro de saúde? Foi? E com os pais não falaste com eles?”

Participante: “Falei. A vir para aqui.”

Entrevistador: “Eles disseram-te alguma coisa sobre o que tu tinhas? E lembras-te o que é que eles te disseram?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não. E do médico lembras-te. Tavas a dizer que ele te tinha dito que era para veres se tinhas uma coisa.”

Participante: “Uma doença.”

Entrevistador: “Uma doença era, não te lembras do nome? Não faz mal. E diz-me uma coisa, para que é que achas que serve ir ao médico? Para que é que serve? Para que é que as pessoas vão ao médico?”

Participante: “Para se tratarem.”

Entrevistador: “Para se tratarem. E para mais alguma coisa?”

Participante: “Sim, mas agora também não me lembro.”

Entrevistador: “Mas é o quê? Consegues explicar?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Tá bem. E o que é que se faz no médico? O que é que se faz? Vamos ao médico e o que é que se faz?”

Participante: “Trata-se das pessoas.”

Entrevistador: “Trata-se das pessoas. E mais alguma coisa?”

Participante: “Que eu me lembre não.”

Entrevistador: “Não? Tá bem. E quem é que fala com o médico?”

Participante: “Nós.”

Entrevistador: “Nós quem?”

Participante: “E a minha mãe.”

Entrevistador: “Tu, paciente não és? E a mãe também? Ok. E como é que é a consulta com o médico? Como é que são as consultas? O que é que acontece nas consultas? Por exemplo.”

Participante: “Somos pesados e metem-nos uma coisa no braço que aperta.”

Entrevistador: “Para medir a tensão. E mais alguma coisa?”

Participante: “Nesta que eu fui não.”

Entrevistador: “Qual esta, que tu foste agora? Agora foste à enfermeira, que ela teve-te a medir, a pesar, se calhar também, foi? E com o médico?”

Participante: “Ainda não fui.”

Entrevistador: “Ainda não foste. Mas por exemplo a que tu foste no centro de saúde, lembraste como é que foi a consulta? Não? está bem. E só uma coisinha, estavas a dizer que quem falava com os médicos eras tu e a mãe, mas tu fazes perguntas aos médicos ou só respondes?”

Participante: “Só respondo.”

Entrevistador: “Só respondes? Tá bem. E a última pergunta, quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando estão doentes.”

Entrevistador: “Só quando estão doentes?”

Participante: “E quando têm problemas de saúde.”

Entrevistador: “E mais por algum motivo? Não? Está bem.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Já acabaste a consulta, não é? E como é que foi a consulta?”

Participante: “Tiveram-me a ver os batimentos do coração. Perguntaram muitas coisas sobre os desmaios. Mais nada.”

Entrevistador: “Mais nada? E o que é que o médico disse?”

Participante: “O médico não disse nada, só disse.”

Entrevistador: “Disse a médica, estavam lá dois. O que é que a médica disse? Lembraste de alguma coisa que ela tenha dito?”

Participante: “Era a minha mãe que estava a falar, por isso.”

Entrevistador: “Era? E lembraste de alguma coisa que a médica disse à mãe? Por exemplo.”

Participante: “Já me esqueci.”

Entrevistador: “Já te esqueceste, não faz mal. Eu tenho muito tempo. Posso ficar à espera. Lembras-te de alguma coisa que ela tenha dito à mãe? Que achasses que fosse importante?”

Participante: “Só ouvi o electrocardiograma.”

Entrevistador: “E o que é que ela disse quando o viu? Lembras-te? Não? Está bem, não faz mal. E lembras-te se ela disse alguma coisa que vais ter de fazer?”

Participante: “Era essa coisa do electrocardiograma.”

Entrevistador: “Ah que vais ter, eu percebi que ela tinha visto, não que tinha dito para tu fazeres. Ela disse para tu fazeres um ecocardiograma foi? Ok. E não te lembras de mais nada? Que ela tenha dito. Que tenha mandado fazer. Não? Não.”

Participante: “Não.”

## **PARTICIPANTE 19**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? E lembras-te o que é que cá vieste fazer da última vez?”

Participante: “Mais ou menos.”

Entrevistador: “O que é que te lembras?”

Participante: “Lembro-me que também foi por causa da minha barriga.”

Entrevistador: “Da tua barriga, doía-te a barriga na altura?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “Ok. E hoje vieste cá porquê?”

Participante: “Por causa da barriga também.”

Entrevistador: “E falaste com os pais ou com alguém sobre vires cá?”

Participante: “Sim, com os médicos. Marcaram um dia para vir à consulta.”

Entrevistador: “O médico de família foi isso?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E o que é que ele te disse, lembras-te?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Não te lembras, está bem. E diz-me uma coisa. Para que é que achas que serve ir ao médico?”

Participante: “Para ajudar as pessoas a melhorar o problema que têm.”

Entrevistador: “Muito bem. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “Diz-se o que é que se tem e os médicos vêem o que é que podem fazer.”

Entrevistador: “Dizes o que é que tens e os médicos vêem o que é que podem fazer. E mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? E quem é que fala com o médico?”

Participante: “Os pais e as... se forem crianças, as crianças e os pais, se forem os adultos, são só os adultos.”

Entrevistador: “E tu costumavas falar com o médico?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E fazes o quê? Fazes perguntas? Ou só respondes?”

Participante: “Só respondo.”

Entrevistador: “Só respondes. Não costumavas fazer perguntas?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não. E como é que é a consulta?”

Participante: “Os médicos perguntam o que é que eu tenho, eu digo, depois eles dizem o que é que eu preciso de fazer, o que é que tenho de tomar, depois dão a receita e eu vou embora.”

Entrevistador: “Muito bem. E quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Sempre que necessitam de alguma coisa, por exemplo, quando têm dores, quando estão muito constipadas ou doentes.”

Entrevistador: “E mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Muito bem.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Vieste agora da consulta não foi?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E como é que correu a consulta?”

Participante: “Bem.”

Entrevistador: “E como é que foi?”

Participante: “A senhora perguntou o que é que eu tinha, eu respondi, a minha mãe também respondeu, disse o que é que me tinha acontecido. Depois disseram que eu tinha de tomar algumas coisas, comer mais fruta, mais salada e vim praqui.”

Entrevistador: “Muito bem. Eu ia-te perguntar o que é que o médico te disse e se tinhas alguma coisa para fazer mas tu já respondeste. Muito bem.”

## **PARTICIPANTE 20**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “A segunda.”

Entrevistador: “É a segunda? O que é que vieste fazer da última vez lembras-te?”

Participante: “Eu não me lembro muito bem.”

Entrevistador: “Já não te lembras? Está bem. E porque é que vens cá hoje? Porque é que será que vens cá hoje? Falaste com os pais ou com alguém sobre vires cá?”

Participante: “Falei mas já não sei o que é que...”

Entrevistador: “Já não te lembras?”

Participante: “Estou distraído quando eles estão a dizer as coisas.”

Entrevistador: “Estás distraído quando eles estão a dizer as coisas? Cabecinha. Então não te lembras do que eles te disseram? Então não sabes porque é que vieste cá hoje. O que é que vens cá fazer. Não sabes? Não? Está bem. Então e diz-me uma coisa. Para que é que achas que serve ir ao médico?”

Participante: “Para curar as pessoas.”

Entrevistador: “Para curar as pessoas? Diz, não tenhas vergonha.”

Participante: “Para sentir-se bem.”

Entrevistador: “Sentir-se bem, muito bem. É muito importante. E para mais alguma coisa?”

Participante: “Para não apanhar febre.”

Entrevistador: “Para não apanhar febre. Também é muito importante. E que mais? Não te lembras de mais? Está bem. Já disseste muitas coisas. E o que é que se faz no médico?”

Participante: “Espero até que eles chamarem.”

Entrevistador: “Esperas que eles te chamem. E depois? O que é que se faz mais?”

Participante: “Vão ver o que é que nós temos no corpo, uma coisa má.”

Entrevistador: “Vão ver se tens uma coisa má. E faz-se mais alguma coisa?”

Participante: “Já não me lembro.”

Entrevistador: “E quem é que fala com o médico? Diz! Não tenhas vergonha. O que é que estás a pensar?”

Participante: “Nós.”

Entrevistador: “Nós. Tu costumavas falar com o médico? Fazes-lhe perguntas?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Ou respondes mais às perguntas que ele faz?”

Participante: “Só às...faço isso.”

Entrevistador: “É? Tá bem. E como é que é a consulta? Como é que são as consultas? O que é que se faz nas consultas? Entras. Ficas em pé, a olhar para a parede. Não? então o que é que fazes? Como é que é? Tens que me explicar porque eu não sei. Se eu fosse a uma consulta como é que era?”

Participante: “Falava com ele o que é que tinha.”

Entrevistador: “Falavas com o médico o que é que tinhas? E mais alguma coisa? Não? está bem. E uma última pergunta, quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando nós estamos doentes.”

Entrevistador: “Quando estão doentes. E por mais algum motivo? Só quando estão doentes?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? então, que mais?”

Participante: “Quando não conseguimos falar.”

Entrevistador: “Quando não conseguimos falar.”

Participante: “Vista de olhos.”

Entrevistador: “Quando estás mal da vista, quando vês mal?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “E mais alguma coisa?”

Participante: “Não.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Vieste agora da consulta não foi? como é que correu? Como é que foi a consulta?”

Participante: “Boa.”

Entrevistador: “Correu bem? E como é que foi?”

Participante: “Boa.”

Entrevistador: “O que é que fizeste lá dentro?”

Participante: “Fizemos o corpo.”

Entrevistador: “Viram-te o corpo.”

Participante: “Os ouvidos.”

Entrevistador: “Mais? Mais alguma coisa?”

Participante: “As costas.”

Entrevistador: “E aconteceu mais alguma coisa na consulta?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O quê?”

Participante: “Disseram qual era o boneco que eu gostava de ver.”

Entrevistador: “Que o quê? Não percebi.”

Participante: “Os bonecos que eu gostava de ver.”

Entrevistador: “E que boneco é que tu respondeste?”

Participante: “O Hulk.”

Entrevistador: “O Hulk? Gostas do Hulk? Daquele verde grande? E mais alguma coisa que aconteceu lembraste?”

Participante: “Não. Não aconteceu mais.”

Entrevistador: “E o que é que, era uma médica não era?”

Participante: “Era.”

Entrevistador: “E o que é que a médica te disse? Lembraste?”

Participante: “Lavaste os dentes?”

Entrevistador: “Perguntou se lavaste os dentes. E mais? Lembraste de mais alguma coisa? Que ela tenha dito? Ou à mãe? Também. Não te lembraste?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Tá bem. E ela disse se tinhas de fazer alguma coisa? Em casa?”

Participante: “Disse disse.”

Entrevistador: “Não vale pedir à mãe ajuda. Lembraste de alguma coisa do que é que ela disse que tinhas de fazer?”

Participante: “Sim.”

Entrevistador: “O quê? Lembras-te que ela disse mas não te lembras o que é que era foi? Tás cheio de babas! Agora neste tempo começam a vir os mosquitos. Estás a fazer colecção? Então não te lembras do que ela te mandou fazer? Não? Tá bem.”

## **PARTICIPANTE 21**

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Entrevistador: “É a primeira vez que vens cá ao hospital?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? O que é que vieste fazer na última vez que vieste, lembras-te? Não? Tá bem. E porque é que vieste cá hoje?”

Participante: “Porque faço xixi na cama.”

Entrevistador: “Fazes xixi na cama. está bem. E falaste com os pais ou com alguém sobre vires cá? Se falaste com a mãe ou com o pai sobre a razão de vires cá o que é que eles te disseram? Quem é que te disse que vinhas ao hospital hoje?”

Participante: “A minha mãe.”

Entrevistador: “A mãe. E lembras-te se ela te disse mais alguma coisa? Sem ser só “Olha vamos ao hospital hoje.” Se ela te disse porquê?”

Participante: “Não me lembro.”

Entrevistador: “Não te lembras? Está bem. E para que é que achas que serve ir ao médico? Para que é que serve ir ao médico?”

Participante: “Para ver o estado das crianças.”

Entrevistador: “Para ver o estado das crianças. E mais alguma coisa? Sabes? (criança acena que não) E o que é que se faz no médico? O que é que se faz no médico? Vamos ao médico e o que é que se faz? O que é que eles fazem?”

Participante: “Dão medicamentos.”

Entrevistador: “Dão medicamentos. Mais alguma coisa?”

Participante: “Vêm os centímetros”.

Entrevistador: “Vêm os centímetros.”

Participante: “O peso.”

Entrevistador: “O peso. Não te lembras de mais?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não faz mal. E quem é que fala com o médico? Pensa lá assim, quem é que fala com o médico. Vais à consulta e quem é que fala com ele? És tu que falas com o médico? Quando vais à consulta?”

Participante: “Sou.”

Entrevistador: “E o que é que dizes? Fazes perguntas?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? Então o que é que costumavas dizer? Que tipo de coisas é que tu lhes dizes? Lembras-te?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Não? E és só tu que falas com ele? Ou mais alguém fala?”

Participante: “Às vezes a mãe.”

Entrevistador: “Às vezes é a mãe? E quem é que fala mais, a mãe ou tu? O que é que tu achas? Quem é que fala mais com o médico? Não há respostas certas nem erradas.”

Participante: “A mãe.”

Entrevistador: “A mãe? Está bem. E como é que é a consulta? Imagina assim que eu nunca tinha ido a uma consulta e tu tinhas que me contar como é que era, o que é que tu me dizias?”

Participante: “Tem médicos. Tem enfermeiras.”

Entrevistador: “Tem médicos. Tem enfermeiras. E que mais? Como é que é? O que é que acontece dentro da consulta?”

Participante: “Tem balanças.”

Entrevistador: “Tem balanças. Para quê?”

Participante: “Para ver os pesos.”

Entrevistador: “Para ver os pesos. E faz-se mais alguma coisa na consulta?”

Participante: “Vê os ouvidos.”

Entrevistador: “Ver os ouvidos.”

Participante: “A garganta.”

Entrevistador: “Tanta coisa. Mais alguma coisa?”

Participante: “Não sei.”

Entrevistador: “Não sabes? E quando é que as pessoas devem ir ao médico?”

Participante: “Quando tão doentes ou quando...”

Entrevistador: “Ou quando?”

Participante: “Têm dor de garganta.”

Entrevistador: “Têm dor de garganta. E mais algum motivo, para irem ao médico?”

Participante: “Já não me lembro.”

Entrevistador: “Já não te lembrás? Não faz mal.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Entrevistador: “Vieste agora da consulta. E agora gostava que tu me contasses como é que foi. Como é que foi a consulta?”

Participante: “Foi boa.”

Entrevistador: “Foi boa? E o que é que fizeste lá dentro?”

Participante: “Fui ver quanto é que pesava, quanto media.”

Entrevistador: “Mais alguma coisa? Não te lembras de mais nada que fizeste na consulta com a doutora, que tiveste agora?”

Participante: “Tive a falar sobre o xixi.”

Entrevistador: “Falaste com a médica sobre o xixi, foi? E que mais? O que é que aconteceu mais?”

Participante: “Ele foi ver como eu estava.”

Entrevistador: “Mais alguma coisa? Lembras-te de mais alguma coisa? Não?”

Participante: “Não.”

Entrevistador: “Tá bem. Não faz mal. E o que é que a médica disse, lembraste?”

Participante: “A médica disse que queria tudo sol.”

Entrevistador: “Que queria tudo sol, tudo o quê?”

Participante: “Não fazer xixi na cama.”

Entrevistador: “Ah. Queria que tu deixasses de fazer xixi na cama era? E o que é que tu lhe respondeste? Disseste-lhe alguma coisa?”

Participante: “Disse que sim.”

Entrevistador: “E ela disse mais alguma coisa, a médica?”

Participante: “Ela disse para eu não ficar nervosa. Só uma nuvem não fazia mal.”

Entrevistador: “E disse mais alguma coisa?”

Participante: “Acho que não.”

Entrevistador: “Não? e ela mandou-te fazer alguma coisa? Vais ter de fazer alguma coisa?”

Participante: “Uma folhinha para apontar se eu faço xixi na cama ou não.”

Entrevistador: “Mais alguma coisa que ela tenha dito para tu fazeres? Ou para não fazeres? Por exemplo, também.”

Participante: “Já não me lembro.”

Entrevistador: “Humm... deixa-me pensar, deixa-me pensar. Já não te lembras?”

Participante: “Já não me lembro.”

Entrevistador: “Está bem. Não faz mal.”

## ANEXO VIII – Análise da Entrevista Semi-Estruturada Global

### Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação à consulta

Dimensão: Compreensão do motivo da consulta

Questão: “Porque é que vens cá hoje?”		
P	Resposta	
1	“Não.”	Diz saber o motivo da consulta - 8
2	“Por causa que...”	Sintomas
3	“Não.”	- Dore de barriga – 2
4	“Não.”; “Venho fazer um exame.”	- Dor de garganta – 1
5	“Não.”	- Incontinência de esfíncteres (enurese) – 2
6	“Para fazer consulta.”	- Quistos no pescoço – 1
7	“Porque me dói a barriga.”	- Desmaios – 1
8	“Não.”	Exames complementares de diagnóstico – 2
9	“Ah! Para parar de fazer xixi.”; “Para sempre.”	Despiste de diagnóstico – 1
10	“Não sei.”	Não se lembra - 10
11	“Não, dói-me a garganta.”	
12	“Acho que é para ver as análises da asma.”	

13	Não sabe; <i>“Querida vir aqui mais vezes.”</i>	
14	<i>“Venho ver a tensão alta.”</i>	
15	<i>“Por causa disto do pescoço.”</i>	
16	<i>“Não sei.”</i>	
17	<i>“Hoje é por causa que a minha mãe vem saber... dois especialistas dos olhos dizem que eu tenho uma doença e que é globstein.”; “Sim. E tenho perda de audição.”</i>	
18	<i>“Por causa que desmaio muitas vezes.”</i>	
19	<i>“Por causa da barriga também.”</i>	
20	Não sabe	
21	<i>“Porque faço xixi na cama.”</i>	

Questão: <i>“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”</i>		
P	Resposta	
1	(Acena com a cabeça que não)	Falou – 16
2	Está implícito que falou.	- Pais (mãe e/ou pai) ou outro parente (e.g., avó) – 14
3	<i>“A mãe disse.”</i>	- Médico de família – 1
4	<i>“Não.”</i>	- Médico de família e pais – 1
5	<i>“A mãe sim.”</i>	Não falou – 5

6	<i>“Sim a avó disse que vinha.”</i>	
7	<i>“Sim.”</i>	
8	<i>“Não.”</i>	
9	<i>“Com a mãe falei.”</i>	
10	Não	
11	<i>“Sim.”</i>	
12	<i>“Explicaram de manhã.”</i>	
13	<i>“A mãe é que tinha dito.”</i>	
14	<i>“Com a minha mãe.”</i>	
15	<i>“Sim.”</i> (Mãe)	
16	Não	
17	<i>“Sim.”</i>	
18	<i>“Sim, com o médico (de família).”; “Falei. A vir para aqui. (com os pais)”</i>	
19	<i>“Sim, com os médicos. Marcaram um dia para vir à consulta.”</i> (Médico de família)	
20	<i>“Falei mas já não sei o que é que...”</i>	
21	<i>“A minha mãe.”</i>	

Questão: (caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”

P	Resposta	
1	“ <i>Não me lembro.</i> ” (“ <i>Eu não me lembro que tu me contaste alguma coisa.</i> ”)	Sabe responder - 9
2	“ <i>Ver a barriga.</i> ”	- Motivo da consulta - 7
3	“ <i>Não sei.</i> ”	- Ida ao hospital/consulta – 2
4	(Não existe)	Não sabe - 2
5	“ <i>A mãe disse que eu vinha com o pai ao hospital e com a mana.</i> ”	Não se lembra – 5
6	“ <i>«Eu disse à avó “Avó o que é que vamos fazer ao hospital?» e ela disse que vinha... (avó completa “Mostrar o exame que fizeste.”) mostrar o exame que fiz.</i> ”	
7	“ <i>Disseram que iam...iam marcar uma consulta.</i> ”; “ <i>Porque me doía a barriga.</i> ”	
8	(Não existe)	
9	(Não existe)	
10	“ <i>A minha mamã velhota (avó) disse que eu só ia ao hospital, o meu pai disse que era só hoje que eu ia ao hospital.</i> ”	
11	“ <i>Disseram que, a minha mãe disse que eu vinha ver as</i>	

	<i>análises.”</i>	
12	Não se lembra	
13	<i>“Para vir ver a tensão.”</i>	
14	<i>“Não.”</i>	
15	(Não existe)	
16	<i>“A minha mãe é que disse, na terça disse que eu ia na sexta ao hospital.”; “Ver os olhos.”</i>	
18	<i>“Que era para ver se eu tinha, não sei como é que se diz. Acho que é...”; “Uma doença.”; “Não.”</i>	
19	<i>“Não.”</i>	
20	<i>“Estou distraído quando eles estão a dizer as coisas.”</i>	
21	<i>“Não me lembro.”</i>	

Dimensão: Utilidade da consulta

Questão: “Para que que achas que serve ir ao médico?”			
P	Resposta		
1	“Para tratarem das pessoas.”; “Quando estão doentes.”	Tratar das pessoas quando estão doentes	Sabe responder – 19 - Tratar/curar as pessoas quando estão doentes – 14 - Ver se está tudo bem – 5 Não se lembra - 2
2	“Por causa das doenças para melhorar.”	Porque estão doentes, para melhorar.	
3	“Não sei.”	Não se lembra	
4	“Para curar as pessoas.”; “Tratar delas.”; “Para quando as pessoas estão doentes, ou com febre.”	Curar as pessoas Tratar das pessoas Quando as pessoas estão doentes ou com febre	
5	“Para ver se está tudo bem connosco.”	Ver se está tudo bem	
6	“Para tratar de nós.”	Tratas das pessoas	
7	“Para curar... para as pessoas ficarem curadas.”; “Para ficarem boas.”	Curar Pessoas ficarem boas	
8	“Para quando se está doente.”	Quando se está doente	
9	“Para ajudar a curar os doentes.”	Curar os doentes	

10	<i>“Para ter a saúde boa.”</i>	Ter boa saúde	
11	<i>“Para tratar das pessoas.”</i>	Tratar das pessoas	
12	<i>“Para ver o que as pessoas têm.”; “Para quando dói alguma coisa às pessoas.”; “Por exemplo, se a pessoa tiver a vomitar ou sentir-se mal.”</i>	Ver o que as pessoas têm Quando dói alguma coisa Vomitar ou sentir-se mal	
13	<i>“Para curar.”</i>	Curar	
14	<i>“Pra gente melhorar.”; “Das doenças.”</i>	Melhorar das doenças	
15	<i>“Serve para cuidar das crianças, para ver os adultos, para a nossa saúde.”</i>	Cuidar das crianças Ver os adultos Para a saúde	
16	<i>“Para ir às consultas.”</i>	Ir às consultas	
17	<i>“Para ver se está tudo bem.”</i>	Ver se está tudo bem	
18	<i>“Para se tratarem.”</i>	Tratar	
19	<i>“Para ajudar as pessoas a melhorar o problema que têm.”</i>	Melhorar do problema	
20	<i>“Para curar as pessoas.”; “Para sentir-se bem.”; “Para não apanhar febre.”</i>	Curar Sentir bem Não apanhar febre	
21	<i>“Para ver o estado das crianças.”</i>	Ver o estado das crianças	

Questão: “Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”		
P	Resposta	
1	“Quando estão doentes.”	Sabe responder - 17
2	“Não sei...”; “Quando eu estou doente.”	- Quando têm uma doença – 14
3	“Não sei.”	- Quando têm sintomas (e.g., má disposição/dores/quando se magoam) - 8
4	“Quando é alguma coisa grave, ou partem uma perna.”	- Ver se está tudo bem – 3
5	“Não.”; “Também não estou doente.”	- Fazer exames – 1
6	“Vezes e vezes.”; “Quando tiverem consulta.”; “Doentes.”; “Às vezes não. (nem sempre estão doentes)”	Não se lembra - 4
7	“Quando estão doentes.”; “E quando se magoam.”	
8	“Não.”	
9	“Quando estão doentes.”	
10	“Quando estão doentes.”; “Não, quando precisam de uma consulta ou de uns exames.”; “Ou quando precisam de ficar internados.”	

11	<i>“Não.”</i>	
12	<i>“Quando estão-se a sentir mal ou quando dói alguma coisa, ou quando não estão a respirar muito bem.”; “No caso de eu, quando estou a correr.”; “Sim, muitas. Houve uma vez que eu fui a uma festa, não conseguia respirar, a minha mãe levou-me logo aqui ao hospital. Ali à urgência.”</i>	
13	<i>“Quando dói isso.”</i>	
14	<i>“Quando estão doentes.”</i>	
15	<i>“Quando tão muito doentes.”; “Quando tão muito doentes.”</i>	
16	<i>“Quando se sentem mal.”; “E quando estão doentes.”</i>	
17	<i>“De vez em quando.”; “Podem ir assim para ver se está tudo bem.”</i>	
18	<i>“Quando estão doentes.”; “E quando têm problemas de saúde.”</i>	
19	<i>“Sempre que necessitam de alguma coisa, por exemplo, quando têm dores, quando estão</i>	

	<i>muito constipadas ou doentes.”</i>	
20	<i>“Quando nós estamos doentes.”; “Quando não conseguimos falar.”; “Vista de olhos.”</i>	
21	<i>“Quando tão doentes ou quando...”; “Têm dor de garganta.”</i>	

### Dimensão 3 – Caracterização da consulta

Questão: <i>“O que se faz no médico?”</i>		
P	Resposta	
1	<i>“Os médicos analisam.”; “As pessoas.”</i>	Sabe responder – 15
2	<i>“Ele faz ver as letras.”; “Ver o ouvido.”; “E ver os dentes.”</i>	- Observação clínica (e.g vê-se a garganta) – 7 - Inoculações (e.g dão vacinas) – 2
3	<i>“Não sei.”</i>	- Tratar/curar as pessoas quando estão doentes (e.g trata
4	<i>“Vê o nosso corpo.”; “Os ouvidos.”; “A boca.”</i>	das pessoas; dão medicamentos; evitam a hospitalização) – 8
5	<i>“Não.”</i>	“Ajuda as crianças (sem explicação)” – 1
6	<i>“Às vezes podemos fazer picas.”</i>	Faz perguntas à mãe e ao pai (sem explicação) – 1
7	<i>“No médico ajuda-se as pessoas que estão</i>	Manda esperar para ir a outra consulta - 1

	<i>doentes.”</i>	Não sabe responder - 6
8	Não sabe	
9	<i>“Cura-se os doentes.”</i>	
10	<i>“Trata-se das pessoas.”</i>	
11	<i>“Não.”</i>	
12	<i>“Eles tratem as pessoas.”; “Fazem coisas para as pessoas irem para casa e não ficarem aqui no hospital a dormir.”; “Dão vacinas.”; “Vêem o coração, para ver se está a bater ou não.”</i>	
13	Não sabe	
14	<i>“Ajuda as crianças.”</i>	
15	<i>“Ajudamos as pessoas a fazer as coisas que as pessoas têm.”</i>	
16	Não sabe	
17	<i>“O médico vê se tá tudo bem.”; “Se tá tudo bem de alguma doença que temos. Faz-nos algumas perguntas à mãe e ao pai e depois manda esperar.”; “Para ir a outra consulta.”</i>	
18	<i>“Trata-se das pessoas.”</i>	

19	<i>“Diz-se o que é que se tem e os médicos vêm o que é que podem fazer.”</i>	
20	<i>“Espero até que eles chamarem.”; “Vão ver o que é que nós temos no corpo, uma coisa má.”</i>	
21	<i>“Dão medicamentos.”; “Vêm os centímetros”. “O peso.”</i>	

Questão: <i>“Quem fala com o médico?”</i>		
P	Resposta	
1	<i>“O pai ou a mãe”.</i>	Sabe responder – 19
2	<i>“A mãe.”</i>	- Acompanhante (pai, mãe e/ou avó) – 5
3	<i>“A mãe.”; [“Sim.” (criança também fala com o médico)]</i>	- Acompanhante e criança – 13 - Criança – 1
4	<i>“A mãe.”; (criança refere, após insistência, que às vezes faz perguntas - “O que é que vamos fazer.”)</i>	Não sabe responder - 2
5	<i>“O pai.”; “Não.” (criança não fala com o médico)</i>	
6	<i>“Às vezes sou eu, a minha avó e a minha</i>	

	<i>mãe.</i>	
7	<i>“Os adultos.”; (“Perguntas não, mas digo alguma coisa.”)</i>	
8	<i>Não sabe</i>	
9	<i>“Os pais.” (“Que às vezes tenho uma dor.”)</i>	
10	<i>“Os clientes.”; “Os dois.”; “A mãe.”</i>	
11	<i>“Os papás ou as avós.” (“Quando lá vou.”)</i>	
12	<i>“É os pais.” (“Eu não me lembro.”)</i>	
13	<i>“A mãe e o pai.”; (“Digo o que é que dói.” – dito após a mãe ter dito que ele já sabe dizer o que dó)</i>	
14	<i>“As crianças e as mães.”; “Digo que durmo mal.”</i>	
15	<i>“É as pessoas.”; “A minha mãe.”; “Sim.” (“Eu faz-me perguntas e eu digo.”)</i>	
16	<i>“Também não sei.”</i>	
17	<i>“A mãe.”; (“Sim.”; “O médico pergunta quando é que doeu alguma coisa e eu respondo.”)</i>	
18	<i>“Nós.” (“Só respondo.”); “E a minha mãe.”</i>	

19	<i>“Os pais e as... se forem crianças, as crianças e os pais, se forem os adultos, são só os adultos.”; (“Só respondo.”)</i>	
20	<i>“Nós.”; “Só às...faço isso.”</i> (responde às perguntas)	
21	(Criança parece não saber quem fala com o médico) <i>“Sou.”; “Às vezes a mãe.”; “A mãe. (fala mais)”</i>	

Questão: <i>“Como é a consulta?”</i>		
P	Resposta	
1	(Não existe)	Sabe responder – 13
2	(Não existe)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Descreve a observação clínica (e.g. o médico vê a barriga) – 6</li> <li>- Descreve de forma particularizada as fases consulta (informação sobre queixa, diagnóstico e aconselhamento de tratamento) – 1</li> <li>- Descreve o espaço físico (e.g., tem médicos, enfermeiras, balanças) – 2</li> <li>- O médico faz perguntas sobre a saúde - 4</li> </ul>
3	(Não existe)	
4	<i>“Boa.”</i>	
5	(Não existe)	
6	<i>“Tratam de nós.”; “E depois faço algumas perguntas.”; “Às vezes a médica diz para eu dizer o que é faço por causa da bexiga e depois eu pergunto.”</i>	

7	<i>“Sento-me na cadeira.”; “E depois o médico pergunta o que é que temos.”; “E depois trata.”</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O médico fala com a mãe - 3</li> <li>- Os médicos tratam de nós - 2</li> <li>- Não sabe responder – 4</li> </ul>
8	Não sabe	
9	<i>“Não sei.”</i>	
10	<i>“Entro e sento-me.”; “Levanto-me.”; “Para fazer aquele coiso assim (imita auscultação).”; “Acho que é para fazer aquele coiso assim (aponta para os ouvidos).”; “E a ver a garganta.”</i>	
11	<i>“Não.”</i>	
12	<i>“Não. Acho que vão-me ver a barriga. Vão ver o coração. Vão falar com a mãe.”</i>	
13	Não se lembra	
14	<i>“Um bocado boa.”; “Digo bom dia ou olá.”; “Depois falamos com elas. Depois acabamos a consulta, vamos embora.”</i>	
15	<i>“Dizem para eu me pôr em cima da balança, para me medirem o comprimento e mais nada.”</i>	

16	<i>“Sento-me.”; “Sei. Olho para a médica.”; “Digo.”; “Respondo às perguntas que fazem.”</i>
17	<i>“É boa.”; “E depois sentamo-nos nas cadeiras. O médico pergunta o nome para apontar no computador e depois ausculta, vê os ouvidos e manda esperar.”</i>
18	<i>“Somos pesados e metem-nos uma coisa no braço que aperta.”</i>
19	<i>“Os médicos perguntam o que é que eu tenho, eu digo, depois eles dizem o que é que eu preciso de fazer, o que é que tenho de tomar, depois dão a receita e eu vou embora.”</i>
20	<i>“Falava com ele o que é que tinha.”</i>
21	<i>“Tem médicos. Tem enfermeiras.”; “Tem balanças.”; “Para ver os pesos.”; “Vê os ouvidos.”; “A garganta.”</i>

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Dimensão: Relato da consulta

Questão: “ <i>Já acabaste a consulta? Como é que foi?</i> ”	
P	Resposta
1	(Acena com a cabeça que sim); (Encolheu os braços); “ <i>Eu tive que me despir todo. Deitei-me numa cama e elas analisaram-me. E depois perguntaram-me uma série de coisas.</i> ”; “ <i>Sim. Elas me perguntaram que... que... que o cocó sai... que eu não consigo aguentar o cocó até chegar à casa de banho. Eu disse que não.</i> ”
2	“ <i>Também não sei.</i> ”; “ <i>E elas olharam-me o ouvido, a boca e a barriga.</i> ”; “ <i>As médicas.</i> ”
3	“ <i>Sim.</i> ”; “ <i>Boa.</i> ”; “ <i>Eu não posso beber bebidas e tenho de tomar uma, e tenho de beber a água toda de manhã. E tenho de ir de manhã fazer xixi à casa de banho.</i> ”
4	“ <i>Correu bem.</i> ”; “ <i>A mãe mostrou uma (mãe completa dizendo exame), um exame e depois fui ver a barriga, os dentes e um osso que dói-me.</i> ”
5	“ <i>Foi boa.</i> ”; “ <i>Eu deitei na cama.</i> ”; “ <i>E o doutor viu-me a barriga.</i> ”; “ <i>Sim e também fez-me algumas perguntas.</i> ”

Sabe responder – 18

- Observação clínica – 13
- Perguntas do médico sobre
  - Sintomas - 2
  - Queixa – 1
- Higiene - 1
- Interesses - 1
- Sem explicação - 2
- Recomendações médicas – 5
- Mãe mostrou exame - 1
- Médico conversou com a mãe – 1
- Feedback do estado geral de saúde - 1
- Médico falou sobre a queixa – 1

Não sabe responder - 3

6	<i>“Sim.”; “Bem.”; “Foi gira.”; “O doutor disse como é que eu limpava o cocó e disse que passava de trás e depois como é que eu limpava o xixi e limpava de frente para trás. E depois, deitei-me na cama e depois fui deitei na cama e depois eu abri as pernas para ver o que é que eu tinha. Depois ele disse, disse que levantava que depois quando eu ser grande isto ia começar mais vermelho.”</i>
7	<i>“Bem.”; “Sentiam-me a barriga.”; “E sentiram cocó.” “Fizeram assim (aperta a barriga com as mãos)”</i>
8	<i>“Já.”; “Tive a ouvir o coração.”; “Tive a ver o cabelo.”</i>
9	<i>“Bem.”; “Viram-me a barriga e disseram-me para eu fazer sempre xixi.”</i>
10	<i>“Bem.”; “Tive a ver os ouvidos, a garganta.”; “Ver este coisinho que tenho aqui. Os bicos.”</i>
11	<i>“Bem.”</i>
12	<i>“Foi boa.”; “O médico teve a dizer as coisas que eu não posso estar ao pé porque se não depois coiso no nariz.”; “Das árvores.”; “Das árvores. Não sei, porque eu não ouvi. Só sei é que é das árvores e de qualquer coisa dos cães e dos gatos.”; “O médico disse que eu tinha de fazer essa consulta que...disse muitas coisas à minha mãe, eu não ouvi.”</i>

13	<i>“Ah...foi boa.”; “</i>
14	<i>“Foi boa.”; “Perguntaram-me...”</i>
15	<i>“A consulta foi, disseram-me que tava tudo bem. E que tinha nada. E mais nada.”; “Puseram aquela coisa dos ouvidos e depois outra senhora também fez. Tirou-me o ??? nos dois ouvidos primeiro com aquilo assim. E ver os dentes.”</i>
16	<i>“Foi boa.”; Não se lembra</i>
17	<i>“Aquela foi boa.”; “Disse que quando for fazer uma coisa ali atrás do edifício novo, vou lá pra ver, pra fazer uma rádio aos ossos.”</i>
18	<i>“Tiveram-me a ver os batimentos do coração. Perguntaram muitas coisas sobre os desmaios. Mais nada.”</i>
19	<i>“A senhora perguntou o que é que eu tinha, eu respondi, a minha mãe também respondeu, disse o que é que me tinha acontecido. Depois disseram que eu tinha de tomar algumas coisas, comer mais fruta, mais salada e vim praqui.”</i>
20	<i>“Boa.”; “Fizemos o corpo.”; “Os ouvidos.”; “As costas.”; “Disseram qual era o boneco que eu gostava de ver.”; “O Hulk.”</i>
21	<i>“Foi boa.”; “Fui ver quanto é que pesava, quanto media.”; “Tive a falar sobre o xixi.”; “Ele foi ver como eu estava.”</i>

Dimensão: Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questão: “O que é que o médico disse?”		
P	Resposta	Resposta à pergunta anterior
1	“Disse que eu tenho de ir à casa de banho. Não posso beber leite e água antes de ir dormir.”; “Sim. Mas já não me lembro dessa quantidade de coisas.” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	Sabe responder – 19 - Recomendações médicas – 13 - Perguntas do médico sobre:
2	(Acena com a cabeça que não); “Disseram adeus.”	- Sintomas - 2
3	“E tenho de tomar um... (medicamento); “E não é preciso pôr água.”; “Disse que eu tenho de fazer se faço xixi ou se não faço, ver se está seco ou se está molhado.”; “Sim, porque eu depois tenho de fazer se eu faço xixi na cama ou se não faço.”; “Isto” (mostra a folha da monitorização da enurese); “O sol é porque está seco.” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	- Queixa 1 - Higiene - 2 - Interesses – 1 - Sem explicação – 2 - Feedback do estado geral de saúde – 4 - Diagnóstico - 1
4	“Disse para fazer todos os dias cocó, não aguentar o xixi.”; “Lavar os dentes.”; “E depois quando for à dentista arrancar o dente.”	- Médico falou sobre a escola - 1 - Falou com o adulto - 3
5	“Disse que estava boa.”; “Sim, que não podia aguentar o xixi.” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	Não sabe responder - 2
6	“No final ele disse que, a minha avó disse daquilo que nós tínhamos de fazer assim um copinho e depois fazer xixi mas o	

	<i>doutor disse que não era em casa que tínhamos feito, devia ter feito do hospital, acho que era.”</i> (inclui-se conteúdo da resposta anterior)
7	<i>“Disse que não era a bactéria.”</i>
8	<i>“Disse que eu estava boa.”</i>
9	<i>“E beber água.”</i> (inclui-se conteúdo da resposta anterior)
10	<i>“Isso já não sei. Isso já não me lembro.”; “Para beber muita água e lavar os dentes todos, todos, todos, todos, todos os dias.”</i>
11	<i>“Não disse a mim. Só disse ao meu pai e à minha mamã.”</i>
12	<i>“Não. Disse que eu tinha de ir ver da pele por causa do cão e da pele.”; (“Porque estava com a minha mana e tava”; “Tava a brincar com as pulseiras.”; “Sim para não interromper.”; “Porque é muito feio interromper as pessoas.”); “Sim. Só disse quando está assim muito calor e eu não consigo respirar. Como agora.”; “Ele não disse nada, continuou a falar.”</i> (inclui-se conteúdo da resposta anterior)
13	<i>“Disse porque eu não gosto da escola porque tenho saudades da mãe e do pai.”</i>
14	<i>“Disse que eu tinha que emagrecer um bocadinho.”; “E que tinha de dar caminhadas, só que eu dava sempre todos os dias.”</i> (inclui-se

	conteúdo da resposta anterior)	
15	“ <i>Sim, falou com a mãe.</i> ”; “ <i>Disse que estava tudo bem. Que não é preciso fazer nada. Mais nada.</i> ” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
16	“ <i>E também disse boas férias, boa praia e já não me lembro.</i> ”; “ <i>Fez perguntas à mãe.</i> ”; “ <i>Perguntou o meu nome.</i> ”; “ <i>A mãe é que respondeu.</i> ”	
17	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
18	“ <i>O médico não disse nada, só disse.</i> ”; “ <i>Era a minha mãe que estava a falar, por isso.</i> ”; “ <i>Já me esqueci.</i> ”; “ <i>Só ouvi o electrocardiograma.</i> ”	
19	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
20	“ <i>Lavaste os dentes?</i> ” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
21	“ <i>A médica disse que queria tudo sol.</i> ”; “ <i>Não fazer xixi na cama.</i> ”; “ <i>Ela disse para eu não ficar nervosa. Só uma nuvem não fazia mal.</i> ”	

Questão: “Há alguma coisa que vais ter que fazer?”		
P	Resposta	
1	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	Sabe responder – 15
2	“ <i>Não sei.</i> ” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	- Lembra-se - 14

3	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	- Não precisa - 1 Não se lembra – 6 - Disse ao Pai – 2
4	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
5	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
6	“Não.”	
7	“Pôr um pó no iogurte ou no sumo para eu beber.”; “Não disse. Eu acho que não disse todos os dias.”; “Disse que tinha de fazer cocó para um frasquinho.”; “É para analisarem o cocó.”	
8	“Não.”	
9	“Ah...beber água.” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
10	“Beber água e lavar os dentes, outra vez.” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
11	“Não disse a mim. Só disse ao meu pai e à minha mamã.”	
12	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
13	Não se lembra	
14	“Só isso que eu me lembro.” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
15	“Não.” (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
16	“Disse para eu pôr umas gotinhas nos ouvidos.”	
17	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	
18	“Era essa coisa do electrocardiograma.”	
19	(inclui-se conteúdo da resposta anterior)	

20	<i>“Disse disse.”</i> (mas não se lembra)	
21	<i>“Uma folhinha para apontar se eu faço xixi na cama ou não.”</i> (inclui-se conteúdo da resposta anterior)	

## **ANEXO IX – Transcrições das intervenções nas consultas de pediatria**

### **PARTICIPANTE 1**

#### **Fase de Abertura/Acolhimento**

Criança – Médica e Pai: “São sempre duas doutoras?”

Médica – Criança: “Sim nós somos sempre a duplicar.”

(Médica pede à criança para se sentar à sua frente, mas a criança senta-se atrás do monitor do computador)

#### **Fase de História Clínica/Recolha de Informação**

(Médica faz a recolha de dados sociodemográficos direccionada ao pai)

(...)

Pai – Médica: “Vimos do Brasil.”

Criança – Médica e Pai: “Vimos do Brasil.”

(Pai toca no filho para se chegar para trás mas a criança não obedece)

(No início a criança parece estar atenta e interessada na conversa entre o médico e o pai)

(...)

Médica – Pai: “Ele tem irmãos?”

Pai – Médica: “Tem, tem muitos.” (faz festinhas na cabeça do filho)

Criança – Médica: “Tenho. Tenho 4, eu sou o 5º (número de filhos).”

Médica – Criança: “És o 5º?” – C não responde

(...)

Médica – Pai: “E da mãe tem?”

Pai – Médica: “Da mãe tem ele e mais duas só. Três no total. Tem duas irmãs.”

Criança – Pai: “Porque só contas mais dois (irmãos)?”

Pai – Criança: “Que habitam na mesma casa. Então, que é do pai e da mãe. Da mesma mãe.” (faz festas na cabeça do filho)

(...)

(Criança está distraída)

Médica – Pai: “Sabe porque é que foi cesariana?”

Criança – Médica: “O meu signo tá ali.”

(...)

(Criança parece estar mais calma e olha para o que a médica faz)

(Recolha de dados da criança para o pai)

Médica – Criança: “Sabes com quantos quilos é que tu nasceste?”

Criança – Médica: “Ah?”

(...)

(Criança começa a distrair-se, mas de vez em quando observa o que a médica faz)

(Médica e Pai falam de vacinas)

Pai – Médica: “Ele tomou uma em Castro Daire. Nós temos uma casa em Castro Daire. Só como é que é, bateu o frio.”

Criança – Médica: “A última (vacina).”

Pai – Médica: “Viemos para o Algarve.”

Criança – Pai: “Falta alguma vacina para eu tomar?”

Pai – Criança: “Não, acho que não. Senta-te direitinho. Falta mas é quando fizeres 9 anos, não é?”

Criança – Pai: “Não sei.”

Pai – Criança: “É aquela... quando fizeres.”

Médica – Pai e Criança: “Exactamente.”

(...)

(Sussurra alguma coisa ao pai mas é ignorado)

(...)

(Médica e Pai conversam sobre uma ferida que a Criança fez no pé)

Criança – Pai: “Eu tinha uma coisa, enfiei uma coisa daqui para ali (o resto não se entende).” (ninguém comenta)

(Médica e Pai falam do motivo da consulta)

Médica – Pai: “Mas foi desde sempre? Quando é que ele deixou de usar fralda?”

Pai – Médica: “Isto começou a acontecer... Ah, isso já tinha deixado. Havia o xixi na cama, não é, que isso acontece. Mas...”

Criança – Médica: “Eu com três anos não fazia.”

Pai – Médica: “Ele não teve. Ele em Junho, do ano passado, não sei. Isso pode ter sido provocado por nervos, ou por alguma discussão. Aquela coisa de vir conhecer os avós, vai falar mais vezes ao telefone com os avós. Em Junho ele começou com esta situação, ainda lá.”

Médica – Pai: “Então, só para eu ter isto aqui tudo registadinho. Quando é que, com que idade é que ele deixou de usar fralda? Durante o dia e à noite.”

(...)

(Criança começa a distrair-se. Levanta-se e vai espreitar à janela. Volta à cadeira mas não está a prestar atenção)

Médica – Criança: “Oh (nome da criança), tu sentes vontade, quando tens vontade de fazer cocó quando tu dás conta já tens as cuequinhas sujas.”

Criança – Médica: (pensa sobre a questão e diz algumas palavras, como cocó)

Pai – Criança: “Responde, é simples. Só tens de responder. Tu quando tens vontade já não consegues aguentar, já tás, não sentes, ou sentes vontade e não tens tempo de ir à casa de banho?”

Criança – Pai: “Não. Eu sinto vontade só que não tenho tempo para ir à casa de banho.”

Médica – Pai: “Muitas vezes isto passa pelo treino (...)”

### **Fase de Observação Clínica**

Médica – Criança: “Olha (nome da criança), agora preciso de te ver, está bem? Vais ficar só em cuequinhas, tá bem? Naquela marquesa, para eu te observar, tá bem?”

(Criança acena que sim para a Médica)

Pai – Criança: “Queres ajuda para tirar os sapatos, os ténis?”

(...)

Médica – Criança: “Então para ali para tirares da cintura para cima, tá bem?”

(Criança não responde)

Pai – Criança: “Para tirares a camisola.”

Médica – Criança: “Tirares também a camisola. Não te preocupes estamos aqui só nós.”

(Criança tenta despir-se sem tirar a t-shirt. Pai ajuda a Criança a despir-se)

Criança: “Eu vou tirar...”

Médica - Criança: “Sim, tiras também a camisolinha, sff, para eu te auscultar.”

Médica – Criança: “Não te preocupes. (...) Não te preocupes.”

(Criança é observada)

Médica - Criança: “Limpas os dentinhos todos os dias?”

(...)

Médica – Criança: “Agora vais deitar com a cabeça aqui.”

(...)

(Criança faz comentários mas não se ouve porque a médica amachuca o papel que reveste a marquesa)

Médica – Criança: “Comeste um balão?”

(...)

Médica – Criança: “Vamos vestir.”

### **Fase de Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento**

(Médica dirige-se ao Pai. Criança veste-se. Médica explica o que a criança tem e dá aconselhamento de tratamento ao pai)

(Criança está ao pé da janela)

Médica – Pai: “(...) A partir desta hora da noite, à hora que jantam, sete e meia, oito, não bebe mais água. Não bebe mais líquidos.”

Pai – Médica: “Ele costuma beber leite.”

Médica – Pai: “Antes de deitar não. Tá bem?”

Pai – Médica: “Era antes.”

Criança – Médica e Pai: “Agora não posso tomar o leite à noite!”

(...)

(Criança continua ao pé da janela)

Médica – Criança: “(nome da criança), agora tens de ouvir porque isto também é para ti, tens que ouvir.”

Pai – Criança: “Senta aqui.”

(Criança vai-se sentar ao pé do pai)

Médica – Criança: “(nome da criança), quando estás na escola, mal sentas, tás-me a ouvir? Quando sentires vontade de ir à casa de banho, quer seja para fazer xixi, quer seja para fazer cocó, tu tens que ir logo, combinado? Eu sei que às vezes é chato estares a interromper no meio da aula e fica toda a gente a olhar para ti e tu ficas com vergonha, sim? Não gostas muito de interromper a aula?”

(Criança acena que não com a cabeça para a Médica)

Médica – Criança: “Mas é importante, está bem? Nós os adultos também quando precisamos de ir, temos de ir logo, se não depois também faz mal ao intestino e faz mal ao nosso organismo, está bem? Estás a compreender (nome da criança)?”

(Criança acena que sim com a cabeça para a médica)

Médica – Criança: “Nós vamos fazer o trabalho de casa mas também o trabalho que também tem de ser da tua parte e tem de ser em casa e na escola, está bem? Tu queres ficar tratado não é?”

(Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)

Médica – Criança: “Não queres ter mais isto. Queres brincar com os outros meninos e não queres ter esta preocupação pois não? (...) Portanto, cada vez que tiveres vontade de ir na escola ou quando vais brincar, sim? Se sentires vontade tens de ir logo, está bem? Combinado?”

(Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)

Médica – Criança: “Olha que eu depois na próxima consulta pergunto. E não pergunto ao pai, pergunto a ti.”

(Médica dá a tabela de monitorização do xixi ao pai mas criança está atenta a ouvir a explicação)

Médica – Pai: “(...)O pai vai preenchendo até à próxima consulta. E nesses dias, vai preenchendo quando a coisa corre bem e quando a coisa corre mal. Está bem?”

Pai – Médica: “Certo.”

Criança – Pai: “Quando corre bem pões um certo, quando corre mal pões uma cruz.”

Médica – Criança: “Exactamente. Muito bem.”

Pai – Criança: “Já viste?”

Médica – Criança: “E tu preenches isto com os papás, está bem?”

(Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)

Médica – Criança: “Vais preencher esta folhinha com o papá e com a mamã até à próxima consulta, fazendo estas coisinhas que eu já estive a dizer ao papá e que eu estive a dizer a ti, está bem? Estás a ouvir?”

(Criança acena que sim com a cabeça para a médica)

Médica – Criança: “A partir da hora do jantar não é para beber mais água. Nem para beber mais líquidos, está bem? Não é para beber leitinho antes de dormir e depois durante a noite o papá ou a mamã vão ter contigo e vão contigo à casa de banho, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “De manhã a seguir ao pequeno-almoço tens de te sentar na casa de banho para ver se fazes cocó. Só depois é que vais para a escola. Quando chegares da escola tens de te sentar (diz umas coisas ao pai), chegas e mais uma vez tens de te sentar, mesmo que não sintas vontade. Sentas-te ali, levas um livro, um jogo, e sentas-te ali (e continua a dizer umas coisas ao pai).”

(Médica dá indicações relacionadas com a alimentação e da medicação que a Criança deve fazer ao Pai)

Criança – Pai: “Amanhã vai ser dia 7.” (comenta a folha de monitorização do controlo esfinteriano)

Médica – Criança: “É.”

Pai - Criança: “Terça-feira.”

Médica – Criança: “Já podes ir preenchendo esse quadradinho, muito bem.”

(...)

Médica – Criança: “Olha, quando tudo correr bem, vais fazer um desenho, aqui, um desenho para eu ver.”

(Criança acena que sim para a Médica)

Médica – Criança: “Combinado? Qualquer coisa que tu gostes de fazer. E aqui? Continua. Depois do 12.”

(Criança preenche a folha de monitorização do controlo esfíncteriano)

(Médica continua a falar com o Pai e depois dá indicação da toma do medicamento ao pai)

Médica – Criança: “É muito importante (nome da criança). Quando tu sentires a mínima vontade tens de ir logo, combinado?”

(Criança acena que sim para a Médica e dão um aperto de mão)

Médica – Criança: “Olha que parte, eu quero ver na próxima consulta. Eu quero boas notícias, tá bem?”

Criança – Pai: “Na próxima consulta eu trago o papel?”

Pai – Criança: “Sim.”

Médica – Criança: “Trazes o papel podes trazer os desenhos que quiseres.”

(Médica marca próxima consulta e fala um pouco com o pai. Criança levanta-se e vai de novo brincar para perto da janela)

Médica – Criança: “Vá (nome da criança). Até à próxima consulta, tá bom? Gostei muito de te conhecer.”

(Criança vai para junto do pai)

### **Fase de Fecho/Despedida**

Criança – Pai: “Eu vou escrever aqui? Eu vou escrever aqui pai?”

Pai – Criança: “O quê? Já escrevemos em casa (...).”

(Médica despede-se do pai)

Médica – Criança: “Adeus (nome da criança).”

(Criança vai-se logo embora)

## **PARTICIPANTE 2**

### **Fase de Abertura/Acolhimento**

Médica – Criança: “Olá (nome da criança), estás bom?”

Criança – Médica: “Sim.”

### **Fase de História Clínica/Recolha de Informação**

Médica – Criança: “Então o que é que tu contas?”

(Criança não responde, olha para a mãe com ar de envergonhada)

Médica – Criança: “O que é isso? É um, é o teu carro?”

Criança – Médica: “É um carro.”

Médica – Criança: “Gostas de carros?”

(Criança acena que sim)

(Médica conversa com a Mãe e a Criança está distraída)

(Criança diz qualquer coisa quando o telemóvel da mãe toca mas não se ouve)

Criança - Mãe: “Quem era?” (após a chamada no telemóvel)

(Mãe responde)

(Criança está completamente distraída)

(Criança diz qualquer coisa à Mãe sobre o desenho mas não se entende. A mãe responde)

Mãe – Criança: “Onde é que dói as tuas pernas quando acordas para ir para a escola? Onde é que elas doem? Mostra à doutora.”

Criança – Mãe: “Dói aqui e aqui” (e aponta)

Médica – Criança: “É dos dois lados?”

Criança – Médica: “É daqui e aqui.” (e aponta)

(...)

(Mãe e Médica falam das dores nas pernas)

Criança – Mãe: “E o ar que está dentro da barriga?”

Mãe – Criança: “Humm?”

Criança – Mãe: “Eu disse o meu ar. O ar que está dentro da barriga.”

Mãe – Criança: “Ah, o ar que está dentro da barriga são gases, não é?”

Criança – Mãe: “Esquece.”

Mãe – Criança: “Senta aqui, se não a doutora vai dar uma pica.”

Criança – Mãe: “Má.”

(...)

Criança – Mãe: “Está-me a doer as pernas.”

Mãe – Criança: “Uhm.”

Médica – Criança: “Ai agora está?”

Criança – Médica: “Desta vez aqui.” (e aponta)

Mãe – Criança: “Desta vez é mais acima.”

### **Fase de Observação Clínica**

(Criança pergunta alguma coisa à Mãe e esta responde)

Mãe – Criança: “Ela vai-te examinar tudo.”

Criança – Mãe: “O quê?”

Mãe – Criança: “O que é que elas vão olhar? A barriga, os olhos, o pescoço.”

Criança – Mãe: “Tenho vergonha.”

Mãe – Criança: “Tem vergonha, de quê?”

Criança – Mãe: “Não, não tenho.”

(Criança troca algumas palavras com a mãe mas não se compreende)

Mãe – Criança: “Senta-te lá.”

Criança – Mãe: “P’ra quê sentar?”

Mãe – Criança: “P’ra quê sentar? Porque a doutora vai-te examinar.”

(...)

Mãe – Criança: “Sem rir. Respira normal.”

Médica – Criança: “Vais deitar a cabecinha para aqui e as perninhas para ali.”

Criança – Médica: “Para quê?”

Médica – Criança: “Pare eu te ver.”

(...)

(Mãe e Médica falam da alimentação da Criança)

Médica – Criança: “Tu gostas de comida para passarinho? É?”

Criança – Médica: “Eu não gosto de comida para passarinho.”

(...)

Médica – Criança: “Não, não faças força. Isso.”

(Criança ri-se)

Médica – Criança: “Não mexe.”

Mãe – Criança: “Olha para a mamãe e fica quietinho, se não a doutora não consegue fazer.”

Médica – Criança: “Junta os pezinhos, junta. (...) Tens muito gás nesta barriga.”

(...)

Médica – Criança: “Vamos vestir rapaz? Vamos?”

(...)

Criança – Mãe: “Eu já posso ir com o meu pai?”

Mãe – Criança: responde que não

Criança – Mãe: “Já passam das 5 horas?”

Médica – Criança: “Não, ainda falta.”

### **Fase de Diagnóstico e Aconselhamento de tratamento**

(Médica faz perguntas à mãe)

(Mãe fala de manchas nos olhos)

Mãe – Criança: “Mostra aqui uma coisinha.”

Criança – Mãe: “Aqui.” (indica manchas nos olhos)

Mãe – Criança: “Mostra para a doutora”

(Criança mostra à Médica)

(...)

Criança – Mãe: “Olha eu assim.”

(Mãe responde e criança ri-se)

(Criança está distraída a brincar com a mãe e diz-lhe algumas coisas mas não se entende)

(Criança fala com a mãe sobre o desenho, quando a médica se ausenta da sala)

(Mãe passa com a mão na nuca da criança)

Criança – Mãe: “Au!”

Mãe – Criança: “Nossa!”

Criança – Mãe: “Não sabes que eu bati aqui?”

Mãe – Criança: “Não, não sei.”

Criança – Mãe: “Foi hoje.”

Mãe – Criança: “Hoje? Oh.”

Criança – Mãe: “Aqui.”

(Mãe e criança trocam algumas palavras mas não se compreende)

(Criança conta até 14)

Criança – Mãe: “14 quilos. Aqui.”

Mãe – Criança: “É, nem passou dos 20.”

Criança – Mãe: “E da água (Criança conta até 73)”

Médica – Criança: “(nome da criança)! (...) Mostra lá a barriga.”

Mãe – Criança: “(nome da criança), mostra lá à doutora a barriga.”

(Criança conta de 80 a 100. Ao mesmo tempo as médicas falam com a mãe)

(Criança brinca enquanto as médicas falam com a mãe)

Médica – Criança: “Tá bom (nome da criança)? Sim?”

(Médica e Criança chocam as mãos)

(Médica e Criança conversam e criança brinca)

Mãe – Criança: “Não faz isso porque a mãe não consegue conversar com a doutora. Depois eu não entendo o que ela disse e em vez de te dar a medicação vai-te dar uma pica.”

Criança – Mãe: “Mas eu quero pintar.”

Mãe - C: “Está bem mas aqui não tem lápis para pintar, só lá na outra sala.”

(Criança continua a brincar)

Criança: “Boa, tá mais grande.”

Mãe – Criança: “Não é mais grande. É maior.”

Criança – Mãe: “(...) Mais grande.”

Mãe – Criança: “Mais grande não existe.”

Criança – Mãe: “Grande.”

Mãe – Criança: “Sim. Ou só grande ou maior.”

Criança – Mãe: “Grande.”

(Médica dá informações à mãe)

(Médica imprime um papel e a Criança parece ser atraída pelo barulho da impressora.

Pega no papel que a médica põe em cima da mesa e dá-lo à mãe)

(Criança brinca com o desenho enquanto a mãe e a médica conversam)

(Médica imprime outra folha)

Criança – Médica: “Outro papel?”

Médica – Criança: “Isto é só para tu leres. Já viste?”

(Médica dá indicações da próxima consulta à mãe)

(Criança e mãe trocam algumas palavras mas não se compreende)

(Médica imprime outra folha)

Criança – Médica: “Mais papel? Que fixe.”

(Médica dá indicações do tratamento à mãe)

### **Fase de Fecho/Despedida**

Médica – Criança: “Adeus.”

Criança – Médica: “Tchau.”

Médica – Criança: “Adeus (nome da criança).”

### **PARTICIPANTE 3**

(não é apresentada a fase de abertura/acolhimento)

### **Fases de História Clínica/Recolha de Informação e de Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento**

(A médica começa a dizer que o que se passa na consulta fica só entre os médicos, a criança, a mãe e eu)

Médica: “Então o que é que temos aqui? Foi trabalho da mãe.”

Criança – Médica: “...para ir à casa de banho.”

(Médica analisa a monitorização da enurese direccionando questões à Mãe)

Mãe – Médica: “Esqueci-me de apontar o cocó.”

Criança – Médica: “Não cocó.”

(Criança observa o que a Médica está a fazer, está atenta e sentada na cadeira)

Médica – Criança: “Sabes o que é que está aqui escrito?”

(Criança acena que não para a médica)

(Mãe explica à Médica que a Criança bebeu sumo numa festa)

Criança – Médica: “Coca-cola.” (Criança lê o que está escrito no papel)

Médica – Criança: “A gente já conversou sobre as bebidas que fazem fazer xixi, certo?”

Criança – Médica: “Coca-cola.”

Médica – Criança: “Coca-cola e ice tea. Uma festa de anos é uma festa de anos, está bem? Mas também tens direito a beber um bocadinho numa festa de anos.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Enquanto se houver bongo ou e tu gostares de bongo podes preferir bongo em vez de coca-cola, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Ou ice tea, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Mãe – Criança: “Sabes o que é? Cházinho na avó.”

Médica – Criança: “Também tem de acabar, está bem? Vamos dar conta disto agora.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Então temos de fazer algumas coisas durante um tempo. Alguns compromissos que é «Não vou beber estas bebidas», sim?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Por exemplo em vez de coca-cola se houver bongo, tu vais dizer «Eu prefiro bongo», nesta altura, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E chá dizes à avó «Não posso beber chá, muito menos à noite», está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica fala com o Outro Médico e com a Mãe e a Criança está atenta)

(...)

Médica – Criança: “As fraldas vão acabar (nome da criança).”

(...)

Médica – Criança: “As fraldas vão acabar, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Vai haver um xixi no início, mas se nós fizermos as coisas certinhas vão acabar. Podes ter a certeza.”

(...)

Médica – Criança: “Então eu fiz-te alguma coisa assim escrita para tu pões lá na porta do frigorífico? Fiz, não foi?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Então vamos lá (nome da criança). Assim, nós precisamos beber água, certo?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “O nosso corpo precisa de muita água, vai vir aí o Verão. Temos de beber muita água durante o dia para não beber água à noite.”

(Criança acena que sim com a cabeça para a médica)

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Então tu tens que levar, tens que beber uma garrafinha destas inteira quando estás na escola.”

Criança – Médica: “Toda?”

Médica – Criança: “Toda está bem? Que é para não teres sede à noite. Quando chegas a casa à noite, à hora do jantar dizes «Eu tenho sede, eu tenho sede, eu tenho sede» e a mãe vai dizer «Tu não podes beber (nome da criança)» «Mas eu tenho sede» e «Não podes beber (nome da criança)» Estás a ver? Porque não bebeste durante o dia e o nosso corpo precisa de água obviamente. Está bem?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Portanto tens de levar para a escola e tens que beber. É claro que no início não bebes a garrafinha toda mas vais tentar, certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E a mãe vai fazer um horário para não te esqueceres de beber a aguinha está bem?”

Criança – Médica: “Sim.”

(Médica fala com a Mãe)

Médica – Criança: “Ouviste (nome da criança)? Pronto. Então, beber água, a minha letra é feia mas a mãe depois pões uma letra bonita lá para tu leres, durante o dia. Certo?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Não beber líquidos a partir das 19 horas. Significa que para lavar os dentes não se pode estar a beber água. Tem de se cuspir a água cá para fora, está bem? E se tiver muita, muita, sede tem de beber assim só um bocadinho ao jantar, assim.”

Criança – Médica: “Tudo.”

Médica – Criança: “Tudo.”

(Criança ri-se para a médica)

Médica – Criança: “Ora bem. Bebidas proibidas (nome da criança). Bebidas proibidas, ok? Ice tea, colas e chás. Está bem?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Posso beber sumo durante o dia mas que não seja destes.”

Criança – Médica: “Lá na escola não é assim, é só água.”

Mãe – Criança: “E em casa também. Só ao fim de semana é que às vezes há sumo.”

Médica – Criança: “Depois fazer xixi várias vezes ao dia. É assim, de manhã quando se levanta vai logo fazer xixi, não vai brincar, não vai ver televisão, não vai nada. É fazer xixi.”

Criança – Médica: “De manhã estou sempre para ir à casa de banho” (interrompe a médica)

Médica – Criança: “Muito bem. De manhã, pronto. Quando levanta, ao levantar. Depois no intervalo da escola ou a meio da manhã, tem de ir fazer xixi, está bem? A meio da manhã no intervalo. Está bem (nome da criança)? Há hora do lanche, quando está na escola tem de ir logo fazer xixi, se vai beber aguinha vai ter. Há hora do jantar. E sempre, sempre, sempre ir fazer xixi antes de ir? Deitar.”

Criança – Médica: “Tar.” (Criança completa o que a médica diz)

Médica – Criança: “Tá bem? Lava os dentinhos, faz xixi. Ao deitar. Fazer xixi sem pressa, tá bem? Não é acabou, acabou, acabou, já tá. Tá bem? Pingar as pinguinhas todas. Está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica explica a toma da medicação à Mãe)

Criança – Médica: “Assim.” (põe a mãe na boca como quem mostra como se toma o medicamento)

Médica – Criança: “Assim, exactamente “tuck” e aquilo desfaz-se.”

Mãe – Criança: “Tira o dedo da boca. Os teus dentes vão...”

Criança – Mãe: “E ainda estão para trás.”

Médica – Criança: “Eles vêm para a frente querido, eles vêm sozinhos vias ver. Mas podes deixar é a língua quieta.”

Criança – Médica: “Estou a empurra-los para a frente.”

Médica – Criança: “Eles vêm sozinhos.”

(...)

Médica – Criança: “Muito bem. Depois o que é que eu te ia dizer mais? Ia-te dizer que tens que preencher agora uma coisa que eu te vou dar. Isto foi a mãe que fez mas agora a seguir és tu. Fralda adeus.”

Criança – Médica: “Fralda adeus.”

Médica – Criança: “Fralda adeus.”

Mãe – Criança: “Agora vais dizer aos teus amigos que usavas fralda. Tás-te a rir.”

Criança – Mãe: “Não.”

Médica – Criança: “Não, não vai nada que isto não, as coisas aqui são segredos e não vai dizer nada disso, nada disso.”

(...)

Médica – Criança: “Portanto, fralda adeus.”

(Criança ri-se para a médica)

Médica – Criança: “Se houver um descuido”

(Criança ri-se para a médica e diz qualquer coisa que não se entende à médica)

Médica – Criança: “Vai de viagem? Viagem de ida sem volta. Olha, se houver um descuido, deve-se mudar a cama, deves ajudar a mamã a mudar a cama, está bem?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Que ela precisa de ajuda. Está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Mãe – Criança: “Ouviste? Vais mudar a caminha.”

Médica – Criança: “Vai ajudar, vai ajudar a mãe. Certo?”

Criança – Médica: “Sim.”

(...)

Criança: “2. Pi. E está a bater pi, pipo, pipo, pipo.”

(...)

(Médica traz material para a Criança)

Criança – Médica: “Isso.”

Médica – Criança: “Então o que é que é isso (nome da criança)?”

Criança – Médica: “Isso é para quê? É para eu fazer?”

Médica – Criança: “Isto é para tu preencheres.”

(Criança ri-se para a médica)

Criança – Médica: “É para quê?”

Médica – Criança: “É para tu preencheres.”

Criança – Médica: “Como?”

Médica – Criança: “Então é assim. Pronto. Hoje é que dia da semana?”

Criança – Médica: “Dia?”

Médica – Criança: “É 2ª feira?”

Criança – Médica: “Humm... não.”

Médica – Criança: “É 3ª feira?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Muito bem. Portanto, 3ª feira. Hoje como é que foi a noite? Estávamos de fraldinha?”

Mãe – Médica: “Seca.”

Médica – Criança: “Seca. Então seca o que é que fazes? Ou pintas aqui com amarelo ou pões uma cruzinha ou pintas de vermelho ou pintas do que tu quiseres. Está bem?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Mãe: “(...) Isto é penalizante estar ali, agora a pintar chuva, agora a pintar chuva, agora a pintar chuva, não é? É um bocadinho... Então podemos optar é só pintamos os dias de sol. Esses pintamos.”

Criança – Médica: “É para eu pintar?” (dentro do tema)

(Médica diz mais umas coisas à mãe)

Médica – Criança: “Certo? Hoje tens de pintar.”

Mãe – Médica: “Mas isto é para o (nome da criança)fazer.”

Médica – Criança: “Po (nome da criança).”

Criança – Médica: “Isto é para eu pôr o nome e a data.”

Médica – Criança: “Muito bem! É isso mesmo! O nome aqui. Tu já sabes fazer essas coisas todas.”

Criança – Médica: “É o meu nome todo.”

Médica – Criança: “Muito bem! Muito bem. Eu depois quero ver aqui o teu nome todo aqui todo escritinho. Certo (nome da criança)? Hum? Levas 3.”

(Médica está a imprimir umas coisas para dar à mãe e conversa com a mãe)

Criança – Médica: “Não tem folha. (Médica não responde) Não tem folha.”

Médica – Criança: “Estava aqui aberto um bocadinho, é por isso (nome da criança). Vamos ver.

(Depois sai uma folha)

Criança: “Sai. O quê? Uma folha branca?”

(Médica continua a falar com a Mãe)

Médica – Criança: “É claro que se tivesses um papelinho vias, depois de fazeres xixi secavas um bocadinho ainda tás a ver? Para não ficar lá o xixi. Secar com um papel, como as meninas fazem, os meninos também devem fazer só que às vezes não fazem logo o resto.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica - Criança: “Depois fica ali uma pinguinha na cueca.”

(Criança ri-se para a médica)

(Médica explica à mãe como funciona a medicação e a Criança distrai-se. Depois levanta-se e vai ao pé da Câmara e diz “Olá”. Depois vai ao pé do armário e diz qualquer coisa que não se percebe.)

Criança: “Minirim.” (Lê o nome do medicamento)

Médica – Criança: “Minirine.”

Criança – Médica: “Minirine.”

(Médica mexe no computador e a Criança vê o que a médica está a fazer)

Criança – Mãe: “Mãe, Diogo. Está ali (nome da criança)?”

Médica – Criança: “Tá ali (nome da criança)?”

Criança – Mãe: “Olha aqui (nome da criança) Mãe!” (e aponta para o ecrã)

Médica – Criança: “E isto é muito importante.” (quando lhe dá o papel para a monitorização da enurese)

Mãe – Criança: “Vai para o frigorífico.”

Criança – Mãe: “É para o frigorífico?”

(Mãe acena que sim para a criança)

Médica – Criança: “É claro. Claro que sim.”

Criança – Médica: “Também vou ter de virar isto?” (a folha)

(Médica e mãe riem-se com a criança)

Médica – Criança: “(nome da criança). Tá combinado?”

(Criança acena que sim para a médica)

Mãe – Criança: “Tens de beber a aguinha toda na escola.”

Médica – Criança: “Vá bebe aí uns golinhos pra gente ver, sff.”

(Criança tenta abrir a garrafa)

Criança – Mãe: “Abre a minha mãe”

(Médica explica mais umas coisas à mãe)

Médica – Criança: “Vá, mostra lá como é que vais bebendo a água”

(Criança bebe água)

Médica – Criança: “Muito bem. O que é que lhe aconteceu? Babou-se?”

(Criança ri-se para a médica)

Criança - Médica: “Foi sem querer”

### **Fase de Fecho/Acolhimento**

Médica – Criança: “Acontece. Vá (nome da criança). Força. Tá bem?”

Criança – Médica: “Outra vez?” (beber água)

Médica – Criança: “Não. Força é as outras coisas todas que combinámos aqui.”

Mãe – Criança: “O xixi na cama e os comprimidos e tudo.”

Médica – Criança: “Está bem?”

Mãe – Criança: “E os sumos acabou.”

Criança – Mãe: “Oh!”

Médica – Criança: “Tchau (nome da criança)

Criança - Médica: “Tchau.”

Médica – Criança: “Tchau.”

## **PARTICIPANTE 4**

### **Fase de abertura/acolhimento**

Médica – Criança: “Olá. (...) Tá boa?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Então, como é que esta menina tem passado?”

(Criança olha para a mãe e a mãe é que responde)

Médica – Criança: “Mas não vais falar comigo?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “É que hoje está difícil. Já tivemos aí uma menina que não consegui arrancar uma palavrinha.”

Outro Médico – Criança: “Eu acho que é das unhas pintadas. Esta menina também tem. A outra menina também tinha e não falava, é?”

(Criança ri-se para a médica)

(...)

### Fase de história clínica/recolha de informação

(Médica pede livro à Mãe e dirige o seu discurso à Mãe)

(Criança está sossegada na cadeira a olhar para a médica)

Médica – Criança: “De cocó estamos bem, Beatriz?”

Criança – Médica: “Estamos.” (e depois olha para a mãe)

(Médica continua a ver o registo da criança e comenta algumas coisas)

Médica – Criança: “Cocó todos os dias? Não aguenta o xixi?”

Criança – Médica: “De vez em quando.”

Médica – Criança: “De vez em quando o quê? De vez em quando não fazes cocó todos os dias?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Fazes bolinhas às vezes?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Não? Vem sempre um cocó normal?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Sim. É só xixinha.”

(Criança ri-se para a médica)

Médica – Criança: “Tá bem? E o xixi na escola vai fazer?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Não aguenta o xixi, vai à casa de banho da escola. Vais?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica e mãe trocam algumas palavras)

## ***Momento 2 – Exame Físico***

(Mãe diz à Médica que estão com um problema porque a dentista não consegue arrancar dois dentes à Criança)

Médica – Criança: “Por amor de Deus Beatriz. (Mãe faz alguns comentários e conversa um pouco com a médica) São dentes de leite Beatriz? Porque não deixas?”

(Médica espreita os dentes da Criança e depois vai buscar qualquer coisa para a observar)

Criança – Médica: “Não” (põe a mão na boca)

Médica – Criança: “Eu não vou fazer nada. É só para ver, para afastar a língua. Não vou pôr lá atrás.”

Criança – Médica: “Com isso não!”

Médica – Criança: “Não vou pôr lá para trás é só para afastar a língua. É só para afastar a língua.”

Mãe – Criança: “Beatriz! Vá lá! Abre a boca. Tens de abrir a boca.”

(Criança não quer abrir a boca para a médica)

Médica – Criança: “Vá lá! Uma menina tão... Abre a boca. Não vou pôr lá para trás, a sério. É só para afastar a língua. Não é aquela coisa para ver a garganta agora, é para ver os dentes. Não vês, é só para fazer assim. É esta coisa aqui, esta puazinha? (Mãe e médica trocam algumas palavras) Não sei como é que vamos fazer isso, mas isso não pode estar aí de facto. Fazes uma infecção, ficas com a cara toda inchada. Já viste? Queres ficar assim?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Não! Logo vi!”

(Mãe diz à Médica que a Criança tem-se queixado de um osso)

Médica – Criança: “Qual osso?”

Criança – Médica: “Deste.”

Médica – Criança: “Mostra lá. Em pé. Qual ossinho?”

(Mãe vai fazendo alguns comentários)

Criança: “É aqui.”

Médica – Criança: “Aqui?”

Criança – Médica: “Sim.”

(Médica faz perguntas à Mãe)

Médica – Criança: “Tu não te lembras de ter caído assim de rabo no chão?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Não.”

(Mãe e médica conversam um pouco)

Médica – Criança: “Mas olha, nessa dorzinha aí podes pôr, quando doer, podes pôr um bocadinho de creme mas podes ir à escola. (Mãe faz comentário) Não é doença grave aí, não te preocupes. (Mãe faz comentário) Deita lá para ver a barriguinha sff. Aí tens cócegas. E agora lava os dentinhos todos os dias? Não pode ser preguiçosa. Não pode ser preguiçosa. (Mãe faz comentário) E esses dentinhos que agora têm novos são pra vida toda. Estes só duraram 6 anos, certo? E estragaram-se todos. Agora imagina estes daqui a 6 anos estão outra vez mal tratados.”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Tens que ir ao dentista gastar montes de dinheiro e depois mais, pior. Sabes o que é que tens de fazer? Já não nascem mais nenhuns. Já não tens direito a mais nenhuns”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Tens de fazer um buraco no osso para meter um dente postiço.”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Isso é que custa imenso. Ah! Então lava os dentes, lembra-te disso e lava os dentes. E sabes quando é que custa um buraco no osso para pôr um dente postiço?”

Criança – Médica: “Quanto?”

Médica – Criança: “2500 euros cada dente.”

Criança – Médica: “Ah!”

Médica – Criança: “É verdade. Ouviste?”

Criança – Médica: “Ouvi.”

Médica – Criança: “Lembra-te dessas coisas todas e lava os dentes. Esses são os dentes mais bonitos que se pode ter e são os teus. Ouviste?”

Criança – Médica: “Hum hum.”

Médica – Criança: “Então pronto. Não sejas preguiçosa. Não sejas preguiçosa e cocó todos os dias também. Tá bem? Pode levantar.”

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Criança senta-se de novo ao pé da mãe e olha à sua volta. Médica dá feedback à Mãe)

Médica – Criança: “Eles são muito simpáticos, está bem?” (fala dos dentistas)

(Criança acena que sim para a médica)

Interno – Criança: “Não podes ter medo.”

Médica – Criança: “Pois não.”

Outro Médico – Criança: “Tens medo?”

Criança – Outro Médico: “Tenho.”

Outro Médico – Criança: “Tens.”

Médica – Criança: “Também não tem de ter medo porque não há razão pra isso.”

Outro Médico – Criança: “Lá porque correu mal uma vez não quer dizer que vá correr mal outra vez. Sim? Hum? (Mãe faz comentário) Desta vez tem de deixar, está bem? Sim?”

(Criança acena que sim para o outro médico mas está a olhar para a mãe com vergonha)

Médica – Criança: “Agora até lá tens que pensar vais ter de fazer, a doutora é uma doutora muito simpática e que, e que não custa nada ainda por cima. Eles são tão simpáticos que põem um sprayzinho, uma coisa, que aquilo não custa nada. Não te precisam de pôr a dormir com injeções e coisas assim. Nem pensar para uma coisinha dessas. Percebes?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica diz à mãe que só precisa de voltar em SOS)

Médica – Criança: “Tá bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Beber muita aguinha, fazer xixi.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Certo? Não aguentar o xixi. Cocó todos os dias, que é para não haver mais infecções. Depois outra coisa. Lavar os dentes antes de ir para a escola. Obrigatório: antes de ir para a escola depois do pequeno-almoço e antes de ir para a cama. E depois ao fim de semana se está em casa depois do almoço. E depois se gostas de comer doces também deves lavar os dentes porque os doces fazem com que os bichinhos fiquem lá a comer o nosso dente e não devem. Pois, que eles gostam de comer os nossos dentes. Tá bem?”

Criança – Médica: “A mim já me caíram dois bocados deste dente” (e aponta para o dente)

Médica – Criança: “Tás a ver? E depois ficas com a cara toda inchada. Se aquilo não melhora com o antibiótico ou com o xarope tens que ser internada a fazer injeções nas veias. (Criança faz cara de aflição) Portanto é melhor deixares. E é melhor tratares os teus dentes tá bem? Porque eu, nós somos médicos mas somos amigos das meninas e eu quero que tu fiques com uma boca bonita e que não haja guerra de injeções. Portanto estes conselhos são para que isso não aconteça. Tá bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Portanto não há preguiça, certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Tchau Beatriz.”

Criança – Médica: “Tchau.”

## **PARTICIPANTE 5**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Olá menina!” (Criança não responde e fica a brincar com a irmã junto da mesa da entrada)

(Pai dirige-se aos médicos e cumprimenta-os)

Médica – Criança: “Olá meninas!”

Irmã – Médica: “Olá!”

Pai – Criança: “Olha senta lá aqui.”

Médica – Criança: “Oh Miriam, mas tu estás muito crescida Miriam.”

Pai – Criança: “Miriam!”

Médica – Criança: “Anda lá. Minha nossa! Tão boas?”

Criança – Médica: “Sim” (e acena que sim com a cabeça para a médica)

Médica – Criança: “Tens aí a boca muito (não se entende a palavra mas percebe-se que fala da falta de dentes)”

(Criança acena que sim e sorri para a médica; a médica ri-se)

(Médica pede o livro de saúde ao pai, vê o resultado dos exames da criança e faz-lhe algumas perguntas; Médica dá algumas recomendações ao Pai)

Médica – Criança: “Portanto, tu aguentas os xixis, os teus rins dilatam quando aguentas o xixi. Tu aguentas o xixi muitas vezes. Tu no intervalo da escola. Tás na escola, verdade? De manhã quando te levantas tens de fazer logo xixi. Depois no intervalo da escolinha, a meio da manhã, tens que ir fazer xixi, ou no ATL. Onde é que estás de manhã, na escola?”

(Criança acena que sim para a médica e o pai responde verbalmente)

Médica – Criança: “A meio da manhã na escola tens de ir fazer xixi, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Depois à hora do almoço, almoças na escola?”

(Pai responde à médica)

Médica – Criança: “Tem de fazer xixi. À hora do lanche (Médica diz ao pai que pode ir à casa de banho com a filha mais nova), à hora do lanche fazer xixi, certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Pai levanta-se e vai à casa de banho com a filha mais nova; a criança fica no gabinete com a médica e o outro médico)

Médica – Criança: “Quando chega à casa xixi. Antes de ir deitar, fazer xixi.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Sempre estas vezes todas, está bem Miriam?”

Criança – Médica: “Está bem.”

(Médica vê algumas coisas no computador e Criança brinca com as pulseiras)

Médica – Criança: “A cuequinha nunca tem xixi, Miriam?”

Criança – Médica: “Ah?”

Médica – Criança: “Nunca perdes xixi na cuequinha, pois não?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “E à noite também não.”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Pronto. Ainda bem.”

Criança – Médica: “Só a Érica é que faz na fralda.”

Médica – Criança: “Pois mas a Érica ainda é pequenina, certo? Então quem é que fez essa pulseira, conta-me lá.”

Criança – Médica: “Hum?”

Médica – Criança: “Foste tu que fizeste?”

Criança – Médica: “Fui.”

Médica – Criança: “Uau! Tão gira! Como é que fizeste?”

Criança – Médica: “O fio da minha mãe partiu-se e eu fiz uma pulseira.”

Médica – Criança: “Muito gira.”

(Pai entra novamente na consulta; médica dá feedback dos exames e recomendações ao Pai)

Médica – Criança: “Isto vai ser a vida toda assim, tá bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Tens de ter esse cuidado contigo. Agora os pais fazem lembrar mas depois comesas cada vez a ficar mais crescida e tens que te lembrar disso, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica continua a dar feedback ao Pai)

Médica – Criança: “Cocó, todos os dias? Não faz bolinhas?”

Criança – Médica: “Não faço cocó todos os dias.”

Médica – Criança: “Ah, isso é mau. E fazes às bolinhas quando fazes?”

(Criança acena que não para a médica)

Médica – Criança: “Não?”

## ***Momento 2 – Exame Físico***

Médica – Criança: “Vamos para ali (dirige-se ao Outro Médico) para ver a barriguinha, sff.”

(Pai conversa com a médica sobre uma problema de saúde de família; quem observa a criança é o Outro Médico)

Médica – Criança: “Podes levantar Miriam.”

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de tratamento***

Outro Médico – Criança: “Tu és bem comportada, deixa a barriga molezinha. Há meninos que fazem força na barriga e não deixam.”

(Criança distrai-se com a irmã; Pai e médica conversam; Criança ri-se quando o pai chama “frangalho” à irmã)

Outro Médico – Irmã: “Não gostas de comer?”

Criança – Outro Médico: “Não gosta não.”

(Outro Médico faz algumas perguntas à irmã da criança e o pai fala da alimentação desta; Criança brincar com as pulseiras e presta atenção ao que a irmã faz)

Médica – Criança: “Tu estás boa.”

Criança – Médica: “Eu to boa?”

Criança – Pai: “Yeah!”

Pai – Criança: “Estás boa mas não te podes descuidar.”

Médica – Criança: “Sim.”

Pai – Criança: “Não te esqueças do resto.”

Médica – Criança: “Mas olha esta parte importante que falámos Miriam. Tu ouviste, não ouviste?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Até porque já és uma menina crescida.”

Pai – Criança: “Tás boa mas tens que te manter, não é estar, tens que te manter boa.”

Médica – Criança: “Exactamente.”

(Criança acena que sim para o pai)

(Criança distrai-se com o desenho que a irmã faz e comenta algumas coisas sobre este)

Criança – Irmã: “É o rabo.” (fala do desenho da irmã)

(Criança ri-se para o pai em relação ao que o Outro Médico diz à irmã)

Criança – Irmã: “Essa é a cauda.”

(Irmã continua a fazer o desenho e criança brinca com as pulseiras)

(Médica faz pergunta ao pai)

Outro Médico – Irmã: “Isto é um lápis especial.”

Criança – Irmã: “É. É para dar picas.”

Outro Médico – Criança: “Não é nada, este é que é.”

Criança – Outro Médico: “Eu conheço para dar picas. Que eu já dei muitas picas nos médicos.”

(Criança continua a brincar com a pulseira e depois decide escrever o seu nome no desenho da irmã)

Criança: “Olha vou escrever o meu nome.”

(Pai e médica conversam sobre os rins da criança enquanto esta está a escrever o seu nome)

Criança – Outro Médico: “Ela (irmã) não sabe escrever o nome. Eu já escrevi.”

(Ao mesmo tempo a médica e o pai conversam)

Criança – Irmã: “Oh Érica. Posso fazer o teu nome?”

(Criança brinca com as pulseiras; Pai diz à médica que a criança até vai bebendo água)

Criança – Médica: “Eu bebo todos os dias uma garrafa grandinha.”

Médica – Criança: “Muito bem.”

(Pai continua a falar da irmã da criança; Médica vai realizar o exame físico à irmã da criança, enquanto isso a criança fica junto do pai e escreve numa folha)

Criança: “Pronto. Já escrevi o nome da Érica.”

(Todos esperam que o Outro Médico acabe de observar a irmã da criança; criança brinca com as pulseiras)

Pai – Criança: “Essa pulseira vai rebentar.”

Criança – Pai: “Ah?”

Pai – Criança: “As pulseiras vão rebentar.”

Criança – Pai: “Vão-se partir?”

Pai – Criança: “Pois.”

Médica – Criança: “Ai, depois perdes as tuas missangas.”

(Médica dá indicações à irmã; Pai conta que a irmã da criança foi picada por mosquitos)

Pai – Médica: “Mosquitos? Aquilo não são mosquitos, aquilo são...”

Criança – Pai: “Aviões.”

(Pai continua a falar dos mosquitos com a médica)

Criança: “Pronto, já está.” (terminou o desenho)

Pai – Médica: “Estávamos a ver televisão”

Criança – Pai: “E apareceu os mosquitos.”

(Pai fala das babas da irmã; Criança ouve a conversa)

Criança – Pai: “Eu fiquei aqui com uma baba.” (e aponta)

(Pai continua a falar sobre os mosquitos; Pai pede à irmã para ir brincar para a mesinha na entrada do gabinete; irmã pega na cadeira da mesinha e vai-se sentar ao pé do pai e da criança; Pai e médica continuam a falar dos mosquitos e a criança brinca com a pulseira; pai diz à médica que os mosquitos não picaram a criança)

Médica – Criança: “O sanguinho da mana é melhor Miriam, já viste?”

Criança – Médica: “A mim picaram-me aqui” (e aponta)

(Pai continua a falar sobre as picadas de mosquito; pai diz que a irmã, com as picadas, passa de 12 kg para 18 kg; Criança, ao ouvir isto, começa a contar com os dedos de 12 a 18)

Criança – Pai: “17, 18. Fica com mais 6 kg.”

(Criança continua a brincar com a pulseira)

Criança – Irmã: “Olha não escrevas aqui, nem aqui. Eu já escrevi o teu nome e o meu.”

(Médica vê umas coisas no computador; Criança brinca com a irmã e depois com a pulseira)

Criança (enquanto brinca): “Ton, Ton, Tun.”

(Pai e médica continuam a falar; Médica diz ao Pai que tem de ir ao hospital de dia marcar análises)

Criança – Pai: “É para mim?”

Criança – Pai: “Eu vou tirar o sangue.”

Pai – Criança: “É para as duas.)

Médica – Criança: “É para as duas.”

(Médica diz à irmã que as análises não são para fazer naquele momento, que são para ir marcar)

Criança – Médica: “E a mim?”

Médica – Criança: “Então vêm as duas no mesmo dia, o pai não vem cá duas vezes.”

Criança – Médica: “Oh! (Descontentamento) Queria ir tirar sangue.”

Pai – Criança: “É quando vierem fazer o exame.”

Médica – Criança: “Pois claro, não é?”

Criança – Médica: “Mas deve ser aqui e aqui custa menos. E foi aqui no exame” (e aponta)

Criança: “Olha vou pintar com castanho.”

(Médica conversa com o pai; criança distrai-se com a irmã)

(Telemóvel do pai toca)

Criança – Pai: “É a mãe.”

Pai – Criança: “Deve ser.”

(Criança continua distraída com a irmã; Médica diz ao pai a data da próxima consulta)

Médica – Criança: “Se fosse o aniversário do Pai nesse dia não dava.”

(Pai comenta a situação com a médica)

Criança – Médica: “Ai ainda falta muito, que bom!”

Médica – Criança: “Miriam. Não aguentar o xixi. Fazer xixi todos os intervalos, está bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Combinado?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Muito bem.”

(Pai e médica trocam algumas palavras)

Médica – Criança: “Tchau Miriam.”

Criança – Médica: “Tchau.”

(Criança faz adeus)

## **PARTICIPANTE 6**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médico – Criança: “Olá Matilde. Então, tás boa?”

(Criança acena que sim para o médico)

Médico – Criança: “Hum. Tá bom.”

Avó – Criança: “Dá um passou bem ao doutor.”

Médico – Criança: “Passou bem.”

(Cumprimentam-se com um aperto de mão; médico faz perguntas à avó; médico e avó conversam e a criança parece prestar atenção)

(Avó diz ao médico que a Criança está a gostar mais da escola)

Avó – Criança: “Tás minha querida, diz lá ao doutor.”

(Criança acena que sim para o médico)

(Avó e médico continuam a conversar e criança distrai-se um pouco; criança mostra-se aborrecida; médico e avó falam da colheita para análise à urina e criança intervém)

Criança – Avó: “Isso é de eu pôr o copinho aqui?”

Avó – Criança: “Sim.”

Criança – Avó: “Então foi em casa.”

Avó – Criança: “Foi em casa filha?”

Criança – Avó: “Foi.”

Médico – Criança: “Olha lá, e antes de coiso limparam assim a zona... esta zona?”

Criança – Médico: “Limpei assim.” (e mostra como limpou)

Avó – Criança: “A mãe limpou para fazer o xixi?”

Criança – Médico: “Limpei assim.” (e mostra como limpou)

Avó – Criança: “A mãe limpou para fazer xixi?”

(Médico e avó continuam a falar)

## ***Momento 2 – Exame Físico***

Médico – Criança: “Tira a blusinha, tá bem?”

(Criança despe-se; Médico faz perguntas à avó)

Médico – Criança: “Tira tira também.”

(Criança tira os calções)

Médico – Criança: “Deita lá. (...) Tá bem? Podemos ver ou não?”

(Criança acena que sim para o médico)

Médico – Criança: “Quando tens vontade de faze xixi vais logo ou deixas esperar um bocadinho?”

Criança – Médico: “Não.”

Médico – Criança: “Não podes deixar, tens que ir logo. Se aguentas muito o xixi na bexiga e depois às vezes... A barriguinha não costumava... Fazes bem cocó? Não tens o cocó duro não?”

Criança – Médico: “Não.”

Médico - Criança: “Uma das coisas que isto às vezes é tem haver com a obstipação, com o cocó muito duro. (...) Posso ver aqui? Só um instantinho (...)”

Avó – Criança: “O médico não faz mal.”

Médico – Criança: “Não. Ela sabe. É só para espreitar, tá bem? Pronto, tudo bem. (...) Sabes como é que tu tens de te limpar? Quando fazes cocó.”

Criança – Médico: “Assim.”

Médico – Criança: “Não, quando fazes cocó.”

Avó – Criança: “Quando tu fazes cocó é lá atrás, tu sabes.”

Criança – Médico: “Ah, assim.”

Médico – Criança: “Como é que é?”

Criança – Médico: “Assim e depois quando faço xixi é assim.” (e mostra)

Médico – Criança: “Não. Quando fazes cocó, limpas como?”

Avó – Criança: “Não, quando fazes cocó, limpas como? Pela frente ou por trás?”

Criança – Avó e Médico: “Por trás.”

Médico – Criança: “Não, faz lá, faz lá.”

Avó – Criança: “Faz lá como te limpas, quando fazes cocó. Cocó, cocó.”

Criança – Avó e Médico: “Assim.”

Avó – Criança: “Como?”

Criança – Avó e Médico: “Assim.”

Avó – Criança: “Assim não. Tem de ser assim.”

(Médico e avó conversam; avó explica que a mãe tem andado muito nervosa e que grita com a neta)

Avó – Criança: “Não grita filha? Diz lá ao doutor.”

Criança – Médico: “Sim.”

Médico – Criança: “Mas porquê?”

Criança – Médico: “Porque às vezes porto-me mal.”

Médico – Criança: “Tu portaste mal? Então mas eu não acredito que te portes mal. O que é que fazes mal? Diz lá.”

(Criança não responde e avó responde por ela; diálogo passa a ser entre médico e avó)

Médico – Criança: “Podes vestir.”

(Criança veste-se)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médico e avó conversam sobre a situação da mãe da criança; Médico dá feedback da situação da criança à avó; médico faz recomendação de novo exame à avó)

(Avó explica ao médico que a criança disse que preferia ir à consulta com a avó do que com a mãe)

Médico – Criança: “Então porquê?”

Avó – Criança: “Porque é que disseste isso que a mãe não vinha?”

Criança – Avó: “Não queria que ela viesse.”

Avó – Criança: “Não quiseste que a mãe viesse, então porquê?”

Médico – Criança: “Porquê? Então, a mãe é tua amiga, não é?”

Avó – Criança: “A mãe gosta de ti, tu não gostas da mãe?”

Criança – Avó: “Limpa-me os óculos.”

Avó – Criança: “(...) O que é que te faz a mãe, diz lá ao doutor.”

Criança – Avó: “Não me deixa fazer nada.”

Médico – Criança: “Não te deixa fazer nada? Ah. Não acredito.”

(Criança acena que não para o médico)

Avó – Criança: “E a avó o que é que faz?”

Criança – Avó: “Deixa tudo.”

Avó – Criança: “(...) Não é bem assim. Também se zanga contigo e diz que não se faz e que não deves fazer ou não digo?”

(Criança acena que não para a avó)

Avó – Criança: “Ai não. Não sejas mentirosa. Tu não és mentirosa.”

Médico – Criança: “Ai a Matilde!”

(Médico conversa com a avó sobre as análises que irá fazer)

Avó – Criança: “Hoje estás pouco faladora com o doutor, no outro dia falavas muito”

Médico – Criança: “É verdade. Tás com sono? Hum? Ou não?”

Criança – Médico: “Não.”

Médico – Criança: “Não? Mas eu não te estou a ouvir a falar assim muito.”

(Médico e avó conversam mais um pouco)

Médico – Criança: Tá tudo bem. Hum? Tu já tás no 1º ano?”

(Criança acena que sim para o médico)

Avó – Médico: “Tá.”

Avó – Criança: “Põe-te lá sossegadinha, faz favor.”

Médico – Criança: “E a escola está a correr bem ou não?»? Tá a correr bem não tá?”

(Criança está distraída a empurrar a avó e não houve o que o médico diz)

Avó – Criança: “Matilde, estás a ouvir o doutor?”

(Criança vira-se para o Médico)

Médico – Criança: “Matilde? Então? Estás aborrecida? Hum?”

Avó – Criança: “É isto que a mãe se chateia contigo. Senta-te lá bem. Vês é isso que a mãe se chateia.”

(Criança anda às voltas na cadeira)

Médico – Criança: “Matilde. Matilde.”

(Médico diz algumas coisas à avó; criança sossega na cadeira)

Médico – Criança: “Matilde. Tchau querida.”

Avó – Criança: “Dá lá um passou bem ao senhor doutor, sff.”

Médico – Criança: “Não queres?”

(Médico levanta-se e vai dar um beijo na cabeça da Criança)

## **PARTICIPANTE 7**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Olá, estás bom?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Como é que estás?” (e dão aperto de mão)

Criança – Médica: “Bem.”

(Médica continua a explicar à outra médica o caso da criança; médica pergunta à mãe o que se passa para voltarem ao hospital; criança presta atenção durante a explicação)

Médica – Criança: “Olha, onde é que são as dores, João?”

Criança – Médica: “É aqui.” (e contorna com a mão a área à volta da barriga)

Médica – Criança: “É aí? E dói, mostra lá,”

(Aqui a Criança já estava a levantar a camisola para mostrar a barriga)

Médica – Criança: “Dói a barriga toda ou é aqui mais em cima?”

Criança – Médica: “É isto tudo” (e volta a contornar com a mão a zona da barriga)

Médica – Criança: “Tu lembras-te da dor que tu tinhas na outra vez?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “É igual?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “A dor é igual?”

(Criança acena que sim para a médica)

Criança – Médica: “É menos.”

Médica – Criança: “É menos? É menos do que da outra vez, é?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E quando tu comes a dor passa?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Não. Continua?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Por exemplo agora tens dor?”

Criança – Médica: “Não. Ah, tenho um bocado.”

Médica – Criança: “Um bocado. Mas por exemplo. Não precisas olhar para a mãe. A mãe, agente agora conversa, depois eu já pergunto à mãe. Tu sabes, não é? Tu sabes.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Olha e depois quando comes a dor passa? Ou continua aí?”

Criança – Médica: “Continua.”

Médica – Criança: “Continua. Tens dor todos os dias?”

Criança – Médica: “Às vezes.”

Médica – Criança: “Às vezes. Ontem tiveste dor, lembras-te?”

Criança – Médica: “Não, ontem não.”

Médica – Criança: “E por exemplo, quando estás com essa dor não te apetece comer?”

Criança – Médica: “Hum...”

Médica – Criança: “Ou apetece-te comer à mesma?”

Criança – Médica: “Apetece-me comer à mesma quando estou com muita fome.”

Médica – Criança: “Muito bem.”

(Médica faz perguntas à mãe sobre os sintomas actuais; criança observa o diálogo; Médica atende a chamada telefónica e a outra médica faz algumas perguntas à mãe)

Outra Médica – Criança: “João. Tens esta dor sempre ou depois de alguma comida?”

Criança – Outra Médica: “Às vezes, mas não é depois da comida.”

Outra Médica – Criança: “O quê?”

Criança – Outra Médica: “Às vezes, mas não é depois da comida.”

Outra Médica – Criança: “Não é depois da comida?”

(Criança acena que não para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “E agora estás com esta dor?”

Criança – Outra Médica: “Não.”

Outra Médica – Criança: “Gostas de comer de manhã, antes de ir para a escola?”

Criança – Outra Médica: “Sim.”

Outra Médica – Criança: “Sim? O que é que comes?”

Criança – Outra Médica: “Um iogurte.”

Outra Médica – Criança: “Um iogurte, mais nada?”

Criança – Outra Médica: “Sim.”

Outra Médica – Criança: “E depois, na escola, comes alguma coisa?”

Criança – Outra Médica: “Sim.”

Outra Médica – Criança: “O quê?”

Criança – Outra Médica: “Um papo-seco com leite.”

Outra Médica – Criança: “Com leite?”

(Criança acena que sim para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “Pão?”

(Criança acena que sim para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “Pão com leite.”

(Criança acena que sim para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “E sopa, não gostas de comer?”

Criança – Outra Médica: “Eu comi.”

Outra Médica – Criança: “Sim? Na escola?”

(Criança acena que sim para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “Sopa? E mais?”

Criança – Outra Médica: “E... E...”

Outra Médica – Criança: “Não lembras?”

(Criança acena que não para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “E depois, em casa ao jantar?”

Criança – Outra Médica: “Não sei. Ah, hambúrguer.”

(Médica conversa com a mãe)

Médica – Criança: “Tu fazes bem cocó, João?”

Criança – Médica: “Ah...” (e olha para a mãe)

Médica – Criança: “Quando vais fazer cocó, a mãe não sabe, o João é que sabe. Quando vais fazer cocó, custa-te a fazer cocó?”

Criança – Médica: “Na... Às vezes...”

Médica – Criança: “Às vezes tens de fazer muita força?”

Criança – Médica: “Antes tinha.”

Médica – Criança: “E agora?”

Criança – Médica: “Agora não.”

Médica – Criança: “Hoje fizeste cocó?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “E ontem?”

Criança – Médica: “Não. Ah ah, ontem... ah... ontem não me lembro.”

Médica – Criança: “Já não te lembras quando é que fizeste cocó?”

(Criança acena que não para a médica)

(Médica faz perguntas à mãe sobre os sintomas actuais; Criança está sossegada na cadeira mas não parece estar muito atenta)

### ***Momento 2 – Exame Físico***

Médica – Criança: “Então vamos fazer assim. Despes a camisola que a minha colega vai-te auscultar, pode ser? Depois eu já vou ver a barriga. Vai ouvindo aqui o coração pode ser? (...) Então João, tás em que ano João? Tás na escola?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “E em que ano é que estás?”

(Criança não responde, está distraída com a outra médica)

Outra Médica – Criança: “Já está, viste?”

Médica – Criança: “Ensinaram-te aí uma forma nova de despir a camisola.”

(Médica faz perguntas à mãe e dá explicações à mãe; médica e mãe conversam)

Outra Médica – Criança: “Espera, espera, espera. Deita aqui. Cabeça para lá. Mostra-me a tua língua.”

(Criança diz qualquer coisa que não se percebe)

Outra Médica – Criança: “Não? Posso? Pronto. Cheio de cocó aqui. Cheinho de cocó...????”

Médica (observa a barriga da Criança) – Criança: “Fazes mal cocó, não fazes?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Como é que nós descobrimos? Às vezes sentas-te, conta-me lá. Às vezes sentas-te, tens vontade de fazer e depois vais tentar fazer, dói e já não fazes?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Acontece isso?”

Criança – Médica: “Não, às vezes passa-me depressa.”

Médica – Criança: “Passa como? Tens vontade e depois passa.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E depois já não vais?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Podes-te sentar e vestir, está bem?”

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médica dá feedback à mãe; Criança presta atenção)

Médica – Criança: “É só fazeres cocó, como da outra vez e depois a mãe passa ali.”

Criança – Mãe: “O que é que vão fazer?”

Mãe – Criança: “Nada filho. É só fazeres cocó para um frasquinho.”

Médica – Criança: “É, não há problema.”

Criança – Mãe: “Não vão meter aquele coiso, no outro exame doeu muito.” (Criança parece com medo ou receio do exame)

Médica – Criança: “Não é nada. É fazer cocó como se fosse... como se fizesses cocó na sanita. Tá bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Mãe explica à médica o porquê da pergunta da Criança)

Criança – Médica: “E depois eu disse à minha mãe para não subir mais, ela disse para eu subir e depois fiz cocó nas calças.”

(Médica continua a explicar o tratamento à mãe)

Médica – Criança: “Às vezes dá a dor, não é João?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “É uma dor (...), dá vontade de fazer, depois vai-se embora, não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Ou não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Mãe conversa com a médica; criança parece distrair-se e por vezes olha para a mãe ou para a médica; criança começa gradualmente a ficar mais distraída)

Médica – Criança: “Tens alguma pergunta João?”

(Criança acena que não para a médica)

Médica – Criança: “Que queiras fazer?”

(Criança acena que não para a médica)

Médica – Criança: “Não?”

Criança – Médica: “Sim!”

Médica – Criança: “Diz.”

Criança – Médica: “Eu vou fazer num frasquinho?”

Médica – Criança: “Vais.”

Criança – Médica: “E é no hospital ou é em casa?”

Médica – Criança: “É em casa. Olha tens é que tomar aqui um pozinho que a mãe vai dar, ou num sumo ou num iogurte. Isto é que tu tens de tomar. Mas não sabe mal. Está bem? Os bebés pequeninos tomam, eles conseguem, eu acho que tu também consegues. Não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “É para fazeres cocó melhor, para não doer a barriga. Sim?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Que às vezes dói a barriga não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Pronto, se tomares isto já deixa de doer. Sim?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica continua a dar recomendações à mãe)

Médica – Criança: “Olha viste, nem te apercebeste que estavas a ser gravado.”

Criança – Médica: “É eu me apercebi.”

Médica – Criança: “Já te apercebeste não foi? Nem custou nada.”

Criança – Médica: “Disseram-me.”

Médica – Criança: “Disseram-te? Mas não pensaste muito nisso aqui?”

(Criança acena que não para a médica)

Médica – Criança: “Pois não? Eu também não pensei. Pensei agora. Então vá, adeus.”

(Dão aperto de mão)

## **PARTICIPANTE 8**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Bom dia Sara. Tás boa?” (estende a mão para um aperto de mão)

Criança – Médica: “Sim.”

(Médica faz perguntas à Mãe; criança está atenta ao início mas começa a dispersar-se)

(Quando falam da irmã de 6 meses) Médica – Criança: “Ajudas a mamã? Sim?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica continua a fazer perguntas à mãe; criança parece estar atenta ao que a médica faz; Criança faz sinal à mãe que quer um lenço para se assoar e a mãe dá)

Criança – Mãe: “Toma.”

(Criança pede de novo o lenço à mãe para se assoar)

Criança – Mãe: “Toma.”

Mãe – Criança: “Oh Sara, comporta-te tá bem?”

(Médica continua a fazer perguntas à mãe; criança está sossegada mas não parece estar atenta à conversa; criança começa a distrair-se)

Criança diz qualquer coisa baixinho à mãe mas a mãe faz cara de má.

### ***Momento 2 – Exame Físico***

Médica – Criança: “Vamos ver como é que tu estás?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Podes começar a tirar a roupinha.”

(Mãe conta alguns sintomas à médica)

Criança – Mãe: “Toma!” (dá a bandelete para se despir)

(Médica e mãe conversam enquanto a criança se despe)

Médica – Criança: “Vamos prali, para eu ver como é que tu estás. (...) Vamos ver a garganta. Isso. Língua para fora. Muito bem. Vamos deitar a cabecinha para aqui. Deita a cabecinha para aqui. Barriga para cima. Podes tirar aqui o elástico do cabelo? Ele tá molhado?”

Criança – Médica: “Tá.”

Médica – Criança: “E apanhaste-o molhado?”

Criança – Médica: “Hum... não sei.”

(Mãe responde pela criança)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Feedback é dado à mãe)

### ***Momento 5 – Fecho/despida***

Médica – Criança: “Adeus Sara. Tás boa.” (dão aperto de mão)

Criança – Médica: “Sim.”

(Médica dá última recomendação à mãe mas a criança está distraída)

Médica – Criança: “Tá bem? Sim?”

(Criança acena que sim para a médica)

## **PARTICIPANTE 9**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Criança – Médicos: “Olá!”

Médica – Criança: “Bom dia. Olá menino Rafael. Estás bom? (dão aperto de mão e médica cumprimenta a mãe) Tantas canetas Rafael. Pintas com essas canetas todas?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “E pah E tu cresceste! Tens as pernas mais compridas, ah?”

Criança – Médica: “Hum.”

Médica – Criança: “O que é que estás à procura? Se podes sentar aí, podes. Queres-te sentar aí? O que é? Diz-me.”

(Médica dirige-se à mãe para saber como anda a criança; criança sentou-se na zona dos brinquedos e está completamente distraída; criança farta-se de brincar e vai-se sentar ao pé da mãe mas parece aborrecido)

### ***Momento 2 – Exame Físico***

Médica – Criança: “Rafael, vamos mostrar a barriguinha. Eh pah. A gente quer ver a barriguinha e a cara. Vá. Tem que tirar tudo. Tem que tirar a blusa, porque se não não vemos a tua cara e nós gostamos muito da tua carinha, vá!”

Outro Médico – Criança: “Deita-te, deita-te. Podes-te deitar.”

(Médica faz algumas perguntas à mãe)

Criança – Médica: “Vá! Estou à espera.” (está à espera para ser observado)

Mãe – Criança: “Espera filho.”

Criança – Médica: “Vá, eu não faço isto. Agora já não faço isto.”

Médica – Criança: “Vá, blusa. Não, eu quero que tu tires a blusa mesmo, estava à espera que tires a blusa. (Mãe faz comentário à médica) Vá, eu ajudo. Ai tu sabes despir sozinho.”

Criança – Médica ou Mãe: “É para tirar?”

Mãe – Criança: “É meu amor. É para tirar, sim.”

Médica – Criança: “Tu sabes-te despir sozinho. Espectáculo. Tu vestes-te sozinho, normalmente?”

(Mãe responde pela criança)

Criança – Médica: “Yeah.” (parece entusiasmado)

Médica – Criança: “Põe-te direito, anda lá. Costas direitas. Isso mesmo! Assim é que é! Deita aqui!”

Criança – Médica: “O que é que tu vais fazer?”

Médica – Criança: “Ver a barriguinha.”

Mãe – Criança: “É a barriguinha, filho. Tens que deitar que é para apalpar a barriga.”

Médica – Criança: “É para apalpar a barriga.”

Mãe – Criança: “É para apalpar a barriga para ver se tens dói-dói na barriga.”

(Criança ri-se enquanto Médica lhe apalpa a barriga)

Médica – Criança: “Olha Rafael. Quais são as bebidas que nós não devemos beber? Diz lá. Quais são?”

Criança – Médica: “Que não podemos porquê?”

Médica – Criança: “Para não fazer xixi. As bebidas que fazem fazer xixi, quais são? Ai esse nariz. Sabes quais são? Que a mãe diz para não beberes?”

Criança – Médica: “Chá.”

Médica – Criança: “Sim. Mais? Ai esse nariz Rafael!”

Criança – Médica: “E ice tea.”

Médica – Criança: “E ice tea e coca.”

Criança – Médica: “Ice tea é... Ice tea é...”

Médica – Criança: “É quê?”

Criança – Médica: “É... chá!”

Médica – Criança: “É Ice tea é chá, exactamente.”

Criança – Médica: “Chá frio.”

Médica – Criança: “Chá frio, exactamente. Chá com açúcar, com montes de açúcar. Mostra lá. Tu lavas os dentinhos? Língua cá para fora. Língua, mostra a língua. Ah!”

Criança – Médica: “Ah!” (Mostra a boca)

Médica – Criança: “Tá bem. Tens que pôr um sprayzinho no nariz-. A mãe tem lá spray. Tens que pôr. Ai que cara tão feia, como se isto custasse alguma coisa.”

Criança – Médica: “Mas isso faz comichão.”

Médica – Criança: “Então é uma cocegazinha. É uma cocegazinha muito pequenina, muito pequenina. Vá podes vestir.”

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Mãe conversa com a médica)

Mãe – Criança: “Abotoa isso. Abotoa isso. Abotoa.” (calças)

(Mãe continua a falar com a médica)

Criança – Mãe: “Mãe.”

Mãe – Criança: “Espera.”

(Mãe continua a falar com a médica; criança tenta apertar as calças; criança pede ajuda à mãe para apertar as calças)

Criança – Mãe: “Obrigada mamã!”

(Mãe pede à criança para se sentar)

Criança – Mãe: “Eh! Posso pintar.” (e abre a sua pasta com lápis e canetas)

(Médica dá recomendações à mãe e a Criança está completamente distraída a pintar)

Mãe – Criança: “Como é que é filho? Como é que tu fazes de manhã lá na escola? Fazes antes de ir para a sala? Fazes no intervalo no lanche? Vá que é para a doutora saber, tá aqui.”

Médica – Criança: “Rafael. Eu quero que tu faças xixi quando te levantas. Vais fazer xixi, quando te levantas da tua caminha?”

(Criança acena que não para a médica)

Mãe – Criança: “Fazes, sim senhora.”

Criança – Médica: “Ah, quando não tenho não faço (...) Não, quando... quando eu não mijo, eu não faço, mas quando eu mijo eu faço.”

Médica – Criança: “Depois no intervalo da escola de manhã. Olha!”

Mãe – Criança: “Tás a ouvir?” (e dá sinal para o filho para prestar atenção)

Médica – Criança: “No intervalo da manhã... quem é este menino que tá aqui?”

Criança – Médica: “Sou eu.”

Médica – Criança: “És tu? Mas tás tão penteadinho aqui com gel e tudo. Olha, a meio da manhã.”

(Criança tenta interromper a médica)

Médica – Criança: “Escuta o que eu to a dizer. A meio da manhã.”

Mãe – Criança: “Presta atenção.”

Médica – Criança: “No intervalo, tens de ir fazer xixi. Certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “No intervalo, antes de ir brincar, tem de ir fazer xixi, certo? Há hora do almoço (...) tem de ir fazer xixi. Antes de almoçar faz xixi.”

Mãe – Criança: “Tu fazes?”

Médica – Criança: “Certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E depois à hora do lanche, também lanchas na escola, certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “À hora do lanche. Quando chega a casa, xixi, e antes de deitar, xixi. É obrigatório.”

(Médica dá indicações à mãe; criança continua a pintar e está novamente distraído, enquanto Médico e a mãe conversam.)

Médica – Criança: “Rafael. Rafael, estamos combinados querido?”

Criança – Médica: “O quê?”

Médica – Criança: “Estamos combinados?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Não te esqueças do que disse. Não beber líquidos, tá bem? Às escondidas da mãe não pode estar a beber. Tem que beber muita água durante o dia. Tu levas água para a escola?”

Criança – Médica: “Nem sempre.”

Médica – Criança: “Nem sempre, mas deve levar todos os dias uma garrafinha e beber essa garrafa.”

(Médica e mãe conversam mais um pouco)

Médica – Criança: “Tchau meu querido.”

Criança – Médica: “Adeus.” (faz sinal de adeus com a mão)

(Mãe confirma com a médica a medicação; Mãe pede à Criança para arrumar as coisas)

Criança – Mãe: “Tão?”

Mãe – Criança: “A doutora tá ao telefone é para agente se despachar, já acabou.”

Criança – Mãe: “Olha o que é que tu fizeste?”

Mãe – Criança: “Eu não fiz nada (...) Diz adeus à doutora filho.”

Criança – Médica: “Adeus!”

Médica – Criança: “Tchau querido.”

Criança – Médica: “Até amanhã.”

## **PARTICIPANTE 10**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Então e a mana tá boa?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Tá crescida?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E tu, tens quantos anos?”

Criança – Médica: “9”

Médica – Criança: “9 anos. Tás em que ano?”

Criança – Médica: “Terceiro.”

Médica – Criança: “3º ano. Isso significa que... (...) Fizeste 9 anos à pouco tempo então.”

(Médica pergunta à mãe se há novidades em relação à criança; criança parece prestar atenção à conversa)

Médica – Criança: “Vamos ver o físico?”

Criança – Médica: “O quê?”

Médica – Criança: “O físico.”

Criança – Médica: “O que é isso?”

Médica – Criança: “Os músculos. (...) Vamos ver os teus músculos.”

(Mãe procura um papel e criança mexe nos papéis que a mãe põe em cima da mesa)

### ***Momento 2 – Exame Físico***

Mãe – Criança: “Vá filho, tira a roupa. Tão? Já és grande.”

Médica – Criança: “E tu és futebolista? Hum? Fazes desporto? Faz futebol?”

(Criança não responde então a Médica direcciona a questão à Mãe)

Criança – Médica: “E em casa.”

(Médica fala com a mãe)

Criança – Médica: “Tiro os calções?”

(...)

Médica – Criança: “Tira os calções, sim.”

Outra Médica – Criança: “Já tens telemóvel? É teu?”

(Mãe fala do sangramento do nariz)

Criança – Médica: “Saía mais.” (comenta o corrimento do sangue)

(...)

Médica – Criança: “Ora bem. Então e temos boas notas na escola? Boa. É por isso que os pais deixaram fazer essa... Hum? Foi?”

Criança – Médica: “Foi antes.”

Médica – Criança: “Antes das notas? Ah. Foi um voto de confiança. (...) E isso também é o teu telemóvel? Então de quem é o telemóvel?”

Criança – Médica: “É da mãe.”

Médica – Criança: “É da mãe. Então e o telemóvel da mãe tá aqui? Hum... vê lá se cai.”

(Mãe e médica conversam)

Médica – Criança: “Lavas os dentes todos os dias?”

Criança – Médica: “Todos não.”

Médica – Criança: “Não podes ser preguiçoso, tens que lavar os dentes.”

(...)

Médica – Criança: “Pronto, vá. Pilha. Mostre lá a ginástica. Não, tu é que fazes.”

Criança – Médica: “O quê?”

Médica – Criança: “Ginástica à pilinha. Pões a pilinha e mostras a ginástica que fazes no banho. Quer ver que não faz ginástica no banho. Como é que tu lavas a pilinha? Querem ver? Não tenhas vergonha, querido. Não, tá ótima... Podes-te vestir.”

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médica dá feedback à mãe)

Mãe – Criança: “Ainda te dói o dedo? (...)”

Médica – Criança: “O que se passa? O que é que tens para me mostrar?”

(Mãe explica a situação à médica)

Criança – Médica: “No ferro.”

Médica – Criança: “Mostra lá.”

(Criança mostra)

Médica – Criança: “Foi aqui assim?”

Criança – Médica: “Foi aqui mais ou menos até aqui.”

Outra Médica – Criança: “Dói-te?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica mexe no dedo e Criança salta de dor)

Médica – Criança: “Pode pôr um bocadinho de gelo em casa, tá bem?”

(Mãe explica à Médica que a criança meteu massa nos dentes quando foi ao dentista e a mãe não se lembrava da palavra)

Criança – Médica: “Massa” (diz que meteu massa nos dentes quando foi ao dentista, a mãe não se lembrava da palavra)

(Mãe e médica conversam; mãe mostra os dentes da Criança à Médica)

Criança – Mãe: “Au! (...) Dá-me o telemóvel.” (mãe não responde)

Médica – Criança: “Olha! Beber água, certo? Lavar os dentes certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

(...)

Criança – Mãe: “Mãe dá-me o tele.”

(...)

Criança – Mãe: “Dá-me o telefone. Dá-me o telefone.”

(Médica e mãe conversam)

Médica – Criança: “Tchau! Oh José!”

Mãe – Criança: “Diz lá bom dia, até à próxima.”

Criança – Médica: “Bom dia.”

Médica – Criança: “Adeus.”

## **PARTICIPANTE 11**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médico – Criança: “Olá Tiago, estás bom?” (aperto de mão)

(Médico faz perguntas à avó; criança senta-se ao lado da avó)

Criança – Pai: “Onde é que está o telefone? Onde é que tá? É aquilo? É aquilo?”

Pai – Criança: “Sim filho.”

(Criança faz algumas perguntas ao pai mas não se compreende porque a avó está a explicar a situação da criança ao médico; Pai faz sinal de silêncio à Criança)

Pai – Criança: “Põe-te quieto. Já falamos.”

(Médico continua a falar com a avó)

Criança – Avó: “Deixa-me ver. Eu quero ver. Quero ver. Quero ver.” (pede o boletim de saúde à avó)

### ***Momento 2 – Exame Físico***

Médico – Criança: “Então vamos ver, tá bem Tiago? Pode ser?”

Criança – Médico: “Ok.”

Médico – Criança: “Ok, então vamos lá. Vamos tirar aqui as coisinhas tá bem?”

Avó – Criança: “Vamos tirar a roupa.”

(Pai ajuda a Criança a despir-se; avó continua a explicar ao pai o que se passa)

Criança – Pai: “Oh pai...” (não se compreende porque a avó está a falar ao telemóvel)

Médico – Criança: “Tiago (...) Vá Tiago (...) Olha anda cá. Upa. Assim, isso. Deita lá, tá bem? (...) Respirar. Força.”

Criança – Médico: “Não consigo.”

Médico – Criança: “Respira.”

Criança – Médico: “O quê?”

Médico – Criança: “Respira.”

Avó – Criança: “Respira, Tiago.”

Criança – Avó: “Não consigo.”

Avó – Criança: “Consegues, consegues.”

Médico – Criança: “Não consegues? A sério? (...) Anda cá. Upa, upa, upa. Respiração.”

Criança – Médico: “Hum?”

Médico – Criança: “ Deita mais um bocadinho, tá bem?”

(Avó diz ao médico as queixas do neto)

Médico – Criança: “Abre a boca Guilherme. Abre lá. Diz ah com força. Língua para fora. Toda, toda. Isso. Diz ah. Força.”

(Médico faz comentários durante o exame físico à avó)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médico dá explicações à avó)

Criança – Pai: “Quando é que vou aparecer na televisão?”

Avó – Criança: “O quê? (...) Quando é que vais aparecer na televisão? Vais.”

(Médico dá feedback à avó e o pai veste a criança)

Criança – Pai: “Posso brincar um bocadinho com aquilo?”

Pai – Criança: “Podes.”

Criança – Pai: “Posso brincar naquela?”

Avó – Criança: “Não, não pode aqui. Ali é que se brinca.”

Pai – Criança: “Ali é a mesa da brincadeira.”

(Criança manifesta alegria para a avó e o pai)

Criança – Pai: “Assim posso brincar sozinho?”

Avó – Criança: “Mas eu não quero que fales à bebé.”

Criança – Pai: “Mas aquele é diferente. Aquele pai é diferente. Aquele é diferente, pai. Aquele é diferente.”

Pai – Criança: “É diferente?”

Avó – Criança: “Diferente!”

Criança – Pai: “Pois. É diferente dos outros.”

Pai – Criança: “Dos outros.”

Criança – Pai: “Pois porque não é igual.”

Pai – Criança: “Pois se é diferente é porque não é igual.”

Criança – Pai: “Pois.”

Pai – Criança: “Não é?”

Criança – Pai: “É.”

Pai – Criança: “Se calhar, digo eu.”

Criança – Pai: “Queres ver que não é igual?”

Pai – Criança: “Se calhar.”

Criança – Pai: “Se calhar não é igual. Queres ver que não é igual, pai? Queres? Queres ver que não é?”

Pai – Criança: “Já vamos ver.”

Criança – Pai: “Queres ver que não é igual. Já vais ver que não é igual. Queres ver que não é igual, pai? Agora vais ver que não é igual. Vais ver que não é igual e vais... e vais-te enganar. Tá bem?”

Pai – Criança: “Tá bem.”

Criança – Pai: “Quando eu for lá brincar, vais ver que não é igual pai. Ok? Vá tu consegues comigo. Tu consegues comigo pai. (...) Papá, tás a ver que não é igual? Pai! Olha!”

Pai – Criança: “Tá bem, já vi que não é igual Vá.”

Criança – Pai: “Queres ver? Tem uma cadeira muito grande. (criança brinca na mesinha) Papá? Tás a ver? Não é igual. Boa. O que é que vai acontecer agora? Vai cair tudo.”

Avó – Criança: “Olha que não podes fazer muito barulho.”

Criança – Pai: “Papá, tás sentado ao pé da minha mamã?”

Pai – Criança: “Ah?”

Criança – Pai: “Tás sentado ao pé da minha mamã?”

Avó – Criança: “Não, não está ao pé da avó e do senhor doutor.”

Criança – Pai: “Senta-te ali (aponta para a cadeira onde antes estava sentado)”

Pai – Criança: “Eu gosto mais destes bancos”

Criança – Pai: “Ah! Não vales nada.”

Pai – Criança: “Nada, nada.”

Criança – Pai: “Ah. Não vales. Não vales nada, pai.”

Pai – Criança: “Nada? Nem 5 cêntimos no OLX? Toca lá a ver se me desfaço em moedas.”

Criança – Pai: “O quê? Tu estás maluco? Tás?”

Pai – Criança: “Às vezes.”

Criança – Pai: “Tás? Tu tás maluco.”

Pai – Criança: “Só um bocadinho.”

(Criança continua a brincar; avó e médico conversam)

Criança: “E bui! Ganhei! Agora vou fazer outro.”

(Médico dá indicações à avó; Criança está completamente distraída, não ouve nada, continua a brincar; pai vai buscar a criança para se irem embora; criança diz qualquer coisa ao pai mas não se percebe porque a avó está a falar com o médico)

Médico – Criança: “Tchau, adeus. Tiago.” (dão aperto de mão)

## **PARTICIPANTE 12**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médico – Criança: “És tu? Hum? Está bem.”

(Criança acena que sim)

(Médico pergunta à mãe como anda a Criança; criança está sentada ao lado da mãe e parece estar atenta à conversa)

Criança – Médico: “Eu às vezes, quando estou a respirar, não consigo respirar muito bem.”

Médico – Criança: “Então. Porquê?”

Criança – Médico: “Não sei.”

Médico – Criança: “Ficas com falta de ar é?”

(Criança acena que sim para o médico)

Médico – Criança: “Pronto.”

Criança – Médico: “Tenho de respirar com força. Encher os pulmões de ar.”

Médico – Criança: “Encher os pulmões de ar. Muito bem.”

Irmã – Médico: “Ela não sabe comer com a boca fechada.”

Médico – Irmã: “A sério?”

Criança – Médico: “Sei sim.”

Criança – Irmã: “Tu não sabes o que eu consigo comer na boca.”

(Médico dá feedback das análises à mãe e diz-lhe que a criança é alérgica ao peixe e ao bacalhau)

Criança – Médico: “Mas agora.” (Criança tenta falar mas o médico continua a falar com a mãe)

Criança – Médico: “Eu já como.” (Criança tenta falar novamente mas o médico continua a falar com a mãe)

Criança – Médico: “Eu já como...” (Criança tenta falar mas o médico continua a falar com a mãe)

Criança – Médico: “Eu já consigo comer salmão.”

Médico – Criança: “Consegues?”

(Criança acena que sim para o médico)

(Médico e mãe falam)

Criança – Médico: “Então, a minha barriga tinha fome, só o que havia era salmão. Tive de comer, não ia morrer à fome.”

Médico – Criança: “Claro.”

Mãe – Criança: “Havia sopa. Mas tu preferiste comer salmão.”

Criança – Mãe: “A sopa era arrh! Eu não gosto de sopa de feijão. De grão.”

(Mãe e médico falam e mãe explica ao médico que na escola quando obrigavam a Criança a comer borrego ela vomitava e depois ligavam para casa a dizer que ela estava doente)

Criança – Médico: “Só de vomitar não é obrigatório estar doente.”

Mãe – Médico: “É ao peixe e mais ao quê que aparece?”

Criança – Mãe: “É, é urvilhas. Urvilhas.”

(Médico e mãe conversam e criança intervém)

Criança – Mãe: “Mãe. Não gosto de urvilhas.”

(Médico explica à Mãe as alergias; criança está atenta)

Criança – Médico: “Quando está calor eu não consigo respirar muito bem. Como aqui.”

(Mãe e médico continuam conversa; criança está atenta)

Criança – Médico e Mãe: “Eu não estou a respirar aqui bem por causa do ar.”

(Mãe e Médico continuam a falar e Criança observa)

Criança – Mãe: “Também não gosto de urvilhas.”

(Mãe e Médico continuam a falar e Criança observa)

(Mãe pede à Criança para ir meter a chucha no irmão)

Criança – Irmão: “Não dá pontapés à mana.”

Criança – Mãe: “Queres que eu ponha ele aqui mãe?”

(Mãe e médico continuam a falar)

Criança – Mãe: “Mãe! Mãe queres que eu ponha ele aqui?”

Mãe – Criança: “Não. Quero ele quieto.”

(Mãe e Médico conversam; criança começa a brincar com as suas pulseiras)

Criança – Mãe: “A cama.” (comenta uma coisa que a mãe disse)

(Mãe e médico conversam; criança brinca com as pulseiras)

Criança – Mãe: “Mãe, olha uma nuvem.” (fala das pulseiras)

(Mãe vai sossegar o filho mais novo no carrinho e a criança continua a brincar com as pulseiras)

Criança – Mãe: “Isto é o quê mãe?”

Mãe – Criança: “Deve ser uma saia.”

Criança – Mãe: “Olha uma nuvem e é um Z. Isto foi a avó que comprou. Quando nós íamos à praça ela comprava muito disto. Estas pulseiras. Tudo o que eu digo ela compra. (...) “Eu disse se ela podia comprar. ”

(Médico faz comentário do irmão mais novo)

Criança – Médico: “Porque é que toda a gente pensa que ele é uma rapariga?”

Médico – Criança: “Parece assim, de repente.”

(...)

Criança – Mãe: “Olha um pato. Um pato. Qua, qua, qua.”

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médico dá indicações à mãe; criança continua a brincar com as pulseiras; médico e mãe falam das alergias ao peixe e criança intervém)

Criança – Médico: “Não. É porque o salmão... o salmão não sabe a peixe. Sabia a carne.”

Criança – Mãe: “Oh mãe. O salmão sabia a carne. O que eu comi sabia a carne.”

(Mãe lê um papel que o médico lhe dá)

Criança – Mãe: “Pera. Posso ler?” (diz algumas coisas que não se entende – folha de análises)

(Mãe e médico conversam)

Criança – Médico: “O salmão sabia a carne.”

Médico – Criança: “Era?”

Criança – Médico: “A carninha assada. Não sabe a nada.”

Médico – Criança: “Não?”

(Criança acena que não para o médico)

(Mãe e médico conversam novamente; criança presta atenção)

Criança – Médico: “Oh pah! Fogo.”

Médico – Criança: “O que é?”

(Médico dá explicações à mãe; criança presta atenção)

Criança – Mãe: “Já tá.” (enquanto dobra uma folha – fora do tema)

(Mãe e médico conversam; Criança ouve explicação do médico; médico e mãe falam das alergias)

Criança – Médico: “Ah também. Também tinha...”

(Médico e mãe continuam a falar)

Criança – Mãe: “Ah já sei.”

(Criança fala com a irmã; Médico fala com a mãe; aqui a criança está distraída; quando a irmã se vai embora a criança presta atenção à conversa)

Criança – Mãe: “Ainda é 5 da manhã?”

Criança – Mãe: “É uma da tarde ou duas da tarde?”

(Médico marca outra consulta com a mãe; criança presta atenção)

Criança – Mãe: “Dá cá.”

Mãe – Criança: “Não mexe. És como os espanhóis. Vês com as mãos.”

Criança – Mãe: “Já tá.”

(Mãe não quer que a Criança mexa na folha; todos saem para marcar uma consulta)

Médico – Criança: “Tchau pequenina. Adeus.”

### **PARTICIPANTE 13**

#### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Criança – Médica: “Olá.”

Médica – Criança: “Olá! Tás bom?”

(Mãe fala com a médica e a Criança vai brincar)

Médica – Criança: “E então? O que é que tens para me contar? Tiveste a pintar lá fora?”

Criança – Médica: “Não. Aqui.”

Médica – Criança: “Aqui é que tiveste? Muito bem. Pintaste estas coisas todas também?  
(...) Eh pah pintaste muito. Pintas rápido. És rápido a pintar? E a escola?”

(Mãe responde pela criança)

Médica – Criança: “Ah! Bravo!”

(Mãe continua a falar sobre a escola)

Criança – Médica: “Olha palhaços!”

Médica – Criança: “Palhaços!”

(Mãe continua a falar com a médica sobre a escola; criança está ao lado da mãe a ouvir as coisas que esta diz; criança começa a ficar distraída; médica pergunta à mãe como está a situação de enurese da criança)

Criança – Médica: “Hoje fiz xixi.”

Médica – Criança: “Não se pode aguentar o xixi e tem de se fazer xixi várias vezes ao dia, certo? No intervalo lá na escola tem que ir fazer, não é meu querido?”

(Mãe continua a falar sobre as idas à casa de banho)

Médica – Criança: “Então conta-me lá como é que é o teu nome completo.”

Criança – Médica: “Vicente (...) Gonçalves.”

Médica – Criança: “Muito bem. Quantos anos é que tens?”

Criança – Médica: “Sete.”

Médica – Criança: “Nasceste em que dia?”

Criança – Médica: “Ah...”

Médica – Criança: “Em que dia é que fazes anos?”

Criança – Médica: “Já fiz.”

Médica – Criança: “Em que dia é que foi? Em que mês é que foi?”

Mãe – Médica: “Já não sabe.”

Médica – Mãe: “Ah mãe! Deixe lá o moço pensar. Não ponha-se com essa cara para cima dele. Já não sabe? Então a gente ensina outra vez. Certo? Não diga isso assim.”

(Criança parece não importar-se com o que é dito)

Médica – Criança: “Conte lá. Em que mês é que foi? Agora estamos no mês quê? Estamos no mês de ...Maio. Não é verdade? Tu escreves lá a data na escola, não escreves os dias? Assim, o dia 15 de maio, sim? Escreves? Escreves? Responde-me isso é a data. Que linda letra! Muito bem! Então vamos voltar ao mês em que fazes anos. Março? Será? Março? Dia quê? Sabes porque é que é importante? Porque nesse dia tens direito a presentes. Se tu não souberes o teu dia, depois pode passar e ninguém te dá os presentes que tu mereces. Certo? Tu tens que saber esse dia.”

Criança – Médica: “Quero ir pintar.”

Mãe – Criança: “Xiu!”

Médica – Criança: “Dia 26 de Março. Ouvi dizer. Confirma lá com a mãe. (...) Então e já lê? Umas palavrinhas?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Sim?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica pergunta à mãe se a criança já lê; Médica pergunta à outra médica se acha que a criança já deu as letras todas na escola)

Criança – Médica: “A”

Mãe – Criança: “Já deste o Z, de zebra?”

(Criança acena que não para a mãe)

Médica – Criança: “Vamos lá ler aqui.”

Criança – Médica: “O pato e...”

Médica – Criança: “É.”

Criança – Médica: “É bo”

Médica – Criança: “Bo”

Criança – Médica: “Ni”

Médica – Criança: “Ni”

Criança – Médica: “To”

Médica – Criança: “Muito bem!”

(Médica pergunta à mãe qual é o problema da professora)

Médica – Criança: “E contas? Já aprendeste a fazer certo? Então conta lá. Quantos são estes?”

Criança – Médica: “3”

Médica – Criança: “Muito bem!”

(Médica pergunta à outra médica se acha que a pergunta que fez à criança era muito fácil)

Criança – Médica: “Eu sei. Eu sei 5+5”

Médica – Criança: “Sabes 5+5? Quanto é que é?”

Criança – Médica: “E 10+10 também.”

Médica – Criança: “Quanto é que é 10+10?”

Criança – Médica: “Ah... agora já não me lembro.”

Médica – Criança: “Pensa lá.”

Criança – Médica: “20”

Médica – Criança: “Muito bem! Afinal, vês.”

Outra Médica – Criança: “Afinal sabes umas coisas”

Criança – Médica: “E 5+5 dá 10”

Médica – Criança: “Muito bem! Então porque é que não gostas da escola se afinal sabes fazer as coisas? Hum?”

Criança – Médica: “Porque é muito aborrecido.”

Médica – Criança: “O que é que é aborrecido?”

Criança – Médica: “Porque tenho de tar lá.”

Médica – Criança: “Sentado?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Mas é para aprender. Não é para aprender? Diz lá. Aprender a ler as coisas. Olha, olha imagina, está escrito assim. Vais passar a estrada e tem lá uma coisa a dizer: «Muito Perigo.» Se tu não souberes ler o que é que te acontece? Passa-te um carro por cima. Assim tu lês «Muito Perigo» e já te sabes proteger, certo?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Não é importância. É muito importante ler. E aprender.”

(Criança começa a distrair-se e mostra-se aborrecida)

(Médica faz ligação para marcar ecografia)

Outra Médica – Criança: “Fazes ginástica?”

Criança – Outra Médica: “Hum?”

Outra Médica – Criança: “Fazes ginástica, Vicente?”

(Criança acena que sim para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “E jogas à bola?”

(Criança acena que sim para a outra médica)

Outra Médica – Criança: “E gostas? Gostas de jogar à bola?”

(Criança acena que sim para a outra médica)

(Médica continua ao telefone; criança levanta-se e vai até à mesa de brincar)

## ***Momento 2 – Exame Físico***

Médica – Criança: “Vicente vamos lá mostrar o físico sff.”

(Criança vai para a zona de observação)

Outra Médica – Criança: “Vamos auscultar, para ouvir o coração, os pulmões. Ver se está tudo bem. Está bem?”

(Médica dá indicação da medicação à mãe; médica faz perguntas à mãe sobre os outros irmãos da criança)

Médica – Criança: “Não faz mal isto Vicente. É só para ouvir o teu coração (...) Muito bem. Vamos lá deitar. O que é que ias perguntar, diz lá.”

Criança – Médica: “O que é isto?”

Mãe – Criança: “Não é nada.”

Médica – Criança: “O que é que é isto o quê? Não é nada de interessante, parece-me.”

(Mãe conversa com a mãe; médica faz algumas perguntas à criança, sobre os dentes e sobre os órgãos genitais)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Mãe ajuda a criança a vestir-se; médica diz à mãe para trazer relatório de avaliação da professora na próxima consulta)

Criança – Mãe: “O homem aranha?”

Mãe – Criança: “A blusa.”

Criança – Mãe: “O homem aranha?”

Médica – Criança: “O homem aranha deve ter fugido.”

Mãe – Criança: “Se calhar deixaste lá fora. Não sei filho. Tu tinhas isso na mão.”

Criança – Mãe: “Vai ver.”

Mãe – Criança: “Calma que a gente já vai.”

Outra Médica – Criança: “Espera aí que já vais agora quando saíres, já vês está bem?”

(Criança dirige-se à porta)

Criança – Mãe: “Eu vou agora.”

Outra Médica – Criança: “Ouviste Vicente?”

Criança – Mãe: “Mas eu vou agora.”

(Mãe fala com a médica)

Criança – Mãe: “Mas eu sei onde é que vocês estão.”

Outra Médica – Criança: “Tu sabes (...) Já vais, agora quando saíres já vais.”

(Criança faz cara de contrariado; mãe conversa com a médica sobre a situação escolar; criança parece estar aborrecida; médica diz-lhe algo mas ele parece não estar a prestar atenção; criança começa a tentar chamar a atenção da mãe)

Criança – Mãe: “Eu quero o homem aranha.”

(Mãe continua a falar com a médica sobre os trabalhos de casa)

Criança – Mãe: “Acho que amanhã vamos aprender o Z de Zebra.”

Médica – Criança: “O Z de zebra, muito bem. Sabes que o Z é de Zebra, vês?”

Mãe – Criança: “Tu disseste que não sabias.”

Criança – Mãe: “Não. Não. Não, não sei. Eu não sei ainda. Se vamos aprender. Se calhar é hoje.”

Mãe – Criança: “Hoje não vais não. Só amanhã.”

Criança – Mãe: “Hoje. Hoje não vou? Mãe, hoje não vou?”

Mãe – Criança: “Pois filho, chegamos lá se calhar já não vais.”

Criança – Mãe: “Não. Eu quero ficar em casa.”

(Mãe diz à médica que a criança só quer ficar em casa)

Criança – Mãe: “Mãe. Porque é que hoje não posso ficar em casa?”

Outra Médica – Criança: “Também tens outras actividades tão giras lá na escola. E ginástica...”

Criança – Mãe: “Mas, mas... mas eu quero ficar em casa.”

Mãe – Criança: “Hoje ficas em casa mas é só hoje. Amanhã vais outra vez para a escola.”

Criança – Mãe: “Tá bem. E posso brincar?”

Mãe – Criança: “Sim.”

Criança – Mãe: “Yeah!” (Mostra alegria)

Criança – Médica: “É porque eu às vezes tenho saudades da mãe e do pai e é por isso que eu não quero ir à escola.”

Médica – Criança: “Porquê?”

Criança – Médica: “Porque tenho saudades da mãe e do pai.”

Médica – Criança: “Então mas estás todos os dias com a mãe e com o pai. Não é? Há tempo para a escola e há tempo para estar com o pai e com a mãe.”

Criança – Médica: “Sim só que eu fico com saudades.”

Médica – Criança: “Sim. Mas chegas a casa depois da escola e matas as saudades todas.”

(Mãe tenta falar com a médica mas a criança começa a chamá-la e a pedir para ir buscar o boneco)

Criança – Mãe: “Mãe! Quero ir buscar o boneco!”

(Médica dá recomendação à mãe; criança continua a chamar a mãe para ir buscar o boneco e vai para perto da mesa de brincar)

Criança – Mãe: “Eu quero ver o boneco.”

Médica – Criança: “Tchau menino Vicente.”

Criança – Médica: “Tchau!”

#### **PARTICIPANTE 14**

##### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

(Criança entra e senta-se ao lado da mãe, em frente às médicas; médica diz à mãe que a tensão da criança está alta; criança observa a sala; criança olha para as médicas enquanto a médica faz perguntas à mãe; mãe diz à médica que está grávida)

Outra Médica – Criança: “É uma menina, é?” (fala do bebé que a mãe está à espera)

(Criança acena que sim para a médica)

Outra Médica – Criança: “Como é que vai chamar?”

Criança – Outra Médica: “Sloa.”

Outra Médica – Criança: “Ah. Muito bem.”

(Médica continua a fazer perguntas à mãe)

Outra Médica – Criança: “Tás cansada? Pareces cansada.”

(Criança sorri para a médica)

(Mãe diz que ela está sempre assim)

Outro Médico – Criança: “Ou tás nervosa?”

(Criança acena que não sabe com os ombros)

(médica continua a fazer perguntas à mãe; criança observa novamente a sala à sua volta, começa a distrair-se; médica pergunta à mãe como está a criança na escola e a mãe responde que a criança reprovou de ano)

Médica – Mãe: “Chumbou quantas vezes?”

(Criança acena o número um com os dedos para a mãe)

Mãe – Médica: “Uma.”

(Médica continua a fazer perguntas à mãe)

Médico – Criança: “Então? Já tamos em Maio. A páscoa foi em Abril. Como é que foram essas notas? Há um mês. Quase 2.”

Criança – Médica: “Eu não vejo as notas.”

(Mãe explica à médica que a criança não gosta da escola)

Médica – Criança: “E olha Irina. Tu não queres ficar com os teus amigos? Não queres ir para a mesma turma que eles?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Então. Se tu ficares no 2º ano, eles passam para o 3º e tu ficas no 2º não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica continua a falar com a mãe; criança observa a mãe e a médica; mãe explica à médica que se esqueceu de trazer a carta)

Criança – Mãe: “Deixaste a carta e trouxeste a carta.” (fala dentro do tema – mãe esqueceu-se de uma carta em casa)

(Médica continua a fazer perguntas à mãe; criança começa a ficar irrequieta)

## **Momento 2 – Exame Físico**

(Outra médica pede à criança para ir para a zona de observação; médica continua a fazer perguntas à mãe)

Outra Médica – Criança: “O que é que gostas de fazer?”

Criança – Outra Médica: “Andar de bicicleta.”

Outra Médica – Criança: “E correr na escola, não corres?”

Criança – Outra Médica: “Não.”

(...)

Outra Médica – Criança: “Dá-te comichão?” (eczema nas pernas)

Criança – Outra Médica: “Um bocado.”

Outra médica – Criança: “Às vezes coças?”

Criança – Outra Médica: “Sim.”

Outra médica – Criança: “E a outra também dá comichão, as pequeninas?”

Criança – Outra Médica: “Sim.”

(Médica continua a fazer perguntas à mãe)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médica continua a fazer perguntas à mãe; criança senta-se junto da mãe; médica dá indicações alimentares à mãe; criança parece ouvir mas por vezes distrai-se)

Médica – Criança: “Além que tu tens de comer saladas. Tu tens que comer legumes.”

(Criança faz cara feia para a mãe)

Médica – Criança: “ E não me faças esse nariz.”

(Criança ri-se para a médica)

(...)

Outra Médica – Criança: “Ela diz que gosta de andar, não é?” (bicicleta)

(Criança acena que sim para a outra médica)

(Médica continua a dar indicações alimentares à mãe; criança parece ouvir mas por vezes distrai-se)

(Criança vai para coçar as pernas por causa do eczema)

Mãe – Criança: “Não faças isso querida!”

Outra Médica – Criança: “Não coces querida, não coces.”

Criança – Mãe: “Oh mamã!”

Mãe – Criança: “Deixa-te disso. A partir de ontem deixaste de ser criança.”

(...)

Outra Médica – Criança: “Ah pois é. Então parabéns atrasados!”

Criança – Outra médica: “Obrigada.” (e sorri)

Outra Médica – Criança: “Aos 9 anos já tens mais responsabilidade. Ainda por cima agora vais deixar de ser a menina mais nova. E tens que cuidar da mana, tens que ter responsabilidade.”

(Criança acena que sim para a outra médica)

(...)

(Criança brinca com os óculos da mãe. Mãe tira-lhe os óculos)

Criança – Mãe: “Oh mamã!”

Mãe – Criança: “Tens tantas coisas destes lá em casa.”

Criança – Mãe: “Não tenho.”

Mãe – Criança: “Porta-te lá bem.”

(Criança mostra-se aborrecida e distraída; médica continua a falar com a mãe e a criança levanta-se e vai dar um beijo e um abraço à mãe; depois criança vai brincar para a zona dos brinquedos enquanto a médica e a mãe conversam)

Médica – Criança: “Princesa chega cá.”

Outra Médica – Criança: “Anda aqui.”

Mãe – Criança: “Oh filha anda cá.”

(Criança larga os brinquedos e vai ao pé das médicas para verem o eczema)

Médica – Criança: “Ai! Nós temos que perder esta barriga miúda!”

(Médica diz à criança para começar a caminhar e mãe diz que ela já o faz; criança senta-se junto da mãe; criança sussurra qualquer coisa à mãe mas não se compreende; criança fica agitada; criança tira os óculos de sol à mãe e põe-nos na cara)

Outra Médica – Criança: “Que gira.”

(Mãe tira-lhe os óculos)

Criança – Mãe: “Oh mamã!”

Mãe – Criança: “E os teus? Tens tantos coisos destes lá em casa.”

Criança – Mãe: “Tenho. (faz ar de chateada) Vá lá! Então... (e tenta tirar os óculos à mãe)”

Mãe – Criança: “Porta-te lá bem.”

Outra Médica – Criança: “Tens uma trança toda gira. Não desmanches o cabelo. Quem fez?”

(Criança aponta para a mãe)

Outra Médica – Criança: “Foi a mamã?”

Criança – Outra Médica: “A minha mãe faz todos os dias.”

(criança mexe no cabelo; médica marca outra consulta com a mãe; criança parece ouvir a conversa; médica dá um papel com data de uma consulta e a criança pega no papel para ver; médica e mãe falam das aulas de educação física)

Criança – Médica: “Eu vou levar todos os dias chinelos para não fazer.”

Médica – Criança: “Vais fazer o quê?”

(Mãe diz que ela não quer fazer porque quando ela está cansada o professor não a deixa parar)

Criança – Mãe: “3 voltas a campo de seguida, nem podes parar.”

Médico – Criança: “Ai no meu tempo era 15 minutos sem parar, ou mais. Tá bem pequenina?”

(Médica conversa com a mãe e criança parece um pouco agitada)

Criança – Mãe: “Isto cabe.” (e levanta a camisola)

Mãe – Criança: “Ela já vai sendo uma mulherzinha. Tem de ter juizinho. Portar-se bem.”

Criança – Mãe: “Olha quem fala.”

(Criança arruma a cadeira, levanta-se e põe a mala)

Criança – Médica: Diz o nome completo

(Médica fala com a mãe e Criança vai brincar)

Outra Médica – Criança: “Tchau Irina.”

## **PARTICIPANTE 15**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Criança – Médico: “Bom dia.”

Médico – Criança: “Olá! Bom dia! (...) Oh Jessica. Tudo bem?”

Criança – Médico: “Tudo.”

(Médico faz perguntas à mãe; criança parece ouvir a conversa; criança observa a sala à sua volta e depois olha novamente para a mãe e para o médico; médico pergunta à mãe se os gânglios doem)

Mãe – Criança: “Dói-te?”

(Criança acena que não para a mãe, depois diz qualquer coisa à mãe sobre os gânglios mas não se entende)

(Médico continua a falar com a mãe)

Criança – Mãe: “Só me doeu (não se entende)”

(Mãe diz ao Médico que a Criança disse que há pouco tempo é que doeu, que lhe deu umas picadelas; Médico diz à Criança para se despir para ser observada)

Mãe – Criança: “Já sujaste a blusa.”

Criança – Mãe: “Não.”

### ***Momento 2 – Exame Físico***

(Médico faz perguntas à mãe; outra médica observa a criança)

Médico – Criança: “Gostas de correr?”

Criança – Médico: “Eu faço ginástica.”

Médico – Criança: “Mas quê, na escola?”

Criança – Médico: “Sim, na escola. E...”

Médico – Criança: “E cá fora não?”

Criança – Médico: “Sim.”

Médico – Criança: “Está bem. (...) Tu não gostas? Gostas. Gostavas de fazer o quê? Assim de desporto? Atletismo?”

Criança – Médico: “Não sei.”

(Médico examina a criança)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Mãe ajuda a criança a vestir-se)

Criança – Mãe: “Dá cá a camisola. Eu sei-me vestir.”

Mãe – Criança: “Levanta a cabeça.”

Criança – Mãe: “Mãe, isto está roto.”

(Criança calça-se)

Mãe – Criança: “Desapertas e calçaste.”

Criança – Mãe: “Não. Assim dá muito mais trabalho.”

(criança vai-se sentar ao pé da mãe)

Mãe – Criança: “Quando metes a bandelete deixas sempre estes cabelos cá fora.”

Criança – Mãe: “Não puxas.”

(Criança sussurra qualquer coisa à mãe mas não se entende)

Criança – Mãe: “Chego a casa. Vou comer. Estou cheia de fome.”

(Criança e mãe sussurram algumas coisas mas não se percebe; Médico dá feedback e explicação dos gânglios à mãe e Criança interrompe)

Criança – Médico: “Já me deu uma na escola.”

Médico – Criança: “O quê?”

Criança – Médico: “Senti aquelas picadelas e depois desmaiei.”

Médico – Criança: “Ai foi? Pronto. Mas isso é outra coisa.”

(Médico continua a dar feedback à mãe)

Médico – Criança: “Por este motivo estás livre. Está bem?”

(Criança acena que sim para o médico)

Criança – Médico: “A minha professora já teve isso” (e aponta para o pescoço)

Médico – Criança: “Já teve?”

Criança – Médico: “Já.”

Médico – Criança: “Como é que tu sabes?”

Criança – Médico: “Porque a professora disse-me que tem aqui um corte.”

Médico – Criança: “Um quê?”

Criança – Médico: “Um corte.”

Médico – Criança: “Um corte? Mas isso deve ter sido de outra cosa.”

Criança – Médico: “Não, a professora teve mesmo isto.”

Médico – Criança: “Teve o quê?”

Criança – Médico: “Isso que eu tenho” (e aponta para o pescoço)

Mãe – Criança: “Como é que isso se chama?”

Criança – Mãe: “Gânglios ou o cacete.”

Médico – Criança: “Gânglios, é gânglios. Tá bem.”

Médico – Criança e Mãe: “Têm alguma dúvida ou alguma pergunta que me queiram fazer?”

(...)

Médico – Criança: “Tu queres-me fazer alguma pergunta?”

Criança – Médico: “Não. Tenho vergonha.”

Médico – Criança: “Tens vergonha? Porquê? Não tenhas vergonha, não vale a pena. Tá bem?”

(...)

Médico – Criança: “Por causa disto estás livre. Ah?”

Mãe – Criança: “Já não te podes queixar.”

(...)

Médico – Criança: “Tchau Jessica.”

Criança – Médico: “Tchau!”

## **PARTICIPANTE 16**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

(Criança está envergonhada)

Médica – Criança: “Então, estás boa Matilde?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica faz perguntas à mãe; criança ouve a conversa)

Médica – Criança: “Estás na escolinha?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “És uma comilona?”

(Criança ri-se para a médica)

Médico – Criança: “O que é que tu gostas de comer, conta-me lá.”

(Criança olha para a Mãe)

Médico – Criança: “Não sabes?”

Mãe – Criança: “O que é que gostas de comer?”

Médica – Criança: “Não queres dizer?”

Criança – Médica: “Carne e peixe.”

Médica – Criança: “Carne e peixe. É o que tu gostas?”

(Criança olha para a mãe a sorrir)

Médica – Criança: “E umas bolachinhas? Conta-me lá.”

Criança – Médica: “Também.”

(...)

Médica – Criança: “Vamos fazer assim, tu não perdes peso mas também não aumentas que é para te manteres aqui neste peso que é para ver se atingimos aqui esta curvinha.” (mostra boletim à criança e criança observa)

(Médica dá umas explicações à mãe)

Médica – Criança: “Ainda por cima tens uma mãe toda elegante. É não é?”

(Criança agarra o braço da mãe com sinal de vergonha e sorri)

(mãe e médica conversam)

Médica – Criança: “Não gostas de fazer nada? O que é que gostas de fazer? Dançar? Não gostas de dançar?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Tens de arranjar aí um grupo de dança para ires.”

(Criança sorri para a médica)

(mãe e médica conversam e criança observa)

## **Momento 2 – Exame Físico**

Médica – Criança: “Olha vamos tirar a tua camisola para eu te auscultar, pode ser?”

(Criança olha para a mãe)

Médica – Criança: “Vá lá, a mãe deixa. Olhaste para a mãe mas a mãe deixa.”

(Mãe ajuda a criança a despir-se)

Médica – Criança: “Olha vamos fazer assim, vamos respirar assim. (...) Já foste à praia este ano? Já? A praia é muito bom.”

Criança – Médica: “Já fui e já fui à água.”

(Médica examina a criança e conversa com a mãe)

Médica – Criança: “E nos 2 lados rapariga. Como é que tu ouves? És uma heroína. Como é que consegues ouvir com esta cera toda?”

Criança – Médica: “Eu às vezes ponho o dedo no ouvido.”

Médica – Criança: “Isso não se faz. Não digas isso. Isso não se pode fazer.”

(...)

Outro Médico – Criança: “Fazes cocó todos os dias?”

Criança – Outro Médico: “Não sei.”

(...)

Médica – Criança: “Já tás na escola, em que ano?”

Mãe – Criança: “Estás em que ano?”

Criança – Médica: “No 1º.”

Médica – Criança: “E já sabes ler?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Criança vai para junto da mãe)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

Médica – Criança: “És boa aluna?”

Mãe – Criança: “Não sei, não vou lá. O que é que tu achas?”

Médica – Criança: “Tu tens cara de boa aluna.”

(Criança olha para a mãe e mãe responde por ela)

Médica – Criança: “Deixa-me só escrever aqui que está tudo bem contigo.”

(Criança sorri para a médica)

(Médica dá indicações sobre a medicação à mãe)

Médica – Criança: “Vou só escrever aqui que tá tudo bem contigo.”

(Criança sorri para a mãe)

(...)

Mãe – Criança: “Lembras-te como é que fazias? Assim.”

(Criança olha para a mãe)

Criança – Mãe: “Tenho é de fechar a boca.” (e ri-se)

(...)

Médica – Criança: “São umas gotinhas. Eu vou-te explicar. Não é logo dentro do ouvido, é aqui fora. Depois tu fazes assim e aquilo vai escorrendo la para dentro. Que é para dissolver essa cera que tu tens aí, tens assim como se fosse uma bolinha. Depois ficas assim um bocado tapada, não consegues ouvir o que se passa à tua volta. Tá bem?” (Criança escuta atentamente)

Mãe – Criança: “Depois vais pôr.”

(Médica dá indicações à mãe; criança observa a sala)

Médica – Criança: “Adeus princesa. Gostei muito de te conhecer. As melhoras.”

Mãe – Criança: “Não dizes adeus, bom dia e obrigada?”

(Criança ri-se para a mãe)

Criança – Mãe: “Não te esqueças da mala.”

## **PARTICIPANTE 17**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Olá Mafalda.”

Criança – Médica: “Olá.”

(Médica pede informação à mãe sobre o motivo da consulta; criança observa a sala)

Médica – Criança: “Mostra-me os teus dentinhos. Faz assim. Não, não é preciso tirares (pastilha) é só para eu ver.”

(Criança mostra os dentes à médica)

(Médica continua a fazer perguntas à mãe; criança observa a médica e a mãe; Mãe diz à Médica que retomaram a medicação para as alergias porque ela agora está num período mais complicado)

Mãe – Criança: “Não é.”

(Criança acena que sim para a mãe)

(Médica pergunta à Mãe que idade tem o pai)

Criança – Médica: “31”

(...)

(Mãe conta história clínica da família; mãe diz que da parte do pai a maioria são diabéticos)

Criança – Mãe: “É a minha avó e as irmãs da minha avó.”

(Falam do parto e a mãe diz à médica que apesar de algumas complicações, depois foi tudo um espectáculo)

(Criança ri-se para a mãe)

(Médica continua a fazer perguntas à mãe; criança presta atenção e de vez em quando sorri para a mãe; médica pergunta à mãe se a criança está na escola)

Médica – Criança: “Em que ano?”

Criança – Médica: “2º ano.”

Médica – Criança: “E és boa aluna?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Boa. Qual é a disciplina que tu gostas?”

Criança – Médica: “Estudo do Meio.”

Médica – Criança: “Estudo do Meio? Muito bem. Já sabes ler tudo e fazer contas?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Ai que bom.”

(Mãe reforça dizendo que a filha já sabia ler e escrever quando entrou já sabia fazer contas de somar)

Criança – Mãe: “Já sabia o alfabeto.”

(Médica continua a fazer perguntas à mãe; Mãe diz à Médica que a filha às vezes faz reacção ao leite)

Criança – Mãe: “E fico maldisposta.”

Mãe – Médica: “E fica maldisposta (...).”

(Mãe e Médica continuam a falar sobre o leite e a mãe diz que lhe dá leite de vaca mas só de vez em quando)

Criança – Mãe: A Criança diz que a Mãe só lhe dá em determinada ocasião mas não se entende.

(Mãe continua a falar da alimentação da criança)

### **Momento 2 – Exame Físico**

(Médica pede à criança para se despir para ser examinada; criança despe-se)

Criança – Mãe: “Também tiro as calças?”

Mãe – Criança: “Sim, então a doutora. O que é que a doutora disse?”

(Criança despe-se com vergonha)

Mãe – Criança: “Ai que vergonha.”

(Criança ri-se para a mãe)

(Criança senta-se na marquesa e é observada pela outra médica; criança ri-se enquanto é observada)

Médica – Criança: “Ai tás cheia de nódoas negras. Rapariga. Então? O que é que andaste a fazer? A jogar à bola?”

Criança – Médica: “Não.”

Mãe – Médica: “É uma maria rapaz. É ao berlinde.”

(Criança ri-se para a médica)

Médica – Criança: “Deixa assim as tuas perninhas molinhas. Isso mesmo. Ao berlinde?”

Criança – Médica: “Eu já não jogo.”

Mãe – Criança: “Ai já não jogas?”

Médica – Criança: “Não? (...) Os pés cheios de areia, de ir para a praia, foi?”

Criança – Médica: “Não. A escola tem areia.”

Médica – Criança: “Olha agora ficou a areia aqui no gabinete. Já viste? Põe a perninha molinha. Isso mesmo. Muito bem.”

(Criança ri-se para a médica)

(Médica continua a examiná-la)

(Mãe explica à médica algumas coisas sobre o motivo da consulta)

Mãe – Criança: “Mas tu sabes dizer o que tu sentes. Tu sabes.”

Médica – Criança: “O que é que costumavas sentir? Às vezes vês assim desfocado?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Não.”

(médica continua a fazer perguntas à mãe)

Mãe – Criança: “Mafalda?”

Criança – Mãe: “Hum?”

Mãe – Criança: “Senteste arder nos olhos às vezes?”

Médica – Criança: “Senteste ardor? Como se tivesses assim areia nos olhos? Porque é que agora fizeste assim?”

Criança – Médica: “Porque às vezes dá-me a sensação que tá alguma coisa no olho.”

(Mãe e Médica riem-se e Médico diz que era aí que queria chegar; médica manda a criança vestir-se)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médica dá feedback da situação à mãe; criança veste-se; criança observa a médica)

Médica – Criança: “Pastilha elástica faz mal aos dentes.”

(Criança sorri para a médica)

Mãe – Médica: “Pois faz. Isto é uma exceção.”

(Mãe expõe algumas dúvidas à médica; outra médica faz uma trança à Criança e a Criança agradece)

Criança – Outra Médica: “Obrigada.”

(...)

Médica – Criança: “Gostaste de andar de comboio?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “É giro não é?”

Criança – Médica: “É. Fui vendo as paisagens.”

Médica – Criança: “Foste vendo as paisagens? A nossa ria formosa foi?”

(Mãe pergunta à Médica o que acha do olho da criança)

Mãe – Criança: “Tinhas que ter um olho diferente. Tinha que ser diferente. Sim?”

(Criança ri-se para a mãe)

(...)

(Médica está a ver um boletim de saúde)

Criança – Médica: “Esse é o da minha cor.”

Mãe – Criança: “É igual filha. São iguais. São todos iguais.”

Criança – Médica: “Mas há uns que são doutra cor.”

Médica – Criança: “Exactamente.”

Mãe – Criança: “O dos meninos. Talvez, não?”

Médica – Criança: “São azuis.”

Mãe – Criança: “Pois.”

Criança – Mãe: “Os teus laranja.”

Mãe – Criança: “Eu sou criança?”

Médica – Criança: “O da mãe? O boletim de saúde infantil da mãe?”

(Criança ri-se para a médica)

(...)

(Mãe conta uma história à médica de uma pessoa que disse à criança que era feia e ela responde que é linda)

Criança – Mãe: “Quem?”

Mãe – Criança: “Foi o Nuno na brincadeira e tu respondeste isso.”

(Mãe pergunta se a radiografia é onde a Criança viu o dedo (quando o magoou))

Criança – Mãe: “Que dedo?”

(...)

Mãe – Criança: “Alguma pergunta Dona Mafalda?”

Criança – Mãe: “Não.”

Outra Médica – Criança: “Pergunta agora. Dúvidas.”

(...)

Mãe – Criança: “Tá tudo?”

(Criança acena que sim para a mãe)

Médica – Criança: “Adeus.”

## **PARTICIPANTE 18**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Então Rodrigo, estás bom?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Quantos anos tens Rodrigo?”

Criança – Médica: “Dez.”

Médica – Criança: “10 anos.”

(Médica pergunta o motivo da consulta à mãe; criança observa a médica, parece ouvir a conversa; Médica recolhe dados sobre história familiar com a mãe)

Médico – Criança: “Tás em que ano?”

Criança – Médico: “5º”

(Depois pergunta à Mãe se a Criança é boa aluna)

Médica – Mãe: “Ele faz algum desporto, alguma coisa?”

Criança – Médica: “Educação Física na escola.”

Médica – Criança: “E quando fazes educação física alguma vez te sentes assim muito cansado. Ficar assim mais do que os outros meninos. Achas que tens de parar antes ou aguentas como eles? Como é que é?”

Criança – Médica: “Aguento.”

Médica – Criança: “Aguentas? Tá bem. E isto nunca aconteceu nenhum destes episódios na aula de educação física?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “E tu a seguir lembras-te o que é que acontece? Tu sentes que vais desmaiar? Sentes que vais sentir mal ou não?”

Criança – Médica: “O que a outra médica disse.”

Mãe – Criança: “Mas a senhora doutora não sabe. Tens que responder.”

Médica – Criança: “Mas eu não estava lá. O que é que sentes? A visão a ficar assim escura.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “A cabeça a andar à roda.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Sentas?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E tu sabes que vais cair é isso?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “E a seguir? Quando passa, o que é que sentas?”

Criança – Médica: “Não sei onde estou. Foi como a minha mãe disse.”

Médica – Criança: “Ficas assim... meio (gira a cabeça).”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “É? Como se tivesses assim a acabar de acordar?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “É?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Agora vais tirar a tua camisola, pode ser? Pra gente te auscultar.”

### ***Momento 2 – Exame Físico***

(Médico faz algumas perguntas à mãe; médica examina a criança)

Médica – Criança: “O que é que tens aqui?”

Criança – Médica: “O peito.”

(...)

Médica – Criança: “Então e como é que se chama o teu mano pequenino conta lá.”

Criança – Médica: “Tiago.”

(...)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médico faz perguntas à mãe)

Médico – Criança: “E tu sentes alguma coisa antes de desmaiars, não? Tu lembras-te? O que é que tu sentes? Sentes-te tonto, como é que é? É? Como é que é, explica-me lá.”

Criança – Médico: “Sinto muitas coisas.”

Médico – Criança: “Sentas o quê?”

Mãe – Médico: “Ele diz que não sabe explicar.”

Médico – Criança: “O que é que sentes?!”

Mãe – Criança: “Tens de explicar mais ou menos o que conseguires.”

Médico – Criança: “Tenta lá explicar o que é que tu sentes.”

Criança – Médico: “Fico a ver tudo preto, aos poucos.”

Médico – Criança: “É? Tu sentes que vais desmaiar é?”

(Mãe explica que a criança avisava quando sentia que ia desmaiar)

Criança – Médico: “É isso, começa a ficar tudo preto.”

Médico – Criança: “Preto? Tá bem. E dor de cabeça não tens? Não, não?”

(Médicos continuam a falar com a mãe; médico faz algumas perguntas à criança; médico dá indicações à mãe)

Criança – Mãe: “Obrigada por deixares cair, mãe (refere-se à camisola que caiu)”

Mãe – Criança: “Ai desculpa filho, a mãe nem viu.”

(Médico faz perguntas à mãe e a Criança presta atenção; médico dá indicação para dois exames à mãe)

Médico – Criança: “Então vá, tchau” (dão aperto de mão)

## **PARTICIPANTE 19**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Não queres sentar ali (marquesa) para dares lugar ao pai?”

Pai – Médica: “Não, ele senta-se aqui (cadeira).”

Médica – Criança: “Mas se ele se sentar ali se calhar é mais fácil. Sentas-te logo ali. O teu livrinho, deixa-me o teu livrinho. Obrigada! Então Rafael?”

Médica – Pais: “O que é que se passa com o Rafael, contem lá?”

(A criança acaba por se sentar na cadeira por causa da câmara)

Mãe – Criança: “Então Rafael, vais falar?”

Criança – Mãe: “Sim.”

Médica – Criança: “Então conta lá.”

Criança – Médica: “Tinha, tenho tido cólicas porque quando era mais novo tinha dois anos e fui operado à barriga.”

Médica – Criança: “Hum...Tens tido cólicas agora, é? Desde quando?”

Criança – Médica: “Desde...(pensa)”

Mãe – Criança: “Sempre.”

Criança – Mãe: “Sim.”

Médica – Criança: “E em que sítio é que te dói a barriga, mostra lá. Aponta com a tua mão. Aponta só para eu ver.”

Criança – Médica: (Faz movimentos circulares com a mão na barriga)

Médica – Criança: “Essa dor é como? Aperta, aperta, aperta”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “E depois vai embora e volta outra vez.”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “É? Tens todos os dias?”

Criança – Médica: “Ah, não.”

Médica – Criança: “Não. E fazes cocó todos os dias?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Sim? E o cocó é como? Duro?”

Criança – Médica: “Médio.”

Médica – Criança: “Médio. Médio, médio é o quê? (Criança vai coçar a perna mas a mãe diz para ela escutar) Fazes muita força ou não?”

Criança – Médica: “Não muita.”

Mãe – Criança: “Tens de referir antes da medicação.”

Criança – Médica: “Antes da medicação era muito líquido.”

Mãe – Criança: “Tu disseste que fazias todos os dias. É isso que tens de referir. Não estejas só a falara gora da medicação. Tens de falar como é que é antes da medicação (Criança acena que sim para a Mãe). E não fazias todos os dias, não foi isso que dissestes?”

Criança – Mãe: “Sim.”

Mãe – Criança: “Que tinhas cólicas constantes é isso que tens de falar. Não sou eu. Está bem?”

Médica – Criança: “E antes, então vamos, agora começaste a fazer medicamento não é? (C acena que sim para a médica) Então e antes de fazeres o medicamento como é que era? Fazias cocó quantas vezes por semana?”

Criança – Médica: “Ah... umas três.”

(Médica pergunta à Mãe porque a Criança foi operada)

Médica – Mãe: “Fazia três vezes por semana e como é que era o cocó?”

Médica – Criança: “Era muito duro?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Fazias muita força era?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Eu tinha aqui uma escala dos cocós. Mas assim... Que era para tu me dizeres qual era o teu. Se era assim às bolinhas.”

(Médica e pais falam um pouco sobre o cocó; criança presta atenção à conversa)

Médica – Mãe: “E assim fazer fissuras no rabinho, doer, ficar com ferida, com sangue, alguma coisa?”

Criança – Médica: “Não.”

(Mãe responde que ficava com ardor)

Médica – Criança: “Quando ficavas mais dias sem fazer cocó tinhas mais dor? É?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “E tu começaste a fazer as carteirinhas quando vieste às urgências?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “No dia 13. E daí para cá, como é que estão as dores?”

Criança – Médica: “Ah... Melhores.”

Pai – Criança: “As dores estão melhores, que remédio.” (Criança ri-se)

Médica – Criança: “Fazes uma carteirinha por dia?”

Criança – Médica: “Duas.”

Médica – Criança: “Desde então é que começaste a fazer cocó todos os dias.”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Mais molinho e com menor dor. É?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Mas ainda tens algumas dores ou não? Nunca?”

Criança – Médica: “Algumas.”

Médica – Criança: “Então e conta-me lá como é que é a tua comida. O que é que tu comes?”

Criança – Médica: “Como... Não como muita fruta. Como é mais maçã.”

Médica – Criança: “E bananas?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “E mais? E sopa?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Comes?”

Criança – Médica: “Muita.”

Médica – Criança: “É? Todos os dias?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Muito bem. E água?”

Criança – Médica: “Muita também.”

Médica – Criança: “Muita aguinha? E ice tea?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Não. Ótimo, ah? Isto é que é.”

Criança – Médica: “Só bebo água.”

(Pais dizem que o que a Criança disse era verdade e a médica pergunta se ele come sopa todos os dias)

Criança – Médica: “Todos os dias como dois pratos.”

Médica – Criança: “E uma salada? Não gostas de uma salada de legumes em cru?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Portanto a única fruta que tu gostas é a maçã? (Criança acena que sim para o Médico) E comes com pele ou sem pele?”

Criança – Médica: “Com pele.”

Médica – Criança: “Muito bem” E kiwis, não gostas?”

Criança – Médica: “Não.”

Médica – Criança: “Não gostas de kiwis.”

Criança – Médica: “Não.”

(Pai fala em ameixas ao médico)

Criança – Pai: “Ameixas eu gosto.”

(Médica recolhe dados sobre a família junto dos pais)

(Médica pergunta ao Pai se é saudável)

Criança – Médica (fala do pai): “Come muita salada, muito peixe. Muita sopa. Muita fruta.”

(Médica pergunta à Mãe se a Criança tem irmãos)

Médica – Criança: “E tu é que tens de cuidar delas?”

(Criança acena que sim para a Médica)

(...)

Médica – Criança: “Com que idade é que foste tio?”

(Criança não sabe responder então respondem os Pais)

Criança – Médica: “Depois fui com 9.”

(...)

Criança – Mãe: “E da (não se compreende) fui aos 7. Isso.”

Médica – Mãe: “E são saudáveis as manas?”

(Criança acena que sim para a Médica)”

(Médica faz perguntas à mãe sobre o desenvolvimento da Criança)

(Mãe diz que ainda a Criança estava com a cabeça de fora (no parto) já berrava)

Criança – Mãe: “Queria que me ouvissem.”

(Médica continua a fazer perguntas à mãe)

Médica – Mãe: “Ele já está na escolinha?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “Em que ano?”

Criança – Médica: “4º.”

Médica – Criança: “E és um bom aluno?”

Criança – Médica: “Sim.”

Médica – Criança: “E tu falas aí tudo correctamente, ah?”

(Pai diz que a Criança é saudável na língua)

Criança – Médica: “Tive o caminho todo a falar.”

Médica – Criança: “É? Tás sempre a falar? (...) E o que é que queres ser quando fores grande?”

Criança – Médica: “Ainda não decidi.”

Médica – Criança: “Ainda não decidiste.”

(Pais falam sobre profissões)

Criança – Médica: “Sempre que via uma profissão queria ser.”

Médica – Criança: “Isso é bom sinal. É sinal de que tudo o que fizeres vais fazer bem. Vais-te adaptar bem e vais ser feliz. É ótimo, já viste?”

(Médica faz perguntas à Mãe; criança observa a médica)

Mãe – Criança: “Tu já viste que a doutora escreve sem olhar para as letras? Como é que ela sabe onde elas estão?”

Criança – Mãe: “Estudou bastante.”

(Pai e Médica conversam sobre dactilografia)

Criança – Médica: “Eu para escrever tenho que andar à procura das letras.”

(Mãe mexe no braço da Criança)

Criança – Mãe: “Não reparei.”

Médica – Pais: “Ele nunca precisou de ser operado?”

Mãe e Criança – Médico: “Não.”

(Outro Médico entra e a Médica explica-lhe o caso)

Médica – Criança: “Agora vou ver a tua barriga, pode ser?”

Criança – Médica: “Ok.”

Médica – Criança: “Podes ir.”

### ***Momento 2 – Exame Físico***

Médica – Criança: “O que é que fizeste (braço)?”

Criança – Médica: “Tava a brincar no intervalo na pré e caí em cima do braço.”

(Pais comentam o braço ao Médico)

Criança – Médica: “E depois a minha irmã partiu-me outra vez.”

Médico – Criança: “A tua irmã partiu-te outra vez?”

(Pais explicam ao Médico a pergunta)

(Médica observa a barriga)

Outro Médico – Médica: “Nem lhe dói nem nada.”

Criança – Médica: “Não.”

(Mãe diz ao Médico que a Criança é resistente à dor)

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

Criança – Mãe: “Mãe! A mana fez-me um penso do tamanho (não se compreende)”

(Mãe diz aos Médicos que a Criança aponta num caderno a monitorização do cocó)

Médica – Mãe: “Mas não trouxe não?”

Criança – Médica: “Não.”

Mãe – Médico: “Não mas eu tive a ver. Tem sido entre o sólido e o ...”

Criança – Mãe: “Líquido.”

(Médico sugere aos Pais que façam um carteirinha [medicação])

Pai – Criança: “Assim comes a fazer só uma. Fazes de manhã em jejum. Pronto. Chega-te para o dia todo que é para ver. E depois continuas a assentar no teu livrinho.”

Criança – Pai: “Ok.”

Pai – Criança: “E na próxima consulta trazes o caderninho.”

Criança – Pai: “Ok.”

(Mãe diz que disse à Criança para escrever com a letra dele e o Pai diz que assim tem de ser a Criança a ler)

Criança – Pai: “A minha letra até é legível.”

Médico – Criança: “Estás em que ano?”

Criança – Médico: “4º.”

Criança – Mãe: “É um pouco estranha mas legível.”

(Médico dá a receita à Mãe e Criança inclina-se para ler)

Criança: “Macron Bicarbonato de sódio.”

(Pais explicam que é igual ao outro medicamento que já tomava)

Criança – Mãe: “Bicarbonato de Sódio.”

Pai – Criança: “Sabes porque é que é bicarbonato de sódio?”

(Criança não ouve porque está a falar com a Mãe, que também não se ouve porque o Pai está a falar alto junto da câmara com o Médico)

(Pai fala em vulcões)

Criança – Médica: “Eu já fiz um vulcão.”

(Pais falam do espaço em casa e das coisas que tem para brincar)

Criança – Pai: “E a minha bicicleta.”

(Médico dá aperto de mão à Criança)

Criança – Médica: “Adeus.”

## **PARTICIPANTE 20**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Olá Rodrigo. Então Rodrigo, tás bom?”

(Criança acena que sim para a médica e dão aperto de mão)

(Médica pede informações à mãe)

Médica – Criança: “Então o que é que tens aí?”

(Criança mostra a folha à Médica)

Médica – Criança: “Como é que se chama esse boneco?”

Criança – Médica: “Faísca Macween.”

Médica – Criança: “Exactamente. Gostas do Faísca Macween?”

(Criança acena que não para a médica)

Criança – Médica: “Mais ou menos.”

Médica – Criança: “Não? Mais ou menos? Então qual é o boneco que gostas mais?”

Criança – Médica: “De filme?”

Médica – Criança: “Sim. Pode ser.”

Criança – Médica: “Wrestling.”

Médica – Criança: “E sem ser de filme, o que é que tu gostas?”

(Criança pensa e Médica começa a falar com a mãe)

(Médica recolhe informação da mãe; médica pede à criança para se despir para ser examinada)

Médica – Criança: “É? Tás no 1º ano?”

(Criança acena que sim com a cabeça para a médica)

(...)

## **Momento 2 – Exame Físico**

(Médica examina a criança)

Médica – Criança: “Dá-te muita comichão? Não? Então porque é que coças tudo?”

Criança – Médica: “Coço mas dá pouca.”

Médica – Criança: “Então e olha estás a coçar. Então? Dá muita ou pouca?”

Criança – Médica: “Muita.”

Médica – Criança: “Ah!”

(...)

Médica – Criança: “Muito bem. Faz impressão? Abre bem a boca. Ai a chicla. Vamos tirar a chicla. Segura na mão a chicla. Língua para fora. Lavas os dentes?”

Mãe – Criança: “Não lavas os dentes?”

Criança – Mãe: “Só uma vez.”

Mãe – Criança: “Só uma vez? Hoje só lavaste uma vez.”

Médica – Criança: “Ah! Lavas os dentes. Todos os dias? Quantas vezes por dia?”

Criança – Médica: “Nenhuma.”

Médica – Criança: “Nenhuma? Ah! Não pode ser. Tens de manhã e à noite antes de deitar.”

Mãe – Criança: “Tu lavas com a mãe não lavas?”

### ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

(Médica dá indicações à Mãe; criança veste-se)

Médica – Criança: “Tens alguma dúvida?”

(Criança acena que não para a médica)

Médica – Criança: “Alguma, queres fazer-me alguma questão?”

Criança – Médica: “Não.” (Criança acena que não para a médica)

(Criança brinca com a folha enquanto a médica preenche uma folha)

## **PARTICIPANTE 21**

### ***Momento 1 – Recolha da História Clínica***

Médica – Criança: “Olá Mariana. Senta Mariana. Estás boa?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Tás. Passou bem (dão aperto de mão). (...) Tás muito gira (...) Então, gostas de cor de rosa?”

(Criança acena que sim para a médica)

(...)

Médica – Criança: “Então o que é que isto significa, Mariana?”

Criança – Médica: “Que... não faço xixi durante a noite.”

Médica – Criança: “Boa. Portanto, desde a última consulta, muito bem. Quem é que está de parabéns? A mariana, não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica pergunta à mãe como têm feito)

Médica – Criança: “Mas olha. Quando tu, quando os papás estão acordados já não sentes que está a bexiga cheia?”

(Criança acena que não para a médica)

Médica – Criança: “Não?”

(Médica pergunta à mãe se a Criança vai a dormir quando a levam à casa de banho)

Criança – Médica: “Eu às vezes vou assim...” (imita um sonâmbulo)

Médica – Criança: “Vais tipo zombie?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “É? E a cama sabe muito bem, tá muito quentinha não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

(...)

Médica – Criança: “É assim, com os papás tu vais mas depois tens de começar a ir sozinha. No verão tu vais sozinha, no inverno não vais? Não é?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Mas olha que eu gostei muito da folha, tá muito bonita (...) e a escola como é que tem estado a correr?”

Criança – Médica: “Bem.”

(Médica faz perguntas à mãe sobre a monitorização realizada; quando a médica diz à criança para se despir para ser examinada a criança demonstra receio devido à câmara)

## ***Momento 2 – Exame Físico***

(Médica examina a criança; médica e mãe falam sobre os dentes e mãe diz que ela vai ter de usar aparelho)

Médica – Criança: “Mas não te preocupes, depois ficam todos direitinhos.”

Criança – Médica: “Depois os meus colegas quase todos também vão usar.”

Médica – Criança: “Ai é? Então pronto.”

## ***Momento 3 – Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento***

Médica – Criança: “Sabes o que é que temos aqui?”

(Criança acena que sim para a médica)

(Médica explica algumas coisas à mãe)

Criança – Médica: “Ou então tudo sol.” (comenta o que a médica acabou de dizer sobre o resultado ideal de monitorização)

Médica – Criança: “É? Olha era o que eu queria. Era o que eu queria. Vês como tu sabes? Isso era perfeito. Respondeste muito bem. Combinado?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Tudo sol?” (e dão aperto de mão)

(...)

Médica – Mãe: “Ela tinha um canalzinho aqui mas depois fechou.”

Criança – Médica: “E ainda se vê aqui.” (E levanta a camisola para mostrar)

Mãe – Médica: “Vim cá uma ou duas vezes ao hospital.”

Criança – Médica: “Ainda está aqui.” (mostra)

Médica – Criança: “O coração está aí. Agora o que tu tinhas aqui que era um canal que estava, que se fecha quando nós nascemos ainda estava aberto mas agora já fechou. Já tá tudo bem. Não te preocupes.”

(Médica dá indicações à mãe; criança parece estar atenta)

Médica – Criança: “Fica combinado Mariana?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Pra próxima só sol. É um só sol. Tá bem? Mas é assim, se houver algum descuido não te preocupes, está bem? Uma vez por outra não há problema.”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Tá bem? Para não ficares muito nervosa a pensar que tem de ser tudo tudo sol ta bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Com calma. Estás num bom caminho e é isso que nós queremos. Tá bem?”

(Criança acena que sim para a médica)

Médica – Criança: “Quero um sorriso.”

(Criança sorri para a médica)

(...)

Médica – Criança: “Adeus (nome da criança).”

Criança – Médica: “Adeus.”

## ANEXO X - Identificação de Temas para cada uma das Dimensões

CASO 1	
Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese e encoprese)	
Duração da Consulta: 29 minutos e 14 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 2 segundos (5.1%)
Duração da Intervenção do Médico: 11 minutos e 8 segundos (49.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 9 minutos e 12 segundos (45.2%)
1ª Consulta	Acompanhada pelo pai

INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES	TIPO	FASE DA CONSULTA	ORIENTAÇÃO	FORMA	CONTEÚDO
Criança: “São sempre duas doutoras?”	Espontâneo	Abertura/acolhimento	Indiferenciada	Faz comentário ou verbalização	Comentário - Sobre o número de médicos
Criança – Médica e Pai: “Vimos do Brasil.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Indiferenciada	Dá informação ou explicação	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Pai – Médica: “Tem, tem muitos (irmãos).”  Criança – Médica: “Tenho. Tenho 4, eu sou o 5º.” (número de filhos)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Criança: “O meu signo tá ali.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Indiferenciado	Faz comentário ou verbalização	Comentário - Fora do contexto
Criança – Pai: “Falta alguma vacina para eu tomar?”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Pai	Pede informação ou explicação	Temas de saúde - Vacinação
Criança – Médica: “Eu com três anos não fazia.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)

<p>Pai – Criança: “Responde. Tu quando tens vontade já não consegues aguentar, já tás, não sentes, ou sentes vontade e não tens tempo de ir à casa de banho?”</p> <p>Criança – Pai: “Não. Eu sinto vontade só que não tenho tempo para ir à casa de banho.”</p>	Solicitado Pai	História clínica/recolha de informação	Pai	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
<p>Médica – Criança: “(...) agora preciso de te ver, está bem? (...) Naquela marquesa, para eu te observar, tá bem?”</p> <p>(Criança acena que sim para a Médica)</p>	Solicitado	Observação	Médica	Dá feedback (não-verbal)	Orientação para a observação
<p>Criança: “Agora não posso tomar o leite à noite!”</p>	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Indiferenciada	Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Recomendações
<p>Médica – Criança: “ (...) quando estás na escola, mal sentas (...) Quando sentires vontade de ir à casa de banho, quer seja para fazer xixi, quer seja para fazer cocó, tu tens que ir logo, combinado? (...) Não gostas muito de interromper a aula?”</p> <p>(Criança acena que não com a cabeça para a Médica)</p>	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
<p>Médica – Criança: “Mas é importante, está bem? (...) Se não depois também faz mal ao intestino e faz mal ao nosso organismo, está bem? Estás a compreender (...)?”</p> <p>(Criança acena que sim com a cabeça para a médica)</p>	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações
<p>Médica – Criança: “ (...) Tu queres ficar</p>	Solicitado	Diagnóstico e	Médica	Dá feedback	Procedimentos de

tratado não é?”  (Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)	Médica	aconselhamento de tratamento		(Não verbal)	tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “ (...) Portanto, cada vez que tiveres vontade de ir na escola ou quando vais brincar, sim? Se sentires vontade tens de ir logo, está bem? Combinado?”  (Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Pai: “Quando corre bem pões um certo, quando corre mal pões uma cruz.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “E tu preenches isto com os papás, está bem?”  (Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “Vais preencher esta folhinha com o papá e com a mamã até à próxima consulta, fazendo estas coisinhas que eu já estive a dizer ao papá e que eu estive a dizer a ti, está bem? Estás a ouvir?”  (Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “A partir da hora do jantar não é para beber mais água. Nem para beber mais líquidos, está bem? Não é para beber leiteinho antes de dormir e depois durante a noite o papá ou a mamã vão ter contigo e vão contigo à casa de	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações

banho, está bem?”  (Criança acena que sim com a cabeça para a Médica)					
Criança – Pai: “Amanhã vai ser dia 7.” (comenta a folha de monitorização do controlo esfíncteriano)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “Olha, quando tudo correr bem, vais fazer um desenho, aqui, um desenho para eu ver.”  (Criança acena que sim para a Médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “ (...) Quando tu sentires a mínima vontade tens de ir logo, combinado?”  (Criança acena que sim para a Médica e dão um aperto de mão)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Pai: “Na próxima consulta eu trago o papel?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Pede informação ou explicação	Material para a próxima consulta
Criança – Pai: “Eu vou escrever aqui? Eu vou escrever aqui pai?”	Espontâneo	Fecho/despedita	Pai	Pede informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médico despede-se da criança mas esta não responde	Solicitado Médica	Fecho/despedita			

**CASO 2**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Otorrino, gastro, dores nas pernas, manchas nos olhos	
Duração da Consulta: 28 minutos e 36 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 3 minutos e 15 segundos (20.1%)
Duração da Intervenção do Médico: 4 minutos e 49 segundos (29.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 8 minutos e 6 segundos (50.1%)
Consulta de seguimento (por outro médico)	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Olá (nome da criança), estás bom?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Gostas de carros?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses
Mãe – Criança: “Onde é que dói as tuas pernas quando acordas para ir para a escola? Onde é que elas doem? Mostra à doutora.”  Criança – Mãe: “Dói aqui e aqui” (e aponta)	Solicitado Mãe	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
Médica – Criança: “É dos dois lados?”  Criança – Médica: “É daqui e aqui.” (e aponta)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
Criança – Mãe: “E o ar que está dentro da barriga?”	Espontâneo	História clínica/recolha de	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)

		informação				
Criança – Mãe: “Eu disse o meu ar. O ar que está dentro da barriga.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Mãe: “Está-me a doer as pernas.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Mãe – Criança: “Ela vai-te examinar tudo.”	Espontâneo	Observação	Mãe	Pede clarificação	Adequada	Orientação para a observação
Criança – Mãe: “O quê?”						
Criança – Mãe: “Tenho vergonha.”	Espontâneo	Observação	Mãe	Expressão emocional	Adequada	Expressão de reação emocional - Embaraço
Criança – Mãe: “P’ra quê sentar?”	Espontâneo	Observação	Mãe	Pede clarificação	Adequada	Orientação para a observação
Médica – Criança: “Vais deitar a cabecinha para aqui e as perninhas para ali.”	Espontâneo	Observação	Médica	Pede clarificação	Adequada	Orientação para a observação
Criança – Médica: “Para quê?”						
Médica – Criança: “Tu gostas de comida para passarinho? É?”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Médica: “Eu não gosto de comida para passarinho.”						
Criança chama a atenção da mãe em relação aos seus olhos	Espontâneo	Observação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Mãe – Criança: “Mostra aqui uma coisinha.”	Solicitado Mãe	Observação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
Criança – Mãe: “Aqui.” (indica manchas nos olhos)						
Criança – Mãe: “Mas eu quero pintar.”	Solicitado Mãe	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto

Criança – Médica: “Tchau.”	Solicitado Médica	Fecho/despedita	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
----------------------------	----------------------	-----------------	--------	-----------------------	----------	-----------------------

**CASO 3**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese)	
Duração da Consulta: 21 minutos e 8 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 11 segundos (7.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 11 minutos e 33 segundos (77.3%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 13 segundos (14.8%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
(Não é apresentado)		Abertura/acolhimento				
Médica: “Então o que é que temos aqui? Foi trabalho da mãe.”  Criança – Médica: “...para ir à casa de banho.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Mãe – Médica: “Esqueci-me de apontar o cocó.”  Criança – Médica: “Não cocó.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “Sabes o que é que está aqui escrito?”  (Criança acena que não para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “A gente já conversou sobre as bebidas que fazem fazer xixi, certo?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações

Criança – Médica: “Coca-cola.”						
Médica – Criança: “Coca-cola e ice tea. (...) Mas também tens direito a beber um bocadinho numa festa de anos.”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Enquanto se houver bongo ou e tu gostares de bongo podes preferir bongo em vez de coca-cola, está bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Ou ice tea, está bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Também tem de acabar, está bem? Vamos dar conta disto agora.”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Expectativas de resultado
Médica – Criança: “Então temos de fazer algumas coisas durante um tempo. Alguns compromissos que é «Não vou beber estas bebidas», sim?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Por exemplo em vez de coca-cola se houver bongo, tu	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações

vais dizer «Eu prefiro bongo», nesta altura, está bem?”  (Criança acena que sim para a médica)		tratamento		(Não verbal)		
Médica – Criança: “E chá dizes à avó «Não posso beber chá, muito menos à noite», está bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “As fraldas vão acabar, está bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Então eu fiz-te alguma coisa assim escrita para tu pores lá na porta do frigorífico? Fiz, não foi?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Então vamos lá (nome da criança). Assim, nós precisamos beber água, certo?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “O nosso corpo precisa de muita água, vai vir aí o Verão. Temos de beber muita água durante o dia para não beber água à noite.”  (Criança acena que sim com a cabeça para a médica)	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações

Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Criança: “Então tu tens que levar, tens que beber uma garrafinha destas inteira quando estás na escola.”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede clarificação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “Toda?”						
Médica – Criança: “Toda está bem? Que é para não teres sede à noite. Quando chegas a casa à noite, à hora do jantar dizes «Eu tenho sede, eu tenho sede, eu tenho sede» e a mãe vai dizer «Tu não podes beber Diogo» «Mas eu tenho sede» e «Não podes beber Diogo» Estás a ver? Porque não bebeste durante o dia e o nosso corpo precisa de água obviamente. Está bem?”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Criança: “Portanto tens de levar para a escola e tens que beber. É claro que no início não bebes a garrafinha toda mas vais tentar, certo?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “E a mãe vai fazer um horário para não te esqueceres de beber a aguinha está bem?”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Criança: “Ouviste (nome da criança)? Pronto. Então, beber água, a minha letra é feia mas a mãe	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações

depois pões uma letra bonita lá para tu leres, durante o dia. Certo?”						
Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Criança: “Não beber líquidos a partir das 19 horas. Significa que para lavar os dentes não se pode estar a beber água. Tem de se cuspir a água cá para fora, está bem? E se tiver muita, muita, sede tem de beber assim só um bocadinho ao jantar, assim.”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “Tudo.”						
Médica – Criança: “Ora bem. Bebidas proibidas (nome da criança). Bebidas proibidas, ok? Ice tea, colas e chás. Está bem?”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “Sim.”						
Criança – Médica: “Lá na escola não é assim, é só água.”	Espontânea	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Criança – Médica: “De manhã estou sempre para ir à casa de banho” (interrompe a médica)	Espontânea	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Hábitos/rotinas de micção ou evacuação
Médica – Criança: “(...) Ao deitar. Fazer xixi sem pressa, tá bem? Não é acabou, acabou, acabou, já tá. Tá bem? Pingar as pinguinhas todas. Está bem?”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
(Criança acena que sim para a médica)						
Criança – Médica: “Assim.” (põe a mão na boca como quem mostra	Espontânea	Diagnóstico e aconselhamento de	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Exemplificação de

como se toma o medicamento)		tratamento				recomendação
Criança – Médica: “Fralda adeus.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “(...) Olha, se houver um descuido, deve-se mudar a cama, deves ajudar a mamã a mudar a cama, está bem?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “Vai ajudar, vai ajudar a mãe. Certo?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “Então o que é que é isso (nome da criança)?”  Criança – Médica: “Isso é para quê? É para eu fazer?”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede clarificação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Criança – Médica: “Como?”	Espontânea	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “Seca. Então seca o que é que fazes? Ou pintas aqui com amarelo ou pões uma cruzinha ou pintas de vermelho ou pintas do que tu quiseres. Está bem?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequado	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Criança – Médica: “É para eu pintar?” (dentro do tema)	Espontânea	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Criança – Médica: “Isto é para eu pôr o nome e a data.”	Espontânea	Diagnóstico e aconselhamento de	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo

		tratamento				
Médica – Criança: “É claro que se tivesses um papelinho vais, depois de fazeres xixi secavas um bocadinho ainda tás a ver? Para não ficar lá o xixi. Secar com um papel, como as meninas fazem, os meninos também devem fazer só que às vezes não fazem logo o resto.”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitada Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequado	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Criança – Mãe: “É para o frigorífico?”	Espontânea	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Mãe – Criança: “E os sumos acabou.”  Criança – Mãe: “Oh!”	Espontânea	Fecho/despedita	Mãe	Expressão de reacção emocional	Adequado	Expressão de reacção emocional - Tristeza
Médica – Criança: “Tchau (nome da criança).”  Criança - Médica: “Tchau.”	Solicitada Médica	Fecho/despedita	Médica	Cumprimento/d espedita	Adequada	Cumprimento/despedita

**CASO 4**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Problemas urinários (pielonefrites recorrentes); queixa de cáries e medo da criança de extrair um dente	
Duração da Consulta: 13 minutos e 45 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 21 segundos (3.8%)
Duração da Intervenção do Médico: 6 minutos e 27 segundos (70.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 19 segundos (25.4%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Olá. (...) Tá boa?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Mas não vais falar comigo?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Dá feedback	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto
Médica – Criança: “De cocó estamos bem, (nome da criança)?” Criança – Médica: “Estamos.” (e depois olha para a mãe)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Médica – Criança: “Cocó todos os dias? Não aguenta o xixi?” Criança – Médica: “De vez em quando.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “De vez em quando o quê? De vez em quando não fazes cocó todos os dias?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)

Médica – Criança: “Fazes bolinhas às vezes?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Tá bem? E o xixi na escola vai fazer?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “Não aguenta o xixi, vai à casa de banho da escola. Vais?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “Qual osso?” (relativo a dor referida pela mãe) Criança – Médica: “Deste.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
Criança: “É aqui.”	Espontâneo	Observação	Indiferenciada	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
Médica – Criança: “Tu não te lembras de ter caído assim de rabo no chão?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixas/história clínica - Sintomas (causa)
Médica – Criança: “ (...) Já não nascem mais nenhuns. Já não tens direito a mais nenhuns” Criança – Médica: “Não.”	Espontâneo	Observação	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Médica – Criança: “Lembra-te dessas coisas todas e lava os dentes. Esses são os dentes mais bonitos que se pode ter e são os teus. Ouviste?” Criança – Médica: “Hum hum.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá feedback	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Médica – Criança: “Beber muita aguinha, fazer xixi.”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações

(Criança acena que sim para a médica)						
Médica – Criança: “(...) Não aguentar o xixi. Cocó todos os dias, que é para não haver mais infecções. Depois outra coisa. Lavar os dentes antes de ir para a escola. Obrigatório: antes de ir para a escola depois do pequeno-almoço e antes de ir para a cama. E depois ao fim de semana se está em casa depois do almoço. E depois se gostas de comer doces também deves lavar os dentes (...) Tá bem?”  Criança – Médica: “A mim já me caíram dois bocados deste dente” (e aponta para o dente)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Médica – Criança: “ (...) Portanto estes conselhos são para que isso não aconteça. Tá bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Médica – Criança: “Portanto não há preguiça, certo?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Médica – Criança: “Tchau Beatriz.”  Criança – Médica: “Tchau.”	Solicitado Médica	Fecho/despedida	Médica	Cumprimento/despedida	Adequada	Cumprimento/despedida

**CASO 5**

Idade da Criança: 8 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Uropatia divertículo da bexiga	
Duração da Consulta: 26 minutos e 55 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 8 segundos (6.6%)
Duração da Intervenção do Médico: 8 minutos e 5 segundos (47.2%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 55 segundos (46.2%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pelo pai e irmã mais nova (que tem o mesmo problema)

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Anda lá. Minha nossa! Tão boas?”  Criança – Médica: “Sim” (e acena que sim com a cabeça para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Portanto, tu aguentas os xixis, os teus rins dilatam quando aguentas o xixi. Tu aguentas o xixi muitas vezes. Tu no intervalo da escola. Tás na escola, verdade? De manhã quando te levantas tens de fazer logo xixi. Depois no intervalo da escolinha, a meio da manhã, tens que ir fazer xixi, ou no ATL. Onde é que estás de manhã, na escola?”  (Criança acena que sim para a médica e o pai responde verbalmente)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “A meio da manhã na escola tens de ir fazer xixi, está bem?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações

(Criança acena que sim para a médica)						
Médica – Criança: “Tem de fazer xixi. A hora do lanche (...), à hora do lanche fazer xixi, certo?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Quando chega à casa xixi. Antes de ir deitar, fazer xixi.”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Sempre estas vezes todas, está bem (nome da criança)?”  Criança – Médica: “Está bem.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Nunca perdes xixi na cuequinha, pois não?”  Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
Médica – Criança: “E à noite também não.”  Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/História clínica - Sintomas (contexto)
Médica – Criança: “Foste tu que fizeste?”  Criança – Médica: “Fui.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses
Médica – Criança: “Uau! Tão gira! Como é que fizeste?”  Criança – Médica: “O fio da minha mãe partiu-se e eu fiz uma pulseira.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses

Médica – Criança: “Isto vai ser a vida toda assim, tá bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá Feedback  (Não verbal)	Adequada	Expectativas em relação à evolução da situação clínica
Médica – Criança: “Tens de ter esse cuidado contigo. Agora os pais fazem lembrar mas depois começa cada vez a ficar mais crescida e tens que te lembrar disso, está bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá Feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “Cocó, todos os dias? Não faz bolinhas?”  Criança – Médica: “Não faço cocó todos os dias.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “Ah, isso é mau. E fazes às bolinhas quando fazes?”  (Criança acena que não para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Tu estás boa.”  Criança – Médica: “Eu to boa?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede clarificação	Adequada	Temas de saúde - Estado geral de saúde
Criança – Pai: “ <i>Yeah!</i> ”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Expressão de reacção emocional	Adequada	Expressão de reacção emocional - Alegria
Médica – Criança: “Mas olha esta parte importante que falámos (nome da criança). Tu ouviste, não ouviste?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá Feedback  (Não verbal)	Adequado	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Pai – Criança: “Tás boa mas tens que te manter, não é estar, tens que te manter boa.”  (Criança acena que sim para o pai)	Solicitado Pai	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Dá Feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações

Criança – Médica: “Eu bebo todos os dias uma garrafa grandinha.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Pai: “Eu fiquei aqui com uma baba.” (e aponta picada de mosquito)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Médica – Criança: “O sanguinho da mana é melhor (nome da criança), já viste?”  Criança – Médica: “A mim picaram-me aqui” (e aponta)	Solicitado - Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Criança – Pai: “É para mim?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
Criança – Pai: “Eu vou tirar o sangue.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
Criança – Médica: “E a mim?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
Criança – Médica: “Oh! (Descontentamento) Queria ir tirar sangue.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
Médica – Criança: “Pois claro, não é?”  Criança – Médica: “Mas deve ser aqui e	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a

aqui custa menos. E foi aqui no exame.” (e aponta)						exames complementares de diagnóstico
Médica – Criança: “ (...) Não aguentar o xixi. Fazer xixi todos os intervalos, está bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Fecho/despida	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Tchau Miriam.”  Criança – Médica: “Tchau.” (Criança faz adeus)	Solicitado Médica	Fecho/despida	Médica	Cumprimento/despida	Adequada	Cumprimento/despida

**CASO 6**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Enurese secundária (diurna e nocturna); despiste de uropatia (negativo)	
Duração da Consulta: 15 minutos e 9 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 21 segundos (2.7%)
Duração da Intervenção do Médico: 5 minutos e 49 segundos (44.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 6 minutos e 49 segundos (52.5%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela avó materna

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>TIPO</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médico – Criança: “Olá (nome da criança). Então, tás boa?”  (Criança acena que sim para o médico)	Solicitado Médico	Abertura/acolhimento	Médico	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Avó – Criança: “Dá um passou bem ao doutor.” (...)  (Cumprimentam-se com um aperto de mão)	Solicitado Avó	Abertura/acolhimento	Médico	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Avó – Criança: (depois do médico perguntar pela escola) “Tás minha querida, diz lá ao doutor. (a escola está melhor)”  (Criança acena que sim para o médico)	Solicitado Avó	História clínica/recolha de informação	Médico	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Criança – Avó: “Isso é de eu pôr o copinho aqui?”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Avó	Pede clarificação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico

Criança – Avó: “Então foi em casa.” (análises)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Avó	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
Médico – Criança: “Olha lá, e antes de coiso limpavam assim a zona... esta zona?”  Criança – Médico: “Limpei assim.” (e mostra como limpou)	Solicitado Médico	História clínica/recolha de informação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
Avó – Criança: “A mãe limpou para fazer o xixi?”  Criança – Médico: “Limpei assim.” (e mostra como limpou)	Solicitado Avó	História clínica/recolha de informação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
Médico – Criança: “Quando tens vontade de faze xixi vais logo ou deixas esperar um bocadinho?”  Criança – Médico: “Não.”	Solicitado Médico	Observação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica  - Sintomas (frequência)
Médico – Criança: “ (...) Fazes bem cocó? Não tens o cocó duro não?”  Criança – Médico: “Não.”	Solicitado Médico	Observação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médico – Criança: “(...) Sabes como é que tu tens de te limpar? Quando fazes cocó.”  Criança – Médico: “Assim.” (mostra)	Solicitado Médico	Observação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (genital)
Avó – Criança: “Não grita filha? Diz lá ao doutor.”  Criança – Médico: “Sim.”	Solicitado Avó	Observação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Funcionamento familiar
Médico – Criança: “Mas porquê?”	Solicitado	Observação	Médico	Dá informação ou	Adequada	Informações sobre si

Criança – Médico: (razão para a mãe se zangar) “Porque às vezes porto-me mal.”	Médico			explicação		e/ou a família - Funcionamento familiar
Avó – Criança: “Porque é que disseste isso que a mãe não vinha?”  Criança – Avó: “Não queria que ela viesse.”	Solicitado Avó	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Avó	Dá informação ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Funcionamento familiar
(Criança não se quer despedir)	Solicitado Médico	Fecho/despedita				

**CASO 7**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Queixas de dores intestinais (após história de heliobacter)	
Duração da Consulta: 21 minutos e 49 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 7 segundos (7.1%)
Duração da Intervenção do Médico: 10 minutos e 59 segundos (69.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 3 minutos e 40 segundos (23.3%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela avó materna

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Olá, estás bom?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Como é que estás?” Criança – Médica: “Bem.”	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Olha, onde é que são as dores, (nome da criança)?” Criança – Médica: “É aqui.” (e contorna com a mão a área à volta da barriga)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
Médica – Criança: “Dói a barriga toda ou é aqui mais em cima?” Criança – Médica: “É isto tudo” (e volta a contornar com a mão a zona da barriga)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)

Médica – Criança: “Tu lembras-te da dor que tu tinhas na outra vez?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Comparação com situação clínica anterior
Médica – Criança: “É igual?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Comparação com situação clínica anterior
Médica – Criança: “A dor é igual?” (Criança acena que sim para a médica) Criança – Médica: “É menos.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Comparação com situação clínica anterior
Médica – Criança: “E quando tu comes a dor passa?”  Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
Médica – Criança: “Por exemplo agora tens dor?”  Criança – Médica: “Não. Ah, tenho um bocado.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Médica – Criança: “ (...) Não precisas olhar para a mãe. A mãe, a gente agora conversa, depois eu já pergunto à mãe. Tu sabes, não é? Tu sabes.”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequado	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Médica – Criança: “Olha e depois quando comes a dor passa? Ou continua aí?”  Criança – Médica: “Continua.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
Médica – Criança: “Continua. Tens dor todos os dias?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)

Criança – Médica: “Às vezes.”						
Médica – Criança: “Às vezes. Ontem tiveste dor, lembras-te?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Criança – Médica: “Não, ontem não.”						
Médica – Criança: “Ou apetece-te comer à mesma?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
Criança – Médica: “Apetece-me comer à mesma quando estou com muita fome.”						
Outra Médica – Criança: “ (...) Tens esta dor sempre ou depois de alguma comida?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
Criança – Outra Médica: “Às vezes, mas não é depois da comida.”						
Outra Médica – Criança: “Não é depois da comida?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
(Criança acena que não para a outra médica)				(Não verbal)		
Outra Médica – Criança: “E agora estás com esta dor?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Criança – Outra Médica: “Não.”						
Outra Médica – Criança: “Gostas de comer de manhã, antes de ir para a escola?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Outra Médica: “Sim.”						
Outra Médica – Criança: “Sim? O que é que comes?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Outra Médica: “Um iogurte.”						
Outra Médica – Criança: “Um iogurte, mais nada?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação

Criança – Outra Médica: “Sim.”		informação				
Outra Médica – Criança: “E depois, na escola, comes alguma coisa?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Outra Médica: “Sim.”						
Outra Médica – Criança: “O quê?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Outra Médica: “Um papo-seco com leite.”						
Outra Médica – Criança: “Com leite?” (Criança acena que sim para a outra médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação (Não verbal)	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Outra Médica – Criança: “Pão?” (Criança acena que sim para a outra médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação (Não verbal)	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Outra Médica – Criança: “Pão com leite.” (Criança acena que sim para a outra médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação (Não verbal)	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Outra Médica – Criança: “E sopa, não gostas de comer?” Criança – Outra Médica: “Eu comi.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Outra Médica – Criança: “Sim? Na escola?” (Criança acena que sim para a outra médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação (Não verbal)	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Outra Médica – Criança: “E depois, em casa ao jantar?” Criança – Outra Médica: “Não sei. Ah,	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação

hambúrguer.”						
Médica – Criança: “Quando vais fazer cocó, a mãe não sabe, o (nome da criança) é que sabe. Quando vais fazer cocó, custa-te a fazer cocó?”  Criança – Médica: “Na... Às vezes...”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “As vezes tens de fazer muita força?”  Criança – Médica: “Antes tinha.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “E agora?”  Criança – Médica: “Agora não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Médica – Criança: “Hoje fizeste cocó?”  Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “E ontem?”  Criança – Médica: “Não. Ah ah, ontem... ah... ontem não me lembro.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “(...) Tás na escola?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica (observa a barriga da Criança) – Criança: “Fazes mal cocó, não fazes?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação_ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “(...) Às vezes sentas-te, tens vontade de fazer e depois vais tentar fazer, dói e já não fazes?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação_ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Acontece isso?”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)

Criança – Médica: “Não, às vezes passa-me depressa.”						
Médica – Criança: “Passa como? Tens vontade e depois passa.”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “E depois já não vais?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “É só fazeres cocó, como da outra vez e depois a mãe passa ali.” (criança interrompe) Criança – Mãe: “O que é que vão fazer?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Pede clarificação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
Criança – Mãe: “Não vão meter aquele coiso, no outro exame doeu muito.” (Criança parece com medo ou receio do exame)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização  Expressão de reacção emocional	Adequado	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico  Expressão de reacção emocional - Ansiedade
Médica – Criança: “Não é nada. É fazer cocó como se fosse... como se fizesses cocó na sanita. Tá bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequado	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
Criança – Médica: “E depois eu disse à minha mãe para não subir mais, ela disse para eu subir e depois fiz cocó nas calças.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico

Médica – Criança: “É uma dor (...), dá vontade de fazer, depois vai-se embora, não é?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Ou não é?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Tens alguma pergunta (nome da criança)?”  (Criança acena que não para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequado	Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta
Médica – Criança: “Não?”  Criança – Médica: “Sim!”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta
Médica – Criança: “Diz.”  Criança – Médica: “Eu vou fazer num frasquinho?”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementar de diagnóstico
Médica – Criança: “Vais.”  Criança – Médica: “E é no hospital ou é em casa?”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementar de diagnóstico
Médica – Criança: “(...) Olha tens é que tomar aqui um pozinho que a mãe vai dar, ou num sumo ou num iogurte. Isto é que tu tens de tomar. Mas não sabe mal. Está bem? Os bebés pequeninos tomam, eles conseguem, eu acho que tu também consegues. Não é?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “É para fazeres cocó	Solicitado	Diagnóstico e	Médica	Dá feedback	Adequada	Procedimentos de

melhor, para não doer a barriga. Sim?” (Criança acena que sim para a médica)	Médica	aconselhamento de tratamento		(Não verbal)		tratamento - Expectativas de resultado
Médica – Criança: “Pronto, se tomares isto já deixa de doer. Sim?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Expectativas de resultado
Médica – Criança: “(...) Então vá, adeus.” (Dão aperto de mão)	Solicitado Médica	Fecho/despida	Médica	Cumprimento/despida	Adequada	Cumprimento/despida

### CASO 8

Idade da Criança: 5 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Sopro cardíaco. Pedida pela urgência há um ano	
Duração da Consulta: 15 minutos e 51 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 5 segundos (1.7%)
Duração da Intervenção do Médico: 4 minutos e 22 segundos (61.51)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 37 segundos (36.9%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES	TIPO	FASE DA CONSULTA	ORIENTAÇÃO	TIPO	ADEQUAÇÃO	CONTEÚDO
Médica – Criança: “Bom dia (nome da criança). Tás boa?” (estende a mão para um aperto de mão)  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Ajudas a mamã? Sim?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Funcionamento familiar
Médica – Criança: “E apanhaste-o molhado?”  Criança – Médica: “Hum... não sei.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: “Adeus Sara. Tás boa.” (dão aperto de mão)  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	Fecho/despedita	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Tá bem? Sim?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Fecho/despedita	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações

**CASO 9**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese e encoprese); tendência para ter diarreias	
Duração da Consulta: 20 minutos e 47 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 44 segundos (5.2%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 31 segundos (43.1%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 9 minutos e 2 segundos (51.8%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>TIPO</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Criança – Médico: “Olá!”	Espontâneo	Abertura/acolhimento	Médicos	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “ (...) Tantas canetas (...) Pintas com essas canetas todas?”	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “Sim.”						
Criança – Médica ou Mãe: “É para tirar?”	Espontâneo	Observação	Indiferenciada	Pede informação ou explicação	Adequada	Orientação para a observação
Criança – Médica: “O que é que tu vais fazer?”	Espontâneo	Observação	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Orientação para a observação
Médica – Criança: “ (...) Quais são as bebidas que nós não devemos beber? Diz lá. Quais são?”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “Que não podemos porquê?”						
Médica – Criança: “Para não fazer xixi. As bebidas que fazem fazer xixi, quais são? Ai esse nariz. Sabes quais são? Que	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações

a mãe diz para não beberes?”						
Criança – Médica: “Chá.”						
Médica – Criança: “Sim. Mais? (...)”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “E ice tea.”						
Médica – Criança: “É quê?”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Criança – Médica: “É... chá!”						
Médica – Criança: “(...) A mãe tem lá <i>spray</i> . Tens que pôr. Ai que cara tão feia, como se isto custasse alguma coisa.”	Espontâneo	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Experiência relativa a tratamento
Criança – Médica: “Mas isso faz comichão.”						
Médica – Criança: “(...) Eu quero que tu faças xixi quando te levantas. Vais fazer xixi, quando te levantas da tua caminha?”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
(Criança acena que não para a médica)						
Mãe – Criança: “Fazes, sim senhora.”	Solicitado Mãe	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Criança – Médica: “Ah, quando não tenho não faço (...) Não, quando... quando eu não mijo, eu não faço, mas quando eu mijo, eu faço.”						
Médica – Criança: “No intervalo, tens de ir fazer xixi. Certo?”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
(Criança acena que sim para a médica)						
Médica – Criança: “Certo?”	Solicitado	Diagnóstico e	Médica	Dá feedback	Adequada	Procedimentos de

(Criança acena que sim para a médica)	Médica	aconselhamento de tratamento		(Não verbal)		tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “E depois à hora do lanche, também lanchas na escola, certo?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Estamos combinados?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “ (...) Tu levas água para a escola?”  Criança – Médica: “Nem sempre.”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “Tchau meu querido.”  Criança – Médica: “Adeus.” (faz sinal de adeus com a mão)	Solicitado Médica	Fecho/despedida	Médica	Cumprimento/despedida	Adequada	Cumprimento/despedida

**CASO 10**

Idade da Criança: 9 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Infecções urinárias recorrentes	
Duração da Consulta: 16 minutos e 36 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 21 segundos (2.6%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 44 segundos (57.5%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 5 minutos e 22 segundos (39.9 %)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Então e a mana tá boa?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: “Tá crescida?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: “E tu, tens quantos anos?”  Criança – Médica: “9”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Médica – Criança: “9 anos. Tás em que ano?”  Criança – Médica: “Terceiro.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Criança – Médica: “E em casa.”	Espontâneo	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança

						- Actividades
Criança – Médica: “Tiro os calções?”	Espontâneo	Observação	Médica	Pede informação ou explicação	Adequada	Orientação para a observação
Criança – Médica: “Saía mais.” (comenta o corrimento do sangue)	Espontâneo	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Médica – Criança: “Ora bem. Então e temos boas notas na escola? Boa. É por isso que os pais deixaram fazer essa... Hum? Foi?”  Criança – Médica: “Foi antes.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: “ (...) Então de quem é o telemóvel?”  Criança – Médica: “É da mãe.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: “Lavas os dentes todos os dias?”  Criança – Médica: “Todos não.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Médica – Criança: “Pronto, vá. Pilha. Mostre lá a ginástica. Não, tu é que fazes.”  Criança – Médica: “O quê?”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Pede clarificação	Adequada	Orientação para a observação
Criança – Médica: “No ferro.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Médica – Criança: “Foi aqui assim?”  Criança – Médica: “Foi aqui mais ou menos até aqui.”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas

Outra Médica – Criança: “Dói-te?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
(Médica mexe no dedo e Criança salta de dor)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Indiferenciada	Expressão de reacção emocional	Adequada	Expressão de reacção emocional - Dor
Criança – Médica: “Massa” (diz que meteu massa nos dentes quando foi ao dentista, a mãe não se lembrava da palavra)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Médica – Criança: “Olha! Beber água, certo? Lavar os dentes certo?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Mãe – Criança: “Diz lá bom dia, até à próxima.” Criança – Médica: “Bom dia.”	Solicitado Mãe	Fecho/despida	Médica	Cumprimento/despida	Adequada	Cumprimento/despida

**CASO 11**

Idade da Criança: 5 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Fimose	
Duração da Consulta: 16 minutos e 26 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 2 minutos e 44 segundos (13.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 6 minutos e 46 segundos (45.2%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 6 minutos e 8 segundos (40.9%)
1ª Consulta	Acompanhada pelo pai e avó paterna

<b>INTERVENÇÕES/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médico – Criança: “Olá (nome da criança), estás bom?” (aperto de mão)	Solicitado Médico	Abertura/acolhimento	Médico	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Criança – Avó: “Deixa-me ver. Eu quero ver. Quero ver. Quero ver.” (pede o boletim de saúde à avó)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Avó	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto
Médico – Criança: “ (...) Olha anda cá. Upa. Assim, isso. Deita lá, tá bem? (...) Respirar. Força.” Criança – Médico: “Não consigo.”	Solicitado Médico	Observação	Médico	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Médico – Criança: “Respira.” Criança – Médico: “O quê?”	Solicitado Médico	Observação	Médico	Pede clarificação	Adequada	Orientação para a observação
Avó – Criança: “Respira, Tiago.” Criança – Avó: “Não consigo.”	Solicitado Avó	Observação	Avó	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Criança – Pai: “Posso brincar um bocadinho com aquilo?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de	Pai	Faz comentário ou verbalização	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto

		tratamento				
Criança – Pai: “Posso brincar naquela?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Pai: “Assim posso brincar sozinho?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Pede informação ou explicação	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Pai: “Mas aquele é diferente. Aquele pai é diferente. Aquele é diferente, pai. Aquele é diferente.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Pai: “Queres ver que não é igual. Já vais ver que não é igual. Queres ver que não é igual, pai? Agora vais ver que não é igual. Vais ver que não é igual e vais... e vais-te enganar. Tá bem?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Pai: “Quando eu for lá brincar, vais ver que não é igual pai. Ok? Vá tu consegues comigo. Tu consegues comigo pai. (...) Papá, tás a ver que não é igual? Pai! Olha!”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Pai: “Queres ver? Tem uma cadeira muito grande. (criança brinca na mesinha) Papá? Tás a ver? Não é igual. Boa. O que é que vai acontecer agora? Vai cair tudo.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto
Médico – Criança: “Tchau, adeus. (nome da criança).” (dão aperto de mão)	Solicitado Médico	Fecho/despedita	Médico	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita

**CASO 12**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Alergias	
Duração da Consulta: 17 minutos e 24 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 58 segundos (13.7%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 16 segundos (50.6%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 5 minutos e 7 segundos (35.7%)
Consulta de seguimento	Acompanhado pela mãe e dois irmãos (menino e menina)

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médico – Criança: “És tu? Hum? Está bem.”  (Criança acena que sim)	Solicitado Médico	Abertura/ acolhimento	Médico	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto
Criança – Médico: “Eu às vezes, quando estou a respirar, não consigo respirar muito bem.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe Depois médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médico – Criança: “Então. Porquê?”  Criança – Médico: “Não sei.”	Solicitado Médico	História clínica/recolha de informação	Médico	Não sabe responder		Queixa/história clínica - Sintomas (causa)
Criança – Médico: “Tenho de respirar com força. Encher os pulmões de ar.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Médico: “Eu já consigo comer salmão.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médico (tenta quatro vezes)	Dá informação ou	Adequada	Temas de saúde - Alimentação

				explicação		
Criança – Mãe: “A sopa era arrh! Eu não gosto de sopa de feijão. De grão.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Médico: “Só de vomitar não é obrigatório estar doente.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médico	Faz comentário ou verbalização	Adequado	Temas de saúde - Conhecimento sobre saúde e doença
Criança – Mãe: “Mãe. Não gosto de urvilhas.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Médico: “Quando está calor eu não consigo respirar muito bem. Como aqui.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Médico e Mãe: “Eu não estou a respirar aqui bem por causa do ar.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médico e Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Criança – Mãe: “Isto é o quê mãe?”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Pede informação ou explicação	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Médico: “Não. É porque o salmão... o salmão não sabe a peixe. Sabia a carne.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Mãe: “Pera. Posso ler?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Mãe: “Ainda é 5 da manhã?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou	Não adequada	Comentário - Fora do contexto

				verbalização		
Criança – Mãe: “É uma da tarde ou duas da tarde?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Mãe: “Dá cá.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
Criança – Mãe: “Já tá.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
(Saem com o médico)		Fecho/despedita				

**CASO 13**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese noturna)	
Duração da Consulta: 19 minutos e 38 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 25 segundos (9%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 4 segundos (44.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 17 segundos (46.2%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe.

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÃO</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Criança – Médica: “Olá.”	Espontâneo	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedida	Adequada	Cumprimento/despedida
Médica – Criança: “E então? O que é que tens para me contar? Tiveste a pintar lá fora?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “Não. Aqui.” (Médica pergunta à mãe como está a situação de enurese da criança)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Criança – Médica: “Hoje fiz xixi.” Médica – Criança: “Então conta-me lá como é que é o teu nome completo.” (Criança diz o seu nome completo)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Médica – Criança: “Muito bem. Quantos anos é que tens?” Criança – Médica: “Sete.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Médica – Criança: “Em que dia é que	Solicitado	História	Médica	Faz comentário ou	Adequada	Informações sobre si e/ou

fazes anos?” Criança – Médica: “Já fiz.”	Médica	clínica/recolha de informação		verbalização		a família - Dados demográficos
Médica – Criança: “Conte lá. Em que mês é que foi? (...) Março? Será? (...) Dia quê? (...) Tu tens que saber esse dia.” Criança – Médica: “Quero ir pintar.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Faz comentário ou verbalização	Não Adequada	Comentário - Fora do contexto
Médica – Criança: “Dia 26 de Março. Ouvi dizer. Confirma lá com a mãe. (...) Então e já lêes? Umas palavrinhas?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
(Médica pergunta à mãe se a criança já lê; Médica pergunta à outra médica se acha que a criança já deu as letras todas na escola) Criança – Médica: “A”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Mãe – Criança: “Já deste o Z, de zebra?” (Criança acena que não para a mãe)	Solicitado Mãe	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Vamos lá ler aqui.” Criança – Médica: “O pato e...” (tenta que a criança leia)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “E contas? Já aprendeste a fazer certo? Então conta lá. Quantos são estes?” Criança – Médica: “3”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola

Médica – Criança: “Sabes 5+5? Quanto é que é?” Criança – Médica: “E 10+10 também.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “(...) Então porque é que não gostas da escola se afinal sabes fazer as coisas?” Criança – Médica: “Porque é muito aborrecido.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “O que é que é aborrecido?” Criança – Médica: “Porque tenho de tar lá.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Mas é para aprender. (...) Assim tu lês «Muito Perigo» e já te sabes proteger, certo?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “O que é que ias perguntar, diz lá.” Criança – Médica: “O que é isto?”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Pede informação ou explicação	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
(Criança começa a tentar chamar a atenção da mãe) Criança – Mãe: “Eu quero o homem aranha.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
Mãe – Criança: “Pois filho, chegamos lá se calhar já não vais.” Criança – Mãe: “Não. Eu quero ficar em casa.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “É porque eu às	Espontâneo	Diagnóstico e	Médica	Dá informação ou	Adequada	Temas de interesse e do

vezes tenho saudades da mãe e do pai e é por isso que eu não quero ir à escola.”		aconselhamento de tratamento		explicação		dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Tchau menino (nome da criança).” Criança – Médica: “Tchau!”	Solicitado Médica	Fecho/despedita	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita

**CASO 14**

Idade da Criança: 9 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Asma; enurese; obesidade	
Duração da Consulta: 36 minutos e 15 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 29 segundos (3%)
Duração da Intervenção do Médico: 8 minutos e 3 segundos (50.3%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 28 segundos (46.7%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FASE</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
(Criança não responde ao cumprimento)		Abertura/acolhimento				
Médica – Mãe: “Chumbou quantas vezes?”  (Criança acena o número um com os dedos para a mãe)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médico – Criança: “(...) Como é que foram essas notas? Há um mês. Quase 2.”  Criança – Médica: “Eu não vejo as notas.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “(...) Tu não queres ficar com os teus amigos? Não queres ir para a mesma turma que eles?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Então. Se tu ficares no 2º ano, eles passam para o 3º e tu ficas no 2º não é?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola

<p>Outra Médica – Criança: “O que é que gostas de fazer?”</p> <p>Criança – Outra Médica: “Andar de bicicleta.”</p>	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses
<p>Outra Médica – Criança: “E correr na escola, não corres?”</p> <p>Criança – Outra Médica: “Não.”</p>	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Actividades
<p>Outra Médica – Criança: “Dá-te comichão?” (eczema nas pernas)</p> <p>Criança – Outra Médica: “Um bocado.”</p>	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
<p>Outra médica – Criança: “Às vezes coças?”</p> <p>Criança – Outra Médica: “Sim.”</p>	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
<p>Outra médica – Criança: “E a outra também dá comichão, as pequeninas?”</p> <p>Criança – Outra Médica: “Sim.”</p>	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
<p>Médica – Criança: “Além que tu tens de comer saladas. Tu tens que comer legumes.”</p> <p>(Criança faz cara feia para a médica)</p>	Solicitado Médica	Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento	Médica	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
<p>Outra Médica – Criança: “Tens uma trança toda gira. Não desmanches o cabelo. Quem fez?”</p> <p>(Criança aponta para a mãe)</p>	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Conversa social/diversos
<p>(Mãe diz que ela não quer fazer educação física porque quando ela está cansada o professor não a deixa parar)</p> <p>Criança – Mãe: “Três voltas ao campo</p>	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola

de seguida, nem podes parar.”						
Criança – Mãe: “Isto cabe.” (e levanta a camisola)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
Mãe – Criança: “Ela já vai sendo uma mulherzinha. Tem de ter juizinho. Portar-se bem.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Mãe: “Olha quem fala.”						
Criança – Médica: Diz o nome completo	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
(Criança não responde à despedida)		Fecho/despedita				

**CASO 15**

Idade da Criança: 9 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Mononucleose	
Duração da Consulta: 19 minutos e 45 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 36 segundos (4.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 8 minutos e 57 segundos (74%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 34 segundos (21.3%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Criança – Médico: “Bom dia.”	Espontâneo	Abertura/acolhimento	Médico	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médico – Criança: “Olá! Bom dia! (...) Oh (nome da criança). Tudo bem?”	Solicitado Médico	Abertura/acolhimento	Médico	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Criança – Médico: “Tudo.”						
Mãe – Criança: “Dói-te?”  (Criança acena que não para a mãe, depois diz qualquer coisa à mãe sobre os gânglios mas não se entende)	Solicitado Mãe	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
(Médico continua a falar com a mãe)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Mãe: “Só me doeu (não se entende)”						
Médico – Criança: “Gostas de correr?”	Solicitado Médico	Observação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Atividades
Criança – Médico: “Eu faço ginástica.”						
Médico – Criança: “Mas quê, na escola?”	Solicitado Médico	Observação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Atividades

Criança – Médico: “Sim, na escola. E ...”						
Médico – Criança: “Está bem. (...) Tu não gostas? Gostas. Gostavas de fazer o quê? Assim de desporto? Atletismo?”	Solicitado Médico	Observação	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Actividades
Criança – Médico: “Não sei.” (Mãe ajuda a criança a vestir-se)	Espontâneo	Observação	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto
Criança – Mãe: “Dá cá a camisola. Eu sei-me vestir.”						
Criança – Mãe: “Não. Assim dá muito mais trabalho.”	Espontâneo	Observação	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto
Criança – Mãe: “Chego a casa. Vou comer. Estou cheia de fome.”	Espontâneo	Observação	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
(Médico dá feedback e explicação dos gânglios à mãe e Criança interrompe)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
Criança – Médico: “Já me deu uma na escola.”						
Médico – Criança: “O quê?”	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Médico: “Senti aquelas picadelas e depois desmaiei.”						
Médico – Criança: “Por este motivo estás livre. Está bem?”  (Criança acena que sim para o médico)	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Evolução do tratamento
Criança – Médico: “A minha professora já teve isso” (e aponta para o pescoço)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Comentário - Comparação com queixa/história clínica de outra pessoa
Médico – Criança: “Já teve?”	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Comentário - Comparação com queixa/história clínica de outra pessoa
Criança – Médico: “Já.”						

Médico – Criança: “Como é que tu sabes?” Criança – Médico: “Porque a professora disse-me que tem aqui um corte.”	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Comentário - Comparação com queixa/história clínica de outra pessoa
Mãe – Criança: “Como é que isso se chama?” Criança – Mãe: “Gânglios ou o cacete.”	Solicitado Mãe	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Conhecimento sobre saúde e doença
Médico – Criança: “Tu queres-me fazer alguma pergunta?” Criança – Médico: “Não. Tenho vergonha.”	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta
Médico – Criança: “Tchau Jessica.” Criança – Médico: “Tchau!”	Solicitado Médico	Fecho/despedita	Médico	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita

**CASO 16**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Rotina	
Duração da Consulta: 10 minutos e 37 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 14 segundos (2%)
Duração da Intervenção do Médico: 6 minutos e 57 segundos (58.9%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 4 minutos e 37 segundos (39.1%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Então, estás boa (nome da criança)?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Estás na escolinha?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Não queres dizer?”  Criança – Médica: “Carne e peixe.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “E umas bolachinhas? Conta-me lá.”  Criança – Médica: “Também.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “Não gostas de fazer nada? O que é que gostas de fazer? Dançar? Não gostas de dançar?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Actividades
Médica – Criança: “(...) Já foste à praia	Solicitado	Observação	Médica	Dá informação ou	Adequada	Conversa social/diversos

este ano? Já? A praia é muito bom.” Criança – Médica: “Já fui e já fui à água.”	Médica			explicação		
Médica – Criança: “(...) Como é que consegues ouvir com esta cera toda?” Criança – Médica: “Eu às vezes ponho o dedo no ouvido.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (ouvido)
Outro Médico – Criança: “Fazes cocó todos os dias?” Criança – Outro Médico: “Não sei.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Não sabe responder		Temas de saúde - Hábitos/rotinas de micção ou evacuação
Mãe – Criança: “Estás em que ano?” Criança – Médica: “No 1º.”	Solicitado Mãe	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “E já sabes ler?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Mãe – Criança: “Lembras-te como é que fazias? Assim.” Criança – Mãe: “Tenho é de fechar a boca.” (e ri-se)	Solicitado Mãe	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Procedimentos de tratamento - Experiência relativa a tratamento
(Criança não se despede)		Fecho/despedita				

**CASO 17**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Despiste de diagnóstico de osteogénese imperfeita ou patologia de visão; queixas de audição; asma	
Duração da Consulta: 33 minutos e 9 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 30 segundos (1.8%)
Duração da Intervenção do Médico: 14 minutos e 35 segundos (52.6%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 12 minutos e 38 segundos (45.5%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Olá (nome da criança).”  Criança – Médica: “Olá.”	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despida	Adequada	Cumprimento/despida
(Mãe fala do momento complicado devido às alergias) Mãe – Criança: “Não é.”  (Criança acena que sim para a mãe)	Solicitado Mãe	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
(Médica pergunta à Mãe a idade do pai)  Criança – Médica: “31”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
(Mãe fala de história clínica da família)  Criança – Mãe: “É a minha avó e as irmãs da minha avó.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - História da família
Médica – Criança: “Em que ano?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança

Criança – Médica: “2º ano.”		informação				- Escola
Médica – Criança: “E és boa aluna?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Boa. Qual é a disciplina que tu gostas?” Criança – Médica: “Estudo do Meio.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Estudo do Meio? Muito bem. Já sabes ler tudo e fazer contas?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
(Mãe reforça dizendo que a filha já sabia ler e escrever quando entrou já sabia fazer contas de somar) Criança – Mãe: “Já sabia o alfabeto.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
(Mãe diz à Médica que a filha às vezes faz reacção alérgica ao leite) Criança – Mãe: “E fico maldisposta.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
(Mãe diz à médica que dá leite de vaca à filha mas só de vez em quando) Criança – Mãe: (A criança diz que a Mãe só lhe dá em determinada ocasião mas não se entende)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Criança – Mãe: “Também tiro as calças?”	Espontâneo	Observação	Mãe	Pede informação ou explicação	Adequada	Orientação para a observação
Médica – Criança: “Ai tás cheia de nódoas negras. Rapariga. Então? O que é que andaste a fazer? A jogar à bola?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação_ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas

Médica – Criança: “Ao berlinde?” Criança – Médica: “Eu já não jogo.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Atividades
Médica – Criança: “Não? (...) Os pés cheios de areia, de ir para a praia, foi?” Criança – Médica: “Não. A escola tem areia.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: “O que é que costumavas sentir? Às vezes vês assim desfocado?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Sentes ardor? (...) Porque é que agora fizeste assim?” Criança – Médica: “Porque às vezes dá-me a sensação que tá alguma coisa no olho.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Gostaste de andar de comboio?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: “É giro não é?” Criança – Médica: “É. Fui vendo as paisagens.”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “Esse é o da minha cor.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto
Criança – Médica: “Mas há uns que são doutra cor.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto
Criança – Mãe: “Os teus laranja.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Comentário - No âmbito do contexto

(Mãe conta uma história à médica) Criança – Mãe: “Quem?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Pede informação ou explicação	Não adequada	Comentário - Fora do contexto
(Mãe fala de um dedo que a criança magoou) Criança – Mãe: “Que dedo?”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Pede informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Mãe – Criança: “Tá tudo?” (Criança acena que sim para a mãe)	Solicitado Mãe	Fecho/despedita	Mãe	Dá feedback (Não verbal)	Adequada	Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta
Médica – Criança: “Adeus.”	Solicitado Médica	Fecho/despedita	Médica	Não responde		

### CASO 18

Idade da Criança: 10 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta Episódios de lipotimia com perda de consciência	
Duração da Consulta: 22 minutos e 22 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 17 segundos (1.5%)
Duração da Intervenção do Médico: 12 minutos e 48 segundos (62.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 22 segundos (36.1%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES	TIPO	FASE DA CONSULTA	ORIENTAÇÃO	FORMA	ADEQUAÇÃO	CONTEÚDO
Médica – Criança: “Então (nome da criança), estás bom?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedida	Adequada	Cumprimento/despedida
Médica – Criança: “Quantos anos tens (nome da criança)?”  Criança – Médica: “Dez.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Médico – Criança: “Tás em que ano?”  Criança – Médico: “5º”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Mãe: “Ele faz algum desporto, alguma coisa?”  Criança – Médica: “Educação Física na escola.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Atividades
Médica – Criança: “E quando fazes educação física alguma vez te sentes	Solicitado Médica	História clínica/recolha de	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)

<p>assim muito cansado. Ficar assim mais do que os outros meninos. Achas que tens de parar antes ou aguentas como eles? Como é que é?”</p> <p>Criança – Médica: “Aguento.”</p>		informação				
<p>Médica – Criança: “(...) E isto nunca aconteceu nenhum destes episódios na aula de educação física?”</p> <p>Criança – Médica: “Não.”</p>	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
<p>Médica – Criança: “E tu a seguir lembras-te o que é que acontece? Tu sentes que vais desmaiar? Sentes que vais sentir mal ou não?”</p> <p>Criança – Médica: “O que a outra médica disse.”</p>	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
<p>Médica – Criança: “(...) O que é que sentes? A visão a ficar assim escura.”</p> <p>(Criança acena que sim para a médica)</p>	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
<p>Médica – Criança: “A cabeça a andar à roda.”</p> <p>(Criança acena que sim para a médica)</p>	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
<p>Médica – Criança: “Sentes?”</p> <p>(Criança acena que sim para a médica)</p>	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
<p>Médica – Criança: “E tu sabes que vais cair é isso?”</p> <p>(Criança acena que sim para a médica)</p>	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
<p>Médica – Criança: “E a seguir? Quando passa, o que é que sentes?”</p>	Solicitado Médica	História clínica/recolha de	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)

Criança – Médica: “Não sei onde estou. Foi como a minha mãe disse.”		informação				
Médica – Criança: “Ficas assim... meio (gira a cabeça).”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “É? Como se tivesses assim a acabar de acordar?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “É?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Então e como é que se chama o teu mano pequenino conta lá.”  Criança – Médica: “(Nome do irmão)”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Médico – Criança: “E tu sentes alguma coisa antes de desmaiars, não? Tu lembras-te? O que é que tu sentes? Sentes-te tonto, como é que é? É? Como é que é, explica-me lá.”  Criança – Médico: “Sinto muitas coisas.”	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médico – Criança: “Tenta lá explicar o que é que tu sentes.”  Criança – Médico: “Fico a ver tudo preto, aos poucos.”	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
(Mãe explica que a criança avisava quando sentia que ia desmaiar)	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)

Criança – Médico: “É isso, começa a ficar tudo preto.”						
Médico – Criança: “Então vá, tchau” (dão aperto de mão)	Solicitado Médico	Fecho/despedita	Médico	Cumprimento/despedita	Adequado	Cumprimento/despedita

**CASO 19**

Idade da Criança: 10 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Queixas intestinais pós invaginação intestinal	
Duração da Consulta: 25 minutos e 51 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minutos e 30 segundos (6%)
Duração da Intervenção do Médico: 9 minutos e 16 segundos (36.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 14 minutos e 26 segundos (57.4%)
Consulta de seguimento (mas 1ª consulta com este médico)	Acompanhada pela mãe e pai

<b>INTERVENÇÕES/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Então (nome da criança), estás bom?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/ despedida	Adequada	Cumprimento/ despedida
Médica – Criança: “Então conta lá.”  Criança – Médica: “Tinha, tenho tido cólicas porque quando era mais novo tinha dois anos e fui operado à barriga.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Hum... Tens tido cólicas agora, é? Desde quando?”  Criança – Médica: “Desde... (pensa)”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Pensa na resposta		
(Mãe ajuda a responder à questão anterior) Mãe – Criança: “Sempre.”  Criança – Mãe: “Sim.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá feedback	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “E em que sítio é que te dói a barriga, mostra lá. Aponta com a	Solicitado Médica	História clínica/recolha de	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas

tua mão. Aponta só para eu ver.” Criança – Médica: (Faz movimentos circulares com a mão na barriga)		informação		(Não verbal)		(localização)
Médica – Criança: “Essa dor é como? Aperta, aperta, aperta” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “E depois vai embora e volta outra vez.” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “É? Tens todos os dias?” Criança – Médica: “Ah, não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “Não. E fazes cocó todos os dias?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Médica – Criança: “Sim? E o cocó é como? Duro?” Criança – Médica: “Médio.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Médica – Criança: “Médio. Médio, médio é o quê? (...) Fazes muita força ou não?” Criança – Médica: “Não muita.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Mãe – Criança: “Tens de referir antes da medicação.” Criança – Médica: “Antes da medicação era muito líquido.”	Solicitado Mãe	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Mãe – Criança: “ (...) Tens de falar como é que é antes da medicação. (...) E não fazias todos os dias, não foi isso que	Solicitado Mãe	História clínica/recolha de informação	Mãe	Dá feedback	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)

dissestes?”						
Criança – Mãe: “Sim.”						
Médica – Criança: “(...) antes de fazeres o medicamento como é que era? Fazias cocó quantas vezes por semana?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Criança – Médica: “Ah... umas três.”						
Médica – Criança: “Era muito duro?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Criança: Fazias muita força era?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Mãe: “E assim fazer fissuras no rabinho, doer, ficar com ferida, com sangue, alguma coisa?”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Médica: “Não.”						
Médica – Criança: “Quando ficavas mais dias sem fazer cocó tinhas mais dor? É?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Criança: “E tu começaste a fazer as carteirinhas quando vieste às urgências?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Criança – Médica: “Sim.”						
Médica – Criança: “ (...) E daí para cá, como é que estão as dores?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Evolução do tratamento
Criança – Médica: “Ah... Melhores.”						

Médica – Criança: “Fazes uma carteirinha por dia?” Criança – Médica: “Duas.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “Desde então é que começaste a fazer cocó todos os dias.” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Evolução do tratamento
Médica – Criança: “Mais molinho e com menor dor. É?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Evolução do tratamento
Médica – Criança: “Mas ainda tens algumas dores ou não? Nunca?” Criança – Médica: “Algumas.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Médica – Criança: “ (...) O que é que tu comes?” Criança – Médica: “Como... Não como muita fruta. Como é mais maçã.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “E bananas?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “ (...) E sopa?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “Comes?” Criança – Médica: “Muita.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “É? Todos os dias?” Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “ (...) E água?”	Solicitado	História	Médica	Dá informação ou	Adequada	Temas de saúde

Criança – Médica: “Muita também.”	Médica	clínica/recolha de informação		explicação		- Alimentação
Médica – Criança: “(...) E ice tea?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “Não. Ótimo, ah? Isto é que é.” Criança – Médica: “Só bebo água.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
(Pais dizem que o que a Criança disse era verdade e a médica pergunta aos pais se ele come sopa todos os dias) Criança – Médica: “Todos os dias como dois pratos.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “E uma salada? Não gostas de uma salada de legumes em cru?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “(...) E comes com pele ou sem pele?” Criança – Médica: “Com pele.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
Médica – Criança: “Muito bem” E kiwis, não gostas?” Criança – Médica: “Não.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
(Pai fala em ameixas ao médico) Criança – Pai: “Ameixas eu gosto.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Pai	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Alimentação
(Médica pergunta ao Pai se é saudável) Criança – Médica (fala do pai): “Come	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Informação sobre si e/ou a família - História da família

muita salada, muito peixe. Muita sopa. Muita fruta.”						
Médica – Criança: “E tu é que tens de cuidar delas?  (Criança acena que sim para a Médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (não verbal)	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “Depois fui com 9.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Mãe: “E são saudáveis as manas?  (Criança acena que sim para a Médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Informações sobre si e/ou a família - História da família
Médica – Mãe: “Ele já está na escolinha?”  Criança – Médica: “Sim.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Em que ano?”  Criança – Médica: “4º.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “E és um bom aluno?”  Criança – Médica: “Sim.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “(...) E o que é que queres ser quando fores grande?”  Criança – Médica: “Ainda não decidi.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “Sempre que via uma profissão queria ser.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “Eu para escrever tenho que andar à procura das letras.”	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Pais: “Ele nunca precisou de ser	Espontâneo	História	Médica	Dá informação ou	Adequada	Procedimentos de

re-operado?” Mãe e Criança – Médico: “Não.”	o	clínica/recolha de informação		explicação		tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “O que é que fizeste (braço)?” Criança – Médica: “Tava a brincar no intervalo na pré e cai em cima do braço.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Criança – Médica: “E depois a minha irmã partiu-me outra vez.”	Espontâneo	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Mãe – Médico: “Não mas eu tive a ver. Tem sido entre o sólido e o ...” Criança – Mãe: “Líquido.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Pai – Criança: “Assim comesas a fazer só uma. (...) E depois continuas a assentar no teu livrinho.” Criança – Pai: “Ok.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Dá feedback	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Pai – Criança: “E na próxima consulta trazes o caderninho.” Criança – Pai: “Ok.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Dá feedback	Adequada	Material para a próxima consulta
Criança – Pai: “A minha letra até é legível.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos
Médico – Criança: “Estás em que ano?” Criança – Médico: “4º.”	Solicitado Médico	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médico	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Criança – Médica: “Eu já fiz um vulcão.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos

Criança – Pai: “E a minha bicicleta.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Pai	Faz comentário ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos
(Médico dá aperto de mão à Criança) Criança – Médica: “Adeus.”	Solicitado Médico	Fecho/despedita	Médicos	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita

**CASO 20**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Alergias; perturbações respiratórias	
Duração da Consulta: 7 minutos e 44 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 11 segundos (4.6%)
Duração da Intervenção do Médico: 2 minutos e 59 segundos (75.5%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 47 segundos (19.8%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “Olá (nome da criança). Então Olá (nome da criança), tás bom?”  (Criança acena que sim para a médica e dão aperto de mão)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Como é que se chama esse boneco?”  Criança – Médica: “Faisca Macween.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Conversa social/diversos
Médica – Criança: Exactamente. Gostas do Faisca Macween?”  (Criança acena que não para a médica) Criança – Médica: “Mais ou menos.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses
Médica – Criança: “(...) Então qual é o boneco que gostas mais?”  Criança – Médica: “De filme?”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Pede clarificação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança

						- Interesses
Criança – Médica: “Wrestling.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses
Médica – Criança: “É? Tás no 1º ano?”  (Criança acena que sim com a cabeça para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Médica – Criança: “Dá-te muita comichão? Não? Então porque é que coças tudo?”  Criança – Médica: “Coço mas dá pouca.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Médica – Criança: “(...) Dá muita ou pouca?”  Criança – Médica: “Muita.”	Solicitado Médica	Observação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Médica – Criança: “(...) Lavas os dentes?”  Mãe – Criança: “Não lavas os dentes?”  Criança – Mãe e Médica: “Só uma vez.”	Solicitado Médica e Mãe	Observação	Médica e Mãe	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Médica – Criança: “Tens alguma dúvida?”  (Criança acena que não para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta
Médica – Criança: “Alguma, queres fazer-me alguma questão?”	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback	Adequada	Comentário - Dúvida/questão

Criança – Médica: “Não.” (Criança acena que não para a médica)				(Não verbal)		relacionada com a consulta
(Criança não se despede do médico)		Fecho/despedita				

**CASO 21**

Idade da Criança: 8 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Incontinência de esfíncteres (enurese e encoprese)	
Duração da Consulta: 9 minutos e 25 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 16 segundos (3.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 4 minutos e 32 segundos (66.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos (29.4%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>INTERVENÇÃO/VERBALIZAÇÕES</b>	<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>ADEQUAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Médica – Criança: “(...) Estás boa?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Abertura/acolhimento	Médica	Cumprimento/despedita	Adequada	Cumprimento/despedita
Médica – Criança: “Então o que é que isto significa, (nome da criança)?”  Criança – Médica: “Que... não faço xixi durante a noite.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “(...) Quem é que está de parabéns? A (nome da criança), não é?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá feedback  (não verbal)	Adequada	Evolução do tratamento
Médica – Criança: “Mas olha. Quando tu, quando os papás estão acordados já não sentes que está a bexiga cheia?”  (Criança acena que não para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Criança – Médica: “Eu às vezes vou assim...” (imita um sonâmbulo)	Espontâneo	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento

Médica – Criança: “Vais tipo zombie?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “É? E a cama sabe muito bem, tá muito quentinha não é?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “É assim, com os papás tu vais mas depois tens de começar a ir sozinha. No verão tu vais sozinha, no inverno não vais? Não é?” (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
Médica – Criança: “(...) e a escola como é que tem estado a correr?”  Criança – Médica: “Bem.”	Solicitado Médica	História clínica/recolha de informação	Médica	Dá informação ou explicação	Adequada	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Criança – Médica: “Depois os meus colegas quase todos também vão usar.”	Espontâneo	Observação	Médica	Faz comentário_ou verbalização	Adequada	Conversa social/diversos
Criança – Médica: “Ou então tudo sol.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário_ou verbalização	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Médica – Criança: “É? Olha era o que eu queria. Era o que eu queria. (...) Combinado?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
Criança – Médica: “E ainda se vê aqui.”	Espontâneo	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Faz comentário_ou verbalização	Adequada	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Criança – Médica: “Ainda está aqui.”	Espontâneo	Diagnóstico e	Médica	Faz comentário_ou	Adequada	Temas de saúde

		aconselhamento de tratamento		verbalização		- Sintomas que não se relacionam com as queixas
Médica – Criança: “Fica combinado (nome da criança)?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Médica – Criança: “Pra próxima só sol. (...) Mas é assim, se houver algum descuido não te preocupes, está bem? Uma vez por outra não há problema.”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Expectativas de resultado
Médica – Criança: “(...) Para não ficares muito nervosa a pensar que tem de ser tudo tudo sol ta bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Procedimentos de tratamento - Expectativas de resultado
Médica – Criança: “Com calma. Estás num bom caminho e é isso que nós queremos. Tá bem?”  (Criança acena que sim para a médica)	Solicitado Médica	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Médica	Dá feedback  (Não verbal)	Adequada	Evolução do tratamento
Médica – Criança: “Adeus (nome da criança).”  Criança – Médica: “Adeus.”	Solicitado Médica	Fecho/despedida	Médica	Cumprimento/despedida	Adequada	Cumprimento/despedida

## XI - Grelhas de Observação

<b>TIPO</b>	<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>FORMA</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Esponâneo	Abertura/acolhimento	Médico	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo, localização, frequência, contexto, estado, causa)
Solicitado - Médico - Cuidador	História clínica/recolha de informação	Cuidador	Faz comentário ou verbalização	- Comparação com situação clínica anterior
	Observação clínica	Indiferenciada	Pede informação ou explicação	Expectativas em relação à evolução da situação clínica
	Diagnóstico e aconselhamento de tratamento		Dá feedback	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas - Estado geral de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral, genital, ouvido) - Hábitos/rotinas de micção ou evacuação - Alimentação - Vacinação - Conhecimento sobre saúde e doença
	Fecho/despida			Orientação para a observação clínica
				Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
				Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento

				<ul style="list-style-type: none"><li>- Exemplificação de recomendações</li><li>- Experiência relativa ao tratamento</li><li>- Monitorização e registo</li><li>- Expectativas de resultado</li></ul> <p>Evolução do tratamento</p> <p>Material para a próxima consulta</p> <p>Temas de interesse e do dia-a-dia da criança</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Interesses</li><li>- Escola</li><li>- Actividades</li></ul> <p>Informações sobre si e/ou a família</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Dados demográficos</li><li>- Funcionamento familiar</li><li>- História da família</li></ul> <p>Conversa social/diversos</p> <p>Verbalizações sem conteúdo relevante</p> <p>Cumprimento</p> <p>Despedida</p>
--	--	--	--	---

## ANEXO XII - Análise das grelhas de observação caso a caso

CASO 1	
Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese e encoprese)	
Duração da Consulta: 29 minutos e 14 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 2 segundos (5.1%)
Duração da Intervenção do Médico: 11 minutos e 8 segundos (49.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 9 minutos e 12 segundos (45.2%)
1ª Consulta	Acompanhada pelo pai

FASE DA CONSULTA	TIPO DE INTERVENÇÃO	FORMA DE INTERVENÇÃO	CONTEÚDO
Abertura/acolhimento	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Sem conteúdo relevante
História Clínica/Recolha de Informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
			Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
		Faz comentário ou verbalização	Sem conteúdo relevante
	Pede informação ou explicação	Temas de saúde - Vacinação	
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica

			- Sintomas (tipo)
Observação Clínica	Solicitado	Dá feedback (não-verbal)	Orientação para a observação clínica
Diagnóstico e Aconselhamento de Tratamento	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Recomendações - Monitorização e registo
		Pede informação ou explicação	Material para a próxima consulta
	Solicitado	Dá informação ou explicação (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
		Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento - Monitorização e registo
Fecho/despida	Espontâneo	Pede informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 1 minuto e 2 segundos ao longo da consulta, representando 5.1% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento. No entanto, a sua intervenção, exclusivamente de domínio verbal, lidera na fase de história.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada, com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento essencialmente no que diz respeito a procedimentos de tratamento, ao nível das recomendações de tratamento, de monitorização e registo e dos procedimentos/condições de tratamento.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o médico. No entanto, a intervenção verbal da criança é direcionada com maior frequência para o cuidador, sendo as respostas ao médico principalmente através da expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

Quanto à forma: A criança dá feedback, dá informação ou explicação, faz comentário ou verbalização, pede informação ou explicação e pede clarificação; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação; na fase de observação clínica a criança responde ao pedido de feedback; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza principalmente o feedback. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações de informações sobre si e/ou a família, relacionadas com dados demográficos. Aqui a criança diz de modo espontâneo de onde é proveniente e o número de irmãos que tem. Também no

fornecimento de informações ou explicações, a criança fala sobre a queixa/história clínica, mais especificamente sobre o contexto dos sintomas. Refere que, em relação à situação de enurese, esta não tinha os sintomas quando mais pequena (Criança – Médica: “Eu com três anos não fazia.”) e o tipo dos seus sintomas (Criança – Pai: “ (...) Eu sinto vontade só que não tenho tempo para ir à casa de banho.”). Nesta fase a criança pede informação ou explicação sobre temas de saúde, relacionadas com a vacinação, perguntando ao pai se falta alguma vacina para tomar. Por fim, a criança faz um comentário espontâneo fora do contexto.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, a criança dá informação ou explicação, de modo não-verbal, acenando com a cabeça, sobre os procedimentos de tratamento, relacionados com os procedimentos/condições de tratamento, onde confirma que não gosta de interromper a aula para ir à casa de banho. A criança também faz comentários ou verbalizações sobre procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações e com a monitorização e registo. Em relação às recomendações, a criança comenta o facto de não poder tomar leite à noite. Relativamente à monitorização e registo, a criança, de modo espontâneo, diz ao pai como deve preencher a tabela de monitorização (Criança – Pai: “Quando corre bem pões um certo, quando corre mal pões uma cruz.”) e preenche a folha, introduzindo os dias. Ainda, a criança pede informação ou explicação perguntando ao pai se tem de trazer a folha de monitorização e registo na próxima consulta. Por fim, a criança dá inúmeros feedbacks, de modo não-verbal, acenando com a cabeça, quando a médica explica as recomendações para o tratamento e o procedimento de monitorização e registo.

- Na fase de observação, a criança responde a um pedido de feedback relacionado com a orientação para a observação, acenando com a cabeça.

- Na fase de fecho/despida, a criança pede informação ou explicação sobre procedimentos de tratamento, relacionados com a monitorização e registo. Aqui a criança procura saber e compreender onde irá anotar os registos.

## RESUMINDO

Nesta consulta verifica-se uma limitada participação da criança. A criança intervém ao longo da consulta maioritariamente de forma solicitada, sendo esta resposta maioritariamente de modo não-verbal (acenar com a cabeça). Na fase inicial, a criança intervém muito poucas vezes, fornece duas vezes informação sobre a queixa/história clínica, mais precisamente o tipo e contexto dos sintomas, de modo espontâneo e solicitado. Ainda pede informação relacionada com a vacinação. Na fase de observação a criança apenas responde ao pedido de feedback, relacionado com a orientação para a observação, utilizando expressão não-verbal (aceno de cabeça). Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, a criança é principalmente solicitada pela médica quando esta fornece explicações sobre os procedimentos de tratamento, relacionados com recomendações e monitorização e registo. A estas solicitações a criança responde aos pedidos de feedback utilizando apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça) e apenas dando informação uma vez sobre procedimentos/condições de tratamento. A criança ainda comenta as recomendações da médica e o processo de monitorização, e pede informação sobre o material para a próxima consulta. No final da consulta, a criança pede informação sobre a monitorização e registo.

**CASO 2**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Otorrino, gastro, dores nas pernas, manchas nos olhos	
Duração da Consulta: 28 minutos e 36 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 3 minutos e 15 segundos (20.1%)
Duração da Intervenção do Médico: 4 minutos e 49 segundos (29.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 8 minutos e 6 segundos (50.1%)
Consulta de seguimento (por outro médico)	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despedida	Cumprimento/despedida
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo, estado)
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (localização) Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses
Observação clínica	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
		Pede informação ou explicação	Orientação para observação

	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
			Temas de saúde - Alimentação
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Solicitado	Faz comentário ou verbalização	Sem conteúdo relevante
Fecho/despida	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida

### **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 3 minutos e 15 segundos ao longo da consulta, representando 20.1% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de observação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com frequência maior no modo espontâneo.

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação e na fase de observação essencialmente no que diz respeito a temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com os interesses, a queixa/história clínica, relacionada com sintomas.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para a mãe.

Quanto à forma: A criança dá informação ou explicação, pede clarificação e faz comentário ou verbalização; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação ou de explicação; na fase de observação a criança utiliza principalmente o pedido de clarificação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza o comentário ou verbalização.

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informação ou explicação sobre temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com os seus interesses, informando que gosta de carros. Dá também informações ou explicações sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas, indicando a localização da dor nas pernas (Criança – Médica: “É daqui e aqui.”). A criança também introduz um tipo de sintoma na consulta que ainda não tinha sido referido pela mãe (Criança – Mãe: “E o ar que está dentro da barriga?”) e refere que lhe dói as pernas, indicando o estado dos sintomas.

- Na fase de observação a criança pede clarificações sobre a orientação para observação, querendo saber o que a médica lhe vai fazer (Criança – Mãe: “O quê?”; Criança – Mãe: “P’ra quê sentar?”; Criança – Médica: “Para quê?”). A criança refuta o que a mãe diz, informando que não gosta de comida para passarinhos (alimentação). Novamente, a criança chama a atenção da mãe para outra queixa que não foi referida anteriormente e dá informações ou explicações sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas, mostrando a localização das manchas que tem nos olhos.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança faz comentário ou verbalização fora do contexto.
- Na fase de fecho a criança despede-se do médico.

## **RESUMINDO**

A intervenção da criança na consulta é limitada. A sua intervenção acontece tanto de forma solicitada como de forma espontânea. Na fase inicial, a criança dá informação, solicitada e espontânea, sobre o tipo, localização e estado dos sintomas. A sua intervenção na fase de observação caracteriza-se pelo pedido de clarificação sobre a orientação para a observação. Aqui, a criança ainda informa sobre o tipo e localização de um sintoma. Por duas vezes na consulta a criança chama a atenção para dois sintomas que ainda não tinham sido relatados pela mãe. No fim da consulta, a intervenção da criança é praticamente inexistente.

**CASO 3**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese)	
Duração da Consulta: 21 minutos e 8 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 11 segundos (7.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 11 minutos e 33 segundos (77.3%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 13 segundos (14.8%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
		Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento
		Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento - Expectativas de resultado
Diagnóstico e aconselhamento de	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Temas de saúde

tratamento			- Hábitos/rotinas de micção ou evacuação	
			Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento - Exemplificação de recomendação - Monitorização e registo	
		Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento	
		Pede informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo	
	Solicitado		Pede informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento - Monitorização e registo
			Dá feedback (verbal e não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento - Monitorização e registo

Fecho/despedita	Solicitado - Médico	Cumprimento/despedita	Despedita
-----------------	------------------------	-----------------------	-----------

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 1 minuto e 11 segundos, representando 7.9% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: Nesta consulta não estiveram representadas as fases de abertura/cumprimento e não existe observação clínica. A intervenção acontece nas restantes fases mas com maior incidência na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento essencialmente no que diz respeito a procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações, procedimentos/condições de tratamento e monitorização e registo.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o médico.

Quanto à forma: A criança dá feedback, dá informação ou explicação, pede informação ou explicação, pede clarificação e faz comentário ou verbalização; na fase de história clínica/recolha de informação e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo o feedback. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza monossílabos (sim/não) ou apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

### Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre procedimentos de tratamento, relacionados com a monitorização e registo e recomendações. A criança diz espontaneamente à médica que a monitorização e registo estão relacionados com as idas à casa de banho e responde-lhe dizendo quais as bebidas que não pode beber por serem diuréticas (Criança – Médica: “Coca-cola.”). Também comenta espontaneamente o facto de a mãe se ter esquecido de registar a situação de encoprese. Por fim, nesta fase, a criança dá feedbacks à médica, acenando com a cabeça, quando esta fala sobre as recomendações de tratamento e as expectativas de resultado do tratamento.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá feedback, sobre procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações, os procedimentos/condições de tratamento e a monitorização e registo. Os feedbacks são resposta às explicações da médica em relação às recomendações e procedimentos de tratamento e ao processo de monitorização e registo. Estes são realizados utilizando monossílabos (sim/não) ou expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça). A criança também dá informações ou explicações sobre os procedimentos de tratamento, relacionados com os procedimentos/condições de tratamento e a monitorização e registo, sobre os hábitos/rotinas de micção e exemplifica uma recomendação. Aqui a criança informa a médica, de modo espontâneo, que na escola só vendem água e que de manhã vai sempre à casa de banho. Também, quando a médica informa a mãe que a criança terá de tomar uma medicação, a criança exemplifica essa toma fazendo o gesto com a mão. Ainda a criança mostra perceber o conteúdo da folha de monitorização e registo indicando o local onde terá de colocar o seu nome e a data. A criança pede clarificações sobre uma recomendação dada pela médica, querendo saber se tem de beber a garrafa de água toda como a médica indicara, e sobre uma folha de monitorização e registo, fornecida pela médica, onde procura saber se é a criança que tem de preencher a folha. A criança pede informações ou explicações sobre a monitorização e registo, procurando compreender melhor como

funciona este procedimento de tratamento (e.g., Criança – Médica: “Como?”; Criança – Médica: “É para eu pintar?”; Criança – Mãe: “É para o frigorífico?”). Por fim, a criança chega a comentar uma indicação da médica relativamente à cessação do uso da fralda.

- Na fase de fecho a criança despede-se do médico.

## RESUMINDO

A participação da criança é limitada. Esta participação é maioritariamente de modo solicitado, sob o pedido de feedback ao longo da explicação das recomendações, procedimentos/condições de tratamento e monitorização e registo. Nestas solicitações, a criança responde ao pedido de feedback utilizando monossílabos (sim/não) ou apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça). Para além disto, na fase inicial da consulta, a criança, após solicitação, consegue identificar e informar sobre uma das recomendações. Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, a criança pede clarificação relacionada com as recomendações e com a monitorização e registo. Também, informa sobre os procedimentos/condições de tratamento e hábitos/rotinas de micção, e exemplifica uma recomendação.

**CASO 4**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Problemas urinários (pielonefrites recorrentes); queixa de cáries e medo da criança de extrair um dente	
Duração da Consulta: 13 minutos e 45 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 21 segundos (3.8%)
Duração da Intervenção do Médico: 6 minutos e 27 segundos (70.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 19 segundos (25.4%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento	Cumprimento
		Dá feedback	Sem conteúdo relevante
História clínica/recolha de informação	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo, frequência, estado)
Observação clínica	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (localização)
		Faz comentário ou verbalização	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica

			- Sintomas (localização, causa)
		Dá feedback	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
		Dá feedback (não-verbal)	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
			Procedimentos de tratamento - Recomendações de tratamento
Fecho/despedita	Solicitado	Despedida	Despedida

### **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 21 segundos ao longo da consulta, representando 3.83% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação. No entanto, a criança intervém mais verbalmente na fase de observação clínica.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação essencialmente no que diz respeito à queixa/história clínica, relacionada com o tipo, a frequência e estado dos sintomas.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção principalmente para o médico.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, dá feedbacks e faz comentário ou verbalização; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza o fornecimento de informações ou explicações; na fase de observação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informações ou explicações; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza principalmente o feedback. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza monossílabos (sim/não) ou apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas. A criança caracteriza o estado da sua encoprese, a frequência com que vai à casa de banho e caracteriza as suas fezes.
- Na fase de observação a criança dá informações ou explicações sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas. A criança informa sobre a localização da dor de uma queixa e responde negativamente à médica quando esta lhe pergunta se caiu no chão. A criança também comenta e dá feedback, utilizando monossílabos, às explicações da médica sobre os procedimentos de higiene e saúde oral.
- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá feedbacks não-verbais sobre procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações para o tratamento da enurese, e sobre os procedimentos de higiene/saúde oral. No meio da conversa sobre os

procedimentos de higiene/saúde oral, a criança, após ser solicitada pela médica, informa-a sobre o estado dos seus dentes, dizendo que já lhe caíram dois bocados de um.

- Na fase de fecho a criança despede-se do médico.

## RESUMINDO

A intervenção da criança na consulta é limitada. Esta participação é quase exclusivamente de modo solicitado. A criança responde a solicitações informando sobre a queixa/história clínica, relacionada com o tipo, frequência, localização, estado e causa dos sintomas. Também informa sobre os procedimentos de higiene/saúde oral. No final da consulta, a criança responde aos pedidos de feedback sobre recomendações e procedimentos de higiene/saúde oral utilizando apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

**CASO 5**

Idade da Criança: 8 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Uropatia divertículo da bexiga	
Duração da Consulta: 26 minutos e 55 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 8 segundos (6.6%)
Duração da Intervenção do Médico: 8 minutos e 5 segundos (47.2%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 55 segundos (46.2%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pelo pai e irmã mais nova (que tem o mesmo problema)

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento	Cumprimento
História clínica/recolha de informação	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo, contexto, frequência)
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola - Interesses
		Dá feedback (não-verbal)	Expectativas em relação à evolução da situação clínica Procedimentos de tratamento

			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recomendações</li> <li>- Procedimentos/condições de tratamento</li> </ul>
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Temas de saúde
			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sintomas que não se relacionam com as queixas</li> </ul>
			Procedimentos de tratamento
			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recomendações</li> </ul>
		Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de diagnóstico
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exames complementares de diagnóstico</li> </ul>	
		Pede informação ou explicação	Procedimentos de diagnóstico
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exames complementares de diagnóstico</li> </ul>	
		Pede clarificação	Temas de saúde
			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estado geral de saúde</li> </ul>
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de saúde
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sintomas que não se relacionam com as queixas</li> </ul>	
		Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de diagnóstico

			- Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
		Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Fecho/despedita	Solicitado	Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações
		Despedida	Despedida

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 1 minuto e 8 segundos, representando 6.62% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta, excepto na fase de observação, mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação. No entanto, a intervenção verbal é maior na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação, essencialmente no que diz respeito aos temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola e interesses, à queixa/história clínica, relacionada com os sintomas, aos procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações e procedimentos/condições de tratamento, e às expectativas em relação à evolução da situação clínica.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o médico.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, dá feedbacks, faz comentários ou verbalizações, pede informações ou explicações e pede clarificação; na fase de história clínica/recolha de dados a criança utiliza principalmente o fornecimento de informação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação e os comentários ou verbalizações. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola e os interesses da criança, e sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas. Em relação aos sintomas, a criança é capaz de informar sobre os contextos em que não acontecem as perdas de urina, a frequência com que evacua e a caracterização das fezes. Nesta fase a criança também dá feedbacks, acenando com a cabeça, quando a médica lhe explica os procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações, as expectativas em relação à evolução clínica e os procedimentos/condições de tratamento.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança pede clarificação sobre o seu estado geral de saúde (Criança – Médica: “Eu to boa?”). A criança dá feedbacks, acenando com a cabeça, quando a médica lhe explica os procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações. Também, a criança informa ou explica a médica, de modo espontâneo, sobre as recomendações de tratamento, dizendo que bebe uma garrafa de água todos os dias, e sobre sintomas que não se relacionam com as queixas principais, como ter sido picada por um mosquito no braço, de modo espontâneo e solicitado. A criança pede informações ou explicações sobre os procedimentos de diagnóstico, relacionados com os exames complementares de diagnóstico, procurando saber se vai fazer análises. Por fim, nesta fase, a criança ainda comenta o exame

complementar de diagnóstico recomendado pela médica (Criança – Pai: “Eu vou tirar o sangue.”; Criança – Médica: “Oh! (Descontentamento) Queria ir tirar sangue.”) e comenta a sua experiência relativa a exames complementares de diagnóstico (Criança – Médica: “Mas deve ser aqui e aqui custa menos. E foi aqui no exame.”).

- Na fase de fecho a criança dá feedback, acenando com a cabeça, quando a médica relembra os procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações, e despede-se do médico.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada mas com maior frequência na forma solicitada. Na fase inicial da consulta, a criança responde aos pedidos de feedback, relacionados com as recomendações e procedimentos/condições de tratamento, utilizando apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça). Também nesta fase, a criança informa sobre o tipo, frequência e contexto dos sintomas. Na fase final, a criança pede clarificação sobre o seu estado geral de saúde e responde às recomendações utilizando feedback, apenas com expressão não-verbal. Informa sobre uma recomendação e fala sobre sintomas que não se relacionam com as queixas. Ainda procura informação sobre exames de diagnóstico complementares e partilha a sua experiência sobre este tema.

**CASO 6**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Enurese secundária (diurna e noturna); despiste de uropatia (negativo)	
Duração da Consulta: 15 minutos e 9 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 21 segundos (2.7%)
Duração da Intervenção do Médico: 5 minutos e 49 segundos (44.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 6 minutos e 49 segundos (52.5%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela avó materna

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
		Pede informação ou explicação	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico Temas de interesse e do dia-a-dia

			da criança - Escola
Observação clínica	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo, frequência)
			Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (genital)
			Informações sobre si e/ou a família - Funcionamento familiar
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Solicitado	Dá informação ou explicação	Informações sobre si e/ou a família - Funcionamento familiar

### **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 21 segundos, representando 2.7% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta, excepto na fase de fecho/despedita, mas com maior incidência nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação clínica.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência de modo solicitado;

As solicitações são feitas majoritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de observação essencialmente no que diz respeito à queixa/história clínica, relacionada com os sintomas, aos temas de saúde, relacionados com os procedimentos de higiene/saúde (genital), e a informações sobre si e/ou a família, relacionadas com o funcionamento familiar.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o médico.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações e pede clarificação; nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação ou explicação; e nas fases de observação clínica e de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza o fornecimento de informação ou explicação.

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre os temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola, informando que está melhor na escola. A criança pede clarificação e dá informações sobre os procedimentos de diagnóstico, relacionados com os exames complementares de diagnóstico e com a experiência relativa a exames complementares de diagnóstico. A criança primeiro pergunta de que exame estão o médico e a avó a falar e depois explica como e onde realizou o exame (Criança – Avó: “Então foi em casa.”; Criança – Médico: “Limpei assim.”).

- Na fase de observação a criança dá informações ou explicações sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas, onde diz que não espera para ir à casa de banho e caracteriza as suas fezes. A criança informa sobre temas de saúde, relacionados com os procedimentos de higiene/saúde (genital), informando o modo como realiza a sua higiene genital. Também dá informações sobre si e/ou a família, relacionados com o funcionamento familiar, dizendo que a mãe por vezes grita com ela porque esta porta-se mal.

- Na fase de diagnóstico e de aconselhamento de tratamento a criança dá informação sobre o funcionamento familiar, dizendo que não queria que a mãe fosse à consulta com ela.
- Na fase de fecho/despida a criança não se despede da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança nesta consulta é limitada. A criança intervém maioritariamente após solicitação. No início da consulta, a criança informa, após pedido de clarificação, sobre a sua experiência relativa a exames complementares de diagnóstico. Na fase de observação, a criança responde às solicitações informando sobre o tipo e frequência dos sintomas e sobre os procedimentos de higiene/saúde genital. Ao longo do resto da consulta, a criança apenas responde a solicitações relacionadas com o funcionamento familiar.

**CASO 7**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Queixas de dores intestinais (após história de heliobacter)	
Duração da Consulta: 21 minutos e 49 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 7 segundos (7.1%)
Duração da Intervenção do Médico: 10 minutos e 59 segundos (69.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 3 minutos e 40 segundos (23.3%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela avó materna

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento	Cumprimento/despedita
História clínica/recolha de informação	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (localização, contexto, estado, frequência, tipo) - Comparação com situação clínica anterior
			Temas de saúde - Alimentação
		Dá feedback (não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)

Observação clínica	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
		Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de diagnóstico - Experiência relativa a exames complementares de diagnóstico
		Pede informação ou explicação	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
			Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta
		Pede informação ou explicação	Procedimentos de diagnóstico

			- Exames complementares de diagnóstico
		Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de diagnóstico - Exames complementares de diagnóstico
			Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta
			Procedimentos de tratamento - Recomendações - Expectativas de resultado
Fecho/despedida	Solicitado - Médico	Despedida	Despedida

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 1 minuto e 7 segundos, representando 7.1% das intervenções verbais existentes.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação essencialmente no que diz respeito à queixa/história clínica, relacionada com os sintomas e a comparação com situação clínica anterior, e aos temas de saúde, relacionados com a alimentação.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o médico.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, dá feedbacks, pede informações ou explicações, pede clarificação e faz comentário ou verbalização; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação; na fase de observação clínica a criança utiliza o fornecimento de informação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo o feedback. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas e comparação com situação clínica anterior, e sobre os temas de saúde, relacionados com a alimentação. A criança informa sobre a localização, contexto, estado, frequência e tipo de sintomas e ainda compara a intensidade dos sintomas actuais com os sintomas da situação

clínica anterior. Também informa sobre a sua alimentação descrevendo o que geralmente come em cada refeição. Por fim, dá feedback, acenando com a cabeça, quando a médica lhe diz que não precisa de olhar para a mãe porque a criança sabe responder.

- Na fase de observação a criança dá informações ou explicações sobre os temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola, e sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas. A criança caracteriza os sintomas de encoprese segundo o tipo, ou seja, como é o processo de evacuação.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança pede clarificação de modo espontâneo sobre os procedimentos de diagnóstico, relacionados com os exames complementares de diagnóstico, procurando saber como se processa o exame indicado pela médica (Criança – Mãe: “O que é que vão fazer?”). A criança comenta o exame complementar de diagnóstico recomendado pela médica recordando a sua experiência relacionada com um exame que realizou anteriormente (Criança – Mãe: “Não vão meter aquele coiso, no outro exame doeu muito.”). Também dá feedback, acenando com a cabeça, quando a médica explica como se irá processar o exame complementar de diagnóstico, quando a médica lhe pergunta se tem alguma questão que queira colocar, quando a médica lhe explica a toma de um medicamento e quando a médica explica o que se espera da toma do medicamento. A criança também dá informação relacionada com a sua experiência (experiência negativa) relativa a um exame complementar de diagnóstico realizado anteriormente (Criança – Médica: “E depois eu disse à minha mãe para não subir mais, ela disse para eu subir e depois fiz cocó nas calças.”) e sobre os sintomas relacionados com a queixa trazida para a consulta, caracterizando a sua dor de barriga. Também, quando a médica pergunta de novo se a criança tem alguma dúvida, a criança responde que sim e pergunta como e onde se processará o exame complementar de diagnóstico indicado pela médica (Criança – Médica: “Eu vou fazer num frasquinho?”; “E é no hospital ou é em casa?”)

- Na fase de fecho a criança despede-se da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. A sua intervenção acontece principalmente após solicitação. Na fase de história clínica/recolha de informação, a criança responde às solicitações informando sobre o tipo, localização, frequência, contexto e estado dos sintomas e compara-os com a situação clínica anterior. Também dá informações sobre a alimentação. Durante a observação a criança continua a informar sobre o tipo de sintomas, o que também acontece um pouco na fase de diagnóstico. Na fase final da consulta, a intervenção da criança está relacionada com exames complementares de diagnóstico, onde procura informação e faz comentário. A criança também expõe a sua experiência relativa a estes exames. Para além disto, a criança responde a pedidos de feedback sobre recomendações e expectativas de resultado.

**CASO 8**

Idade da Criança: 5 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Sopro cardíaco. Pedida pela urgência há um ano	
Duração da Consulta: 15 minutos e 51 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 5 segundos (1.7%)
Duração da Intervenção do Médico: 4 minutos e 22 segundos (61.51)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 37 segundos (36.9%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida
História clínica/recolha de informação	Solicitado	Dá informação ou explicação (não-verbal)	Informações sobre si e/ou a família - Funcionamento familiar
Observação clínica	Solicitado	Dá informação ou explicação	Conversa social/diversos
Fecho/despida	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida
		Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações

**ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 5 segundos, representando cerca de 1.66% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A criança intervém nas fases de abertura/acolhimento, história clínica/recolha de informação, observação e fecho/despida.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém apenas de forma solicitada.

As solicitações são feitas pelo médico; a criança é solicitada duas vezes nas fases de história clínica e de observação, essencialmente no que diz respeito a informações sobre o funcionamento familiar e conversa social.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para o médico.

Quanto à forma: A criança apenas dá informação ou explicação duas vezes ao longo da consulta; isto acontece na fase de história clínica/recolha de informação e na fase de observação.

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informação ou explicação sobre o funcionamento familiar (ainda que fosse apenas para responder à médica dizendo que ajuda a mãe com a irmã mais nova).
- Na fase de observação a criança apenas dá informação ou explicação sobre conversa social/diversos (e.g., apanhou o cabelo molhado).
- Na fase de fecho/despida a criança despede-se da médica e dá feedback à médica, acenando com a cabeça, após a médica dar recomendações à mãe.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é muito limitada. Esta não é chamada a intervir em relação à queixa ou qualquer outro tema relacionado com a consulta ou com o motivo que a trouxe a esta. A criança apenas responde a solicitações de carácter social (conversa social) e não acrescenta de forma espontânea nada em nenhum dos momentos da consulta.

**CASO 9**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese e encoprese); tendência para ter diarreias	
Duração da Consulta: 20 minutos e 47 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 44 segundos (5.2%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 31 segundos (43.1%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 9 minutos e 2 segundos (51.8%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Espontâneo	Cumprimento/despedida	Cumprimento/despedida
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Conversa social/diversos
Observação	Espontâneo	Pede informação ou explicação	Orientação para a observação
		Dá informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Experiência relativa a tratamento
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Recomendações
		Pede informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)

			Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
		Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Fecho/despedita	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 44 segundos, cerca de 5.2% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece nas fases de abertura/acolhimento, observação, diagnóstico e aconselhamento de tratamento e fecho/despedita mas com maior incidência nas fases de observação clínica e de diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência de modo solicitado.

As solicitações são feitas maioritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento essencialmente no que diz respeito a sintomas, procedimentos/condições de tratamento, escola e recomendações de tratamento.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção sobretudo para a médica.

Quanto à forma: A criança dá e pede informações ou explicações e dá feedbacks; tanto na fase de observação como na de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação ou explicação. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de observação a criança pede informações ou explicações relacionadas com a orientação para a observação, de modo espontâneo, ou seja, pergunta se tem de tirar a camisola (Criança – Médica ou Mãe: “É para tirar?”) e o que a médica vai fazer (Criança – Médica: “O que é que tu vais fazer?”). Também, quando a médica pergunta à criança se se recorda das recomendações em relação às bebidas que esta não pode ingerir, a criança pergunta porque não as pode beber (Criança – Médica: “Que não podemos porquê?”). Também nesta fase a criança dá informações sobre os procedimentos de tratamento, relacionados com as recomendações, relativamente às bebidas que não pode ingerir (Criança – Médica: “Chá.”; Criança – Médica: “E ice tea.”). Por fim, também informa a médica da sua experiência relativa a um tratamento, nomeadamente o facto de o *spray* para o nariz lhe fazer comichão (Criança – Médica: “Mas isso faz comichão.”).

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá informações ou explicações sobre procedimentos/condições de tratamento, como o facto de urinar quando se levanta da cama e não levar sempre água para a escola. Também informa sobre a queixa que a trouxe à consulta, caracterizando os sintomas, referindo que quando tem vontade, urina quando se levanta e que ao contrário já não acontece. A criança

também consegue identificar o local onde lancha, estando relacionado com temas do dia-a-dia da criança. Por fim, a criança dá feedbacks, acenando com a cabeça, direcionados para as recomendações de tratamento fornecidas pela médica.

- Na fase de fecho /despedida a criança despede-se da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. Esta não participa na fase de história clínica/recolha de informação e acontece maioritariamente após solicitação. Na fase de observação a criança pede orientação para a observação e informa sobre recomendações e também expõe a sua experiência relativa a um tratamento. Na fase final da consulta, a criança informa sobre procedimentos/condições de tratamento e sobre a frequência dos sintomas. De resto, responde a solicitações utilizando o feedback de modo não-verbal (e.g., de acena de cabeça).

**CASO 10**

Idade da Criança: 9 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Infecções urinárias recorrentes	
Duração da Consulta: 16 minutos e 36 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 21 segundos (2.6%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 44 segundos (57.5%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 5 minutos e 22 segundos (39.9 %)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Dá informação ou explicação (Não verbal)	Conversa social/diversos
História clínica/recolha de informação	Solicitado	Dá informação ou explicação	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Observação clínica	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Atividades

			Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
		Pede informação ou explicação	Orientação para a observação
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Conversa social/diversos
			Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
	Pede informação ou explicação	Orientação para a observação	
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
		Dá informação ou explicação	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
		Dá informação ou explicação (Não verbal)	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam

			com as queixas
		Dá feedback (Não verbal)	Procedimentos de tratamento - Recomendações
Fecho/despedita	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita

## **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 21 segundos ao longo da consulta, representando cerca de 2.6% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de observação. No entanto, a sua intervenção verbal é maior na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência no modo solicitado;

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de observação essencialmente no que diz respeito a conversa social/diversos, a procedimentos de higiene/saúde oral e a orientação para a observação.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, pede informações ou explicações, pede clarificação e dá feedback; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza o fornecimento de informação ou explicação; e nas fases de observação e de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação. É de notar que na intervenção em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre dados demográficos e a escola, dizendo a sua idade e o ano lectivo que frequenta.

- Na fase de observação criança dá informações ou explicações, quando solicitada sobre temas de interesse e do dia-a-dia da criança e conversa social. Nesta fase, de forma espontânea, a criança também informa sobre uma queixa que a mãe trouxe para a consulta, que não a queixa principal, relacionada com a frequência do sangramento do nariz. Quando solicitada ainda informa sobre procedimentos de higiene oral. A criança também expõe as suas dúvidas, pedindo informação sobre a orientação para a observação e pede clarificação sobre o pedido de demonstração, isto é, quer saber o que deve fazer quando a médica lhe pede para realizar uma ação.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá informações ou explicações sobre sintomas que não se relacionam com a queixa que a levou à consulta, indicando a localização do ferimento na mão. Quando a mãe fala com a médica sobre os procedimentos de higiene/saúde oral, a criança acrescentou informação ao que a mãe dizia, dizendo à médica que colocou massa no dente. Por fim, a criança deu feedback relativamente à recomendação da médica de beber água e lavar os dentes, acenando com a cabeça.

- Na fase de fecho a criança despediu-se da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança foi limitada. A sua participação acontece sobretudo após solicitação. Na fase inicial, a criança informa sobretudo acerca de dados demográficos e sobre a escola. Durante a observação, a criança pede orientação para a observação e informa sobre sintomas que não se relacionam com a queixa principal e sobre procedimentos de higiene/saúde oral. Na fase final, a criança informa sobre sintomas que não se relacionam com as queixas e procedimentos de higiene/saúde oral. Aqui também responde a um pedido de feedback relacionado com recomendações, utilizando expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

**CASO 11**

Idade da Criança: 5 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Fimose	
Duração da Consulta: 16 minutos e 26 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 2 minutos e 44 segundos (13.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 6 minutos e 46 segundos (45.2%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 6 minutos e 8 segundos (40.9%)
1ª Consulta	Acompanhada pelo pai e avó paterna

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Comentário - No âmbito do contexto
Observação	Solicitado	Faz comentário ou verbalização	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
		Pede clarificação	Orientação para a observação
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Comentário - Fora do contexto
		Pede informação ou explicação	Comentário - Fora do contexto

Fecho/despedita	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
-----------------	------------	-----------------------	-----------------------

## **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 2 minutos e 44 segundos durante a consulta, cerca de 13.91% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento. Apesar de a intervenção da criança ser maior nesta fase, esta intervenção cinge-se ao diálogo com o pai sobre temas fora de contexto.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na espontânea.

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é chamada a intervir é na fase de observação essencialmente no que diz respeito à orientação para a observação. No entanto, a criança responde com temas de saúde, relacionados com sintomas que não se relacionam com as queixas.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o pai.

Quanto à forma: A criança faz comentários ou verbalizações, pede informação ou explicação e pede clarificação; na fase de história clínica/recolha de informação a criança faz um comentário ou verbalização; e nas fases de observação e de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo comentários ou verbalizações.

### Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança pede à avó para esta lhe deixar ver o boletim de saúde.
- Na fase de observação, quando o médico pede à criança para respirar fundo, esta diz-lhe que não consegue e, no meio, pede ao médico para clarificar o seu pedido.
- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança mantém com o pai um diálogo sobre temas fora do contexto.
- Na fase de fecho a criança despede-se do médico.

### RESUMINDO

Apesar de parecer indicar que a criança até participou na consulta, a sua intervenção não se relaciona com a consulta. A criança não se mostrou interessada em participar nem foi solicitada para tal, passando para segundo plano. A sua intervenção foi quase exclusivamente relacionada com temas fora do contexto da consulta, sendo a pouca intervenção relacionada com o procedimento de observação, a auscultação, onde a criança revelou dificuldades em respirar.

**CASO 12**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Alergias	
Duração da Consulta: 17 minutos e 24 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 58 segundos (13.7%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 16 segundos (50.6%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 5 minutos e 7 segundos (35.7%)
Consulta de seguimento	Acompanhado pela mãe e dois irmãos (menino e menina)

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Dá informação ou explicação (não-verbal)	Comentário - No âmbito do contexto
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo, estado)
		Faz comentário ou verbalização	Temas de saúde - Alimentação
		Pede informação ou explicação	Temas de saúde - Conhecimento sobre saúde e doença
			Comentário - Fora do contexto

Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Temas de saúde - Alimentação
			Comentário - Fora do contexto

## **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 1 minuto e 58 segundos da consulta, representando cerca de 13.7% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: Nesta consulta não foi realizada observação à criança nem se visualiza o fecho/despida. A intervenção acontece em todas as restantes fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém apenas de forma espontânea. As únicas solicitações existentes acontecem nas fases de abertura/acolhimento, relacionada com um comentário no âmbito do contexto, e na fase de história clínica/recolha de informação, relacionada com o motivo pelo qual a criança não consegue respirar muito bem, a criança não sabe responder.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o médico.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, faz comentários ou verbalização e pede informação ou explicação; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza apenas comentários ou verbalizações.

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações sobre a queixa/história clínica, explicando ao médico, de modo espontâneo, como são os seus sintomas (Criança – Médico: “Eu às vezes, quando estou a respirar, não consigo respirar muito bem.”; Criança – Médico: “Tenho de respirar com força. Encher os pulmões de ar.”; Criança – Médico: “Quando está calor eu não consigo respirar muito bem. Como aqui.”; Criança – Médico e Mãe: “Eu não estou a respirar aqui bem por causa do ar.”). Ainda informa sobre a sua alimentação onde, após o médico dizer à mãe que a criança é alérgica ao peixe, a criança diz que consegue comer salmão e acrescenta que não gosta de ervilhas. A criança, nesta fase, faz um comentário muito importante e que demonstra algum conhecimento sobre saúde e doença (Criança – Médico: “Só de vomitar não é obrigatório estar doente.”). Por fim, a criança pede informação à mãe sobre um tema fora do contexto.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança apenas faz comentários ou verbalizações espontâneos. A criança fala sobre a alimentação (Criança – Médico: “Não. É porque o salmão... o salmão não sabe a peixe. Sabia a carne.”) e sobre temas fora de contexto.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. Esta participa sobretudo de modo espontâneo revelando vontade em participar nesta. Ao longo da consulta, a criança tenta informar espontaneamente sobre o tipo, estado e causa dos sintomas e sobre a alimentação. Também, através de um comentário, demonstra algum conhecimento sobre saúde e doença.

**CASO 13**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Dificuldade no controlo dos esfíncteres (enurese nocturna)	
Duração da Consulta: 19 minutos e 38 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minuto e 25 segundos (9%)
Duração da Intervenção do Médico: 7 minutos e 4 segundos (44.8%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 17 segundos (46.2%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe.

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Espontâneo	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
		Faz comentário ou verbalização	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
			Informações sobre si e/ou a família

			- Dados demográficos
			Conversa social/diversos
		Faz comentário ou verbalização	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
			Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
			Comentário - Fora do contexto
		Dá feedback (não-verbal)	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Observação	Solicitado	Pede informação ou explicação	Comentário - Fora do contexto
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
		Faz comentário ou verbalização	Conversa social/diversos

			Comentário - Fora do contexto
Fecho/despedida	Solicitado	Cumprimento/despedida	Cumprimento/despedida

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção : A criança intervém durante 1 minuto e 25 segundos, representando cerca de 9% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação. No entanto, a intervenção verbal é maior na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação essencialmente no que diz respeito a temas relacionados com conversa social/diversos; informações sobre si e/ou a família, relacionadas com dados demográficos, e temas de interesse e do dia-a-dia da criança.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, faz comentários ou verbalizações, dá feedback e pede informação; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação; na fase de observação a criança pede informação ou explicação; na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza principalmente o comentário ou verbalização. É de notar que na intervenção em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça)

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informação relacionada com conversa social/diversos e dados demográficos. A criança também comenta os dados demográficos, dizendo que já fez anos. A criança dá informação, de modo espontâneo, sobre os sintomas relacionados com a enurese, dizendo que naquele dia urinou (Criança – Médica: “Hoje fiz xixi.”). Além disso, a criança fala sobre a escola, dando informação e realizando comentários, onde diz que já sabe ler e lê uma frase e realiza contas, a pedido da médica. Também informa que já ainda não deu o Z de zebra e que a escola é aborrecida. Quando a médica explica a importância de saber ler, a criança responde acena que sim dando feedback. Por fim, a criança também faz um comentário fora do contexto.

- Na fase de observação a criança pede informação ou explicação fora do contexto.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança faz comentários fora de contexto e sobre conversa social. Também diz à médica o motivo pelo qual não quer ir à escola (Criança – Médica: “É porque eu às vezes tenho saudades da mãe e do pai e é por isso que eu não quero ir à escola.”).

- Na fase de fecho/despida a criança despede-se da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. A criança participa maioritariamente após solicitação. Na fase inicial da consulta, a criança participa sobretudo respondendo a informações sobre dados demográficos e a escola. Também intervém uma vez informando sobre o estado dos sintomas. Ao longo do resto da consulta, a participação da criança é quase inexistente, sendo a única relevante a sua explicação sobre o motivo pelo qual não gosta de ir à escola.

**CASO 14**

Idade da Criança: 9 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Asma; enurese; obesidade	
Duração da Consulta: 36 minutos e 15 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 29 segundos (3%)
Duração da Intervenção do Médico: 8 minutos e 3 segundos (50.3%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 28 segundos (46.7%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação (não-verbal)	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Observação	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança

			- Interesses - Atividades
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
			Conversa social/diversos
			Comentário - Fora do contexto
	Solicitado	Dá informação ou explicação (não-verbal)	Conversa social/diversos
Dá feedback (não-verbal)			Procedimentos de tratamento - Recomendações

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 29 segundos na consulta, representando cerca de 3% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta, excepto na abertura/acolhimento e no fecho/despedida, com maior incidência na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência no solicitado;

As solicitações são feitas majoritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de observação essencialmente no que diz respeito a temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com os interesses e atividades, e aos temas de saúde, relacionados com sintomas que não se relacionam com as queixas.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, faz comentários ou verbalizações e dá feedback; nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação a criança utiliza o fornecimento de informação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo os comentários ou verbalizações. É de notar que na intervenção em que a criança responde ao pedido de feedback expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações sobre temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola, dizendo que já reprovou de ano e que não vê as suas notas.

- Na fase de observação dá informações sobre temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com os seus interesses e actividades. A criança diz que gosta de andar de bicicleta e que não gosta de correr. Ainda dá informações sobre temas de saúde, relacionados com sintomas que não se relacionam com as queixas principais, onde fala sobre o eczema que tem nas pernas, dizendo que este lhe dá comichão.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza o feedback (expressão não-verbal) para responder à recomendação da médica, onde demonstra não gostar da ideia de ter de comer saladas e legumes. A criança comenta o exercício que realiza na escola dizendo que

é demais para ela (Criança – Mãe: “Três voltas a campo de seguida, nem podes parar.”). De resto, a criança dá informação e faz comentários sobre temas relacionados com conversa social/diversos e fora de contexto.

- Na fase de fecho a criança não responde à despedida.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. A criança não participa, nem é chamada a participar, em temas relacionados com a queixa/história clínica. Na fase inicial, a criança informa, de modo espontâneo e solicitado, quando o tema é a escola. Na fase de observação, a criança participa após solicitação informando sobre temas de interesse da criança (interesses e atividades) e relacionados com sintomas que não se relacionam com as queixas. No final da consulta, a criança faz um comentário sobre a escola e responde a uma solicitação da médica relacionada com as recomendações utilizando o feedback de forma não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

**CASO 15**

Idade da Criança: 9 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Mononucleose	
Duração da Consulta: 19 minutos e 45 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 36 segundos (4.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 8 minutos e 57 segundos (74%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos e 34 segundos (21.3%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Espontâneo	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
	Solicitado	Dá informação ou explicação (não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (estado)
Observação	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Comentário - No âmbito do contexto - Fora do contexto
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança

			- Atividades
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (contexto)
		Faz comentário ou verbalização	Comentário - Comparação com queixa/história clínica de outra pessoa
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
			Temas de saúde - Conhecimento sobre saúde e doença
			Comentário - Comparação com queixa/história clínica de outra pessoa - Dúvida/questão relacionada com a consulta
		Dá feedback (não-verbal)	Evolução do tratamento
Fecho/despedita	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção : A criança intervém durante 36 segundos na consulta, representando 4.9% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pelo médico; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento essencialmente no que diz respeito a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas; temas de saúde, relacionados com conhecimento sobre saúde e doença; comentário, relacionado com a comparação com queixa/história clínica de outra pessoa e com dúvida/questão relacionada com a consulta; e evolução do tratamento.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para o médico.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, faz comentários ou verbalizações e dá feedback; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza o fornecimento de informação; na fase de observação a criança utiliza o fornecimento de informação e comentário; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação. É de notar que na intervenção em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça)

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas. a criança diz que os quistos no pescoço não doem e indica uma altura em que doeram.

- Na fase de observação dá informações sobre as atividades que realiza e faz comentário, no âmbito do contexto, relacionados com o vestir depois da observação, e fora do contexto.
- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá informação sobre os sintomas, nomeadamente o contexto em que aparecem ou apareceram (Criança – Médico: “Já me deu uma na escola.”) e caracteriza-o (Criança – Médico: “Senti aquelas picadelas e depois desmaiei.”). Responde ao pedido de feedback do médico quando este lhe diz que a evolução do tratamento foi boa, acenando com a cabeça. Também compara a sua queixa/história clínica com a de outra pessoa (Criança – Médico: “A minha professora já teve isso”; Criança – Médico: “Porque a professora disse-me que tem aqui um corte.”). A criança ainda demonstra algum conhecimento sobre saúde e doença, identificando o nome da dilatação no pescoço (Criança – Mãe: “Gânglios (...).”). Por fim, responde ao feedback solicitado pelo médico relacionado com a existência de alguma dúvida ou questão relacionadas com a consulta.
- Na fase de fecho/despida a criança despede-se do médico.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. A sua participação acontece principalmente após solicitação. Na fase inicial, a criança intervém apenas duas vezes informando sobre o tipo e estado dos sintomas. Na fase de observação, a criança responde ao tema relacionado com os seus interesses. E na fase final, a criança intervém ao nível dos sintomas, informando sobre o tipo e contexto, e compara a sua queixa/história clínica com a de outra pessoa. Aqui a criança dá informação sobre os sintomas mostrando algum conhecimento sobre saúde e doença. Também responde a um pedido de feedback sobre a evolução do tratamento utilizando expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

**CASO 16**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Rotina	
Duração da Consulta: 10 minutos e 37 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 14 segundos (2%)
Duração da Intervenção do Médico: 6 minutos e 57 segundos (58.9%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 4 minutos e 37 segundos (39.1%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida
História clínica/recolha de informação	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Temas de saúde - Alimentação
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola - Atividades
Observação	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Temas de saúde - Procedimentos de higiene/saúde (ouvido)
			Temas de interesse e do dia-a-dia

			da criança - Escola
			Conversa social/diversos
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Solicitado	Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Experiência relativa a tratamento

## **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 14 segundos na consulta, representando cerca de 2% da intervenção verbal.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta, excepto no fecho/despida, com maior incidência na fase de observação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém apenas de forma solicitada.

As solicitações são feitas maioritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de observação essencialmente no que diz respeito à conversa social/diversos, aos temas de saúde, relacionados com procedimentos de higiene/saúde do ouvido, e aos temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações e faz comentários ou verbalizações; nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação a criança utiliza o fornecimento de informação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza o comentário ou verbalização.

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola e atividades, e temas de saúde, relacionados com a alimentação. A criança diz à médica que está na escola e que gosta de dançar. Também informa a médica sobre os alimentos que gosta de comer, como carne, peixe e bolachas.

- Na fase de observação a criança dá informação relacionada com conversa social/diversos; temas de saúde, relacionados com procedimentos de higiene/saúde do ouvido; e temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola. A criança diz à médica que está no 1º ano e que já sabe ler. Em relação aos procedimentos de higiene/saúde do ouvido, a criança diz que limpa os ouvidos com o dedo.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança comenta a sua experiência relativa a tratamento (Criança – Mãe: “Tenho é de fechar a boca.”)

- Na fase de fecho/ despedida a criança não se despede da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é muito limitada e acontece exclusivamente após solicitação. No início da consulta a criança é solicitada em temas relacionados com a alimentação, escola e actividades. Na fase de observação, a criança participa dando informação sobre

procedimentos de higiene/saúde do ouvido e, novamente, sobre a escola. No final, a criança apenas faz um comentário relacionado com a sua experiência relativa a um tratamento.

**CASO 17**

Idade da Criança: 7 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Despiste de diagnóstico de osteogénese imperfeita ou patologia de visão; queixas de audição; asma	
Duração da Consulta: 33 minutos e 9 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 30 segundos (1.8%)
Duração da Intervenção do Médico: 14 minutos e 35 segundos (52.6%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 12 minutos e 38 segundos (45.5%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo) Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos - História da família
		Faz comentário ou verbalização	Temas de saúde - Alimentação
			Temas de interesse e do dia-a-dia

			da criança - Escola
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
		Dá feedback (não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Observação	Espontâneo	Pede informação ou explicação	Orientação para a observação
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
			Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Atividades
		Conversa social/diversos	
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Conversa social/diversos
	Espontânea	Pede informação ou explicação	Temas de saúde

			- Sintomas que não se relacionam com as queixas
			Comentário - Fora do contexto
		Faz comentário ou verbalização	Comentário - No âmbito do contexto
Fecho/despida	Solicitado	Dá feedback (não-verbal)	Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 30 segundos na consulta, representando cerca de 18% da intervenção verbal.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação. No entanto, a intervenção verbal é igual nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada.

As solicitações são feitas maioritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação clínica essencialmente no que diz respeito à queixa/história clínica, relacionada com o tipo de sintomas; aos temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola e as atividades; aos temas de saúde, relacionados com sintomas que não se relacionam com as queixas; e à conversa social/diversos.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, faz comentários ou verbalizações, dá feedbacks e pede informações ou explicações; nas fases de história clínica/recolha de informação e de observação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação ou explicação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza principalmente o comentário ou verbalização. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça)

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança começa por responder ao pedido de feedback da mãe (aceno de cabeça), relacionado com os sintomas, quando esta diz à médica do momento complicado que teve devido às alergias. A criança dá informações sobre a família, relacionadas com os dados demográficos, dizendo à médica a idade do pai, e sobre a história da família, dizendo que a avó e as irmãs da avó têm diabetes. A criança dá informações sobre a escola, dizendo que frequenta o 2º ano de escolaridade, que é boa aluna, que a disciplina de que gosta mais é estudo do meio, que já sabe ler e fazer contas e que já sabia o alfabeto antes de entrar para a escola. A criança ainda informa sobre os sintomas relacionados com a história clínica, de forma espontânea, dizendo que fica mal disposta quando bebe leite. Por fim, relacionado com a

potencial alergia ao leite, a criança comenta com a mãe a sua alimentação dizendo que aquela só lhe dá leite em determinada ocasião, mas não se entende devido ao ruído.

- Na fase de observação a criança pede informação sobre a orientação para a observação, procurando saber se também tira as calças. A criança dá informação sobre temas de saúde, relacionados com sintomas que não se relacionam com as queixas, quando a médica lhe pergunta onde se magoou para ter nódoas negras. A criança ainda informa sobre uma atividade que praticava no seu dia-a-dia, o jogo do berlinde. A criança dá informação relacionada com conversa social/diversos, dizendo à médica que a areia que tem nos ténis é da escola. Por fim, a criança também dá informação sobre a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas, explicando porque faz um determinado movimento no olho (Criança – Médica: “Porque às vezes dá-me a sensação que tá alguma coisa no olho.”).

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá informação relacionada com conversa social/diversos, faz comentários no âmbito do contexto, relacionados com a cor dos boletins de saúde infantil, e pede informação fora de contexto. A criança também pede informação sobre sintomas que não se relacionam com as queixas, procurando saber de que dedo magoado está a mãe a referir à médica.

- Na fase de fecho/despida a criança responde ao feedback solicitado pela mãe, acenando com a cabeça, quando esta lhe pergunta se tem alguma dúvida/questão relacionada com a consulta. No entanto, não se despede da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. A sua intervenção acontece maioritariamente após solicitação. Na fase inicial, a criança intervém principalmente quando o tema é a escola e informações relacionadas com a sua família. Ainda, nesta fase, a criança informa de modo

espontâneo sobre o tipo de um sintoma. Na fase de observação, a criança espontaneamente pede orientação para a observação e o resto da sua intervenção acontece após solicitação, sendo questionada sobre o tipo de sintomas. Na fase final, a intervenção da criança não está relacionada com o motivo da consulta, mas principalmente com assuntos gerais.

**CASO 18**

Idade da Criança: 10 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta Episódios de lipotimia com perda de consciência	
Duração da Consulta: 22 minutos e 22 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 17 segundos (1.5%)
Duração da Intervenção do Médico: 12 minutos e 48 segundos (62.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 7 minutos e 22 segundos (36.1%)
1ª Consulta	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Atividades
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo, contexto)
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
			Informações sobre si e/ou a

			família - Dados demográficos
Observação	Solicitado	Dá informação ou explicação	Informações sobre si e/ou a família - Dados demográficos
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
Fecho/despedita	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita

## ANÁLISE DA CONSULTA

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 17 segundos na consulta, representando cerca de 1.5% da intervenção verbal.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação. No entanto, a sua intervenção verbal ao longo da consulta é maior nas fases de história clínica/recolha de informação e diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pelos médicos; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação essencialmente no que diz respeito a informações sobre si e/ou a família, relacionadas com dados demográficos, a temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola, e a queixa/história clínica, relacionada com os sintomas, nomeadamente contexto e tipo.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para os médicos.

Quanto à forma: A intervenção da criança, em todas as fases da consulta, excetuando a abertura/acolhimento e o fecho/despida, é na forma de fornecimento de informação.

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre informações sobre si, relacionadas com os dados demográficos, sobre temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola e actividades. A criança diz a sua idade, em que ano escolar se encontra e que desporto faz. Para além disso, a criança informa o médico sobre os seus sintomas em relação ao tipo e contexto. A criança diz que aguenta as aulas de educação física e que os episódios, motivo da vinda à consulta, nunca aconteceram nestas aulas. A criança também descreve como são estes episódios, como a visão escura, tonturas, sensação de queda, perda de consciência e desconhecimento inicial, após perda de consciência, do local onde se encontra.

- Na fase de observação a criança dá informações ou explicações sobre dados demográficos da família.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá informações ou explicações novamente relacionadas com os sintomas. A criança novamente afirma que, antes de desmaiar, começa a ver tudo preto, aos poucos.
- Na fase de fecho/despedia a criança despede-se do médico.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. Apesar da limitada participação, as intervenções da criança são maioritariamente realizadas após solicitação e sobre o tipo e contexto dos sintomas.

**CASO 19**

Idade da Criança: 10 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Queixas intestinais pós invaginação intestinal	
Duração da Consulta: 25 minutos e 51 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 1 minutos e 30 segundos (6%)
Duração da Intervenção do Médico: 9 minutos e 16 segundos (36.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 14 minutos e 26 segundos (57.4%)
Consulta de seguimento (mas 1ª consulta com este médico)	Acompanhada pela mãe e pai

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
			Temas de saúde - Alimentação
			Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
			Temas de interesse e do dia-a-dia da criança

			- Escola	
			Informação sobre si e/ou a família	
			- História da família	
			Conversa social/diversos	
		Faz comentário ou verbalização	Conversa social/diversos	
	Dá feedback	Queixa/história clínica		
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)		- Sintomas (tipo)
				Queixa/história clínica
				- Sintomas (tipo, frequência, localização, estado)
				Temas de saúde
			- Alimentação	
			Procedimentos de tratamento	
	- Procedimentos/condições de tratamento			
	Evolução do tratamento			
	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança			
	- Escola			
	Informações sobre si e/ou a			

			família - História da família
			Conversa social/diversos
		Dá feedback	Queixa/história clínica - Sintomas (frequência)
Observação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Queixa/história clínica - Sintomas (tipo)
		Faz comentário ou verbalização	Conversa social/diversos
		Dá feedback	Procedimentos de tratamento - Recomendações
			Material para a próxima consulta
	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola

Fecho/despedita	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
-----------------	------------	-----------------------	-----------------------

## **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 1 minutos e 30 segundos ao longo da consulta, representando 6% da intervenção verbal.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência na forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação essencialmente no que diz respeito à queixa/história clínica, relacionada com os sintomas; aos temas de saúde, relacionados com a alimentação; à evolução do tratamento; aos procedimentos de tratamento, relacionados com os procedimentos/condições de tratamento; aos temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola; à conversa social; e às informações sobre si e/ou a família, relacionadas com a história da família.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, faz comentários ou verbalizações e dá feedbacks; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação ou explicação; na fase de observação a criança utiliza o fornecimento de

informação ou explicação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento, a criança utiliza principalmente o comentário ou verbalização. É de notar que na maioria das intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza monossílabos (sim/não).

#### Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre os sintomas, relativamente ao tipo, localização, frequência e estado. A criança fornece informação sobre a queixa/história clínica indicando qual o problema, onde se localiza, como se caracteriza, a frequência com que sente dor e como se encontra atualmente. Quando a mãe ajuda a criança a responder a uma questão colocada pela médica e quando a mãe relembra-a da necessidade de abordar os sintomas no período antes de fazer a medicação, a criança dá-lhe feedback verbal, utilizando monossílabo. A criança também consegue relacionar o seu estado atual com a medicação que realizou, dando informação sobre como se encontra após o tratamento, ou seja, dá informação sobre a evolução do tratamento. A criança ainda dá informação sobre os procedimentos/condições de tratamento, informando a médica que toma de duas carteiras da medicação por dia e que não precisou de ser operado. A criança também dá informações relacionadas com a sua alimentação, onde diz o que come e o que bebe. A criança dá informação sobre a escola, dizendo que frequenta o 4º ano de escolaridade, e sobre a história da família, dizendo que as suas irmãs são saudáveis. Por fim, a criança intervém na conversa social.

- Na fase de observação a criança dá informação sobre sintomas que não se relacionam com as queixas. A criança explica à médica como se magoou no braço e como piorou a situação.

- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança dá informação sobre sintomas, completando a mãe quando esta explica à médica as características das fezes da criança (Criança – Mãe: “Líquido.”). A criança dá feedback, utilizando um monossílabo (Ok) ao pai

quando este lhe explica as recomendações da médica e lhe diz o material que tem de trazer na próxima consulta. A criança dá informação sobre a escola, repetindo o ano lectivo que frequenta. Por fim, a criança intervém na conversa social.

- Na fase de fecho/despida a criança despede-se dos médicos.

## RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. No entanto, e apesar de a sua intervenção ser maioritariamente de modo solicitado, a criança responde a todas as solicitações e ainda participa de modo espontâneo. Na fase inicial, a criança é chamada a intervir em temas relacionados com o tipo, localização, frequência e estado dos sintomas, procedimentos/condições de tratamento e evolução do tratamento, respondendo a todas as questões que lhe são colocadas. Também informa sobre a alimentação e a escola. Na fase de observação a sua participação é quase inexistente onde apenas informa sobre sintomas que não se relacionam com as queixas. Na última fase, a participação da criança, também escassa, é sobretudo de modo espontâneo, onde informa sobre um tipo de sintoma e dá feedback, sobre recomendações e o material para a próxima consulta, utilizando monossílabos (e.g., sim).

**CASO 20**

Idade da Criança: 6 anos	Sexo: Masculino
Motivo da Consulta: Alergias; perturbações respiratórias	
Duração da Consulta: 7 minutos e 44 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 11 segundos (4.6%)
Duração da Intervenção do Médico: 2 minutos e 59 segundos (75.5%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 47 segundos (19.8%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

<b>FASE DA CONSULTA</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>FORMA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despida	Cumprimento/despida
História clínica/recolha de informação	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses - Escola
			Conversa social/diversos
		Pede clarificação	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Interesses
Observação	Solicitado	Dá informação ou explicação	Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam

			com as queixas - Procedimentos de higiene/saúde (oral)
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Solicitado	Dá feedback (não-verbal)	Comentário - Dúvida/questão relacionada com a consulta

## **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 11 segundos na consulta, representando cerca de 4.6% da intervenção verbal existente.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência na fase de história clínica/recolha de informação. No entanto, a intervenção verbal é maior na fase de observação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém apenas de forma solicitada;

As solicitações são feitas maioritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação essencialmente no que diz respeito a temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com interesses e a escola, e a conversa social.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para ambos os adultos, com maior prevalência para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, dá feedbacks e pede clarificação; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação; na fase de observação a criança utiliza o fornecimento de informação; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza o feedback. É de notar que nas intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações em relação à conversa social/diversos, aos seus interesses e à escola. Relativamente à escola, a criança apenas diz que frequenta o 1º ano de escolaridade. Também pede à médica para lhe clarificar uma questão colocada sobre os seus interesses.
- Na fase de observação a criança dá informações sobre sintomas que não se relacionam com as queixas. A criança informa que as picadelas de mosquito lhe dão muita comichão. Também, a criança fala sobre procedimentos de higiene/saúde oral, informando a médica e a mãe que só lava os dentes uma vez.
- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança responde ao pedido de feedback da médica, acenando com a cabeça, relacionado com alguma dúvida/questão relacionada com a consulta, onde a criança indica que não tem.
- Na fase de fecho/despida a criança não se despede da médica.

## RESUMINDO

A participação da criança é limitada. A sua intervenção é apenas de modo solicitado e ocorre muito poucas vezes. No início da consulta a criança responde a solicitações relacionadas com os seus interesses. Na fase de observação, a criança dá informação sobre sintomas que não se relacionam com as queixas e procedimentos de higiene/saúde oral. No final da consulta, a criança apenas responde aos pedidos de feedback utilizando expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça) para indicar que não tem dúvidas relacionadas com a consulta.

CASO 21	
Idade da Criança: 8 anos	Sexo: Feminino
Motivo da Consulta: Incontinência de esfíncteres (enurese e encoprese)	
Duração da Consulta: 9 minutos e 25 segundos	Duração da Intervenção da Criança: 16 segundos (3.9%)
Duração da Intervenção do Médico: 4 minutos e 32 segundos (66.7%)	Duração da Intervenção do Cuidador: 2 minutos (29.4%)
Consulta de seguimento	Acompanhada pela mãe

FASE DA CONSULTA	TIPO DE INTERVENÇÃO	FORMA DE INTERVENÇÃO	CONTEÚDO
Abertura/acolhimento	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita
História clínica/recolha de informação	Espontâneo	Dá informação ou explicação	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento
	Solicitado	Dá informação ou explicação (verbal e não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Procedimentos/condições de tratamento - Monitorização e registo
		Dá feedback (não-verbal)	Temas de interesse e do dia-a-dia da criança - Escola
Observação	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Evolução do tratamento Conversa social/diversos
Diagnóstico e aconselhamento de tratamento	Espontâneo	Faz comentário ou verbalização	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo Temas de saúde - Sintomas que não se relacionam com as queixas
	Solicitado	Dá feedback (não-verbal)	Procedimentos de tratamento - Monitorização e registo - Recomendações

			- Expectativas de resultado
			Evolução do tratamento
Fecho/despedita	Solicitado	Cumprimento/despedita	Cumprimento/despedita

## **ANÁLISE DA CONSULTA**

Quanto ao tempo de intervenção: A criança intervém durante 16 segundos na consulta, representando cerca de 3.9% da intervenção verbal.

Quanto à fase da consulta em que acontece a intervenção: A intervenção acontece em todas as fases da consulta mas com maior incidência nas fases de história clínica/recolha de informação e de diagnóstico e aconselhamento de tratamento. No entanto, a intervenção verbal é maior na fase de história clínica/recolha de informação.

Quanto ao tipo de intervenção: A criança intervém de forma espontânea e de forma solicitada; com maior frequência no modo solicitado;

As solicitações são feitas maioritariamente pela médica; a fase da consulta em que a criança é mais chamada a intervir é na fase de história clínica/recolha de informação essencialmente no que diz respeito aos procedimentos de tratamento, relacionados com a monitorização e registo e com os procedimentos/condições de tratamento; aos temas de interesse e do dia-a-dia da criança, relacionados com a escola; e à evolução do tratamento.

Quanto à orientação: A criança orienta a sua intervenção para a médica.

Quanto à forma: A criança dá informações ou explicações, dá feedbacks e faz comentários ou verbalizações; na fase de história clínica/recolha de informação a criança utiliza sobretudo o fornecimento de informação; na fase de observação a criança utiliza o comentário ou verbalização; e na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança utiliza principalmente o feedback. É de notar que nas intervenções em que a criança responde ao pedido de feedback utiliza apenas expressão não-verbal (e.g. de aceno de cabeça).

### Quanto ao conteúdo:

- Na fase de história clínica/recolha de informação a criança dá informações ou explicações sobre procedimentos de tratamento, relacionados com a monitorização e registo e com os procedimentos/condições de tratamento. A criança diz que o registo da monitorização de enurese que trouxe para a consulta significa que não urina na cama durante a noite. Também diz que quando vai à casa de banho à noite não sente a bexiga cheia, que é um procedimento de tratamento, referindo que vai sonolenta. A criança diz também que, no inverno, o facto de cama estar muito quente faz com que tenha menos vontade de sair da cama para urinar. A criança responde ao pedido de feedback da médica, acenando com a cabeça, quando esta lhe diz que está de parabéns pela evolução obtida com o tratamento. A criança ainda diz à médica que a escola está a correr bem.
- Na fase de observação a criança faz um comentário relacionado com a conversa social.
- Na fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento a criança comenta o procedimento de monitorização e registo dizendo que na próxima folha de registo deveria vir tudo sol (Criança – Médica: “Ou então tudo sol.”). A criança também comenta um sintoma antigo, que não se relaciona com a queixa, indicando o local onde este se encontrava (Criança – Médica: “E ainda se vê aqui.”). Por fim, a criança responde aos pedidos de feedback da médica, acenando com a cabeça, relacionados com a monitorização e registo, as recomendações e expectativas de resultado e a evolução do tratamento. A médica diz-lhe que queria que a criança trouxesse só sóis na próxima consulta mas ao mesmo tempo para a criança não ficar nervosa caso isso não aconteça e que a criança está a ter uma boa evolução no tratamento.
- Na fase de fecho/despida a criança despede-se da médica.

### RESUMINDO

A participação da criança na consulta é limitada. A criança intervém maioritariamente de modo solicitado. No início da consulta, a criança dá informação relacionada com o tratamento, como os procedimentos/condições de tratamento e monitorização e registo. Na fase de observação a participação da criança é quase inexistente, sendo a única verbalização sem relevância para a consulta. No fim da consulta, a criança comenta, espontaneamente, sintomas que não se relacionam com as queixas e o processo de monitorização. O resto da sua intervenção relaciona-se com as respostas aos pedidos de feedback sobre o tratamento, como recomendações, monitorização e registo e expectativas de resultado, bem com à evolução do tratamento, utilizando apenas expressão não-verbal (e.g., de aceno de cabeça).

## ANEXO XIII – Análise das entrevistas semi-estruturadas caso a caso

### CASO 1

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

#### (1) Motivo da consulta

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	(Acena com a cabeça que não)

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Não me lembro.”

#### (2) Utilidade da consulta médica

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para tratarem das pessoas.”; “Quando estão doentes.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Os médicos analisam. (...) As pessoas.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“O pai ou a mãe”.

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	(Não existe)

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando estão doentes.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

### (1) Relato da consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Eu tive que me despir todo. Deitei-me numa cama e elas analisaram-me. E depois perguntaram-me uma série de coisas.”; “Sim. Elas me perguntaram que... que... que o cocó sai... que eu não consigo aguentar o cocó até chegar à casa de banho. Eu disse que não.”

### (2) Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Disse que eu tenho de ir à casa de banho. Não posso beber leite e água antes de ir dormir.”; “Sim. Mas já não me lembro dessa quantidade de coisas.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	(Não existe) “Disse que eu tenho de ir à casa de banho. Não posso beber leite e água antes de ir dormir.”

## ANÁLISE

A criança desconhece o motivo da consulta e recorda não ter falado com ninguém sobre este. A utilidade da consulta é vista em caso de doença e é nessa condição que as pessoas devem procurar um médico. No médico as pessoas são analisadas e quem fala com este são os adultos (pais).

Em relação ao que a criança percebe e retém da consulta, esta recorda-se da fase de observação e de uma questão colocada pela médica. Do que o médico disse, incluindo as recomendações, a criança reteve apenas a recomendação geral e absolutamente normal da necessidade de ir à casa de banho e a restrição da água e leite antes de dormir.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

As respostas apresentadas pela criança na entrevista verificaram-se na consulta. No entanto, falta-lhe referir uma recomendação, a mais importante do tratamento, nomeadamente o pedido de monitorização e registo diário de enurese e encoprese.

### CASO 2

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

#### (3) Motivo da consulta

Questão	<i>“É a primeira vez que vens cá?”</i>
Resposta	<i>“Sim.”</i>

Questão	<i>“Sabes porque é que vens cá hoje?”</i>
Resposta	<i>“Por causa que...”</i>

Questão	<i>“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”</i>
Resposta	(Está implícito na resposta seguinte que falou)

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) <i>“O que falaste sobre a razão de vires cá?”</i>
Resposta	<i>“Ver a barriga.”</i>

#### (4) Utilidade da consulta médica

Questão	<i>“Para que que achas que serve ir ao médico?”</i>
Resposta	<i>“Por causa das doenças para melhorar.”</i>

Questão	<i>“O que se faz no médico?”</i>
---------	----------------------------------

Resposta	<i>“Ele faz ver as letras.”; “Ver o ouvido.”; “E ver os dentes.”</i>
----------	--

Questão	<i>“Quem fala com o médico?”</i>
Resposta	<i>“A mãe.”</i>

Questão	<i>“Como é a consulta?”</i>
Resposta	(Não existe)

Questão 8	<i>“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”</i>
Resposta	<i>“Não sei...”; “Quando eu estou doente.”</i>

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

(3) Relato da consulta

Questão 1	<i>“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”</i>
Resposta	<i>“E elas olharam-me o ouvido, a boca e a barriga.”</i>

(1) Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questão 2	<i>“O que é que o médico disse?”</i>
Resposta	<i>“Disseram adeus.”</i>

Questão 3	<i>“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”</i>
Resposta	<i>“Não sei.”</i>

ANÁLISE

A criança primeiramente diz que não sabe o motivo da consulta mas depois refere que alguém lhe disse que ia ver a barriga. Ir ao médico serve para melhorar das doenças e é

por este motivo que a criança vai ao médico. No médico vê-se as letras, o ouvido e os dentes. Na consulta quem fala com o médico é a mãe.

Após a consulta, a criança recorda-se da fase de observação, nomeadamente ver os ouvidos, a boca e a barriga. No entanto, não se lembra de nada do que o médico disse nem das suas recomendações.

### COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

As respostas apresentadas pela criança na entrevista são bastante limitadas, onde esta apenas se recorda da fase de observação. No entanto, não existe registo, ao longo da consulta, de qualquer tipo de aconselhamento de tratamento fornecido directamente à criança.

### CASO 3

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

(5) Motivo da consulta

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Não.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“A mãe disse.”

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Não sei.”

(1) Utilidade da consulta médica

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Não sei.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Não.”; “Ah... sentado.”; “Não sei.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“A mãe.”; “Sim (criança também fala com o médico)”

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	(Não existe)

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Não sei.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

(4) Relato da consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Sim.”; “Boa.”; “Eu não posso beber bebidas e tenho de tomar uma, e tenho de beber a água toda de manhã. E tenho de ir de manhã fazer xixi à casa de banho.”

(5) Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“E tenho de tomar um... (medicamento)”;
	“E não é preciso pôr água.”;
	“Disse que eu tenho de fazer se faço xixi ou se não faço, ver se está seco ou

	se está molhado.”; “Sim, porque eu depois tenho de fazer se eu faço xixi na cama ou se não faço.”; “Isto” (mostra a folha da monitorização da enurese); “O sol é porque está seco.”
--	---

Questão	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	(Não existe)

## ANÁLISE

A criança lembra-se de ter falado com a mãe mas não se recorda do motivo da consulta. Esta não sabe para que serve ir ao médico nem quando se deve ir. Também não sabe o que se faz no médico, apenas diz que fica sentada. Na consulta quem fala com o médico é a mãe, contudo a criança indica que também fala.

Após a consulta, a criança recorda-se das recomendações da médica no entanto são relatadas de forma confusa. Em relação às indicações normais relacionadas com as bebidas e as idas à casa de banho, a criança recorda-se que não pode beber líquidos mas que deve beber água de manhã e que nessa altura também tem de fazer xixi. Recorda também a indicação de um medicamento, cuja toma não necessita ser realizada com água e relata e explica o procedimento de monitorização e registo e também mostra a folha de registo.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

A criança recorda de forma confusa quase todas as recomendações da médica. Apenas não refere que irá deixar a fralda e as bebidas que não deve beber por serem diuréticas. Esta recordação pode dever-se ao facto de as recomendações terem sido dadas directamente à criança e por a médica ter escrito numa folha as recomendações. Em relação ao medicamento, a criança durante a consulta exemplificou essa toma o que pode também ter ajudado a recorda-se dela.

## CASO 4

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

(1) Motivo da consulta

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Venho fazer um exame.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Não.”

(2) Utilidade da consulta médica

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para curar as pessoas.”; “Tratar delas.”; “Para quando as pessoas estão doentes, ou com febre.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Vê o nosso corpo.”; “Os ouvidos.”; “A boca.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“A mãe.”; (criança refere, após insistência, que às vezes faz perguntas - “O que é que vamos fazer.”)

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	“Boa.”

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando é alguma coisa grave, ou partem uma perna.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

(1) Relato da consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Correu bem.”; “A mãe mostrou uma (mãe completa dizendo exame), um exame e depois fui ver a barriga, os dentes e um osso que dói-me.”

(2) Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Disse para fazer todos os dias cocó, não aguentar o xixi.”; “Lavar os dentes.”; “E depois quando for à dentista arrancar o dente.”

Questão	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	(Não existe)

## ANÁLISE

A criança recorda que não é a primeira vez que vai à consulta, contudo não se lembra do motivo que a levou lá. Para esta consulta, a criança diz que vai fazer um exame, no entanto isto não corresponde ao verdadeiro motivo da consulta. Também afirma não ter falado com ninguém sobre a ida à consulta. Para a criança as pessoas vão e devem ir ao médico quando estão doentes (e.g., com febre; partir uma perna) e este serve para curar e tratar as pessoas. No médico vê-se o corpo, os ouvidos e a boca. Na consulta quem fala com o médico é a mãe e, após alguma insistência, a criança diz que por vezes faz-lhe perguntas (e.g., o que vão fazer).

Após a consulta, a criança recorda a fase inicial e a de observação. Recorda que a mãe mostrou um exame à médica e que depois a médica lhe viu a barriga, os dentes e um osso. Em relação ao que o médico disse, recorda-se das recomendações, relacionadas com os hábitos/rotinas de micção, procedimentos de higiene oral e a necessidade de arrancar um dente.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

A criança recorda a fase de observação e todas as recomendações dadas pela médica na consulta.

### CASO 5

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

#### (1) Motivo da consulta

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Não.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“A mãe sim.”

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“A mãe disse que eu vinha com o pai ao hospital e com a mana.”

#### (2) Utilidade da consulta médica

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ver se está tudo bem connosco.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Não.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“O pai.”; “Não (criança não fala com o médico)”

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	(Não existe)

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Não.”; “Também não estou doente.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

### (1) Relato da consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Foi boa.”; “Eu deitei na cama.”; “E o doutor viu-me a barriga.”; “Sim e também fez-me algumas perguntas.”

### (2) Memorização/compreensão dos conteúdos da consulta

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Disse que estava boa.”; “Sim, que não podia aguentar o xixi.”

Questão	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	(Não existe)

## ANÁLISE

A criança não sabe o motivo da consulta, apenas lembra-se que falou com a mãe e que esta disse que a criança ia ao hospital com o pai e com a irmã. O médico serve para ver se está tudo bem com as pessoas, no entanto a criança não sabe quando as pessoas devem ir ao médico e diz que, naquele dia, vai ao médico mas que não está doente. A criança não sabe o que se faz no médico e diz que quem fala com o médico é o pai, não ela.

Após a consulta, a criança recorda-se da fase de observação e que o médico fez-lhe algumas perguntas. A criança lembra-se também de o médico ter dito que estava boa e de uma recomendação normal, não poder aguentar o xixi.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

A criança recorda a fase de observação e todas as recomendações dadas pela médica na consulta.

## CASO 6

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Motivo da consulta

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Para fazer consulta.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Sim a avó disse que vinha.”

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Eu disse à avó «Avó o que é que vamos fazer ao hospital?» e ela disse que vinha... mostrar o exame que fiz.”

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para tratar de nós.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Às vezes podemos fazer picas.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Às vezes sou eu, a minha avó e a minha mãe.”

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	“Tratam de nós.”; “Na cadeira.”; “E depois faço algumas perguntas.”; “Às vezes a médica diz para eu dizer o que é faço por causa da bexiga e depois eu pergunto.”

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Vezes e vezes.”; “Quando tiverem consulta.”; “Doentes.”; “Às vezes não. (nem sempre estão doentes)”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Sim.”; “Bem.”; “Foi gira.”; “O doutor disse como é que eu limpava o cocó e disse que passava de trás e depois como é que eu limpava o xixi e limpava de frente para trás. E depois, deitei-me na cama e depois fui deitei na cama e depois eu abri as pernas para ver o que é que eu tinha. Depois ele disse, disse que levantava que depois quando eu ser grande isto ia começar mais vermelho.”

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“No final ele disse que, a minha avó disse daquilo que nós tínhamos de fazer assim um copinho e depois fazer xixi mas o doutor disse que não era em casa que tínhamos feito, devia ter feito do hospital, acho que era.”

Questão	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Não.”

## ANÁLISE

A criança não se recorda de ter ido à consulta, no entanto, após lembrança da avó, recorda o motivo que a levou ao hospital na última vez. Ela não sabe o motivo da consulta de hoje, apenas sabe que vem a uma consulta. Recorda-se de ter perguntado à avó porque ia ao hospital e que esta respondeu-lhe que ia mostrar um exame que tinha realizado. O médico serve para tratar das pessoas e as pessoas devem ir ao médico quando tiverem uma consulta e quando estão doentes, contudo também podem ir sem estarem doentes. Em relação ao que acontece na consulta, a criança recorda-se que pode-se levar picas e que o médico trata das pessoas. A criança na consulta senta-se na cadeira e faz algumas perguntas e às vezes a médica faz-lhe perguntas relacionadas com a bexiga.

Da consulta, a criança recorda-se de algumas questões colocadas pelo médico, nomeadamente procedimentos de higiene genital, e da fase de observação. Em relação ao que foi dito pelo médico, a criança recorda-se da conversa com o médico sobre um exame que realizou e que este disse que deviam tê-lo realizado no hospital. A criança não se lembra de nenhuma recomendação do médico.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

A informação percebida e retida da consulta pela criança é igual aos temas onde a participação da criança foi solicitada. A criança não se recorda das recomendações porque estas não existiram, recordando-se apenas da fase de observação e da conversa sobre as análises à urina que realizou.

## CASO 7

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Porque me dói a barriga.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Sim.”

Questão 3.1.	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Disseram que iam... iam marcar uma consulta.”; “Porque me doía a barriga.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para curar... para as pessoas ficarem curadas.”; “Para ficarem boas.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“No médico ajuda-se as pessoas que estão doentes.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Os adultos.”; (“Perguntas não, mas digo alguma coisa.”)

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Sento-me na cadeira.”; “E depois o médico pergunta o que é que temos.”; “E depois trata.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
-----------	---

Resposta	“Quando estão doentes.”; “E quando se magoam.”
----------	--

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Bem.”; “Sentiam-me a barriga.”; “E sentiram cocó.” “Fizeram assim (aperta a barriga com as mãos)”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Disse que não era a bactéria.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Pôr um pó no iogurte ou no sumo para eu beber.”; “Não disse. Eu acho que não disse todos os dias.”; “Disse que tinha de fazer cocó para um frasquinho.”; “É para analisarem o cocó.”

## ANÁLISE

A criança recorda-se do motivo que a trouxe à consulta na última vez que foi ao médico e do motivo que a traz hoje, dor de barriga. Afirma que falou com os pais e que estes lhe disseram que iam marcar uma consulta porque lhe doía a barriga. Para a criança, o médico serve para curar as pessoas, para estas ficarem boas, quando estão doentes e quando se magoam. O médico ajuda as pessoas quando estão doentes e quem fala com ele são os adultos. A criança refere também que diz alguma coisa ao médico mas que não lhe faz perguntas. Na consulta, a criança senta-se na cadeira, depois o médico pergunta o que tem e trata-a.

Após a consulta, a criança lembra-se da fase de observação, nomeadamente a observação da barriga, e de a médica ter sentido as suas fezes com a apalpação. Do que o médico disse, a criança recorda-se da parte do diagnóstico, nomeadamente de o médico ter dito que o problema não era causado por uma bactéria. A criança também lembra-se das recomendações da médica, nomeadamente a toma de medicação, e o

modo como tinha de tomá-la, e da análise que tem de realizar, e o procedimento deste exame.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Na entrevista a criança relata de modo geral o que aconteceu na consulta. A criança recorda-se das recomendações da médica, mais especificamente da medicação que tem de tomar, o modo como tem de tomá-la, a análise que tem de realizar e como se processa a recolha para a análise. A criança também lembra-se da observação, principalmente da parte onde a médica conclui que as dores de barriga devem-se à obstipação. Curiosamente, a criança recorda-se de a médica ter dito que o seu problema não era causado por uma bactéria. Esta bactéria foi trazida à consulta pela mãe pois a criança, anteriormente, teve um problema intestinal devido a uma bactéria. A criança ouviu a médica a dizer à mãe que este não era o caso e conseguiu reter esta informação.

## CASO 8

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 1	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“Sim.”

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Não.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Não.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para quando se está doente.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	Não sabe

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	Não sabe

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	Não sabe

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Não.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Já.”; “Tive a ouvir o coração.”; “Tive a ver o cabelo.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Disse que eu estava boa.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Não.”

## ANÁLISE

A criança não sabe o motivo da consulta nem falou com os pais sobre ele. Para ela o médico serve para quando as pessoas estão doentes, mas não sabe quando devem ir ao

médico. A criança não sabe o que se faz no médico, não sabe quem fala com o médico e nem sabe como é a consulta.

Após a consulta, a criança recorda-se da fase de observação e que o médico disse que estava boa. Em relação às recomendações, a criança não se recorda de nenhuma.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Comparando a entrevista com a consulta, a informação retida pela criança pode fazer sentido pois a sua intervenção na consulta foi muito limitada, quase inexistente. A criança recorda-se da fase de observação, nomeadamente da parte da auscultação e da observação do cabelo.

### CASO 9

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Ah! Para parar de fazer xixi.”; “Para sempre.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Com a mãe falei.”

Questão 3.1.	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Não.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ajudar a curar os doentes.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Cura-se os doentes.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Os pais.”; “Que às vezes tenho uma dor.”

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Não sei.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando estão doentes.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Bem.”; “Viram-me a barriga e disseram-me para eu fazer sempre xixi.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“E beber água. (mãe interfere e diz: “De dia.”) À noite não.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Ah... beber água.”

## ANÁLISE

A criança recorda-se que tinha um médico diferente e que foi à sua consulta porque tinha os dedos dos pés tortos. Hoje, a criança diz que vai à consulta para parar de fazer xixi. Lembra-se que falou com a mãe sobre a ida à consulta mas não se lembra do que falaram. O médico serve para ajudar a curar os doentes e este é o motivo pelo qual as pessoas devem ir ao médico. Na consulta quem fala com o médico são os pais e a

criança refere que por vezes diz-lhe que tem uma dor. A criança diz que no médico cura-se os doentes mas não sabe como é a consulta.

Após a consulta a criança recorda-se da fase de observação, apalpação à barriga, e das recomendações da médica, nomeadamente fazer xixi e beber água.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Comparando a entrevista com a consulta, a criança recorda-se da fase de observação, nomeadamente da apalpação à barriga, e das recomendações da médica. Apenas uma recomendação não é referida mas está relacionada com sintomas que não são a queixa principal da consulta.

## CASO 10

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Não sei.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	(criança acena que não com a cabeça)

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ter a saúde boa.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Trata-se das pessoas.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Os clientes.”; “Os dois.”; “A mãe.”

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Entro e sento-me.”; “Levanto-me.”; “Para fazer aquele coiso assim (imita auscultação).”; “Acho que é para fazer aquele coiso assim (aponta para os ouvidos).”; “E a ver a garganta.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando estão doentes.”; “Não, quando precisam de uma consulta ou de uns exames.”; “Ou quando precisam de ficar internados.”

#### Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Bem.”; “Tive a ver os ouvidos, a garganta.”; “Ver este coisinho que tenho aqui. Os bicos.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Para beber muita água e lavar os dentes todos, todos, todos, todos, todos os dias.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Beber água e lavar os dentes, outra vez.”

#### ANÁLISE

A criança refere que não é a primeira vez que vem à consulta mas, tal como o motivo da consulta de hoje, não se lembra da razão que o levou lá. Também disse que não falou com os pais sobre a ida à consulta. O médico serve para ter boa saúde e as pessoas devem ir ao médico quando estão doentes ou quando precisam de uma consulta, de uns

exames ou de ficarem internadas. No médico trata-se das pessoas. Na consulta, a criança começou por dizer que quem fala com o médico são os clientes. Contudo, depois disse que na sua consulta quem fala é ela e a mãe mas principalmente a mãe. Também na consulta a criança é auscultada e vêem-lhe os ouvidos e a garganta.

Após a consulta, a criança recorda-se da fase de observação. Em relação ao que foi dito pelo médico, a criança recorda-se das recomendações, como beber muita água e lavar os dentes todos os dias.

### COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Em relação à consulta, a criança, na entrevista, recorda-se da fase de observação e das recomendações da médica.

### CASO 11

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“É.”

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Não, dói-me a garganta.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Sim.”

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“A minha mamã velhota (avó) disse que eu só ia ao hospital, o meu pai disse que era só hoje que eu ia ao hospital.”

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para tratar das pessoas.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Não.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Os papás ou as avós.”; “Quando lá vou.”

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	“Não.”

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Não.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Bem.”

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Não disse a mim. Só disse ao meu pai e à minha mamã.”

Questão	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Não disse a mim. Só disse ao meu pai e à minha mamã.”

## ANÁLISE

A criança não sabe o motivo da consulta, apenas reconhece que está com dor de garganta. Afirma que falou com os pais, nomeadamente a avó e o pai, que lhe disseram

que ia ao hospital, mas não se recorda da razão. Em relação à utilidade da consulta a criança apenas sabe que o médico serve para tratar as pessoas e que quem fala com o médico são os pais ou as avós. Aqui, a criança reconhece que também fala com o médico mas só quando vai a uma consulta.

Em relação à consulta, a criança não retém nem lembra de nada desta, dizendo que o médico apenas falou com o pai e com a avó.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

A criança não lembra nem retém nenhuma informação ou acontecimento da consulta. Na sua consulta a criança apenas intervém com o médico na fase de observação de forma muito limitada e passa o resto da consulta a brincar. Por isso, não retém nada da consulta.

## CASO 12

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Acho que é para ver as análises da asma.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Explicaram de manhã.”

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Disseram que, a minha mãe disse que eu vinha ver as análises.”

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ver o que as pessoas têm.”; “Para quando dói alguma coisa às

	“pessoas.”; “Por exemplo, se a pessoa tiver a vomitar ou sentir-se mal.”
--	--

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Eles tratem as pessoas.”; “Fazem coisas para as pessoas irem para casa e não fiquem aqui no hospital a dormir.”; “Dão vacinas.”; “Vêem o coração, para ver se está a bater ou não.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“É os pais.” (“Eu não me lembro.”)

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	“Não. Acho que vão-me ver a barriga. Vão ver o coração. Vão falar com a mãe.”

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando estão-se a sentir mal ou quando dói alguma coisa, ou quando não estão a respirar muito bem.”; “No caso de eu, quando estou a correr.”; “Sim, muitas. Houve uma vez que eu fui a uma festa, não conseguia respirar, a minha mãe levou-me logo aqui ao hospital. Ali à urgência.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Foi boa.”; “O médico teve a dizer as coisas que eu não posso estar ao pé porque se não depois coiso no nariz.”; “Das árvores.”; “Das árvores. Não sei, porque eu não ouvi. Só sei é que é das árvores e de qualquer coisa dos cães e dos gatos.”; “O médico disse que eu tinha de fazer essa consulta que...disse muitas coisas à minha mãe, eu não ouvi.”

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Não. Disse que eu tinha de ir ver da pele por causa do cão e da pele.”; (“Porque estava com a minha mana e tava”; “Tava a brincar com as pulseiras.”; “Sim para não interromper.”; “Porque é muito feio interromper as pessoas.”); “Sim. Só disse quando está assim muito calor e eu não consigo respirar. Como agora.”; “Ele não disse nada, continuou a falar.”

Questão	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	(Não existe)

## ANÁLISE

A criança recorda-se de ser a segunda vez que vem ao hospital, tendo sido a primeira para fazer análises sanguíneas. Em relação à consulta deste dia, a criança diz que vem ver os resultados de análises relacionadas com a asma. A criança diz também que os pais explicaram de manhã o motivo da consulta e que este é igual ao que a criança referiu anteriormente. O médico serve para ver o que as pessoas têm quando dói alguma coisa. A criança dá um exemplo dizendo que serve para se a pessoa estiver a vomitar ou a sentir-se mal. No médico trata-se as pessoas e os médicos fazem coisas para as pessoas irem para casa e não precisarem de ser internadas. No médico também dá-se vacinas e ausculta-se o coração, para ver se ele está a bater. Na consulta os pais é que falam com o médico e vê-se a barriga e o coração. As pessoas devem ir ao médico quando estão a sentir-se mal, quando dói alguma coisa ou quando não estão a respirar muito bem. A criança chega a dar um exemplo pessoal de um motivo pelo qual foi ao médico.

Após a consulta, a criança refere que não falou muito com o médico porque não queria interromper e que apenas lhe disse que quando está muito calor não consegue respirar. Quando informou o médico dos seus sintomas, a criança diz que o médico não disse nada e que continuou a falar. A criança retém também alguma informação relacionada com as recomendações, como não poder estar perto de certas coisas, como árvores, cães e gatos, no entanto não consegue explicar muito bem estas recomendações. A criança lembra também que o médico disse muitas coisas mas foram direccionadas à mãe.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Comparando a entrevista com a consulta, parece normal que a criança não se recorde nem retenha nada desta. Toda a informação relatada pela criança na entrevista parece ter sido retida graças a alguma atenção que esta foi mantendo ao longo da consulta porque o médico direcionou o seu discurso sobretudo para a mãe da criança. O médico apenas se dirigiu à criança uma vez. O diálogo entre a mãe e o médico foi baseado nos assuntos relatados na entrevista, mas a criança não soube explicá-los bem.

### CASO 13

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão	(caso a criança tenha respondido negativamente à questão 1) “O que é que vieste cá fazer nessa altura?”
Resposta	“Doía-me os ouvidos e a barriga.” (mãe diz que não foi este o motivo)

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça); “Queria vir aqui mais vezes.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“A mãe é que tinha dito.”

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para curar.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“A mãe e o pai.”

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando dói isso.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Ah... foi boa.”; “O coração. A boca.”

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Disse porque eu não gosto da escola porque tenho saudades da mãe e do pai.”; “Só gosto mais ou menos.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	Não se lembra

## ANÁLISE

A criança recorda-se da sua última ida ao hospital dizendo que foi porque lhe doía os ouvidos e a barriga, o que é contestado pela mãe. Em relação à consulta deste dia, a criança não se recorda do motivo desta. A criança diz que falou com a mãe sobre a ida ao hospital mas não se recorda do que falaram. Ir ao médico serve para curar as pessoas e as pessoas devem ir ao médico quando dói alguma coisa. A criança não sabe o que se faz no médico nem como é a consulta mas sabe que quem fala com o médico são os pais.

Após a consulta, a criança recorda-se da fase de observação, nomeadamente a auscultação do coração e observação da boca. Em relação ao que foi dito pelo médico, a criança apenas recorda-se do que foi dito pela própria criança. Relativamente a recomendações, a criança não se recorda de nenhuma.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Ao comparar a entrevista com a consulta, a criança retém a fase de observação e o que passou a ser um tema importante na consulta, a escola. A criança recorda-se de ter conversado com a médica sobre o motivo pelo qual não gosta de ir à escola. Relativamente a recomendações estas não existiram na consulta.

## CASO 14

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	(Criança acena que sim com a cabeça)

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Venho ver a tensão alta.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Com a minha mãe.”

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Para vir ver a tensão.”

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Pra gente melhorar.”; “Das doenças.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Ajuda as crianças.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“As crianças e as mães.”; “Digo que durmo mal.”

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	“Um bocado boa.”; “Digo bom dia ou olá.”; “Depois falamos com elas. Depois acabamos a consulta, vamos embora.”

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando estão doentes.”

#### Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Foi boa.”; “Perguntaram-me...”

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Disse que eu tinha que emagrecer um bocadinho.”; “E que tinha de dar caminhadas, só que eu dava sempre todos os dias.”

Questão	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Só isso que eu me lembro.”

## ANÁLISE

A criança sabe o motivo da consulta e diz que falou com a mãe, sendo este motivo a verificação da tensão alta. O médico serve para as pessoas melhorarem das doenças e é por isto que as pessoas devem ir ao médico. A criança reconhece que o médico ajuda as pessoas. Na consulta, as crianças e as mães falam com o médico.

Após a consulta, a criança recorda-se que foram-lhe feitas perguntas mas não se lembra quais. Em relação ao que foi dito pelo médico, foi recomendado que a criança emagrecesse e fizesse caminhadas.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Comparando a entrevista com a consulta, a criança retém a recomendação da médica que lhe foi direcionada (emagrecer), no entanto não retém mais nada da consulta.

## CASO 15

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	(Criança acena que sim com a cabeça)

Questão	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Por causa disto do pescoço.”

Questão	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Sim.” (Mãe)

Questão	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Não.”

Questão	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Serve para cuidar das crianças, para ver os adultos, para a nossa saúde.”

Questão	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Ajudamos as pessoas a fazer as coisas que as pessoas têm.”

Questão	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“É as pessoas.”; “A minha mãe.”; “Eu faz-me perguntas e eu digo.”)

Questão	“Como é a consulta?”
Resposta	“Dizem para eu me pôr em cima da balança, para me medirem o comprimento e mais nada.”

Questão	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando tão muito doentes.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“A consulta foi, disseram-me que tava tudo bem. E que tinha nada. E mais nada.”; “Puseram aquela coisa dos ouvidos e depois outra senhora também fez. Tirou-me o, nos dois ouvidos primeiro com aquilo assim. E ver os dentes.”

Questão	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Sim, falou com a mãe.”; “Disse que estava tudo bem. Que não é preciso fazer nada. Mais nada.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Não.”

### ANÁLISE

A criança conhece o motivo da consulta e diz que falou com a mãe sobre a ida ao médico mas não se recorda o que conversaram. A criança diz que o médico serve para cuidar das crianças, para ver os adultos, e relaciona-o com a saúde. No médico ajuda-se as pessoas a perceber o que elas têm. Em relação a quem fala com o médico, a criança começa por dizer que são as pessoas, mas, após outras questões, começa a discriminar para a consulta de pediatria e diz que é a mãe que fala com o médico mas que ela responde às perguntas do médico. A criança caracteriza a consulta segundo a fase de observação, ou seja, pesa-se e mede-se. As pessoas devem ir ao médico quando estão muito doentes.

Após a consulta, a criança recorda-se do feedback do médico em relação ao seu estado geral de saúde e da fase de observação. Em relação ao que foi dito pelo médico, a criança diz que o médico falou com a mãe e que apenas se recorda de ele ter dito que estava tudo bem. A criança diz que não existem recomendações.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Ao comparar a entrevista com a consulta, verifica-se que a criança retém a informação dada pelo médico relacionada com o seu estado geral de saúde. Não se verificam recomendações ao longo da consulta daí a criança responder que não existem. Para além disto, verifica-se que a criança retém a fase de observação.

### **CASO 16**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 1	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“Não.”

Questão 1.1	(caso a criança tenha respondido negativamente à questão 1) “O que é que vieste cá fazer nessa altura?”
Resposta	“Vim... já não me lembro.”

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Não sei.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ir às consultas.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Também não sei.”

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Sento-me.”; “Sei. Olho para a médica.”; “Digo.”; “Respondo às perguntas que fazem.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando se sentem mal.”; “E quando estão doentes.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Foi boa.”; (Criança acena que não com a cabeça)

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“E também disse boas férias, boa praia e já não me lembro.”; “Fez perguntas à mãe.”; “Perguntou o meu nome.”; “A mãe é que respondeu.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Disse para eu pôr umas gotinhas nos ouvidos.”

## ANÁLISE

A criança não se recorda do motivo que a levou a ir à consulta anteriormente e também não sabe o motivo desta consulta, nem falou com os pais sobre esse motivo. O médico serve para ir às consultas e as pessoas devem ir ao médico quando se sentem mal e quando estão doentes. A criança não sabe o que se faz no médico nem quem fala com ele.

Após a consulta, a criança recorda-se que a médica fez algumas perguntas à mãe e reteve uma recomendação da médica.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Ao comparar a entrevista com a consulta, a criança apenas reteve uma das recomendações da médica mas também revela o facto de a médica ter feito perguntas à mãe.

### **CASO 17**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 1	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“Não.”

Questão 1.1	(caso a criança tenha respondido negativamente à questão 1) “O que é que vieste cá fazer nessa altura?”
Resposta	“Acho que foi das alergias.”

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Hoje é por causa que a minha mãe vem saber... dois especialistas dos olhos dizem que eu tenho uma doença e que é globstein.”; “Sim. E tenho perda de audição.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Sim.”

Questão 3.1.	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“A minha mãe é que disse, na terça disse que eu ia na sexta ao hospital.”; “Ver os olhos.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ver se está tudo bem.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“O médico vê se tá tudo bem.”; “Se tá tudo bem de alguma doença que temos. Faz-nos algumas perguntas à mãe e ao pai e depois manda esperar.”; “Para ir a outra consulta.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“A mãe.”; “Sim.”; “O médico pergunta quando é que doeu alguma coisa e eu respondo.”

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“É boa.”; “E depois sentamo-nos nas cadeiras. O médico pergunta o nome para apontar no computador e depois ausculta, vê os ouvidos e manda esperar.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“De vez em quando.”; “Podem ir assim para ver se está tudo bem.”

Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Aquela foi boa.”; “Disse que quando for fazer uma coisa ali atrás do edifício novo, vou lá pra ver, pra fazer uma rádio aos ossos.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	(Criança acena que não)

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	(Não existe)

## ANÁLISE

A criança recorda o motivo da consulta anterior e sabe o motivo desta consulta, especificando mesmo o nome da patologia que os médicos pensam que tem (globenstein). A criança diz que falou com a mãe e que esta lhe disse que iam ao hospital ver os olhos. O médico serve para ver se está tudo bem. Vê se as pessoas estão melhores da sua doença e faz perguntas, ao pai e à mãe, e depois manda esperar para ir a outra consulta. Em relação a quem fala com o médico, a criança diz que é a mãe mas que também responde ao médico quando este lhe pergunta se dói alguma coisa. A consulta é caracterizada pela fase de observação e pelo pedido de espera pelo médico. As pessoas devem ir à consulta de vez em quando e podem ir para ver se está tudo bem.

Após a consulta, a criança apenas recorda-se da radiografia recomendada pela médica.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Após a comparação da entrevista com a consulta, verifica-se que o que a criança retém é apenas uma recomendação da médica que nem foi dirigida directamente à criança. Sobre o motivo da consulta, não foi registado nenhuma verbalização da médica para a criança, talvez por isso esta apenas recorde uma única informação fornecida ao longo da consulta.

## **CASO 18**

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 1	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“Sim.”

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Por causa que desmaio muitas vezes.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Sim, com o médico (de família).”; “Falei. A vir para aqui. (com os pais)”

Questão 3.1.	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Que era para ver se eu tinha, não sei como é que se diz. Acho que é...”; “Uma doença.”; “Não.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para se tratarem.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Trata-se das pessoas.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Nós.” (“Só respondo.”); “E a minha mãe.”

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Somos pesados e metem-nos uma coisa no braço que aperta.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando estão doentes.”; “E quando têm problemas de saúde.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Tiveram-me a ver os batimentos do coração. Perguntaram muitas coisas sobre os desmaios. Mais nada.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“O médico não disse nada, só disse.”; “Era a minha mãe que estava a falar, por isso.”; “Já me esqueci.”; “Só ouvi o eletrocardiograma.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Era essa coisa do eletrocardiograma.”

## ANÁLISE

A criança conhece o motivo da consulta e afirma ter falado sobre este com o médico de família e com os pais, no caminho para o hospital. Recorda-se que desta conversa foi-lhe dito que vinha à consulta para ver se tinha uma doença. O médico serve para tratar as pessoas e as pessoas devem ir ao médico quando estão doentes e quando têm problemas de saúde. No médico trata-se pessoas e quem fala com ele são as pessoas. A criança ao dizer nós inclui-se no diálogo mas diz que apenas responde quando solicitado. Na caracterização da consulta, a criança recorda-se da medição da tensão.

Após a consulta, a criança recorda-se da fase de observação (auscultação) e de que o médico fez-lhe perguntas sobre os desmaios. Em relação ao que o médico disse, a criança disse que não sabe porque era a mãe que estava a falar e que apenas se recorda do eletrocardiograma. Nas recomendações, a criança responde que tem de fazer um eletrocardiograma, mas não sabe explicar porquê.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Ao comparar a entrevista com a consulta, a criança retém a informação que lhe foi dirigida diretamente pelo médico, nomeadamente as perguntas sobre os sintomas. Para além disto, a criança retém uma recomendação que foi dirigida à mãe relativamente a um exame que vai ter de realizar.

## CASO 19

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 1	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“Não.”

Questão 1.1	(caso a criança tenha respondido negativamente à questão 1) “O que é que vieste cá fazer nessa altura?”
Resposta	“Lembro-me que também foi por causa da minha barriga.”

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Por causa da barriga também.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Sim, com os médicos. Marcaram um dia para vir à consulta.” (Médico de família)

Questão 3.1.	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Não.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ajudar as pessoas a melhorar o problema que têm.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Diz-se o que é que se tem e os médicos veem o que é que podem fazer.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Os pais e as... se forem crianças, as crianças e os pais, se forem os adultos, são só os adultos.”; (“Só respondo.”)

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Os médicos perguntam o que é que eu tenho, eu digo, depois eles dizem o que é que eu preciso de fazer, o que é que tenho de tomar, depois dão a receita e eu vou embora.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Sempre que necessitam de alguma coisa, por exemplo, quando têm dores, quando estão muito constipadas ou doentes.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“A senhora perguntou o que é que eu tinha, eu respondi, a minha mãe também respondeu, disse o que é que me tinha acontecido. Depois disseram que eu tinha de tomar algumas coisas, comer mais fruta, mais salada e vim praqui.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	(Pergunta anterior)

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	(Pergunta anterior)

## ANÁLISE

A criança recorda-se do motivo que a trouxe à consulta na última vez e do motivo que a traz hoje. A criança afirma também que falou com os médicos sobre a ida à consulta, nomeadamente o médico de família, mas que não se recorda da conversa. Ir ao médico serve para ajudar as pessoas a melhorar do problema que têm e as pessoas devem ir ao médico quando necessitam de alguma coisa, quando têm dores ou quando estão doentes.

No médico partilha-se as queixas e estes decidem o que podem fazer. Em relação à interacção na consulta, se for uma consulta de pediatria falam as crianças e os pais, se for uma consulta para adultos, falam os adultos. A criança diz ainda que nas suas consultas esta apenas responde às solicitações. A caracterização da consulta está relacionada com a recolha de informação sobre as queixas e com o diagnóstico e aconselhamento de tratamento.

Após a consulta, a criança recorda-se de fornecer informação sobre a queixa, e a sua mãe também, após solicitação da médica. Recorda-se ainda das recomendações feitas, como a tomas de uns medicamentos e comer mais fruta e mais salada.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Comparando a entrevista com a consulta, a criança retém, no geral, o que aconteceu na consulta, deixando apenas de lado a fase de observação. A criança recorda-se da fase de história clínica/recolha de informação, dizendo que respondeu ao pedido de informação sobre as queixas, e da fase de diagnóstico e aconselhamento de tratamento, onde foi recomendado que tomasse um medicamento e comesse mais fruta e mais salada.

## CASO 20

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 1	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“A segunda.”

Questão 1.1	(caso a criança tenha respondido negativamente à questão 1) “O que é que vieste cá fazer nessa altura?”
Resposta	“Eu não me lembro muito bem.”

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“Falei mas já não sei o que é que...”

Questão 3.1.	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Estou distraído quando eles estão a dizer as coisas.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para curar as pessoas.”; “Para sentir-se bem.”; “Para não apanhar febre.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Espero até que eles chamarem.”; “Vão ver o que é que nós temos no corpo, uma coisa má.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	“Nós.”; “Só às...faço isso.” (responde às perguntas)

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Falava com ele o que é que tinha.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando nós estamos doentes.”; “Quando não conseguimos falar.”; “Vista de olhos.”

#### Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Boa.”; “Fizemos o corpo.”; “Os ouvidos.”; “As costas.”; “Disseram qual era o boneco que eu gostava de ver.”; “O Hulk.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“Lavaste os dentes?”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Disse, disse.” (mas não se lembra)

## ANÁLISE

A criança não sabe o motivo da vinda á consulta e reconhece ter falado com os pais sobre o assunto mas que está distraído quando eles falam sobre o assunto. O médico serve para curar as pessoas, para elas sentirem-se bem e para não apanharem febre. As pessoas devem ir ao médico quando estão doentes. Da ida ao médico, a criança recorda-se do momento de espera e da fase de procura de patologia. Na consulta quem fala com o médico são as pessoas e a criança ainda diz que também fala mas apenas para responder às solicitações. Na caracterização da consulta, a criança apenas se recorda que fornece as queixas ao médico.

Após a consulta, a criança recorda-se do momento de observação, como ver o corpo, os ouvidos e as costas. Recorda-se também de a médica ter perguntado qual é o boneco que gosta de ver. Em relação ao que foi dito pelo médico, apenas recorda-se de ter perguntado sobre procedimentos de higiene oral. A criança não se recorda das recomendações.

## COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Ao comparar a entrevista com a consulta, verifica-se que a criança retém a fase de observação e uma questão colocada no início da consulta sobre os seus interesses. Em relação ao resto da consulta, a criança não retém mais nenhuma informação contudo nenhuma recomendação foi dirigida à criança directamente. Para além disto, apenas recorda-se de mais uma questão colocada pela médica sobre procedimentos de higiene oral.

## CASO 21

Momento 1 – Exploração das crenças da criança em relação a:

Questão 1	“É a primeira vez que vens cá?”
Resposta	“Não.”

Questão 1.1	(caso a criança tenha respondido negativamente à questão 1) “O que é que vieste cá fazer nessa altura?”
Resposta	(Criança acena que não com a cabeça)

Questão 2	“Sabes porque é que vens cá hoje?”
Resposta	“Porque faço xixi na cama.”

Questão 3	“Falaste com os teus pais ou com alguém sobre vires cá?”
Resposta	“A minha mãe.”

Questão 3.1.	(caso a criança tenha respondido afirmativamente à questão 3) “O que falaste sobre a razão de vires cá?”
Resposta	“Não me lembro.”

Questão 4	“Para que que achas que serve ir ao médico?”
Resposta	“Para ver o estado das crianças.”

Questão 5	“O que se faz no médico?”
Resposta	“Dão medicamentos.”; “Vêem os centímetros”. “O peso.”

Questão 6	“Quem fala com o médico?”
Resposta	(Criança parece não saber quem fala com o médico) “Sou.”; “Às vezes a mãe.”; “A mãe (fala mais).”

Questão 7	“Como é a consulta?”
Resposta	“Tem médicos. Tem enfermeiras.”; “Tem balanças.”; “Para ver os pesos.”; “Vê os ouvidos.”; “A garganta.”

Questão 8	“Quando é que as pessoas devem ir ao médico?”
Resposta	“Quando tão doentes ou quando...”; “Têm dor de garganta.”

## Momento 2 – Exploração do que a criança lembra em relação à consulta

Questão 1	“Já acabaste a consulta? Como é que foi?”
Resposta	“Foi boa.”; “Fui ver quanto é que pesava, quanto media.”; “Tive a falar sobre o xixi.”; “Ele foi ver como eu estava.”

Questão 2	“O que é que o médico disse?”
Resposta	“A médica disse que queria tudo sol.”; “Não fazer xixi na cama.”; “Ela disse para eu não ficar nervosa. Só uma nuvem não fazia mal.”

Questão 3	“Há alguma coisa que vais ter que fazer?”
Resposta	“Uma folhinha para apontar se eu faço xixi na cama ou não.”

## ANÁLISE

A criança sabe e conhece o motivo da consulta. Recordar-se de ter falado com a mãe sobre este motivo mas não se lembra do que conversaram. O médico serve para ver o estado das crianças e as pessoas devem ir ao médico quando estão doentes. O médico também dá medicamentos e mede e pesa as pessoas. Na consulta, quem fala com o médico são a criança e a mãe, mas a criança reconhece que a mãe fala mais. A caracterização da consulta está relacionada com o espaço físico (tem médicos, enfermeiras e balanças) e com a fase de observação (pesar, observar os ouvidos e a garganta).

Após a consulta, a criança recorda-se da fase de observação e de uma conversa sobre, presumivelmente, enurese. Em relação ao que foi dito pela médica a criança recorda-se das recomendações, relacionadas com a monitorização e registo da enurese. Das recomendações, a criança lembra-se de a médica lhe ter dado uma folha para registar a monitorização da enurese.

#### COMPARAÇÃO COM A CONSULTA

Quando comparada a entrevista com a consulta, verifica-se que a criança retém os procedimentos de observação e que conversou com a médica sobre enurese, no entanto não entra em detalhes. Já em relação à fase final da consulta, a criança retém as recomendações, que lhe foram dirigidas diretamente, relacionadas com a monitorização e registo feitas pela médica bem como as expectativas de resultado do tratamento.